

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

O TERREMOTO DE LISBOA

ESTUDO CRÍTICO E ORGANIZAÇÃO

Cleber V. A. Felipe



THEYA



Criação Editora





Conselho Editorial do selo E-Pomb@I

Amon Santos Pinho (UFU)
Ana Lúcia Simões Borges Fonseca (UFS)
Antônio Carlos dos Santos (UFS)
Antonio Ponciano Bezerra (UFS)
Christine Vogel (Universidade de Vechta, Alemanha)
Cristiana Lucas Silva (Universidade de Lisboa)
Edmilson Menezes Santos (UFS)
Edna Maria Matos Antonio (UFS)
Elaine Maria Santos (UFS)
Jean Pierre Chauvin (USP)
Joana Balsa de Pinho (Universidade de Lisboa)
Joaquim Tavares da Conceição (UFS)
Jorge Carvalho do Nascimento (UFS)
José Carlos de Araújo Silva (Universidade do Estado da Bahia)
José Eduardo Franco (Cátedra de Estudos Globais / Universidade Aberta)
Luiz Carlos Villalta (UFMG)
Luiz Eduardo Meneses de Oliveira (UFS)
Mar Garcia (Universidade de Alicante, Espanha)
Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro (UFS)
Maria de Nazaré Sarges Nazaré (UFPA)
Pablo Antonio Iglesias Magalhães (Universidade Federal do Oeste da Bahia)
Paula Carreira (Universidade de Lisboa)
Raquel Beatriz Junqueira Guimarães (PUC-RIO)
Ricardo Ventura (Universidade de Lisboa)
Rita Aparecida Coelho Santos (UNEB)
Rodrigo Belfort Gomes (UFS)
Sandro Marcio Drumond Alves Marengo (UFS)
Susana Alves-Jesus (Universidade de Lisboa)
Thadeu Vinícius Souza Teles (UFS)
Vera Lúcia Amaral Ferlini (USP)
Vera Maria dos Santos (Universidade Tiradentes)



Criação Editora

CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

O TERREMOTO DE LISBOA

ESTUDO CRÍTICO E ORGANIZAÇÃO:
Cleber Vinicius do Amaral Felipe

PREFÁCIO:
Luís André Nepomuceno



THEYA



Criação Editora

Aracaju | 2022

Copyright 2022 by @ E-Pomb@l

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico da
Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes – CRB-8 8846

F315t Felipe, Cleber V. A. (Org.)

O Terremoto de Lisboa / Manuel Pinheiro Chagas; Organizador e
estudo crítico: Cleber V. A. Felipe; Prefácio de Luís André Nepomu-
ceno. – 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora; Lisboa, Theya, 2022.

262 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-8413-319-2

1. História de Portugal. 2. Lisboa. 3. Terremoto. I. Título. II.
Assunto. III Autor. IV. Organizador.

CDD 946.9
CDU 94(469)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. História de Portugal.
2. História (Portugal).

PREFÁCIO

Quando publicou *O terremoto de Lisboa: romance original*, em 1874, Manuel Pinheiro Chagas ainda assistia às querelas literárias que vinham se desenrolando em Portugal, desde a década anterior, em torno do gosto e do senso literário e delas participava com intensa atividade. Na célebre Questão Coimbrã, viu-se disposto a enfrentar nomes poderosos das letras portuguesas, como Antero de Quental, Eça de Queirós e Teófilo Braga, na defesa de preceitos tradicionalistas e acomodados ao tempo. Em meio à sua vasta obra jornalística, poética, ficcional e dramatúrgica, *O terremoto de Lisboa* responde notoriamente a muitos de seus anseios e projetos estéticos em favor do romantismo. Conservador e controverso na vida política e literária, Pinheiro Chagas projetou no seu romance um livro de grandes aventuras, ao estilo folhetinesco, em que as peripécias dos personagens, envoltas em grandes revelações, descobertas de paternidades, encontros amorosos escusos, vida pregressa cheia de mistérios, duelo de heróis e vilões, incesto, entre outros incidentes, conviviam lado a lado com o desvelamento de certos episódios da política nacional, ao gosto dos romances históricos já bastante disseminados nas letras inglesas e francesas, desde Walter Scott.

O livro tem como trama a história de Luís Correa de Faria e Mello, que, no dia do incêndio do hospital de Todos os Santos, na Lisboa de 1750, salva das chamas uma menina de seus 14 anos, Teresa, a quem leva para sua própria casa, aos cuidados da mãe, pedindo que ela trate da estranha como filha adotiva. Mas Teresa, anos depois, tomada pelo gosto da aven-

tura, envolve-se com o espanhol D. Carlos de Mendoza, figura enigmática que posteriormente deverá mostrar uma face que o leitor não espera. A luta entre Luís e D. Carlos move a ação do romance, permeada de intrigas sobre os bastidores da história de Portugal que, pelos meados daquele século, empreendia a revolução iluminista e as mudanças extremas na política, na economia e na educação.

Chagas entendeu efetivamente que seu livro era um romance histórico, a que ele chamou “romance original”, a compreender, de forma sugestiva e insinuante, que nele estavam as origens de um Portugal novo, o “rejuvenescido Portugal”, que, conforme nos garante o narrador, ia ressurgir das mãos de um “potente obreiro”, Sebastião José de Carvalho e Melo, o ministro forte do rei D. José I, o que significava igualmente o ressurgimento de um país “enérgico, forte, respeitado, não sofrendo humilhações, e respirando com entusiasmo o cheiro inebriante da pólvora”. São essas as palavras que acorrem ao zelo um tanto nacionalista do leitor, quando este se vê diante de uma cena em que o ministro português desafia, sem medo, a potência britânica representada por um embaixador que o visita para denunciar as práticas de soldados portugueses contra mercadores ingleses.

O futuro marquês de Pombal era o homem forte que reconstruiu Lisboa depois que um dos mais terríveis fenômenos naturais da história do país. Era o homem da pólvora. Recuperar sua história e seus atos de heroísmo é sugestivo para um escritor como Chagas, que fora militar e deputado, ministro da Marinha e Ultramar e nome importante na defesa do colonialismo português nos tempos em que as potências europeias discutiam a partilha das terras da África. Na segunda metade do séc. XIX, Portugal reagiu ao imperialismo europeu, buscando recuperar a todo custo o imaginário de seu passado colonial mítico, na infrutífera tentativa de sobreviver da memória. Em 1880, seis anos depois da publicação do romance de Pinheiro Chagas, e na celebração dos 400 anos da morte de

Luís de Camões, a coroa portuguesa trasladava os restos mortais de Vasco da Gama, saindo da Vidigueira para o mosteiro dos Jerônimos, em cerimônia histórica. Solene e altivo muito embora, o gesto português foi desdenhado pelas potências europeias. Pinheiro Chagas e sua geração teriam de entender amargamente que o passado português era pleno de glórias, mas era passado.

Chagas, que morreria em 1895, fez muito em vida: foi escritor, político, militar, jornalista, com obra prolífica no campo da história e da literatura. De formação essencialmente militarista, frequentou o Colégio Militar, a Escola do Exército e a Escola Politécnica de Lisboa, tendo alcançado o posto de capitão, quando interrompeu a carreira, a que depois retornaria quando foi convidado a integrar o ministério da Marinha e Ultramar. Era homem de grandes projetos, de grande fôlego na produção literária. Na Questão Coimbrã, conforme já se disse, esteve ao lado do conservadorismo e da permanência do gosto romântico, na querela contra realistas e positivistas.

E, de fato, a elegância romântica, a par de uma inclinação à expressão dos subjetivismos e das paixões do espírito, encontra-se em cada polegada de *O terremoto de Lisboa*, para além de uma simples crítica ao estilo “duro” de Flaubert. Teresa, a heroína, filha de uma cigana, diz que nasceu para as tempestades, tem um gosto pela vida de aventuras e, por fim, é digna de “uma beleza em que havia um não sei quê de magnetismo e de perigoso”. Luís Correa, o herói da narrativa, revela o gosto por uma poesia das expressões da alma em detrimento do estilo artificioso e afetado de Correia Garção, figura histórica que comparece no livro para registrar o passadismo arcádico, submisso ao bom gosto dos clássicos e arredio à poesia das paixões subjetivas, que, diga-se, sequer ameaçava aparecer no cenário das letras portuguesas naquele distante ano de 1755.

Pinheiro Chagas, portanto, não se incomoda que seus personagens falem e atuem com a dicção do subjetivismo romântico, de forma intei-

ramente anacrônica, enquanto vivem e respiram a era do iluminismo e do gosto neoclássico. Mesmo Correia Garção, cerimonioso e horaciano até a raiz do cabelo, faz discreto elogio a Shakespeare, que, registre-se, também não se incomodava que seus personagens gregos e romanos falassem com a dicção da sua dramaturgia elisabetana, misturando, de maneira herética (aos olhos neoclássicos), umas pinceladas de comédia e de tragédia numa única cena.

Pinheiro Chagas sabe que tem um público leitor com disposição romântica e aventureira, eventualmente consumidor de Alexandre Dumas, um público que não está interessado na verossimilhança das falas e das atuações. É para ele que Chagas escreve. E por isso, ao lado da reconstrução histórica de um “novo Portugal”, heroico e ambicioso, tomado pela figura nobre e altiva de Sebastião de Carvalho, nosso romancista, obediente a suas raízes românticas, prefere comover o leitor com a riqueza profunda que reside nos lares humildes e desprovidos de recursos, porém verdadeiros na fundura de seus sentimentos. Não é sem razão que, logo no primeiro capítulo, registra a reação fria dos cortesãos do paço de Lisboa diante da morte do rei D. João V, a sugerir que, fosse a morte de um camponês humilde, o defunto teria diante de si a mulher e os filhos, lavados em lágrimas, em cena piedosa, enquanto na sua alma Deus espalharia “a serenidade e a luz”. Chagas, portanto, quer nos convencer de uma verdade que ele provavelmente julgou humana e reveladora: que, para além das grandes figuras políticas da história portuguesa, o reino edificou-se igualmente sobre os ombros da gente anônima, eventualmente excluída e marginalizada, dos mais humildes aos mais nobres e ousados, como Luís Correia, o indivíduo que busca a verdade humana e a sinceridade dos sentimentos.

Uma edição hoje de *O terremoto de Lisboa*, de Manuel Pinheiro Chagas, precisa ser celebrada como a recuperação de um momento importante da história da literatura portuguesa. Sobretudo quando vem

acompanhada de um belo estudo de Cleber Vinicius do Amaral Felipe, historiador da Universidade Federal de Uberlândia, leitor que se debruçou sobre o livro de Chagas a buscar nele os elementos históricos e literários que compõem a essência da narrativa. O historiador, imbuído da leitura de outros romances de Chagas, bem como dos *Novos ensaios críticos* do escritor português, publicados em 1867, propõe um itinerário complexo que permeia a composição de *O terremoto de Lisboa*, incluindo as fontes diversas de que se serviu o romancista para recompor a história portuguesa: Bento Morganti, Miguel Tibério Pedegache, Gabriel Maladriga, Voltaire, José Moreira de Mendonça, Francisco José Freyre, Amador Patrício de Lisboa, Walter Scott, entre outros que figuram nas discussões teóricas sobre o romance histórico ou sobre a catástrofe de Lisboa em 1755. Cleber Felipe também conclui que, aos olhos de Chagas, os grandes vultos do romance histórico, D. José, Mariana da Áustria, Sebastião de Carvalho, tornam-se meros coadjuvantes nos bastidores palacianos a arquitetar os rumos de uma nação que, na realidade e no fundo de sua verdade social, constrói-se à luz de seus personagens de papel mediano, destituídos de excepcionalidade, porém tomados de caráter e firmeza moral. O romance histórico tem história e verossimilhança nas camadas ideológicas, mas quem sustenta a edificação dos arrimos são os indivíduos comuns.

Luís André Nepomuceno

Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor da Universidade Federal de Viçosa / Campus Rio Paranaíba.



NOTAS À EDIÇÃO

A presente edição se baseia em *O Terremoto de Lisboa*: romance original. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira, 1874. Utilizamos a versão disponibilizada pela Biblioteca Digital da Unesp. Além disso, consultamos uma segunda edição, preparada no ano de 2011, em formato digital. Optou-se, aqui, pela atualização ortográfica. Os vocábulos foram preservados, mesmo aqueles que se tornaram obsoletos, como é o caso de “doirado(s)”, “oiçamos” e “loiça”. Mantivemos as contrações do pronome “lhe(s)”, não apenas para assegurar a precisão estilística, mas também para aproximar os leitores das construções narrativas correntes no século XIX. As alterações realizadas foram pontuais: corrigimos, por exemplo, o uso dos porquês, quando necessário; empregamos o acento circunflexo no lugar do agudo, para adequar os conceitos às normas vigentes no Brasil.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
NOTAS À EDIÇÃO.....	11
I. A aurora de um grande reinado.....	15
II. O incêndio do hospital de Todos os Santos	31
III. Um poeta horaciano	44
IV. Ao luar.....	64
V. A partida	75
VI. A fuga	87
VII. O gabinete do ministro.....	100
VIII. Pompadour e Choiseul	116
IX. Infâmias doiradas	126
X. Os filhos da cigana.....	138
XI. Duelo de morte	152
XII. O terremoto	164
XIII. Para grande naufrágio grande piloto	184
XIV. Última catástrofe.....	198
ESTUDO CRÍTICO.....	213
Pinheiro Chagas, o romance histórico e o terremoto de Lisboa	



I.

A aurora de um grande reinado

Estava a sumir-se no horizonte o sol do dia 31 de julho de 1750. No largo do Terreiro do Paço agrupava-se bastante gente, não, como de costume, para gozar a fresca viração do Tejo, mas atraída por uma visível curiosidade que fazia com que se acumulassem populares, frades, e soldados às portas do Paço da Ribeira, conversando com os cocheiros das muitas carruagens que ali também estacionavam, e interrogando avidamente os serviçais do palácio, que saíam e entravam todos azafamados, e com os ares graves de quem está senhor de algum segredo importante.

É que estava nos paroxismos da morte el-rei D. João V. Depois de longo reinado, o faustoso soberano, que já tivera alguns anos antes um ataque fortíssimo de paralisia, sentira-se de súbito mais seriamente atacado, e começava a cair numa tristeza profunda, e num grande desalento, que ainda mais tinham ajudado a marcha rápida da doença. Não deixavam de ser estranhos também a esses progressos da enfermidade os excessos amorosos praticados por el-rei na sua existência de sultão. Ora, como os serralhos que ele escolhera nem sempre tinham sido dos mais profanos, como as suas levandades amatórias não deixavam de ter o seu quê de sacrílego, D. João V sentia-lhes agora as consequências: fisicamente no rápido declinar da sua saúde, moralmente nos terrores religiosos, que mais do que nunca lhe assaltavam o espírito.

Parecia que a morte andara volitando em torno dele, avisando-o de que em breve o viria empolgar. D. João V como que sentiu por mais de uma vez o próximo bater das asas do anjo terrível. No dia 5 de abril de 1750

morreu o padre jesuíta, João Baptista Carbone, o grande matemático, o sábio eminente que fora sempre muito da intimidade de el-rei. A 19 de maio do mesmo ano faleceu o secretário de estado dos negócios estrangeiros, Marco Antônio de Azevedo Coutinho, que fora dos ministros que mais tinham merecido a régia confiança. Vendo cair em torno de si os homens, que lhe eram dedicados, D. João V principiava como que a sentir-se chamado pelo onipotente a ir dar-lhe contas dos atos que praticara na Terra como homem e como soberano.

Então principiou a sentir-se inquieto e aterrado. Não lhe sorria a ideia da morte; ela efetivamente não é agradável, mas acolhem-na os homens com mais ou menos serena fronte, conforme está a consciência também mais ou menos luminosa.

E a consciência de D. João V refletiria a luz puríssima da sua imaculada virtude? Ardor religioso tinha-o ele sem dúvida: Mafra e a Patriarcal aí estavam para o atestar. Mas não se teria fiado demasiadamente no valimento, a que lhe dariam direito essas esplêndidas criações sagradas, para se libertar de escrúpulos que aliás prendem muitas vezes honestos e singelos cristãos que nunca edificaram na sua vida a mais pequena capela? Era isso o que dentro em pouco a justiça divina julgaria. Parecia contudo que D. João V, chegado a esse momento, perdera um tanto a confiança na influência do convento de Mafra, e dos milhões despendidos com obras religiosas, porque se entregava fervidamente às devoções mais exageradas, como quem desejava lavar nos poucos momentos que o separavam do túmulo anos e anos de culpas.

O padre Gabriel Malagrida, que, poucos anos depois, tinha de morrer tão desgraçadamente no último auto de fé que a Inquisição celebrou, dirigia-o ardentemente nos devotos exercícios de Santo Inácio. No dia 4 de julho, dia de Santa Isabel, sua majestade fidelíssima, apesar de se sentir doentíssimo, nem por isso quis deixar de levantar-se para ir ouvir missa na Patriarcal, que então era na própria capela dos Paços da Ribeira. Com isso piorou, e desde então nunca mais pôde sair do seu quarto.

Então começaram-se a ouvir a cada momento os sinos das igrejas chamando o povo às preces públicas pelo restabelecimento de el-rei. Viam-se a cada instante as procissões percorrendo as ruas da capital, e os frades dos numerosos conventos lisbonenses entoavam com fervor, pelo soberano, para eles tão benfazejo, os cânticos sagrados. Mas a doença caminhava a passos rápidos, e a morte vinha, todas as noites, espiando a presa próxima, abrir as cortinas do régio leito, e sentar-se à cabeceira do pálido monarca.

No dia 11 de julho resolveu D. João V pedir o viático. Depois, como os sintomas se tornavam cada vez mais graves, tratou de preparar-se largamente para a última jornada. Sendo irmão das ordens terceiras do Santíssimo e do Carmo, vieram os comissários das duas ordens lançar-lhe as absolvições pleníssimas. Em seguida o próprio núncio do papa, Lucas Melchior Tempj, veio trazer-lhe a bênção apostólica e a indulgência plenária. Todas as consolações religiosas, todas as absolvições terrestres choviam sobre a fronte lívida do rei moribundo, e este contudo não conseguia a tranquilidade!... E entretanto, quem sabe? Nalgum pobre casal das mais remotas terras do seu reino, um velho camponês, moribundo, via apenas debruçar-se sobre a sua mísera cama o rosto evangélico de um simples pároco de aldeia! Não ouvia outras preces que não fossem as de sua mulher e seus filhos, que assistiam, lavados em lágrimas, à piedosa cena, e contudo no rosto enrugado do camponês humilde espalhava-se talvez essa claridade que é como que o vago reflexo dos esplendores já próximos dos céus: na sua alma espalhava Deus a serenidade e a luz!

E entre os prantos da família, sob a suave bênção dada pelas mãos trêmulas do velho cura de almas, aos últimos clarões do sol poente que entravam pela choupana e vinham coroar com uma auréola fulgente os cabelos brancos do moribundo, expirava ele com um vago sorriso nos lábios, levando na alma que voava sem receio para o tribunal do Todo-Poderoso as consolações da fé.

E em Lisboa, nos Paços monumentais da Ribeira, que pungitivo contraste! Continuavam, é certo, os sinos das igrejas a chamar o povo à oração; andavam as procissões nas ruas; nas antecâmaras acumulavam-se os padres, prontos a concederem ao soberano todas as bênçãos, e todas as preces imagináveis, e no próprio quarto régio os cardeais, com as suas vestes vermelhas, curvados respeitosa e prometiando ao monarca a eterna bem-aventurança, e todos os júbilos celestiais! Mas ao mesmo tempo a luz do sol poente apenas incendiava as vidraças do aposento; o leito, escondido pelas pesadas e opulentas cortinas de damasco, parecia imerso já na sombra do sepulcro! D. João V segurava com mão trêmula na vela benta que o cardeal da Cunha lhe trouxera de Roma com indulgência plenária para a hora da morte; mas na sua fronte lívida escorria, sem que ninguém lho enxugasse, o suor dos agonizantes. Estavam ali os cardeais com os seus hábitos prelatícios, mas nenhum deles se aproximava do moribundo, para lhe acalmar com voz suave e convicta os pesares da sua alma. Havia por toda a parte preces públicas, mas D. Mariana de Áustria, impassível, serena, segundo as leis da etiqueta, conservava-se a respeitosa distância do monarca moribundo; mas seu filho D. José, com a fisionomia contraída não deixava contudo de notar quais eram os cortesãos que de preferência o procuravam: seu filho D. Pedro assistia a tudo pasmado e indiferente; só seu filho D. Antônio chorava, e seu irmão e infante D. Manuel, o heroico soldado do príncipe Eugénio, verdadeiramente comovido, apesar das razões de queixa que tinha contra o soberano que ia morrer, procurava consolar o infante D. Antônio, que soluçava perdida e encostado a uma janela.

E entretanto o rei moribundo, com os olhos semicerrados, embaciados e sem luz, segurando com a mão trêmula e já só instintivamente na vela benta, murmurando palavras desconexas, interrompidas pelo arfar da agonia, encaminhava-se, no gélido silêncio do quarto, para o misterioso vórtice da morte.

Finalmente o estertor da agonia tornou-se mais precipitado, a vela benta caiu das mãos do monarca, e D. João V ergueu, numa última convulsão, a cabeça do travesseiro; os olhos meio apagados cravaram-se vagamente nas pessoas que o rodeavam, murmurou umas palavras completamente incompreensíveis, depois a fronte descaiu-lhe no travesseiro ornado de rendas, as suas mãos, que tinham apertado com força a coberta de damasco, ficaram hirtas e geladas, exalou-se-lhe um suspiro do peito, e o corpo assumiu de repente a lúgubre rigidez do cadáver.

O físico da real câmara, que, em pé à cabeceira do moribundo, vigiava a sua passagem da vida à eternidade, poisou friamente a mão sobre o coração do monarca, depois, tomando um espelho que tinha ao lado, aproximou-lho dos lábios. O vidro conservou a sua pura limpidez. Então, voltando-se para os altos personagens, que assistiam àquela cena lúgubre, e fitando ao mesmo tempo os olhos num relógio maravilhoso que ornava o aposento, pronunciou com voz grave e serena: Acaba de ser chamado à presença de Deus o muito alto, e muito poderoso rei o senhor D. João V. São sete horas e cinco minutos da tarde.

Ah! Se isto fosse na pobre choupana que descrevemos há pouco! Se um velho e pobre pai de família expirasse entre os seus, não seria necessário que o médico estivesse espreitando o último suspiro do moribundo, mas, quando a ansiedade de todos tivesse adquirido essa fatal certeza, que concerto de soluços! Que frenéticos abraços dados ao cadáver! Que esforços para lhe aquecer as mãos geladas! Para chamar a vida de novo a esse peito de onde ela fugira para sempre! Que lágrimas derramadas sobre a fronte lívida do finado! Que gritos de desespero, que angústia, que dilaceramento e que amor!

Mas ali, debaixo daqueles tetos doirados, entre aquelas cortinas de veludo e seda, sobre aquelas alcatifas orientais, passavam-se as coisas de um modo diverso! A etiqueta dominava com o seu gélido império todos os espíritos e todos os corações. Ninguém poderia dizer que D. Mariana de

Áustria não amava seu marido, e decerto, ao ouvir aquela notícia terrível, proferida pela voz fria e grave do médico, uma dor imensa lhe pungiu o coração, e as lágrimas represadas conseguiram ainda umedecer-lhe as pálpebras. Mas falava a etiqueta, a soberana dos reis, aquela diante da qual não ousava Luís XIV, o déspota supremo, elevar a voz, falava a etiqueta, cujas leis, mais invioláveis do que as leis fundamentais dos reinos, não eram postergadas nem por aqueles que entravam de chicote em punho no parlamento de Paris; falava a etiqueta, e Mariana de Áustria, a santa e resignada esposa, mas alemã, mas arquiduquesa, e arquiduquesa alemã do século XVIII, costumada portanto a ser um mero autômato no maquinismo complicado das cortes, recalcou as lágrimas no fundo do coração, reprimiu os suspiros, e, avançando para o cadáver, beijou-lhe a mão com respeito; depois, fazendo uma profunda reverência ao cadáver de seu marido... de seu marido! Afastou-se com um modo majestoso para se ir encerrar no seu quarto, segundo ordenava a praxe!

D. José teve um rápido movimento, que traía uma tal ou qual comoção, depois passou-lhe pelo rosto um não menos fugitivo raio de alegria, quando seu irmão D. Pedro, curvando-se diante dele, lhe disse: — Vossa Majestade permite-me que eu, como seu primeiro e humilde súdito, beije as suas régias mãos?

O infante D. Antônio esse soltou um grito dilacerante, que fez com que o cardeal da Cunha voltasse a cabeça com um leve sorriso nos lábios. O próprio infante D. Manuel, apesar de não ter uma sensibilidade tão embotada pelos hábitos cortesãos, não pôde deixar de dizer a seu sobrinho que reprimisse a sua dor, e que fosse beijar a mão de D. José, que já olhava para ele de sobrolho franzido.

O infante obedeceu, e logo em seguida o próprio infante D. Manuel foi prestar a seu sobrinho a homenagem devida ao soberano. Seguiram-se os cardeais e os outros altos personagens que estavam no aposento; D. José a todos acolheu com o ar majestoso dos Braganças. Depois prestaram

também a última homenagem ao cadáver hirto do rei falecido, e foram-se retirando a pouco e pouco para se irem encerrar nos seus aposentos.

O último que ficou foi D. Manuel. Aproximando-se do cadáver de seu irmão, o infante contemplou-o alguns momentos com tristeza. Aquele homem sempre lhe mostrara pouco afeto, ele que despendeu milhões e milhões com louca prodigalidade, não quisera gastar um milhão de cruzados para o fazer rei da Polônia. Movera-lhe todos os embaraços possíveis para que não fosse conquistar nome e fama no exército do príncipe Eugênio... Mas esse seu irmão era o companheiro de sua infância, dos seus brinquedos, das suas pueris alegrias. A imaginação do príncipe evocou rapidamente esse risonho passado; nas faces envelhecidas e enrugadas do cadáver pareceu-lhe ver o rosto corado e alegre do adolescente que se debruçava para ele, por ordem de sua mãe, a loira alemã de Neubourg, para lhe depor na fronte o beijo protetor do primogênito e do soberano futuro, e, atraído pela magia dessas recordações, pungido pelo contraste profundo que a cena atual fazia com as cenas desses tempos remotos, o príncipe inclinou-se vagarosamente para o leito, e depôs um beijo fraterno na fronte do monarca extinto.

Depois, erguendo-se, e passando a mão pelos olhos para enxugar uma lágrima, saiu do quarto com passo lento e grave.

Os criados azafamados do Paço tratavam de dispor tudo para a capela ardente; os fidalgos, encarregados pela etiqueta de velar o cadáver, conversavam entre si nas mudanças prováveis de ministros, informavam-se de quem eram os validos e as validas do novo soberano, tratavam enfim das mil intrigas da corte, dos mil interesses novos que iam surgir. E entretanto a roupa da cama desenhava lugubremente a forma hirta do cadáver esquecido... esquecido, sim, porque todas as pompas fúnebres que iam celebrar-se, as exéquias, as manifestações ltuosas que iam fazer-se em torno do caixão, onde esse cadáver ia dentro em pouco esconder-se, dirigiam-se à coroa bordada no veludo preto dos panos mortuários, e não

ao homem tão profundamente olvidado, como se nunca tivesse existido, como se os seus sorrisos não tivessem sido ambicionados como uma recompensa máxima por todos esses cortesãos que zumbiam em torno do novo trono, como se as palavras, proferidas por essa boca muda agora, não tivessem sido para todos ordens indiscutíveis.

Quando os preparativos terminaram, mudou-se outra vez o régio cadáver. Vieram os embalsamadores, para salvarem o corpo da corrupção do sepulcro. Enquanto se praticava esta operação, os criados lançavam sobre a cama onde o monarca falecera um pano de veludo carmesim ricamente bordado de oiro. Depois tratou-se de se vestir o cadáver. Lançaram-se-lhe ao pescoço os bentinhos da Senhora do Carmo e da Senhora do Rosário, de terminação expressa do falecido soberano. Enfiou-se-lhe como mortalha o hábito de S. Francisco. Por cima desta humildade não esqueciam, porém, as pompas mundanas. Pôs-se-lhe o manto de Grão-Mestre da ordem de Cristo, calçaram-se-lhe borzeguins com esporas de oiro, pôs-se-lhe na cabeça um barrete de veludo carmesim, cingiu-se-lhe espada doirada, e assim se deitou na cama, cercado de tocheiros acesos, cobrindo-se o corpo até à cintura com um pano de veludo. A mão direita hirta e lívida pendia para fora do leito.

Então começou a fúnebre cerimônia, que teria um certo caráter de majestosa solenidade, se não fosse feita com a indiferença que caracteriza estes atos cortesãos. Os fidalgos, os grandes do reino, os altos dignitários eclesiásticos vieram beijar um após outro a mão do rei falecido. De punham nessa mão, que já não podia distribuir graças e favores, um beijo frio, e anelavam pelo instante em que lhes seria permitido irem prostrar-se perante o Sol nascente, deixando sumir-se na escuridão do túmulo essa realeza extinta.

.....
No dia 2 de agosto, o castelo, o forte da Vedoria, os navios de guerra fundeados no Tejo começaram a dar de quarto em quarto de hora os

fúnebres tiros, última homenagem prestada ao soberano que ia ocupar o seu triste lugar na cripta dos reis. O povo enxameava nas praças, vestido de luto, mas alegre, risonho, porque ia presenciar um espetáculo soberbo, o luxuoso enterro de um monarca. Para o popular, curvado ao peso do trabalho, que nada sabia do que se passava nas regiões olímpicas das classes superiores, o que era a aclamação, o casamento, ou o enterro de um rei? Um espetáculo e nada mais, uma festa gratuita e portanto ardentemente cobiçada.

Enquanto as pessoas admitidas a beijar a mão de D. João V entravam na capela ardente, e davam volta ao leito magnífico, mirando curiosamente, se entravam pela primeira vez nos régios paços, a magnificência do leito, a riqueza dos tetos, a formosura das tapeçarias, enquanto se preparavam os três caixões que deviam encerrar o monarca, um de tábuas de cipreste com travesseiro e colchão para que o cadáver pudesse dormir o sono da morte com todas as comodidades da Terra, outro de chumbo, e outro de pau, que tinha de ser o externo, uma senhora de meia idade, loira, bem conservada, vestida de luto rigoroso, batia à porta dos aposentos da rainha, e sendo acolhida respeitosamente, e amavelmente pelas criadas e damas de honor, pedia para falar a D. Mariana de Áustria.

Transmitiu-se o pedido à rainha, que mandou entrar logo a recém-vinda. Esta foi encontrar a viúva, imóvel ao fundo do seu régio quarto, rezando monotonamente as suas orações, e esbrugando as contas de um rosário. De um lado e de outro duas damas de honor imitavam escrupulosamente a soberana. Reinava no quarto, conservado meio às escuras, um gélido silêncio.

— Bem-vinda sejas, Leonor — disse D. Mariana de Áustria, em língua alemã, para a recém-chegada, que, curvando-se respeitosamente, lhe beijara a mão. — Vens-me encontrar num estado doloroso. Feriu-me um grande golpe. Mas devemos conformar-nos com os decretos do Altíssimo. Felizes são aqueles a quem Ele chama para junto de si.

— Sua Majestade que Deus haja — respondeu na mesma língua em que a rainha lhe falara, a senhora que, segundo parece, se chamava Leonor, — Sua Majestade, que Deus haja, trocou o diadema da Terra pela coroa mais refulgente do Céu. Está agora aos pés de Deus recebendo a recompensa das virtudes, de que foi modelo no tempo que se demorou neste vale de lágrimas.

— Assim o creio, Leonor Ernestina — tornou a rainha, — assim o creio. Sua Majestade foi sempre bom e piedoso, apegou-se até à hora da morte com os santos da sua devoção, que não de ser seus advogados para lhe obterem a bem-aventurança. Se algum pecado cometeu durante a sua passagem na Terra, que Deus lho releve, como eu sinceramente lho perdoo.

No meio das pequeninas preocupações do seu espírito acanhado e metódico, revelava-se, contudo, a bondade ingênita da virtuosa alemã.

— Eu vim logo — tornou Leonor Ernestina, — depor aos pés de vossa majestade a homenagem do meu intenso pesar, tanto pela angústia da catástrofe que a todos nos pungia, como pelo terrível golpe que devia ter dilacerado o coração angélico de vossa majestade. Não ousei, porém, perturbá-la na sua solidão. Vossa majestade estava encerrada na sua dor, e eu bem sei que não há consolações possíveis para tais padecimentos.

— Eras sempre bem-vinda, querida, bem sabes que sempre me consola ver-te. Portuguesa sou já, é certo, que há bons quarenta anos aqui vivo, mas isso não impede que me lembre com saudade da minha querida Viena. Tu recordas-me os dias alegres da minha infância; teu pai, o conde Henrique Frederico Daun, era um dos fidalgos mais estimados por meu pai, e teu tio, hoje *feld-marechal*, dava já no meu tempo mostras de que viria a ser um hábil militar. Lembro-me bem dele! Como estará mudado hoje! A mais prezada das minhas aias era da família Bargerbers, a família de tua mãe, Leonor! A minha querida Alemanha! Parece-me que, se lá estivesse, me seria menos pungente a dor que me alanceia agora! E quem sabe? Talvez até se tivesse evitado esta desgraça. Bastantes vezes disse

a sua majestade, que Deus haja, que mandasse vir o grande médico Van Switten, talvez o melhor médico da Europa. Não quis! Então, são decretos da Providência!

Esteve um instante silenciosa; a sua fisionomia pálida e seca iluminou-se com um reflexo de doce melancolia.

— É lindo o Tejo não há dúvida — tornou ela, — mas faz-me saudades do Danúbio! Olha, Leonor, quase que tenho vontade de ir passar os dias que me restam de vida na minha querida Viena.

— Real senhora — balbuciou Leonor, sentindo que se lhe precipitavam as pulsações do coração, — vossa majestade tem, como eu, as saudades imorredouras da nossa querida pátria, mas tem, como eu também, já nesta terra estrangeira, raízes bem profundas que são os filhos. E então, real senhora, eles precisam agora, mais do que nunca, do amparo de vossa majestade! El-rei D. José vai tomar a seu cargo uma tarefa espinhosa. São-lhe bem precisos os conselhos e as luzes de sua mãe.

— Ai! Leonor Ernestina — redarguiu D. Mariana. — José está um homem! Tem trinta e seis anos; sabe bem dirigir-se.

— Mas os primeiros passos são sempre difíceis e tudo depende deles: Sua majestade tem o talento de seu pai, tem a perspicácia natural e hereditária aperfeiçoada pela madureza do seu juízo e do seu pensar; mas, real senhora, falta-lhe ainda o conhecimento do caminho que trilha, a experiência do ofício de rei, como diz esse grande inimigo da nossa pátria, que é por nossa desgraça um homem de gênio, Frederico da Prússia. Agora por exemplo, está escolhendo os ministros que devem preencher as vagas que ficaram por morte de Antônio Guedes Pereira e de Marco Antônio de Azevedo Coutinho. Conhece ele por acaso os homens para poder fazer por si mesmo uma escolha acertada? Dos nossos diplomatas, dos nossos estadistas conhece apenas o sorriso amável com que se curvavam diante do herdeiro da coroa. Vossa majestade, que partilhou com seu malogrado esposo, a regência suprema destes reinos, não pode guiá-lo com seguran-

ça, e chamar para junto dele homens que lhe sejam dedicados de coração, e que tenham ao mesmo tempo mérito bastante para convenientemente dirigirem os negócios de que sejam encarregados?

— Tens razão — disse D. Mariana erguendo-se de súbito. — Ah! Sim... tens razão. Meu filho está nomeando os novos ministros, dizes tu?

— Assim o ouvi, real senhora.

— Bom! É esta portanto a ocasião propícia! Sua majestade, que Deus haja, sempre afastou do ministério o teu marido. Era uma prevenção injusta. Nunca ousei combater-lha, porque sempre respeitei muito as suas vontades, e nestes últimos oito anos, em que tão enfermo estive, ainda mais cuidadosamente me abstive de o contrariar. Agora, já que esta desgraça nos sucedeu, ao menos não padeçamos todos com ela, e acabe o injusto afastamento de teu marido. Eu vou falar a el-rei, Leonor Ernestina.

— Oh minha senhora, agora! Nem ousava pedir a vossa majestade semelhante coisa, nem ousava conceber sequer tal ideia! Minha senhora, eu beijo as reais mãos de vossa majestade com infinita gratidão, mas neste momento...

— Este momento é o momento propício, Leonor! Por ora ainda el-rei ouve os conselhos e atende aos pedidos de sua mãe. Daqui a pouco quem sabe lá qual será a pessoa que influirá no seu ânimo? Não serei eu decerto.

— Oh real senhora, el-rei é um bom filho.

— É, bem o sei, mas também é marido e é pai. Ainda que não seja senão diante dessas influências tão legítimas e tão santas, sempre há de ceder a minha influência maternal. Ah! Leonor, o afeto, que temos aos nossos filhos, não no-lo pagam eles diretamente, pagam-no, transmitindo-o aos nossos netos! Leis do mundo, Leonor!

E a boa senhora, levantando-se e dirigindo-se a Leonor, que, ajoelhando diante dela, lhe beijava as mãos, banhando-lhas de lágrimas de puro agradecimento, saiu, e, passando diante das suas damas

e criadas estupefatas que olhavam com inveja para a senhora que merecera à rainha semelhante prova de distinção, dirigiu-se para o aposento de seu filho.

El-rei, que trabalhava efetivamente com o seu ministro Pedro da Mota, apenas soube que sua mãe o procurava, veio com certo espanto recebê-la à porta do quarto, conduzindo-a respeitosamente para a própria cadeira de braços, onde ele estivera sentado.

Um velho quase decrépito, e um padre de fisionomia inteligente levantaram-se para cortejar a augusta senhora.

— Deixe-se estar, Pedro da Mota, deixe-se estar! — disse a rainha dirigindo-se ao velho em que falamos. Os seus achaques e os seus anos dispensam-no de incômodas formalidades.

— Triste privilégio é esse, real senhora! — respondeu Pedro da Mota. — Privilégio da velhice e da enfermidade! Bem podia Deus Nosso Senhor levar-me deste mundo, onde nada faço, e deixar ficar nele o soberano que fazia a felicidade dos seus súbditos.

— São leis da Providência, Pedro da Mota — respondeu gravemente a rainha-mãe. Houve um silêncio de alguns instantes.

— A que devo — disse enfim el-rei D. José, — a honra da visita de vossa majestade?

— A um pedido que venho fazer-te, meu filho.

— Será uma ordem para mim, real senhora.

— Não é ordem, é pedido! — redarguiu a rainha mãe. — Não sou eu que vou governar o reino, não sou eu que vou assumir perante Deus, e perante o futuro, essa terrível responsabilidade. Não devo portanto impor a meu filho a escolha dos homens que vão ter a sua confiança, devo apenas aconselhar-lha, tendo meu filho a certeza de que o meu principal cuidado será o dar-lhe boas indicações, e que mais terei em vista a conveniência de el-rei do que a vantagem dos meus protegidos, por maior que seja o interesse que eu por eles sinta.

— Assim o creio, minha mãe; vossa majestade vinha, por acaso, propor-me a nomeação de algum ministro de estado?

— Por quê? Estão preenchidas as vagas?

— Uma só, minha mãe, se vossa majestade não mandar o contrário.

— Quem é o escolhido?

— Diogo de Mendonça Corte Real, conselheiro de fazenda e provedor da casa da Índia.

— Acertada escolha — acudiu a rainha, — se ele, por acaso, herdou os talentos e as qualidades de seu pai! Poucas pessoas conheci na minha vida tão hábeis e tão polidas! Homem de fino espírito era ele; sempre respeitoso e cortês: grande negociador e astuto diplomata, segundo ouvi dizer a todas as pessoas competentes para a avaliação desses méritos!

— Folgo que a minha escolha merecesse a aprovação de vossa majestade. Está, porém, ainda um lugar vago à disposição da pessoa que minha mãe me indicar.

— Obrigada, meu filho! — respondeu D. Mariana de Áustria. — A pessoa que te recomendo tem dado provas da sua elevada inteligência. É Sebastião José de Carvalho e Melo.

— Ah! — disse el-rei D. José, sorrindo levemente. — O marido da compatriota de vossa majestade, Leonor Ernestina Daun.

— Sim, marido de uma senhora de quem sou amiga — respondeu D. Mariana gravemente, — mas também estadista de provadíssima capacidade.

Pedro da Mota dera um pulo na cadeira, quando ouvira o nome de Sebastião de Carvalho. Escutando agora o elogio rasgado, teve um acesso de tosse, que não se podia talvez atribuir aos achaques da sua velhice.

A atenção dos personagens ali reunidos voltou-se para o velho ministro, e este não se pôde ter que não murmurasse:

— El-rei o sr. D. João V, que Deus tenha em glória, depois que ele voltou de Viena, conservou-o sempre afastado dos altos cargos do reino.

— A inimizade de frei Gaspar da Encarnação — disse o confessor de el-rei, que até aí não proferira uma palavra, — não prova muito contra as vítimas dela, sr. Pedro da Mota.

Este ficou engasgado, e só respondeu com um novo acesso de tosse ao ataque dirigido contra o último ministro de el-rei D. João V, que, segundo o costume das cortes, só por esse facto passava a não ser muito bem-visto no reinado imediato. Demais frei Gaspar da Encarnação era um inimigo implacável dos jesuítas, e era jesuíta o confessor que falara.

— Mas tem ele mérito ou não tem, Pedro da Mota? — acudiu D. José.

— Ah! Isso tem — acudiu logo o prudente velho percebendo que não seriam muito bem acolhidas as suas observações maledicentes. — As suas negociações em Londres para conseguir que fossem livres de todos os encargos, que sobre eles pesavam, os negociantes nossos compatriotas, residentes na Inglaterra, e para que fossem julgados pelos tribunais portugueses os capitães de navios da Grã-Bretanha, que cometessem quaisquer excessos no nosso país, essas negociações foram dirigidas com muita habilidade.

— E em Viena! — acrescentou a rainha D. Mariana. — Sempre me hei de lembrar que foi por sua intervenção que meu irmão Francisco I se reconciliou com sua santidade o papa Benedito XIV.

— E na discórdia relativa aos direitos de nomina da cúria — concluiu o jesuíta José Moreira, não querendo que faltasse a sua voz no coro dos elogios, — tendo sido Portugal escolhido para medianeiro, foi também Sebastião de Carvalho quem soube compor as dissensões entre Viena e Roma.

— Bom! — disse D. José, sorrindo. — Ainda que o desejo de minha mãe não fosse para mim uma ordem suprema, não podia deixar de escolher homem a quem se tecem tantos elogios. Minha mãe, pode vossa majestade anunciar a Sebastião de Carvalho que se vai lavar o decreto que o nomeia secretário de estado dos negócios da guerra e dos negócios estrangeiros.

— Obrigada, meu filho! — tornou D. Mariana de Áustria, levantando-se.

— E acrescente vossa majestade — tornou D. José sorrindo, — que para essa nomeação lhe prestou o mais devotado auxílio o padre José Moreira da companhia de Jesus. Sempre desejei que haja bom acordo entre os atos do meu governo e a minha consciência, e portanto entre os meus ministros e o meu confessor.

O confessor inclinou-se sorrindo-se também, e a rainha, acompanhada até à porta por seu filho, saiu do aposento depois de ter dado a sua mão a beijar a Pedro da Mota, e ao padre José Moreira.

Nesse dia efetivamente, 2 de agosto de 1750, se lavrou o decreto que fazia entrar nos conselhos da coroa o futuro marquês de Pombal.

Esse decreto, que el-rei D. José assinava com indiferente complacência, ia iluminar de glória imortal o seu reinado, ia torná-lo uma das épocas mais brilhantes da história portuguesa.

Mas o jesuíta José Moreira, que até certo ponto contribuía para a nomeação de Sebastião de Carvalho, elogiá-lo-ia com tanto entusiasmo, defendê-lo-ia com tanto vigor, se, podendo decifrar as páginas misteriosas do livro do futuro, lesse nelas o destino que à Companhia de Jesus, à ordem de que era filho, daria a mão terrível do homem, que entrava agora, ajudado por ele, no poder?

É lícito duvidá-lo.

II.

O incêndio do hospital de Todos os Santos

Tinham passado oito dias depois da cena com que terminamos o capítulo antecedente. No dia 4 de agosto fora enterrado solenemente el-rei D. João V, e depois o mundo fora continuando, sem que ninguém pensasse mais no soberano que falecera. Apenas o luto, que trajavam uniformemente os súbditos de el-rei D. José, lembrava que desaparecera da face da Terra o rei faustoso, cujas prodigalidades tinham dado que falar em toda a Europa.

Corria pois o dia 10 de agosto, quente como costumam sempre ser os desse mês em Lisboa. Contudo de tarde levantou-se alguma viração, e, como as arcadas de S. Domingos ofereciam sombra aos passeantes, alguns dos bons burgueses da capital, que tinham acabado de jantar, aventuraram-se a atravessar o Rossio, onde o sol queimava tanto como as fogueiras da vizinha inquisição, e, refugiando-se nos arcos de S. Domingos, acalmados, ofegantes, tiraram os chapéus, que lhes serviram depois para se abanarem, e enxugaram o suor que lhes escorria em bagas pelas faces esbraseadas.

Entre os passeantes chama a nossa atenção um jovem oficial do regimento de cavalaria do cais, que conversa amigavelmente, mas respeitosa, com um frade dominicano, já idoso, de benévola e amável fisionomia, e à qual dão os cabelos brancos uma aparência veneranda.

O oficial é moço e elegante: os olhos negros e vivos, ainda que um pouco melancólicos, tom sério, rosto sereno. A estatura, pouco acima da regular, ajeita-se admiravelmente com o uniforme do regimento; nas lajes da arcaria ressoam de vez em quando as suas esporas de ordenança.

— Muito folgo com a notícia que me dá, Luís — disse o frade. — No-meado oficial—maior da secretaria da guerra e dos negócios estrangeiros o nosso amigo Filipe Correia da Silva. Deve ser um bom lugar, suponho eu! E o ministro, que o nomeou, andou também acertadamente, porque Filipe Correia é homem de merecimento, que há de por força desempenhar-se bem de qualquer tarefa que lhe incumbam! Homem de merecimento e de trabalho! E bem precisava disto, coitado! Carregado de família... e os rendimentos não são muitos!

— Sabe que o Pedro casa? — tornou o oficial, que se chamava Luís Correia, e que era ainda parente da pessoa de quem estava falando.

— Se sei! Tanto sei que até lhe conheço a mulher! Senhora que tem alguma coisa de seu, e... mas espere, o que é aquele fumo que se levanta aqui do lado da livraria?

Conversando, o frade e o oficial tinham chegado à extremidade das arcadas, e naturalmente haviam-se voltado para continuarem o passeio. Foi então que o frade, dando de súbito com uma coluna de fumo, que subia lentamente para o céu, estacou, mudou de assunto e fez a observação que acabamos de transmitir aos nossos leitores.

Luís Correia, ao voltar-se, também soltara uma exclamação de espanto, e entre os outros passeantes havia já um burburinho indicativo de surpresa. O frade aproximou-se da portaria do convento, e disse rapidamente para o porteiro:

— Temos novidade em casa, irmão? Vê-se tanto fumo que parece sair da livraria? Haverá fogo para aqueles lados?

— Fogo, frei Domingos! — exclamou o porteiro que era de si obeso, que ainda mais engordara com a quietação a que as suas funções o condenavam. — Fogo! — exclamou ele, tentando de balde levantar-se! — Acudam! Há fogo no convento! Há fogo no convento!

— Cale-se, homem de Deus, quem lhe diz que o há? Pergunto-lho, pelo contrário.

— É no hospital! É no hospital! — exclamou de súbito Luís Correia, que continuava a seguir atento a direção das colunas de fumo. — É no hospital de Todos os Santos, não tem a mínima dúvida.

Mal acabava ele de proferir estas palavras, quando um magote de gente, vindo a correr do lado do imenso hospital de Todos os Santos, bradou com gritos de terror:

— Acudam! Acudam! O hospital está em chamas.

Sem perder tempo em vãs exclamações, o jovem oficial de cavalaria deitou a correr na direção do Rossio para reunir quantos soldados encontrasse, e vir com eles prestar os serviços que pudesse nesse calamitoso acontecimento.

Ao mesmo tempo o sino de S. Domingos começou a anunciar à cidade que um acontecimento grave chamava a atenção dos seus habitantes.

Não tinha nem sequer uma organização rudimentar, em 1750, o serviço dos incêndios, mas os sinos das igrejas, quando brotavam as chamas em qualquer parte, se não davam as badaladas indicativas do sítio onde havia o fogo, soltavam o clamor ansioso do rebate, e assim chamavam a atenção dos bons burgueses de Lisboa, e convocavam os magros socorros de que podia nessa época dispor a vereação lisbonense.

O sino da igreja dos jesuítas no colégio de Santo Antão não tardou a seguir o exemplo do de S. Domingos, e a soltar também as lúgubres vibrações que anunciam um perigo. Passando de campanário em campanário, o toque pavoroso do rebate foi sobressaltar Lisboa adormecida na placidez da sesta. O povo começou a afluír para o lado do Rossio, de onde constava que tinha partido o primeiro aviso de incêndio, mas, quando chegaram os curiosos às alturas que dominavam esse largo hoje tão regular e já então bastante vasto, não puderam conter um grito de raiva. As chamas estampavam lugubrememente no horizonte o seu clarão pálido, que rasgava levemente a escuridão das nuvens de fumo, que se evoluíam grossas e pesadas do seio do edifício incendiado. Se fosse de noite, o espetáculo

seria verdadeiramente pavoroso; assim o esplendor do dia ofuscava a luz das labaredas, e negava-lhe o realce que lhe dariam as trevas noturnas.

Mas ao pé é que o espetáculo adquiria todo o seu verdadeiro caráter de tragédia. O povo acumulara-se já nos arredores do imenso edifício, concorrendo quanto podia para que se combatesse o fogo, mas dispondo de poucos meios para o extinguir. O jovem oficial, que ouvimos chamar Luís Correia, voltara acompanhado por um certo número de soldados de diferentes corpos, e de diferentes armas que trabalhavam debaixo da sua direção com ordem e enleada. Esgotava-se o chafariz de Apolo para se acudir ao incêndio, mas ele cada vez brotava com mais veemência. É que estava adiantadíssimo quando se dera por ele. Ateara-se numas aparas que havia na casa das tinas, e comunicara-se com uma rapidez incrível às enfermarias de S. Cosme e de S. Damião. Foi quando o incêndio se manifestou, tendo já adquirido uma amplitude espantosa. As chamas não corriam, voavam de casa em casa.

Então principiaram as cenas verdadeiramente trágicas daquele pavoroso sucesso. Os enfermos, mal podendo arrastar-se, soltavam gritos dilacerantes vendo as chamas a aproximarem-se, e não se sentindo com forças para lhes fugirem. Os empregados contudo iam buscá-los e o povo recebia-os com todo o carinho, mas não se ouviam na rua senão gemidos de dor, prantos de desespero. Aqueles espetros pálidos, descarnados, alguns apenas envoltos nas roupas do leito e outros deitados nos colchões em que tinham vindo transportados, ofereciam ali ao ar livre o triste espetáculo de todas as misérias, de todas as dores humanas, exposto por estranho acaso aos olhos da cidade tumultuosa, que folga e ri sem suspeitar a quantidade de angústias que encerra no seio.

As chamas saíam pelas janelas, e vinham lambeo o próximo convento de S. Domingos, cujos frades, reunidos na igreja, imploravam a misericórdia divina. A grande massa de povo recuava, não só porque se tornava incômodo o calor das labaredas, mas porque as paredes desabavam arrojando

aos ares grossas colunas de fumo, e aqui ou além doiradas chamas. Esse movimento de recuo tornou-se, porém, mais sensível e adquiriu o caráter de um verdadeiro pânico, de uma fuga desordenada, quando veio ferir os olhos e as imaginações do povo um espetáculo realmente estranho. O fogo, continuando a lavar lá dentro com medonha rapidez, chegara finalmente à casa dos doidos. O instinto da vida acordara nesses espíritos sem luz, e, soltando gritos que nada tinham de humano, esses pobres entes tinham desatado a fugir, e, guiados verdadeiramente pela Providência, tinham encontrado o caminho da rua. Então saíram pelo portal, como uma alcateia de lobos que foge das florestas onde lavra o incêndio. Lívidos, com os olhos esgazeados, soltando uns brados inqualificáveis, irromperam na rua, sinistros, aterradores, mais semelhantes a feras do que a criaturas humanas, não parando quando se viram salvos, mas continuando a sua carreira vertiginosa e louca, as mulheres descompostas, com os cabelos desgrehados, os homens horríveis de ver, espumantes, ensanguentados e ferozes. O povo, aterrado, fugia diante deles, ou abria um claro imenso no sítio por onde passavam, e eles lá iam, soltando palavras desconexas e incompreensíveis, correndo sempre, atropelando-se uns com os outros, espalhando na cidade só com a sua presença o terror e o espanto.

Mas a tragédia não findara aqui. O fogo continuava, o desabamento do edifício progredia de um modo verdadeiramente medonho. Muitos homens corajosos haviam penetrado no hospital pelas portas, pelas janelas, e não tratavam senão de salvar os doentes. Contavam alguns deles depois a impressão terrível que tinham sentido, quando, penetrando, na sua ignorância das localidades, numa casa que supunham enfermaria, e tomando nos braços alguns homens, que pareciam ter desmaiado de terror, sentiram de repente os corpos hirtos e sem vida, e experimentaram a impressão do frio gélido dos cadáveres. Então fugiram aterrados deixando o fogo penetrar à vontade nessa lúgubre sala. Era a casa dos mortos.

Luís Correia com os seus intrépidos soldados lá andava também entre os mais decididos, correndo inúmeros riscos para salvar a vida aos enfermos, e pondo em perigo (tal é a abnegação sublime da caridade) a sua existência em flor para salvar existências pendentes apenas por um tênue fio sobre o vórtice da morte! Já a sua dedicação fora por mais de uma vez coroada de sucesso, quando de súbito o povo soltou um grito de terror. Havia no pátio do hospital umas pilhas de lenha, e na azafama em que todos andavam, ninguém se lembrara de remover dali aquele combustível que podia concorrer de um modo prodigioso para alimentar o incêndio. De repente o perigo revelou-se e quando já não havia tempo de se remediar. Alguns tições inflamados caíram sobre a lenha, e logo se levantaram umas labaredas imensas, que, comunicando-se às paredes, fizeram redobrar de intensidade o fogo. Primeiro o pátio ficou cheio de um turbilhão de fumo, e por entre esse véu negro o povo podia ver caírem, como uma chuva de oiro, as centelhas rápidas e sucessivas. Logo depois o vento dispersou os primeiros novelos de fumo negro, a lenha esbraseando-se dardejou as labaredas como outras tantas línguas ardentes, e essa nova catástrofe apareceu em toda a sua sinistra realidade. O pátio estava transformado num mar de fogo.

Acontecia isto exatamente quando as chamas interiores penetravam na parte do edifício destinada aos enjeitados. Vinham as amas a sair com as crianças ao colo; ao darem com esse novo e insuperável obstáculo, recuaram espavoridas. Houve em todos os espetadores um momento de terrível ansiedade. O quê! Pois Deus condenaria a morrerem nas chamas essas crianças inocentes, que umas choravam ao colo das aflitas amas, aterradas por esse espetáculo extraordinário e pela confusão, pelos gritos, pelo estrondo das paredes que desabavam, outras, desconhecendo o perigo, miravam com os seus grandes olhos espantados essas bonitas cores vermelhas dos monstros que não tardariam a devorá-las, outras, as mais pequeninas, indiferentes a tudo o que as rodeava, choravam só

porque se recusava obstinadamente o seio das amas aos seus labiozinhos sequiosos!

Mas no meio de tudo isto uma voz, partindo de uma das janelas inferiores, pertencente à parte do edifício de onde tinham acabado de sair as amas, bradou:

— Há ainda passagem pela igreja!

Todos os olhos se voltaram para a janela, de onde partia a voz animadora, e divisaram o rosto enérgico de Luís Correia. Volteavam em torno dele as chamas, formando-lhe uma sinistra auréola. Cá de baixo parecia que estava imerso no incêndio, que lhe projetava nas feições os reflexos vermelhos das suas labaredas. Junto da sua face via-se outro rosto pálido e iluminado por uns grandes olhos negros, que contemplavam com uma expressão de profundo terror o espetáculo pavoroso do pátio. Era o rosto de uma rapariga que passara os braços à roda do pescoço de Luís Correia, e que ele tinha decerto ao colo. Ao verem aquele grupo, os espetadores soltaram um grito de terror. Que esperança de salvação podia haver para aquelas duas criaturas humanas? Estavam no foco do incêndio, no seu verdadeiro centro.

— Fuja! Fuja! — bradou contudo e quase instintivamente a turba.

Luís Correia fez com a sua nobre cabeça um sinal de animação e desapareceu da janela.

Vejamos que acontecimentos o tinham levado àquela perigosa posição.

Fora ele um dos que tinham entrado na repartição dos enjeitados e enjeitadas. Encontrara as amas e as crianças mais crescidas cheias de tamanho terror, que nem haviam pensado em fugir, e, ajoelhadas em torno de um grande crucifixo, chorando e rezando, ali esperavam a sua sorte. Advertidas da proximidade do perigo, impelidas e guiadas pelos recém-vindos, tinham fugido enfim, quando já se sentia perto o crepitar das chamas. Luís Correia fora o último a sair, mas, quando já estava próximo da porta, pareceu-lhe ouvir um flébil gemido.

Parou, e esteve um instante procurando perceber de onde vinha o som, ou se seria uma ilusão dos seus sentidos. Um gemido mais fraco ainda do que o primeiro veio convencê-lo de que se não enganara. Voltou atrás e percorreu toda a sala. Estava absolutamente deserta. Mas, ao passar junto de uma das portas do aposento, ouviu muito mais distintamente um terceiro gemido. Abriu essa porta e achou-se na enfermaria dos enjeitados.

Havia só um doente, e isso explica o esquecimento de que ia sendo vítima. Era uma criança de treze para quatorze anos, adoravelmente formosa. A magreza do seu rosto fazia parecer maiores os seus grandes e rasgados olhos escuros, a sua intensa palidez dava mais brilho a esses olhos que lhe resplendiam no rosto como dois diamantes negros.

— Aqui ainda! — bradou Luís. — Vamos, fuja!

— Fugir! — disse ela com voz fraca. — Para quê? Não posso. Quem é o senhor?

— Quem sou? Que importa! Não sabe que está a arder o hospital, que as chamas nos cercam já por todos os lados, que, se nos demoramos um instante, é inevitável a nossa morte?

— Meu Deus! — bradou ela.

— Vamos, sente-se com forças de se levantar? Embrulhe-se nas roupas da cama, e venha!

Ela, que, mergulhada na modorra da febre, não dera tento do que se passava em torno de si, agora aterrada porque sentia todos os terríveis clamores do incêndio, procurava pôr-se em pé, mas debalde! A sua prostração era imensa. Não podia dar um passo. Então Luís Correia, sem hesitar mais, tomou-a nos braços, e desatou a correr, como se raptasse uma cobiçada presa.

Chegando ao amplo patamar da escadaria, que ficava logo próximo da enfermaria das enjeitadas, Luís Correia hesitou um instante. De um lado e doutro havia lanços de escada. Por onde havia de descer? Um engano ser-lhe-ia fatal, porque não podia perder nem um minuto.

Relanceando os olhos em torno de si, Luís Correia viu duas janelas, que iluminavam o vasto patamar, silencioso e tranquilo; havia um contraste singular entre os rumores do incêndio que lá ao longe se ouviam, e a serena solidão daquele patamar que se conservava mudo e luminoso. A sua alta abóbada terminava numa vasta claraboia, através da qual se via o céu azul e puríssimo. Apenas na janela da esquerda se viam os vidros avermelhados pelos reflexos do incêndio, mas, quando Luís ali chegou, mais pareciam os vidros coloridos das catedrais do que os vidros onde se espelhavam as labaredas.

No instante exato, porém, em que Luís, hesitante diante dos dois lanços de escada, procurava guiar-se pelas indicações das janelas e se precipitava para a da esquerda, com o seu precioso fardo nos braços, os vidros, até aí apenas docemente corados como por uma espécie de aurora boreal, escureceram de súbito, e logo depois assumiram uma cor sanguínea. Luís abriu a janela e recuou aterrado. A janela deitava para o pátio, e o pátio transformava-se num lago de labaredas.

Desvairado, atônito, correu à janela fronteira; essa fazia com a outra um notável contraste, abria sobre a igreja. Vinha da nave silenciosa não sei que vago perfume de paz e de sossego. O Cristo do altar-mor pendia a fronte melancólica, doirada vagamente pelos clarões do dia. Os altares conservavam-se imóveis, com as suas flores nas jarras, e as suas velas brancas nos tocheiros. O portão da igreja, encostado apenas, deixava entrar pela fisga dos dois batentes mal cerrados um desses raios de sol, que traçam na penumbra do pleno dia uma reta perfeita, onde dançam miríades de partículas de pó luminoso.

Luís soltou um grito de alegria; por ali estava caminho aberto. Depois lembrou-se que a turba fugitiva estacara no pátio diante das labaredas, e correu à janela fronteira a indicar-lhes o caminho da salvação.

Depois voltou para a escada, e desceu os degraus a dois e dois.

A criança, ou antes a adolescente, que levava nos braços, porque aos treze anos já o botão infantil vai desabrochando em flor, não proferia pa-

lavra e quase que perdera o acordo. Só quando Luís Correia bradou: Estamos salvos! Ela, soltando um suspiro, apertou docemente os braços em torno do pescoço de Luís.

O seu rosto pálido e ardente descaiu com brandura e roçou ao de leve pelas faces do moço oficial, as tranças soltas envolveram na sua acatinada carícia a fronte do mancebo, e aquele corpo seminu, onde apenas se esboçavam as formas perfeitas da mulher, mas que tinha já não sei que voluptuosas ondulações, esse corpo, perfeitamente desenhado pelas roupas que o envolviam, enroscou-se com mais força nos braços de Luís Correia.

Então, apesar de estar exclusivamente preocupado pelo perigo, Luís sentiu um vago estremecimento correr-lhe pelas veias.

Contudo não estava salvo ainda. Quando chegou ao fundo da escada, quando, voltando à direita, ia penetrar na sacristia, o fogo que irrompera pela cozinha, e passara daí à botica, encontrando ali óleos combustíveis, recobrou forças mil vezes mais intensas, e, quando Luís entrava no corredor para onde deitavam as portas da botica e da cozinha, encontrou diante de si as chamas a intercetarem-lhe a passagem.

Então Luís Correia descorou e teve um momento de terror. Estava perdido, irremissivelmente perdido. O que havia de fazer? Como podia salvar-se?

A pobre criança que levava nos braços também sentiu o perigo imenso da situação, e, ao ver diante de si um mar de chamas, soltou um grito horrível, enlaçou-se mais ao pescoço de Luís, e desmaiou.

Sentindo nos braços já fatigados o peso daquele corpo inerte, o jovem oficial julgou-se perdido. Deitou a correr loucamente, sem saber em que direção, sem conhecer aquele labirinto de casas, recuando aqui diante das labaredas, que o chamuscavam, além achando-se de repente quase asfixiado pelos turbilhões de fumo, gritando sem que a sua voz achasse nem eco, nem resposta.

Já perdera a esperança de salvação, já a fadiga, o torpor se apoderara dele. O que o sustentava ainda era a ideia de que devia salvar aquela pobre criança que tinha desmaiada nos braços. Se estivesse só, a sua prostração era tal que se teria deixado cair no fundo de um corredor qualquer, e ali esperaria resignado o descanso e a morte.

Mas, de súbito, quando estava mais atribulado, sente, ao abrir uma porta, uma bafagem do ar fresco da rua. Soltando um grito de alegria, entra no quarto, encontra uma janela aberta, corre nessa direção, e vê que estava no primeiro andar, e que lá em baixo se acumulava o povo que presenciava aquela horrorosa catástrofe.

Apenas o veem aparecer, os espetadores soltam um grito; as chammas envolvem-no por todos os lados, já penetram, seguindo-o, no quarto em que ele entrou. Mas a desordem, que até aí se manifestara nos socorros que se prestavam, deixara de existir. Um homem, de fisionomia desdenhosa e severa, mirando tudo com uma luneta de ouro que levava de quando em quando aos olhos, dava algumas ordens breves e claras, que eram obedecidas imediatamente. Apenas viu aparecer Luís Correia na janela, com a enjeitada nos braços, manda rapidamente uma escada que se encosta ao peitoril; outros homens vêm logo estender colchões na rua, para o caso em que um acidente qualquer fizesse cair os que vão sair dessa fornalha imensa. Cobra ânimo Luís Correia, vendo-se tão inteligentemente auxiliado, sempre com a enjeitada nos braços, desce a escada, e num momento se acha salvo na rua, deitando a criança desmaiada num dos colchões que estavam preparados para lhe amortecerem a queda.

O homem da luneta fez um sinal, e logo um dos médicos, que tinham sido reunidos para poderem acudir prontamente aos que precisassem do seu auxílio, se aproximou da enjeitada.

— Ah! — disse ele, apenas a viu. — Bem a conheço: é a Teresinha. Estava doente com uma febre maligna. Pouco bem lhe devem ter feito estas

agitações. Estará morta por acaso? Concluiu o médico, um dos do hospital, com a frieza que dá o muito hábito.

— Não creio, doutor — acudiu Luís Correia com ansiedade. — Desmaiou com o terror do perigo.

— Sim; a vida bate ainda no pulso — tornou o médico. — O sr. secretário de estado o que ordena?

— Que seja conduzida para o Desterro, como todos os outros — redarguiu o homem da luneta.

— Sr. secretário de estado — disse Luís Correia respeitosamente vendo que o homem com quem falava desempenhava tão alto cargo — se v. ex.^a mo permite, será tratada na minha família, já que a salvei da morte inevitável. Não quero deixar incompleta a minha obra. É uma enjeitada; minha mãe regularizará a situação desta criança, logo que se restabeleça a ordem neste estabelecimento.

— Muito bem — redarguiu o secretário de estado, — que é um valente oficial e um homem dedicado vejo eu; mas gosto das coisas feitas regularmente, e não entrego assim sem mais nem menos a um oficial de cavalaria uma rapariguinha de quatorze anos. Como se chama?

— Luís Correia de Faria e Melo.

— Tem pessoa que responda por si?

— O primeiro oficial de secretaria Filipe Correia da Silva, meu parente.

— Ah! O meu primeiro oficial. Muito bem! Mas ele não está aqui, e não se há de ir agora chamar a casa. Não tem...?

— Respondo eu por este moço, sr. Sebastião de Carvalho — acudiu uma voz grave. — A família do sr. Luís Correia é minha conhecida, e não a há mais séria e mais digna.

Quem falava assim era o frade de S. Domingos que vimos há pouco palestrando com o nosso oficial.

— Ah! Bem — tornou Sebastião de Carvalho, — é excelente a fiança. Não o vira ainda, sr. frei Domingos. Que me diz a este desastre?

— Que é triste agoiro para o reinado do Sr. D. José I — respondeu o frade.

— Triste agoiro! — exclamou Sebastião de Carvalho. — Excelente agoiro, acho eu. O fogo já está quase extinto. Os desastres manda-os a Providência. O que é de bom agoiro é que se saiba acudir a eles com prontidão. Ateia-se um fogo? Embora! A questão é apagá-lo. E, sr. frei Domingos, se aprouver a Deus, e se for da vontade de el-rei, não será esta a única fogueira que apagaremos.

E o seu olhar desdenhoso cravou-se de relance no edifício da Inquisição.

III.

Um poeta horaciano

Tinham passado cinco anos depois da cena que descrevemos no capítulo antecedente. A criança, que Luís salvara, crescera e fizera-se mulher. Era linda, mas de uma beleza em que havia um não sei quê de magnético e de perigoso. Os seus grandes olhos negros às vezes despediam chamas, outras vezes amorteciam-se numa languidez em que parecia refletir-se toda a sensualidade oriental. A tez levemente queimada, ou antes beijada com beijos de fogo pelo sol peninsular, purpureava-se afogueando-se de vivo rubor, quando algum sentimento poderoso agitava a alma da gentil menina; quase sempre, porém, conservava uma palidez morena que, nas horas do repouso do espírito, dava às suas feições o encanto especial das virgens de Murillo. Em Teresa havia duas mulheres distintas, uma, cândida, meiga, boa, quando as paixões encontradas, que rugiam na sua alma como opostos vendavais, lhe não turvavam a serenidade, outra que despertava com o despertar dos veementes afetos, e que devia ter nos acessos de loucura amorosa os êxtases insensatos das mulheres do oriente, nos ímpetos de cólera o rugido feroz das leões, que devia ou enroscar-se como a cobra nos braços do homem a quem amasse, ou silvar como a serpente furiosa que dardeja a língua farpada contra o inimigo que a irrita.

Esta organização vulcânica produzia uma impressão notável no coração de Luís. Contrastes curiosos da natureza humana! Luís era uma alma de poeta, um moço grave, sério, melancólico, reflexivo, inacessível à corrupção do século em que vivia, e erguendo com altivez a sua fronte imaculada acima das torpezas que o rodeavam. Portanto a mulher que ele

escolheria para sua companheira devia ser antes a que lhe oferecesse todas as garantias de virtude e de brandura de gênio. Não sucedeu, porém, assim. O olhar de Teresa fascinava-o, acendia-lhe no coração uma chama devoradora que debalde tentara primeiro dominar, e que fora, contudo, lavrando cada vez com mais intensidade, até que ele enfim entregara-se sem resistência ao encanto, à sedução desse afeto.

Teresa ficara em casa da família do seu salvador. Enjeitada, sozinha no mundo, encontrara de súbito uma carinhosa mãe, um irmão que lhe votava um afeto mais que fraternal. Se os tivesse encontrado mais cedo! Tinha, porém, quatorze anos quando o incêndio do hospital de Todos os Santos a conduziu àquela casa modesta e grave, que exalava como que um aroma de virtude. A mãe de Luís, D. Maria de Jesus, acolhera-a com infinito júbilo. E não era só a caridade que a inspirava, apesar de ser um sentimento onnipotente na alma da boa senhora, era também o desejo de ter uma menina ao seu lado, uma alma feminina que pudesse formar e educar. Sozinha com seu filho e uma criada, concentrava os seus afetos no seu querido Luís, mas a sua alma bondosa tinha ainda tesouros de dedicação a empregar. Teresa encantou-a com a adorável, ainda que um pouco felina, meiguice da sua organização nas horas boas; mais de uma vez porém teve ocasião de se assustar com os abismos que entrevia no espírito dessa criança. Isso ainda mais a robusteceu no desejo de a conservar junto de si; percebia instintivamente que tomara o encargo de uma alma, que se arrojaria à perdição, se ela não soubesse mantê-la no caminho da virtude.

Assim como D. Maria de Jesus se encarregara da educação moral, encarregara-se Luís da educação intelectual, e a sua tarefa era bem mais fácil, porque Teresinha possuía uma inteligência rara. Compreendia com uma facilidade espantosa. As horas da lição eram para Luís as horas mais radiantes da sua existência: eram também as horas mais perigosas. Se descobria na alma da sua discípula tendências que desaprovava, ia a querer mostrar-se severo, mas um olhar semivelado de prantos desarmava-o

completamente, e obrigava-o não só a pôr de parte a severidade das suas considerações, mas até a transigir, ele o homem austero e inquebrantável, com as ideias nem sempre aceitáveis da gentil menina.

Para que havemos de prosseguir em mais longa descrição? Ponhamos em cena os personagens, e eles mesmos farão entrar o leitor na confiança dos seus sentimentos e das suas paixões.

Por uma noite fria mas serena de janeiro de 1755, estavam cinco pessoas reunidas em casa da mãe de Luís. A água cantava na chaleira; e a criada acabava de estender a branca e fina toalha em cima da mesa, e de dispor convenientemente as xícaras, o açucareiro, o pires da manteiga e o bule. Esperava-se, porém, um conviva, porque as xícaras, em vez de serem tantas como as pessoas que estavam presentes, completavam a meia-dúzia, o que não era decerto predileção dos donos da casa pelas contas redondas.

A mãe de Luís, senhora que ainda conservava em anos adiantados as feições delicadas, a tez pura e fina, como pessoa a quem nunca um mau pensamento pôde turvar a serenidade da sua alma, sentada à cabeceira da mesa, presidia aos arranjos do chá. As velas, dispostas em castiçais de boa prata, derramavam uma luz suave sobre o grupo e iluminavam especialmente os trabalhos de costura de duas meninas, que, sentadas à direita de D. Maria de Jesus, falavam de quando em quando em voz baixa uma com a outra, e reprimiam os risos que, não podendo expandir-se, lhes acendiam nos olhos chamas de alegria, para não interromperem um homem de trinta e tantos anos, que, sentado à esquerda de D. Maria de Jesus, e tendo ao seu lado Luís, falava com seriedade e compostura, ao passo que brincava distraidamente com uma faca. Segurando-lhe pelo cabo, fazia-lhe descrever às vezes uns semicírculos ideais, não sem perigo de riscar a mesa; um gato, acocorado ao lado das cadeiras, no chão, seguia, com o olhar luminoso e a cabeça esperta, o movimento da faca, entendendo que a brincadeira era com ele, e dispondo-se para ir apanhar,

num pulo subitâneo, aquele objeto inquieto que lhe fazia negações. Era isso o que motivava os risos reprimidos das duas meninas.

Luís ouvia o seu amigo com atenção e deferência, mas, de vez em quando, o seu olhar grave e meigo fitava-se docemente nos olhos risinhos de Teresa, e provava que o não absorvia completamente a conversação.

— Poeta em anos de prosa! — dizia o sujeito que falava com uma voz grave e serena! — É um triste fado! Não vai a época para musas, meu amigo! Poeta é sinónimo de pobre, e parece que as musas decididamente se divorciaram com os camarins forrados de damasco! A pobreza tem de ser a grande inspiradora, já o foi de Camões que teve no hospital o Capitólio! Se ao menos tivéssemos a certeza de que poderíamos escrever Lusíadas, resignarmo-nos-íamos a não jantar em toalhas de Flandres!

— Vamos lá! — acudiu D. Maria de Jesus. — O sr. Garção não tem razão de queixa. Não lhe voltou as costas a fortuna!

— Oh minha senhora — tornou Garção, — se eu sou tão pouco poeta! Eu poeta! Pergunte por aí aos meus censores! Eu poeta! Eu que tive a audácia de empregar a palavra alcaide em verso solto!

— Pois é essa uma das suas melhores poesias, Garção — acudiu Luís. — Lembro-me bem dela: A virtude! Que magnífico assunto! E com que grandiosa inspiração ele é tratado!

E Luís recitou com entusiasmo:

Ligado com aspérrimas algemas
Ao rígido penedo,
Com um agudo cravo de diamantes
O peito trespassado:
Convulso o rosto e tinto em negro sangue
Que brota da ferida;
As sonoras pancadas do martelo,

Com que bate Vulcano
Nos cavernas do Cáucaso, retumbam:
Porém constante e forte
Não geme Prometeu; antes acusa
A Júpiter de ingrato:
Inocente se julga; à força ímpia
Não cede do tirano:
Assim, assim, a mísera pobreza
A contrária fortuna,
Deve imóvel sofrer uma alma grande,
Oh! Sousa esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
C'ó desabrido alcaide!
Dorme no duro chão, tão descansado
Como no leito brando,
O intrépido varão que do Destino
Prova os fatais reveses.

— Aí! Aí! Meu amigo! — acudiu Garção que ouvira com um doce sorriso a sua ode recitada por uma voz afetuosa e entusiástica. — Aí é que bate o ponto! *Alcaide*, eis a palavra que levantou contra mim a indignação dos críticos. *Alcaide*, pois *alcaide* é lá palavra que se empregue em verso! Se fosse *lictor* à romana, ou *sergent* à francesa! Mas alcaide em português, em bom e legítimo português! Pode-se-me lá chamar poeta! Foi o que me valeu, meu amigo, para arranjar um emprego! Dei garantias ao trono, se as não dei às musas. Mostrei que respeitava a Ordenação, já que não respeitava a Arte Poética. Se não me proscvem do Parnaso, nem almotacé de um bairro podia ser.

— Vê, Garção? — tornou Luís. — Eu se fosse censor, se alguma coisa tivesse que notar nesta magnífica ode, seria não o desprezo da palavra

lictor, mas pelo contrário a sujeição aos modelos romanos. Sempre com Horácio diante de si, quando podia voar com as próprias asas!

— Que está dizendo, meu amigo? — exclamou Garção. — Que here-sias são essas? Quer que voltemos às alambicadas poesias da *Fênix re-nascida*? Quer a independência do estro, a licença, o desavergonhamento da inspiração? Nada! Nada! Acabemos com essas sandices, e voltemos aos bons modelos.

— Mas eu não defendo semelhante coisa, Garção. Parece-me, contudo, que os versos das Academias dos Generosos e dos Singulares e não sei que mais, são tolos porque são afetados. Não há porém meio termo entre o andar trajando fatos extravagantes, ou vestir as túnicas latinas ou helênicas? Não podemos conservar os nossos fatos? E não poderá ser a poesia simplesmente a expressão dos nossos afetos e das nossas paixões? Não poderá ser a expressão da natureza?

— Por amor de Deus, Luís! Não diga semelhante coisa! A natureza sim, mas a natureza ornada! A simplicidade, concordo, mas a simplicidade artística! Pois queria que puséssemos em verso, por exemplo, em verso sério, é claro, em verso bucólico, a rusticidade verdadeira dos pastores? Que reproduzíssemos a sua linguagem grosseira e os seus hábitos brutais? Então a poesia deixaria de ser uma arte, para ser uma cópia ridícula!

— Meu Deus! Garção — acudiu Luís, — não tenho forças para lutar com tão vigoroso contendor! Mas creia que me venceu, não me convenceu! Parece-me que, se eu tivesse talento bastante para exprimir na linguagem sonora da poesia os pensamentos que às vezes me acodem, quando na minha alma desabrocham as flores dos mais puros afetos, os versos que então saíssem não seriam decerto vazados nos moldes gregos e romanos, mas nem por isso deixariam de impressionar aqueles que me ouvissem!

Garção ficou um instante silencioso e pensativo.

— Há nas coisas que diz — exclamou ele enfim, — um quê de grandiosa verdade! Eu que, como o Luís sabe, conheço e amo a literatura ingle-

sa, encontro às vezes nos poetas do tempo de Isabel, e principalmente em Shakespeare, coisas estranhas e que me parecem verdadeiramente belas! Mas em que joio está sepultado esse trigo! Que fezes misturadas com esse oiro! Na poesia, meu amigo, parece-me que sucede o mesmo que na política! Produz grandes coisas a Liberdade, mas também quantos desvairamentos! O princípio da autoridade não se pode desprezar, a civilização e o gosto precisam de reguladores supremos. E agora, meu amigo, do que nós precisamos, é de ordem depois dos desnorteamentos das Academias pueris! O princípio de ordem é o que inspira a Arcádia, a restauração dos grandes modelos é o que sobretudo desejam os pastores do Menalo.

— E cumprem uma nobre missão — murmurou Luís.

— Não há dúvida — tornou alegremente Garção, — mas a Arcádia ainda não está constituída, e, que o estivesse, não seria aqui decerto que celebraria as suas sessões. A vista de tão formosas pastoras perturbaria a solenidade literária. Não acha portanto preferível, Luís, que, em vez de dissertarmos, atendamos um pouco mais às nossas gentis companheiras de serão, que devem estar um pouco enfastiadas com a palestra?

— Ah! — acudiu Teresa que era uma das meninas que costuravam. — Eu estou habituada às dissertações.

— Aquilo é censura ao mestre — tornou Garção rindo.

— Seria uma injustiça — acudiu Luís, um pouco magoado, envolvendo a ardente menina num longo olhar de amor, — porque ela bem sabe que as minhas dissertações procuram ser sempre em seu proveito.

— Bem o sei — acudiu Teresa curando logo com a meiguice do seu olhar e da sua voz a ferida que fizera, — bem o sei, e o sr. Garção enganase julgando que a minha resposta foi uma censura; nunca o poderia nem o deveria ser. Quis notar apenas que não me desagradam nem enfastiam, antes me deleitam, conversações como a que tiveram agora. E o sr. Garção sabe que eu sou uma humilde, mas sincera admiradora dos seus versos. Espero ainda provar-lho.

— Provarás tudo o que quiseres — acudiu D. Maria de Jesus, sorrindo, — mas nós é que não provamos o chá, se nos obstinamos em esperar pelo padre Antônio Delfim.

— Vamos ao chá, e o padre que se morda — acudiu Garção.

— Ora muito obrigado pelo cumprimento — acudiu uma voz alegre da porta da sala, — isto é que é um amigo! Aqui está o desapego com que se fala na gente! Torna-me a convidar para ir à Fonte-Santa, e verás se eu lá apareço.

Quem falava era o amigo, que Garção tornou célebre pelos repetidos sonetos com que o mimoseou. Escusamos de descrevê-lo, o próprio Garção se encarregou desse cuidado:

Quem viu o padre Antônio? Um clérigo alvo,
Olhos azuis, as faces mui rosadas,
Castanhas as melenas estiradas
E na brunida testa um pouco calvo.

Era ele em pessoa quem aparecia à porta da sala, saudado pelos risos joviais das meninas, por um cumprimento amável da dona da casa, por um aperto de mão de Luís, e por um olhar afetuoso de Garção. Acarinhado, amimado, foi conduzido em triunfo para a sua cadeira, onde se aninhou muito bem soltando um suspiro de suave contentamento, enquanto a criada, chamada logo, vinha com a chaleira cheia de água a ferver, e que já se ouvia chiar havia bastante tempo, fazer o chá no bule.

— Com que então, amigo Pedro, achas que se podia tomar chá sem estar cá o padre Delfim? — exclamou o recém-vindo. — Tu mas pagarás!

— Qual! — tornou Garção com uma seriedade cômica. — Nós o que íamos era fazer o sacrifício de passar sem a tua companhia. Nem o chá nos sabia bem, não estando tu ao nosso lado.

— Bem te conheço! — tornou o padre passando a mão pela calva luzidia. — Este eterno mandrião que, em eu estando em casa dele, precisa

que o vá chamar sete e oito vezes à cama, já a querer punir-me como a um preguiçoso!...

— Protesto contra a calúnia, nunca me chamaste mais de seis vezes!

— E vamos a saber, trouxe a rabeca, para fazermos um pouco de música? — perguntou Teresa.

— Lá está em baixo o moço com ela.

— Trouxe a rabeca! — exclamou Garção fingindo que se levantava. — Isto é uma armadilha! É um logro que se não prega a um cristão! Prometem-me chá e fatias excelentes, venho; afinal de contas impingem-me o padre Delfim, a tocar rabeca! É uma traição! Protesto!

— Olha que maldito! — acudiu o padre rindo. — Eu aturo-lhe os versos em primeira mão, e ele em troca nem sequer me admite uma rabecada! E a propósito de versos Teresinha, o que nós combinamos, fez-se?

— Então que foi que combinaram? — perguntou Luís sorrindo.

— Segredo de confessorário! — tornou o padre Delfim. — Não querem ver este senhor militar das dúzias a intrometer-se nas nossas conspirações!

— Bravo! O Delfim conspira! Se estivéssemos em França, era negócio sério.

— Mas não estamos em França, senhor poeta. Portanto queira meter a viola no saco.

— Se tu me prometes fazer o mesmo à rabeca!

Todos desataram a rir.

— Mas, vamos, Teresinha — continuou Garção. — Conte-nos lá o segredo do padre Antônio. Ponha-lhe a calva à mostra, o que, como sabe, não é metáfora.

— Adeus! Adeus! Já me tardava a calva! — acudiu o padre rindo. — Não se passam cinco minutos sem que este senhor esteja a debicar com a minha calva.

— Se te parece que ela não é digna dos meus versos. A tua calva, Del-fim, é a minha inspiração, a minha musa.

— Tens musa calva? — acudiu o padre com uma gargalhada. — Bem se conhece pelos teus versos.

— Um epigrama! Bravo, senhor padre Antônio! Também faz epigramas! Viva! — acudiu o poeta horaciano. — Não lhe sabia da prenda.

— O que há neste mundo que o padre Antônio não faça? — acudiu Luís rindo. — Ele toca rabeca, ele prega, ele faz epigramas, tudo... tudo faz o padre Antônio.

— Aí vai glosa — exclamou Garção batendo as palmas, — já que o Luís me deu mote.

E, depois de escorropichar vagarosamente a chávena de chá para ter tempo de preparar o improvisado, Garção repetiu:

Tudo faz o padre Antônio

— Há de sair coisa boa! — exclamou o padre, estendendo a sua chávena a D. Maria de Jesus para receber mais chá.

— Ingrato! — tornou o poeta. — Vou cantar os teus louvores.

— Ah sim! Então espera; quero saborear a um tempo a ambrosia do elogio, e este bom néctar de três mil réis.

Deitou açúcar na chávena, tirou um barretinho da algibeira, cobriu a calva com ele, depois de pedida a competente vênica, e, sorvendo golo a golo o chá da Índia, exclamou:

— Bem! Podes começar. Vamos a ver a glosa.

Garção tossiu, e repetiu o mote

Tudo faz o padre Antônio

A negra Melancolia
Com os olhos no chão postos,
Suspiros, prantos, desgostos
Sobre os mortais difundia:
Quando a risonha Alegria
Aparece a tempo idôneo,
E, como o brando Favônio,
Dissipa a nuvem do pranto;
Mas tornar em doce canto
Tudo faz o padre Antônio.

— Bravo! Bravo! — exclamou o padre Antônio. — Que favo de mel que está o meu amigo Garção!

— Queixe-se ainda, Delfim! — acrescentou Luís. — E o mais é que tem razão o poeta; havia na sala uma certa tristeza; entrou o padre Delfim, reapareceu a alegria.

— Obrigado! Obrigado! — tornou o padre. — Mas o que eu não quero é deixar o Garção sem recompensa. Vou-lhe tocar um minuete na rabeça.

— Ah! Sim? — tornou o poeta. — Então lá vai outra glosa.

— Oh! Oh! Que fecundidade!

— É para que saibam. O mote é pois o mesmo.

Tudo faz o padre Antônio

Tu fazes, Delfim sonoro,
Mudar em consolações
As penosas aflições
Com o instrumento canoro:

Fazes que do Pindo o coro
Por ti deixe o lago Aônio;
Fazes descer do telônio,
Por te ouvir, o Deus luzente,
E tu fazes... Finalmente
Tudo faz o padre Antônio.

— Estou abarrotando de alegria! — exclamou o padre Antônio Delfim, enquanto os outros convivas felicitavam Garção pelos seus dois improvisos. — Até a rabeça apanhou o seu incenso! Boa vai ela! Esta inesperada benevolência redonda amanhã para mim numa saraivada de descomposturas.

— Qual história, meu amigo, prometo deixar-te em paz!

— E à calva?

— À calva, também, pudera! Nunca mais lhe escrevo sonetos. É tenção feita. E a propósito de sonetos, Delfim, escrevi hoje um que meti na algibeira para to mostrar esta noite, se é que as senhoras se não enfastiam destas recitações?

— Ora qual, sr. Garção! — tornou Teresa que parecia estar contudo um pouco impaciente. — É-nos sempre muito agradável ouvi-lo.

— Decerto — concluiu D. Maria de Jesus, — mas o soneto não o impede de tomar mais uma chávena de chá, não é verdade?

— Não impediria decerto, se eu ainda tivesse apetite, mas não tomo chá porque quero dormir esta noite. O meu próprio médico, o dr. Jerônimo Henriques, me aconselha a que não abuse da bebida.

— Ora, é porque o não acha bom.

— Oh minha senhora, pelo contrário! Excelente! Capaz de causar inveja à própria miss Rosa!

— Vamos lá ao soneto! — interrompeu Delfim. — É jocoso?

— Não; sério.

— Bom! Oiçamos.

Recostou-se melhor na cadeira; Garção levantou-se para recitar mais à vontade, e declamou os seguintes versos:

Por Cerastes e Górgonas lançada
Do mirrado Cassini a sombria fria,
Passa do lago Averno a gritaria
Sobre as asas da Noite reclinada.

Das veneráveis Deusas avexada,
Teme não rompa cedo o claro dia;
E, acossada dos cães, freme, assobia,
Tremendo a terra toda de assustada.

Silvando vaga assim de rua em rua,
E, ao som medonho da infernal calceta,
Súbito quebra o sono mais profundo.

Garção até aí recitara com uma certa entoação de voz lúgubre e carregada; os seus ouvintes escutavam-no atentos, ainda que espantados um pouco da estranheza dos versos; mas, chegado a este ponto, estende de súbito a mão direita, arranca da nuca do padre Antônio Delfim o barretinho escuro, e, com uma expressão de intimativa na voz e no gesto, fecha o soneto, no meio de uma gargalhada geral, com os seguintes versos:

Vem buscar do Delfim a calva nua
Para traçar o giro de um cometa,
Que há de crestar a grenha a todo o mundo.

O padre Delfim, sentindo desaparecer o barretinho de cima da calva, fizera um movimento instintivo para o segurar, e, com os braços erguidos,

ouvira estupefato o terceto que era acolhido por uma estrondosa gargalhada das três senhoras e de Luís. Quando Garção terminou o último verso, é que ele saiu do assombro em que ficara.

— Ai que patife! — exclamou. — Que traição que ele nos arma! Então este é que era o soneto sério, poetaastro? Não tem que ver, a minha calva serve para tudo! Há um fogo em Alcântara, ele vai lá, e de que se lembra, ao ver o Tejo iluminado com o reflexo das chamas? Da minha calva! Calva para aqui, calva para ali... este maldito ainda me faz usar cabeleira! Mas espera que eu já me vingó!

Isto dissera-o ele com olhos cheios de riso. Acabando de falar, saiu um instante da sala, e voltou logo trazendo a rabeca.

— Teresinha — disse ele entrando e piscando-lhe o olho com ar de cumplicidade, — vá buscar a harpa para fazermos um pequeno concerto. Eu, entretanto, vou distrair estes senhores com algumas modinhas.

Teresa saiu com certa rapidez. Não tardou a voltar. Entretanto Delfim, para cumprir a sua promessa, preludiava na rabeca. Não era decerto um ignorado predecessor de Paganini, mas tocava agradavelmente. Garção, apesar das suas amigáveis zombarias, morria pelo ouvir, e insistia com o padre para que tocasse novas modinhas, quando Antônio Delfim, interrompendo-se, disse:

— Nada! Nada! Agora é necessário ouvirmos a Teresinha.

Todos os olhos se voltaram para a gentil menina, que, sentando-se numa cadeira que ficava um pouco afastada do grupo, e um tanto imersa na penumbra, estivera afinando a sua harpa. Quando o padre proferiu estas palavras, ela sorriu-se para ele e respondeu:

— Estou pronta.

Encaravam-na todos com curiosidade. Havia um tal ou qual mistério em tudo aquilo. Preparava-se decerto uma surpresa. A um sinal do padre, Teresinha sacudiu, com um movimento gracioso, o seu cabelo sem polvilhos, e, dedilhando a harpa, revelou aos encantados espetadores toda a

riqueza da sua airosa e flexível estatura. A fronte inteligente, o olhar lampejante, o rosto em que ondulavam os reflexos da chama trêmula das velas, a posição elegantíssima da tocadora da harpa, faziam dela o modelo ideal da estátua de Safo, tal como no nosso tempo a concebeu e executou Pradier; os seus dedos, correndo nas cordas da harpa, arrancaram-lhe um prelúdio estranho e original, e, quando Garção e Luís enlevados perguntavam a si mesmos que música era aquela, tão diferente das modinhas e dos minuetes da época, Teresa soltou a voz de um timbre melodioso e ardente, e, continuando a acompanhar-se com esse ritmo original que parecia apenas um vago murmúrio, um eco longínquo de desconhecido hino, recitou, com uma melopeia característica que não excluía a naturalidade, nem a veemência na expressão dos afetos, nem a majestade nas descrições, os seguintes admiráveis versos:

Já no roxo oriente, branqueando,
As prenes velas da troiana frota,
Entre as vagas azuis do mar doirado,
Sobre as asas dos ventos se escondiam.

A misérrima Dido

Pelos Paços reais vaga ululando;
C'os turvos olhos inda em vão procura

O fugitivo Eneias.

Só ermas ruas, só desertas praias
A recente Cartago lhe apresenta;
Com medonho fragor na praia nua
Fremem de noite as solitárias ondas!

E nas doiradas grimpas

Das cúpulas soberbas

Piam noturnas agoureiras aves.

Do marmóreo sepulcro

Atônita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defunto Sicheu com débeis vozes
Suspirando chamar: Elisa, Elisa!
 D’Oreo aos tremendos númens
 Sacrifícios prepara;
 Mas viu esmorecida
Em torno dos turícremos altares
Negra espuma ferver nas ricas taças:
 E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
 Frenética delira;
 Pálido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada,
Já com trémulo pé entra sem tino
 No ditoso aposento,
 Onde do infido amante
 OuvIU enterneçada
Magoados suspiros, brandas queixas!
Ali as cruéis Parcas lhe mostraram
As lííacas roupas, que, pendentes
Do tálamo doirado, descobriam
O lustroso pavês, a teucra espada.
Com a convulsa mão súbito arranca
A lâmina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante,
Arroja o tenro cristalino peito!
E, em borbotões de espuma murmurando,
O quente sangue da ferida salta:
De roxas espadanas rociadas

Tremem da sala as dóricas colunas!
Três vezes tenta erguer-se,
Três vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao céu levanta
Os macerados olhos.
Depois, atenta na lustrosa malha
Do prófugo Dardaneu,
Estas últimas vozes repetia,
E os lastimosos lúgubres acentos,
Pelas áureas abóbadas voando,

Longo tempo depois gemer se ouviram:

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Enquanto os fados,
Enquanto Deus
O consentiam,
Da triste Dido
A alma aceitai,
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice
Assaz viveu;
D'alta Cartago
O muro ergueu:
Agora nua,
Já de Caronte

A sombra sua
Na barca feia
Do Flegetonte
A negra veia
Sulcando vai.

Calou-se Teresinha, e nas cordas da harpa vibrou longamente a última nota da estranha melodia, com que acompanhara a recitação da maravilhosa cantata. Não se pode exprimir o indizível encanto da voz da feiticeira menina. O seu contralto grave e sonoro dava uma amplidão majestosa ao recitativo, que é a parte verdadeiramente sublime desta formosa poesia. No seu olhar lampejante como que brilhava o reflexo das trágicas paixões, com que Garção inflamara o espírito da rainha de Cartago. Havia um não sei quê de inspiração selvagem na sua voz, no seu gesto; a Dido que ela reproduzia não era a Dido composta e clássica de Virgílio e de Garção, matando-se com todas as regras, tentando erguer-se três vezes, segundo a aritmética tradicional destes lances poéticos, e três vezes caindo desmaiada sobre o leito, não: era a fenícia de paixões enérgicas, a mulher educada no culto violento e sensual das divindades orientais, a mulher de apaixonado temperamento, como Gustavo Flaubert a devaneou, ao pintar, com os tons um pouco brutais da sua paleta de realista, o vulto de Salammbô.

Quando acabou, Teresa sentia o seio ofegante, os lábios trêmulos, e ouvia, quase sem as perceber, as palavras elogiosas, que todos murmuravam em torno dela como um coro inefável de lisonjas. Garção sobretudo estava radiante; lágrimas de doce orgulho saltavam-lhe dos olhos, e, enquanto enchia de louvores a sua maravilhosa intérprete, apertava com vivo afeto a mão do seu Antônio Delfim, que lhe preparara tão delicada surpresa.

Luís olhava enternecido para Teresinha, que o agitara tão poderosamente com a sua voz patética. Só D. Maria de Jesus se conservava fria e um

pouco descontente. A boa senhora não gostava de que uma menina educada por ela tivesse essas prendas de cômica. Preferia e muito que fosse uma boa dona de casa. Depois, sem saber exprimir bem o seu pensamento, D. Maria de Jesus achava nos tons da voz de Teresa uma expressão voluptuosa e audaz, que a ofendia e desgostava. A enjeitada, percebendo-o vagamente, e sentindo mais, como sucede a todas as organizações vaidosas, o silêncio de um só dos seus ouvintes do que a aprovação entusiástica de todos os outros, levantou-se, e, correndo a D. Maria de Jesus, com umas inflexões felinamente acariciadoras na feiticeira voz, murmurou:

— Não lhe agradei, madrinha?

Os seus olhos luminosos pediam uma palavra de animação. As suas carícias exigiam-na.

— Agradaste, sim, filha, agradaste — respondeu D. Maria de Jesus, vencida pelo irresistível encanto daquela organização magnética, — mas... mas que sangue te corre nas veias, que parece esaldar-te o coração?

— O sangue de Safo — respondeu com entusiasmo o sempre árcade Coridon.

— Sem Faon — observou imediatamente o padre Antônio Delfim, que também era lido em letras profanas.

— O que dispensa o salto — acudiu estouvadamente a esperta menina.

— Mas, sendo necessário — perguntou Luís sorrindo, — não recuará diante do incidente de Leucate?

— Não recuará — exclamou Teresa com um fogo sombrio a brilhar-lhe nos olhos, — mas havia de arrastar Faon comigo.

Todos se calaram. A alma daquela menina era um abismo.

Daí a pouco saíram os visitantes, e Luís, tentado pela serenidade da noite, acompanhou Garção e o padre Antônio Delfim num passeio que a brilhante luz da Lua tornava duplamente agradável.

Maria de Jesus retirou-se para o seu quarto para fazer as suas orações. Teresa ficou a acompanhar essa menina, que tão silenciosa estivera

durante o serão, que mal podemos não desenhar, mas mencionar apenas a sua fisionomia. Morava na vizinhança de Teresa, e costumavam de casa mandá-la buscar por um criado. Nessa noite porém, por qualquer pequeno transtorno, o criado demorou-se, e Ana, assim se chamava a graciosa menina, teve de ficar mais algum tempo em companhia da sua amiga.

A noite corria serena, como já dissemos, e elas abriram a janela. O luar batia de chapa nos seus rostos gentis, e dava um realce vivíssimo às feições tão formosas e contudo tão diversas de uma e de outra. Colorido pelos raios pálidos da Lua, o rosto puro e ardente de Teresa tomava um aspeto verdadeiramente fascinador; era, com os seus olhos a brilharem como diamantes negros na tez levemente crestada, uma destas fadas peninsulares cuja magia é irresistível; banhada nesse mesmo clarão casto e sereno, a doce fisionomia de Aninhas, a sua etérea alvura tomavam verdadeiramente um aspeto ideal; era uma dessas loiras e suavíssimas visões dos países do norte que às vezes desabrocham também aos quentes raios do nosso sol; era uma melancólica dama branca que vinha pentear os seus doirados cabelos ao lado das fadas meridionais que deslindam as negras tranças à beira das nossas fontes.

As duas amigas estiveram um instante contemplando a Lua que fluava com esse silêncio particular e meigo das noites serenas, *amica silentia lunae*, pelas campinas do céu, depois as suas mãos flutuantes no peitoril da janela encontraram-se, apertaram-se meigamente, e, como se esse contacto bastasse para despertar nos seus espíritos a necessidade da expansão, começaram a chilrear a meia voz, como dois passarinhos que trocam, na sua melodiosa linguagem, as suas doces confidências.

IV.

Ao luar

— Sabes tu, Teresinha — disse Aninhas a meia voz, — que chego quase a ter inveja a esses dons de fascinação que tu possuis como ninguém? Basta que entres numa sala, que digas duas palavras, que murmures duas notas, para cativares todas as atenções, para que todos se sintam atraídos irresistivelmente para ti! Nasceste para rainha, Teresa! Tu tens a certeza de que não és filha de algum soberano?

— Eu? — acudiu Teresa rindo. — Sempre supus que era filha de uma águia e de uma sereia, da águia pelo prazer que eu teria em voar, voar por essas amplidões sem limites, pairando sobre o mar, sobre as cidades, e procurando sempre os horizontes desafogados, o espaço livre e infindo, as sãs e frescas aragens; de uma sereia porque tenho um raro prazer em usar desse tal ou qual dom de fascinação que efetivamente possuo, e porque o meu maior júbilo seria arrastar alguém para o abismo, atraindo-o com o meu canto. Aí tens tu o meu caráter; agrada-te assim, Aninhas?

— Não, não — respondeu a sua amiga sacudindo os seus formosos cabelos loiros, — estás-te caluniando a ti mesma por zombaria, por graça. Sim, que és ativa e um tanto ou quanto garrida, é certo, mas daí às crueldades das sereias vai ainda uma grande distância.

— Irá ou não, filha — acudiu Teresa sempre no mesmo tom, entre sério e zombeteiro. — A gente sabe lá de que será capaz em dadas circunstâncias? Não te digo que hoje seria o meu maior prazer ir por aí fora tocando harpa até ao Tejo, e o Garção e o Luís e o Delfim seguindo-me enlevados, e, quando chegasse ao forte do Cais, atirar comigo às águas,

e, catrapus, irem todos atrás de mim como sucedia aos navegantes da mitologia. Mas, se o Antônio Delfim, por exemplo, se apaixonasse, ouvindo-me tocar harpa, e me viesse depor aos pés humildemente, a calva, a rabeca, a tonsura, os hábitos e o coração, achava eu isso na verdade delicioso. Mas...

E Teresa interrompeu-se para soltar uma estridente gargalhada.

— Mas — acudiu Aninhas rindo também, — se o padre Antônio Delfim não chegou ainda a essa situação extrema, nós cá na vizinhança temos um homem sério e grave, que nem esperou a recitação da cantata de Dido para te pôr aos pés o coração e a vida.

— Quem é? — perguntou Teresa com afetada indiferença.

— Não adivinhaste ainda?

— O Luís, talvez — tornou Teresa sempre com o mesmo tom de indiferença na voz.

— Pudera — acudiu Aninhas, e um observador perspicaz podia notar um tal ou qual tremor na inflexão de voz com que estas palavras foram pronunciadas. — O Luís não oculta o doido amor que te consagra. Quando tu estás, não tem olhos para mais ninguém; para ele são ordens os mais leves desejos teus. Tu, a dominadora, a águia e a sereia, aí tens o teu adorador ideal, um escravo que te seguiria até ao Inferno, se necessário fosse.

— Até ao purgatório, quando muito, querida — respondeu Teresa, — e ficava cá de fora à porta. Ama-me o Luís, é certo, mas, Aninhas, acredita-me, acima de tudo aquele severo moço ama a Virtude!

— E achas isso mau? — acudiu Aninhas vivamente.

— Não; acho sensabor.

Aninhas fugiu com a mão, e recuou um passo.

— Teresinha — disse ela com uma voz grave e doce, em que se sentia apenas um ligeiro travo de repreensão, — Teresinha, há palavras com que se não brinca.

Teresa desatou a rir.

— Vá, pregadora! — disse ela. — Atira-me uma prática, ou recita a ode à Virtude do nosso amigo Garçãõ, que eu acompanho-te com a harpa. Mas tu és uma excelente rapariga, e eu, se fosse homem, adorava-te, mesmo com a condição de ouvir um sermão por dia pregado por esses lábios cor-de-rosa, que eu vou beijar agora.

E a doida menina, cingindo a sua amiga pela cintura, imprimiu-lhe nos lábios o beijo anunciado.

— Adeus! Adeus! — tornou Aninhas. — Não há meio de se estar séria contigo dois minutos a fio. Mas tu por fim de contas torturas aquele pobre Luís, que te adora, tortura-lo, zombas dele, e a verdade é que não fazes senão amá-lo.

— Estás certa disso, filha?

— Estou, sim. Pois o que falta ao Luís para ser amado? Não é bom, honrado, inteligente e elegante? Não há no seu vivo olhar o reflexo puríssimo de uma alma honesta? E sobretudo não tem ele por ti uma adoração que toca as raias da idolatria?

— Com que ardor que falas dele, Aninhas! — acudiu Teresa. — Querê-lo-ás tu para teu noivo?

E o seu olhar perscrutador interrogou os arcanos do coração da sua amiga.

Esta, porém, sustentou intrepidamente o embate. Se para isso lhe foi necessária alguma coragem, só ela e Deus o souberam. Mas o seu olhar conservou-se firme e sereno diante do olhar de Teresa.

— Não, não o quero para noivo — disse a loira menina, — quero-o para irmão, e, se tu o desposasses, tu, a minha melhor amiga, que fraternidade maior do que a que então se estabeleceria entre nós poderia ligar as nossas almas?

— Hum! Hum! — murmurou Teresa rindo. — Eu é que não respondo pela inversa da tua proposição. Se tu o escolhesses para noivo, eu havia de sentir tão vivo desejo de to arrancar!...

— Ora vamos, Teresinha — acudiu Aninhas um pouco enfadada, — não te faças pior do que és.

— Não faço, menina; mas deves confessar uma coisa, é que a vida sem a paixão, sem a luta, é a mais monótona coisa que Deus inventou, é uma corrente de água chilra e sensabor; a tempestade, minha amiguinha, é que é a essência da vida e da natureza. Por exemplo, eu reconheço efetivamente as boas qualidades de Luís; sei que me ama, percebo que nenhum outro noivo podia encontrar que mais me conviesse. Mas vê se é possível. Corta-se para mim a vida monótona do hospício com as peripécias comoventes do incêndio. Luís salva-me, sem me conhecer, sem me ver sequer talvez, como salvaria um enfermeiro, por pura humanidade, por uma humanidade banal e comezinha. Venho para casa de sua mãe, que me acolhe como se fosse minha tia; o Luís era como se fosse meu primo; portanto, nessa qualidade, apaixonou-se por mim, segundo a tradição dos primos. D. Maria não vê com muito maus olhos a perspectiva deste enlace. Luís é meu mestre; quando me dá lições não tem senão olhares cheios de ternura, que contrastam de um modo notável com os gemidos e suspiros de que anda sobrecarregado. Este amor pacato dispara enfim num casamento, vêm os filhos, e fechamos as portas para saborearmos as doçuras conjugais. Continua a existência com a mesma monotonia dos preliminares; vem a velhice enfim, e eu conheci por acaso a vida com as suas lutas, com as suas paixões, com os seus sagrados delírios? Vivi? Tive as grandes comoções e os grandes entusiasmos? Não, tive apenas muita virtude e muito chá. Puf!

— Louca! Louca! E louca! — exclamou Aninhas com viveza. — louca diria eu se não percebesse que tudo o que acabas de dizer não revela mais do que uma fantasia desregrada que gosta de vaguear às soltas. O quê! Pois tu és capaz de alegar que não há nobres comoções neste viver tranquilo de família? Diz-me por exemplo se nos delírios que devaneias

encontrarias prazer tão vivo como o que devias sentir ainda agora, quando três homens inteligentes estavam suspensos dos teus lábios e enlevados na tua voz, quando corria nas tuas veias o fogo da inspiração, e que pareceste a esse poeta, que te escutava com as lágrimas nos olhos, a própria imagem da poesia!

— Ainda agora! Ainda agora! — tornou Teresa com certa amargura. — Não me fales nisso. É certo que eu senti na minha alma a verdadeira inspiração, é certo que esqueci por um momento a calva do padre Delfim, a modéstia desta casa, a severa fisionomia de Luís, o trajar inglês do nosso poeta horaciano, e que recitei com todo o entusiasmo de que era susceptível. Ah! Mas quando voltei a mim desse êxtase em que me embebera, quando descí dessas esferas sublimes ao mundo da realidade, quais eram as ovações que me esperavam? O aplauso frio e reservado de Luís, o contentamento do padre e as lágrimas do autor. Não: o que eu desejava era a torrente de bravos de um público em delírio, o que eu queria era o aplauso frenético da multidão!

— Aplausos grosseiros! Pois tu preferias as palmas duma gente que não se enleva senão com as palhaçadas do Nicolau Luís?...

— Não, não era isso. Ia mais longe o meu desejo. Eu não te disse que era filha de uma águia? Pois, minha amiguinha, as águias têm voo largo, e o Luís cometeu a imprudência de me ensinar a voar. O que eu devaneava era aquele teatro de França, com que o Luís me povoa os sonhos involuntariamente, quando me dá a ler as tragédias de Racine, aquele teatro a cujas representações assistia o grande rei Luís XIV, cercado pela sua corte de fidalgos bordados e doirados em todas as costuras das suas casacas, aquele teatro que ia abaixo com uma trovoadade palmas, quando a Champmeslé terminava a sua sublime fala na tragédia de *Fedra*.

E Teresa, excitada pela sua própria linguagem, arrojou aos ecos da noite a revelação de *Fedra*, no primeiro ato da tragédia de Racine:

Ce n'est plus une ardeur dans mes veines cachée;
C'est Vénus toute entière à sa proie attachée!
J'ai conçu pour mon crime une juste terreur;
J'ai pris la vie en haine et ma flamme en horreur;
Je voulais, en mourant, prendre soin de ma gloire,
Et dérober au jour une flamme si noire!
Je n'ai pu soutenir tes larmes, tes combats;
Je t'ai tout avoué, je ne m'en repens pas,
Pourvu que de ma mort respectant les approches
Tu ne m'affliges plus par d'injustes reproches,
Et que tes vains secours cessent de rappeler
Un reste de chaleur tout prêt à s'exhaler.

— Bravo! Bravo! — disse uma voz na rua. — Quem é a sílfide, a deidade, que transporta para as ruas de Lisboa os divinos acentos da Clairon ou da Lecouvreur? Apareça, ou eu subo à janela para ver de perto o prodígio.

Teresa e Aninhas debruçaram-se espantadas, e, à clara luz da Lua, viram um homem bem vestido, posto que com o fato um pouco em desordem, que, apenas as viu, as cumprimentou com audaciosa cortesia.

— Duas! — bradou ele com a voz um pouco titubeante. — Mas ambas lindas por minha fé. Qual dessas deidades é a Melpomene, a musa da tragédia? Vamos, falem, minhas sílfides, quero conhecer a voz arrebatadora que me enlevou há pouco.

— Fecha a janela, menina, fecha a janela — dizia Aninhas toda trêmula.

— Deixa estar — tornou Teresa, — que mal nos faz o homem? Tens medo que ele nos tome a janela por escalada?

— Mas não vês que está ébrio? — insistiu Aninhas.

— Pior para ele, que temos nós com isso?

— Não murmurem entre si, meus rouxinóis, que vozes suaves como a que escutei, não as fez Deus para segredinhos. Ah! Não querem revelar-se?

Pois eu vou adivinhar, que sempre tive jeito para profeta. A Melpomene, a Clairon, a Lecouvreur, é essa de olhos negros e brilhantes como noite estrelada. Essa é que é a Fedra, e eu protesto que, se ela quiser, não serei Hipólito.

— Numa coisa se parece com Hipólito, sr. adivinho — exclamou Teresa rindo e debruçando-se mais da janela.

— Menina, então, por amor de Deus! — murmurava Aninhas toda trêmula, e procurando arrancar Teresa do peitoril.

Mas Teresa repeliu-a, sem lhe responder.

— Em quê, minha deidade? — perguntou lá de baixo o atrevido passeante noturno.

— Em ter por inimigo Netuno... o deus da água.

E, dizendo isto, e rindo ao mesmo tempo, Teresa ia fechar a janela, com grande júbilo de Aninhas, quando a voz do passeante a suspendeu:

— Por quem é, minha adorável epigramatizadora, não feche a janela assim. Conversemos.

— As noites de luar são frias, e, se fazem bem aos que têm a cabeça quente, constipam quem não está nesse caso.

— Olhe que espero aqui a aurora.

— E a ronda.

— A ronda, desanco-a em sua honra, adorável Lecouvreur.

— Viva o D. Quixote! Pois olhe, divirta-se com ela, que aí vem os quadrilheiros.

Efetivamente ao cabo da rua apareciam já as partasanas da ronda e a inevitável lanterna de furta-fogo do alcaide.

— Se promete ficar na janela, eu prometo varrer a rua.

— Vejamos isso!

E Teresa conservou a janela entreaberta.

— Menina — exclamava Aninhas já seriamente zangada, — isto é uma loucura, uma leviandade imperdoável. Faz o que quiseres, quando estiveres só, mas não me tornes tua cúmplice.

— Já passou o perigo, louquinha — tornou Teresa rindo, — não vêes que a ronda vem aí e leva para o Tronco o meu admirador?

Nesse ponto enganou-se a previsão de Teresa. A ronda veio, é certo, e o alcaide chegou a tradicional lanterna ao rosto do desconhecido, que levava a mão ao punho da espada.

— Quem é e o que faz aqui parado? — perguntou o zeloso guarda da segurança da cidade.

— Sou um homem que gosta de saborear sozinho nas ruas que escolhe os encantos do luar; portanto a senhora ronda que tenha a bondade de passear por outros sítios.

— Você insulta a justiça de el-rei? Quadrilheiros, cerca!

— Não a insulto, arrumo-lhe.

E, juntando a ação às palavras, com um redemoinho da espada, o desconhecido fez uma larga praça diante de si. Duas pranchadas aplicadas com alma num quadrilheiro, o fio cortante da catana travando conhecimento com as orelhas do alcaide, e fazendo dele um segundo Malco, a audácia e o desembaraço do valentão em breve puseram em célere fuga os pacíficos veladores pelo sossego de Lisboa.

Teresa a pouco e pouco fora abrindo a janela, e, arrastada pelo seu entusiasmo, acolhera com palmas a fuga da ronda.

— A minha recompensa agora — disse o desconhecido aproximando-se, em voz baixa.

Ana, ofendida com a insistência de Teresa, afastara-se dela e fora sentar-se junto da mesa em que se tomara o chá. Teresa portanto estava sozinha à janela.

— Recompensa! — disse a *coquette* menina. — Por espancar dois quadrilheiros! Já vejo que, em vez de ser D. Quixote, não é mais que Sancho Pança.

— Eu lhe provarei que não sou nem uma coisa nem outra — respondeu o desconhecido, — porque subo à janela e furto-lhe um beijo dos lábios motejadores.

E, sem tardar, ia fazer o que dizia, quando Teresa, sentindo passos aproximarem-se, debruçou-se, deixou cair o lenço que tinha na mão, e murmurou:

— Guarde esse lenço em memória minha, mas fuja que me perde.

E, retirando-se, fechou a janela.

— Aí está um homem — disse ela rindo às gargalhadas para Aninhas que a contemplava com frieza, — que vai devorar com beijos o lenço que eu lhe dei, e que julgará que fiquei louca por ele. E eu, se o vir amanhã, nem sequer o conheço.

— Deste-lhe o lenço? — exclamou Aninhas levantando-se indignada.

— Que remédio! Querias que ele me escalasse a janela?

— Aí está o resultado da tua culpada garridice. De concessão em concessão chegaste a dar a um desconhecido, a um ébrio, uma prova de amor que o Luís talvez nunca alcançasse de ti.

— Sabes que mais: Aninhas? — tornou Teresa franzindo o sobrolho.

— Dispensos os teus sermões, e acho que te interessas muito pelo sr. Luís Correia. Não me consta que ele te desse procuração, ou te escolhesse para advogada, E, ainda que assim fosse, eu é que não abri tribunal para estar obrigada a aturar as importunidades da advocacia.

Neste momento batiam uma forte aldrabada no portão da casa.

— Não te importunarei mais — disse Aninhas com as lágrimas nos olhos, — porque, se me não engano, aí vem o meu criado buscar-me e não voltarei decerto a incomodar-te.

— Oh! Que amiga esta! — exclamou Teresa desatando a chorar. — Que amiga esta que não me compreende nem me desculpa o gênio! Que não vê que eu gosto de rir e de brincar, mas que no fundo sou uma pobre rapariga que não desejo senão que me estimem. Não voltes cá! Não voltes cá, tu que és o meu anjo da guarda, e abandona-me ao meu estouvamento. Depois...

— Depois — acudiu Ana comovida e correspondendo aos afagos da sua amiga, — depois tu és uma doidinha que hás de acusar-me, quando não te-

rás feito outra coisa senão repelir os meus conselhos. Está bom! Está bom! Mas não nos apartemos zangadas, porque eu sou deveras tua amiga! E sobretudo, Teresinha, tem dó daquele pobre Luís que morre por ti.

— Ter dó dele! Mas eu amo-o; que mais queres tu?

— Ama-lo, seriamente?

— O mais seriamente que é possível. Não se pode amar Luís de outro modo.

— Menina Aninhas, menina Aninhas — disse a criada chegando à porta com os olhos cheios de sono, — olhe que estão ali o Francisco mais o Joaquim que a vêm buscar. A sua mãezinha diz que está com muito susto, porque diz que houve aí não sei que barulho na rua, que fugiu a ronda. Ó Pai do Céu! Eu cá não ouvi nada e mais estava a lavar a loiça, e a cozinha tem janela para a rua. Estou que não foi aqui.

— Não foi, não, Doroteia — acudiu Teresa sorrindo-se maliciosamente, — nós também não ouvimos coisa alguma, apesar de estarmos todas três acordadas, não é verdade, Doroteia?

— Ai! Eu cá por mim ainda hoje não preguei olho, e mais não é o sono que me falta, mas primeiro que tudo a obrigação.

— Está visto — respondeu Teresa rindo.

A esse tempo já Aninhas se preparava para sair, e interrompia o diálogo, perguntando:

— A sr.^a D. Maria de Jesus?

— Ai menina — acudiu Doroteia, — essa rezou as suas orações e foi-se deitar. Disse que pedissem desculpa à menina, mas que estava muito cansada.

— Fez bem, fez bem, nem eu quero incomodá-la.

E, voltando-se para Teresa e abraçando-a, Aninhas disse-lhe em voz baixa:

— Lembras-te do que prometeste? Não sejas cruel com os que te adoram.

— Tu é que lhe podias prestar um serviço — redarguiu Teresa no mesmo tom; — porque naturalmente o meu admirador está namorando a minha janela, vê-te sair, segue-te, e está o Luís livre de um rival que eu não conheço.

A vaidade iludira a gentil menina. Quando Aninhas saiu, a rua estava deserta. Havia muito que o desconhecido se ausentara. Apenas recebeu o lenço, e viu fechar a janela, o seu primeiro movimento foi ver se havia no objeto que recebera algum sinal revelador da hierarquia da dona. Apenas encontrou uma inicial T, sem coroas aristocráticas.

— Burguesa, *coquette*, sabendo francês, e dizendo como uma verdadeira artista versos de Racine! Oh! Que magnífica Pompadour se arranjava aqui! Será bom não perder a morada.

E, depois de ter olhado com atenção em torno de si, para tomar bem os sinais da habitação de Teresa, o desconhecido, já com a cabeça completamente desembaraçada dos fumos do vinho, afastou-se trauteando indiferentemente uma melodia qualquer.

V.

A partida

Não deixou o aventureiro desancador da ronda de passar por mais de uma vez pela rua onde morava Teresa, mas, devemos dizê-lo em honra da travessa enjeitada, não conseguiu nunca vê-la à janela. Ou fossem remorsos da sua imprudência, ou fosse resultado dos amigáveis conselhos de Aninhas, é certo que Teresa conservava-se recatada no fundo do seu quarto, e dominara-se a ponto de nem sequer espreitar pelos vidros, para ver se o seu desconhecido admirador lhe viera rondar a casa. Até se mostrava mais afetuosa com Luís, ouvia com atenção as suas lições, e correspondia com ternos sorrisos e meigos olhares às tímidas declarações do seu apaixonado mestre. Não tardou porém a voltar o aborrecimento que a consumia, e a sua organização ardente tornou a revoltar-se contra o viver pacato e sereno da casa em que habitava.

Um dia recebeu D. Maria de Jesus um convite para uma partida ou assembleia, como se dizia então, em casa de uma senhora das suas relações que, viúva de um comendador de Cristo, casara em segundas núpcias com um negociante, cujos medianos haveres tinham já quase todos desaparecido no vórtice das pretensões fidalgas de sua esposa. D. Mafalda Rita Pessanha de Sá não falava senão no seu marido comendador, e tratava com sobranceiro desdém o seu segundo esposo Gil Coelho, apesar da genealogia que ele encomendara a um faminto erudito, versado em ciência heráldica, e que o fizera descendente de Pero Coelho, o assassino de Inês de Castro, com a mesma facilidade com que o seu cozinheiro ensopava um dos seus homônimos da coelheira. Nem D. Maria de Jesus, nem Luís Correia de Melo

gostavam desta pretensiosa família, e tinham até remorsos de concorrer, com a sua ida à assembleia, para o aparato que Gil Coelho desenvolvia nessas solenes ocasiões, e que lhe emagrecia cada vez mais a bolsa.

Contudo Teresa instou tanto e tanto, mostrou-se tão desejosa de ir à partida, que Luís, sempre obediente aos caprichos da sua adorada Teresinha, pediu a D. Maria de Jesus que não privasse daquele divertimento a pobre menina que tão retirada vivia. D. Maria de Jesus cedeu e mandou dizer a D. Mafalda Rita que aceitava o convite.

Não tardaram as consequências. Mal tivera tempo o galego de levar a resposta, e já estava de volta com um novo bilhete. Desta vez era Gil Coelho que escrevia a Luís Correia. O negociante, que abandonara o comércio por causa das fidalgas pretensões da sua cara metade, via-se forçado agora a mandar pedir oito castiçais e a competente tesoura de velas, três dúzias de xícaras, e a vítima escolhida para o empréstimo era o nosso oficial. Sorrindo-se da loucura do pretensioso afidalgado, Luís deu ordem a Doroteia, que resmungou muito, antes de obedecer, para que arrumassem na teiga os objetos pedidos, e, apenas caiu a noite, D. Maria de Jesus, Teresinha e Luís, precedidos por um criado com archote, dirigiram-se para casa de D. Mafalda Rita, que morava na rua dos Escudeiros.

Apenas chegaram à porta, veio logo buscá-los o filho mais velho da dona da casa, moço aperaltado, cujo formidável rabicho e cuja enorme gravata atestavam a sua fiel obediência às leis da imperiosa moda. Oferecendo um dos braços a D. Maria de Jesus, outro a Teresinha, entrou com elas na sala onde já estavam reunidas bastantes pessoas. A formosura de Teresinha produziu imediatamente a impressão que ela estava habituada a causar a todos os que a viam. Logo diferentes peraltas se aproximaram para a cortejar, enquanto Gil Coelho se aproximava de Luís Correia para lhe agradecer.

— Os tempos vão maus para a gente nobre — dizia o honrado ten-deiro que fora fornecedor da casa de D. Maria de Jesus, e que apesar disso

falava com todo o desembaraço na sua ilustre prosápia, — os tempos vão maus para a gente nobre. Ora veja o sr. Luís Correia, enquanto eu me esquecia da minha nobreza, e tratava de ganhar a vida como qualquer mecânico, trazia sempre a bolsa bem fornecida. Quando pretendi honrar os meus ilustres ascendentes e viver a lei da nobreza, parece que fugiu de mim a fortuna. Ó manes de Pero Coelho!

— É singular — observou Luís Correia sorrindo; — quando o meu amigo nos fazia a fineza de nos mandar para casa o açúcar e a manteiga, nunca nos constou que tivéssemos a honra de ser fregueses do descendente de um homem a quem fora o coração arrancado pelas costas.

— É verdade! É verdade! Pois isso também descobriu-se depois — tornou Gil Coelho um tanto embaraçado. — Revolvendo uns papéis velhos lá de casa, vim a saber que Pero Coelho tivera um filho em Espanha, o qual casou com uma açafata de Isabel a Católica...

— De Isabel a Católica! Safa! Já devia ser bem velho quando tal lhe sucedeu!

— Lá a idade não vem nos pergaminhos. Teve ele um filho que veio para Portugal quando cá estiveram os espanhóis.

— Quando cá estiveram os espanhóis! O quê! No tempo dos Filipes?

— Exatamente: no tempo dos Filipes — tornou Gil Coelho imperturbável. — Mas o neto de Pero Coelho lembrou-se que era português e foi um dos que deram cabo de Miguel de Vasconcelos.

— De Miguel de Vasconcelos! — acudiu Luís Correia. — Pois, meu caro amigo e sr. Gil Coelho, uma coisa tem de notável a sua família é que em quatro passadas atravessa a história toda.

E Luís Correia, que não podia já conter uma forte vontade de rir, afastou-se de Gil Coelho para ir apertar a mão ao seu parente e amigo o poeta que havia depois de contar numa comédia, que não tem aliás grande merecimento, estes ridículos das assembleias.

— Por aqui também, Garção? — disse-lhe ele.

— Que remédio! Se recusasse o convite, havia de embarçá-los, coitados, para me pedirem emprestado um quartinho de que precisavam.

— Tristes manias de nobreza que hão de perder esta gente. E então o Gil Coelho não se contenta com o ser marido de uma mulher nobre, quer também ter ele nobreza própria.

— Meu amigo, é esse o costume; veja o Jorge Dandin de Molière.

— O nome de Molière lembra-me outro episódio não menos curioso, é que o Gil Coelho, como o M. Jourdain do *Peão fidalgo*, havia quarenta anos que...

— Fazia prosa sem o saber?

— Não, mas era fidalgo sem dar por isso.

— O que só prova uma coisa.

— Qual?

— A sua ignorância na arte da cozinha.

— Porquê?

— Porque não sabia que o coelho como é melhor é com molho de vilão.

Neste momento o dono da casa, que estava dando pasto à palestra dos dois amigos, aproximou-se deles trazendo uma carta na mão.

— Vá, sr. Garção — exclamou ele, — trata-se de jogar uma partidinha de *whist*. Eu quero que todos hoje aqui se divirtam. Há de se lançar uma cá fora. Há de haver fandango para os dançadores, e chá com doces delicados, e cravo que temos um excelente que o doutor Mascarenhas me empres... quero dizer que o doutor Mascarenhas me louvou muito, e ele é entendedor, como sabem. Vem a filha, a Mafaldita que é afilhada de minha mulher, e que canta divinamente. E logo havemos de ter motes e glosas, e então para isso é que eu não dispense o meu caro sr. Garção. Mas agora não o quero para poeta, quero-o para parceiro do *whist*, e olhe que no jogo há plena liberdade. Pode-se ralar, gritar, desconfiar, tudo em boa paz, é claro. *Allons, allons*, viva a joia!

— Dispense-me por enquanto, e, se faltar parceiro, cá estou ao seu dispor — tornou Garção.

— Bem! Bem! Não quero violentar pessoa alguma. Ao sr. Luís Correia não ofereço carta, porque esse já eu sei que não joga. Nada! Aqui não há etiquetas. *Allons, allons*, conversem e viva a joia!

— Quem é esta joia a quem ele dá tantos vivas? — perguntou Luís Correia rindo, quando o dono da casa se afastou.

— O quê! Pois não percebeu?

— Eu não. Como queria que percebesse?

— Então o sr. Gil Coelho, que é homem da moda, e que sabe que é indispensável a um fidalgo, que dá partidas, saber dois dedos de francês, arranha também na língua de Molière, e diz *Allons* que não sabe o que é, e *vive la joie* que ele imagina ingenuamente que significa: Viva a joia.

Ainda Luís Correia se ria do francês do anfitrião, quando houve grande rumor na sala. Entrava o doutor Mascarenhas, e sua filha a sr.^a D. Mafalda, a filha da muito alta e muito poderosa dama D. Mafalda Rita, descendente em linha reta do celebre Manuel Pezagno, chamado de Gênova a Portugal pelo sr. rei D. Dinis, a qual poderosa dama se dignara ser madrinha da filha de um burguês, porque esse burguês matara de graça o comendador de Cristo, que tivera o duplo infortúnio de ser marido de D. Mafalda Rita e cliente do dr. Mascarenhas.

Estas informações eram dadas a Luís Correia pelo seu parente Garção, já mais conhecedor da casa; enquanto os dois visitantes assim conversavam, entrava em cena um novo personagem, que chamou imediatamente a atenção de Luís Correia.

Era um homem em plena flor de mocidade, porque não podia contar mais de vinte e cinco ou vinte seis anos, mas via-se que já abusara da vida, porque os excessos tinham-lhe deixado na fronte o seu estigma indelével. Os olhos negros estavam contudo cheios de luz, e revelavam uma inteligência viva, mas havia nos seus lábios firmes, reveladores de

uma vontade enérgica e decidida, um sorriso sarcástico e cruel que dava à sua fisionomia uma expressão profundamente antipática. Outras vezes, porém, o olhar, ameigando-se, iluminava o seu rosto moreno com viva luz, e dava-lhe um irresistível encanto. Era incontestavelmente um homem perigoso.

Passando junto de Garção, este cumprimentou-o, chamando-lhe D. Carlos.

Entre o poeta e o recém-chegado trocaram-se algumas palavras banais, o que deu lugar a que Luís Correia notasse que o tal Carlos tinha uma acentuada pronúncia espanhola.

D. Carlos afastou-se daí a um instante depois de ter lançado a Luís Correia um olhar perscrutador e de ter trocado com ele um frio cumprimento.

— Quem é este homem? — perguntou Luís Correia a Garção.

— Meu amigo — tornou o poeta, — acaba de me fazer uma pergunta que certamente entraria no rol das que a Esfinge dirigiria a Édipo, se, em vez de viver em Tebas, vivesse em Lisboa no século XVIII. Quem é este homem? Mistério. É D. Carlos, D. Carlos de Mendoza, a quem eu antes chamaria D. Carlos de Alfarache, porque o julgo mais parente do Guzman do romance picaresco do que dos Hurtados de Mendoza, de quem se preza de descender. É certo que vive em Lisboa, à larga, das suas rendas, diz ele. Joga forte, aparece em toda a parte, tem uns grandes ares de senhoria, visita o ministro de Espanha, dá-se bem com o núncio, e, o que é ainda mais notável, é bem acolhido em S. Roque e em Santo Antão, e não o põem fora de casa de Sebastião de Carvalho. Enquanto a mim está ali simplesmente um industrioso explorador das algibeiras do próximo, se não mais alguma coisa; mas devo confessar ao mesmo tempo, que, se a minha opinião não é errada, poucas vezes se reuniram em homens de esfera tão desprezível tão raras e tão altas faculdades. Parece que viajou muito, e que foi assim que o seu espírito inteligente reuniu um grande cabedal, porque, ao passo

que mostra um conhecimento profundo das literaturas modernas, principalmente da francesa, não pode ocultar a sua ignorância em tudo o que respeita a letras clássicas. Sabe de cor Boileau e Racine, mas não é capaz de entender um hemistíquio de Virgílio. Aqui tem, meu caro Luís, o que eu lhe posso dizer a respeito do sr. D. Carlos de Mendoza, que está agora mesmo, ao que vejo, cumprimentando a sua Teresinha.

Efetivamente D. Carlos de Mendoza, depois de ter apertado a mão a Gil Coelho e aos filhos da casa, dirigiu-se à sr.^a D. Mafalda Rita, que conversava com D. Maria de Jesus, e fez-lhe um cumprimento amabilíssimo e requintado. D. Mafalda apresentou logo o recém-chegado à mãe de Luís Correia, e por conseguinte a Teresinha que estava junto dela. Ao vê-lo, Teresa estremeceu; não lhe era desconhecida aquela audaciosa fisionomia. D. Carlos sentou-se ao pé das senhoras, e encetou com elas uma conversação que não podia deixar de agradar à piedosa D. Maria de Jesus. As suas viagens tinham-no levado a Roma e dentro em pouco, por uma série de hábeis transições, D. Carlos narrava a sua visita ao Vaticano, e cativava D. Maria de Jesus com a descrição dos devotos santuários que vira na capital do cristianismo. Enquanto conversava com D. Maria de Jesus, Teresa sentia-se invencivelmente atraída para ele, e tanto que mal dava atenção à Mafaldinha de Mascarenhas, que a atormentava com frívolas perguntas. Mas esteve quase a soltar um grito, quando D. Carlos, por um movimento natural, tirou um lenço para se abanar, porque havia calor na sala, e, desdobrando-o, deixou ver a Teresa uma inicial bordada numa das pontas e que não era outra senão um T. Teresa tinha diante de si o desconhecido de uma das noites antecedentes, o homem com quem ela tão imprudentemente *coqueteara*.

Garção notara, como vimos, que D. Carlos se dirigira a Teresinha, e Luís Correia não gostara, depois do que acabara de ouvir, de que ele se introduzisse na intimidade da sua família. Não havia contudo motivo para fazer um escândalo, e Luís não pôde impedir que D. Carlos, depois de con-

versar largo tempo com D. Maria de Jesus, tirasse com toda a gravidade Teresa para seu par, numa dessas danças inglesas que principiavam a introduzir-se em Portugal, e que, sendo na sua pátria primitivamente danças de campo *country-dance*, a pouco e pouco passaram a ter entrada especial nos mais nobres salões.

Teresa porém é que ia como que arrastada e trêmula pelo braço do seu par. D. Carlos exercia positivamente sobre ela uma estranha fascinação. Quisera primeiro resistir, e alegara que não tinha o mínimo conhecimento dessas danças estrangeiras, mas D. Carlos insistira tão amavelmente, de tal modo afirmara que estavam no mesmo caso as outras damas, e que ele seria seu mestre, que D. Maria de Jesus, cada vez mais enlevada nos modos suaves de D. Carlos, foi a primeira a insistir com a afilhada para que acedesse ao convite do elegante moço.

— Os momentos são curtos — disse-lhe ele no primeiro instante que lhe deixaram livre as figuras da dança, — e quero aproveitá-los todos. Amo-a desde essa noite em que a ouvi declamar versos de Racine com tão pura voz e tão apaixonada expressão. Guardo o seu lenço preciosamente em memória sua, como me disse. Não sei se me tem amor ou não, sei que há de forçosamente amar-me.

— Ora essa! — acudiu Teresa que depressa recuperara a sua habitual desenvoltura. — Quer ter a bondade de me dizer porquê?

— Porque os nossos olhos compreenderam-se depressa, porque, por mais que desejemos ocultar os nossos verdadeiros sentimentos, eles não de sempre manifestar-se mutuamente. Pode baixar os olhos com toda a modéstia, pode afetar por moda a denguice dessas donzelinhas párvoas que a rodeiam, não me ilude, da mesma forma que eu não consigo iludi-la, ainda que fale por duas horas, com os modos mais compungidos, em Nossa Senhora do Monte do Carmo e nos bentinhos do Padre-Santo.

— Mas — exclamou Teresa que não sabia se devia ofender-se, se lisonjear-se com tão estranha declaração, — o que supõe que eu sou?

— Uma mulher superior.

Nos olhos de Teresa brilhou um relâmpago de triunfo.

— Engana-se — tornou ela apagando rapidamente essa expressão que lhe fulgira no olhar e dando à voz um tom de profunda tristeza, — sou pelo contrário inferior a todas as meninas que me rodeiam, porque elas... conhecem seus pais, e eu sou... enfeitada.

— Já o sabia! — tornou D. Carlos. — E isso ainda mais me impelia a adorá-la. Enfeitada! O que quer dizer essa palavra? Quer dizer: filha do amor e do mistério. E assim já entrou no mundo com a fronte aureolada de um nimbo de poesia, que não fez senão condensar-se cada vez mais em torno de sua formosa cabeça. Enfeitada? Quem sabe? Filha talvez de uma aventura régia, e com certeza nascida não de uma ligação banal e estúpida, mas pelo menos de uma hora de radioso capricho. Será isso o que dá ao seu talento esse caráter apaixonado e ideal, que a coloca tanto acima de todas essas burguesas recitadoras de versos, e até mesmo de todas essas pírias atrizes que vão para aí arrulhar nesses miseráveis tablados as insulsas redondilhas das comédias espanholas. Será isso talvez que dá também à sua formosura esse caráter estranho e fascinador, que a transforma não só num sol que ilumina, mas num sol que devora e queima. E eu sinto-me abrasado pelos seus raios, arrastado na órbita da sua indefinível atração. Declaro-lhe desde já que, se não aceita o meu amor, faço mil loucuras para a possuir, que a vou arrancar, à luz do dia, à casa burguesa em que se refugiou, que deito fogo ao bairro em que mora para fugir levando-a comigo por entre as chamas, que devem acariciar-nos sem nos tocar, porque nós ambos temos a organização das salamandras, que no fogo vivem, no fogo amam, e no fogo morrem.

— Não seria a primeira vez que me salvariam de um incêndio — murmurou Teresa meio sorrindo, meio suspirando.

— Ah! Bem sei, alude ao facto de ter sido salva do hospital de Todos os Santos, pelo sr. Luís Correia. Oh! Mas esse não sei como não apagou o

incêndio, só de ter-se metido por entre as labaredas. O sr. Luís Correia é um pedaço de gelo escocês que por milagre apareceu nas margens do Tejo, e que o sol peninsular, se cumprisse o seu dever, teria derretido na hora do seu nascimento.

Teresa desatou a rir. Ao mesmo tempo findava a dança e D. Carlos tinha de a abandonar.

— Uma última palavra — disse ele com voz apaixonada, — mas note que tem de me responder categoricamente, porque o tempo urge. Amanhã à meia-noite estou debaixo das suas janelas. Espera-me?

— Talvez — redarguiu ela com voz sumida.

Sentou-se. D. Carlos cortejou-a respeitosamente, e foi juntar-se a um grupo, em que figuravam o filho mais velho da dona da casa, Jorge Pessanha, e o doutor Mascarenhas.

O doutor era quem falava, e, como ele tinha fama de engraçado, riam-se todos às gargalhadas.

— Esta enfermidade, meus senhores — dizia o doutor, — ataca a geração moderna, e consiste na lignificação dos cabelos, que se grudam, embaraçam a excreção cutânea, estagnam os humores, coagulam-nos nas glândulas seriferárias, e trazem consigo a morte. Ali o sr. Jorge tem já os sintomas dessa terrível doença.

— Eu, doutor? — exclamou o interpelado com espanto, enquanto os outros se riam sem saberem de quê, mas entendendo que o doutor estava a zombar.

— Tal qual! O peso da moleira já lhe produziu o enfraquecimento dos olhos, que o obriga a usar a luneta de um vidro, que o transforma em Polifemo de nova espécie.

— Mas a minha luneta?...

— Usa-a porque lhe é necessária?

— Decerto.

— Logo tem a vista fraca?

— Sem dúvida.

— O que lhe produziu essa fraqueza? Investiguemos, e acharemos logo a doença terrível, que o há de conduzir aos umbrais da sepultura.

Os circunstantes já se não riam, e olhavam embasbacados para o doutor, ao passo que Jorge Pessanha começava a nutrir sérias apreensões, quando D. Carlos, entrando na conversação, exclamou rindo:

— Está pregando a surdos, doutor. Por mais que critique a moda dos enormes rabichos, e das lunetas, o Jorge Pessanha e os seus consócios hão de continuar a usá-las, e nem ao menos compreenderão os epigramas.

O doutor desatou a rir, e, dando o braço a D. Carlos, começou a passear com ele na sala, enquanto os seus ouvintes, magoados pela zombaria de que tinham sido vítimas, se dispersavam, para saltarem no chá e nos doces que já principiavam a servir-se.

Depois do chá vieram os versos. Houve motes e glosas, e para isso, como era natural, procurou-se Garção, mas este esquivara-se prudentemente, deixando o campo livre aos poetastros.

D. Maria de Jesus, seu filho e sua afilhada, retiraram-se também, apesar das instâncias de Gil Coelho, e da sua aristocrática metade, a sr.^a D. Mafalda Rita, viúva de um comendador de Cristo. Antes de se despedir, D. Maria de Jesus ouviu mais uma vez os protestos de respeitosa dedicação que lhe foram feitos pelo sr. D. Carlos de Mendoza, e concedeu-lhe graciosamente a licença que ele solicitava para ir cumprimentá-la a sua casa, o que não impediu que Luís correspondesse com um cumprimento gelado à cortesia cheia de amabilidade que D. Carlos lhe dirigiu.

Nessa mesma noite Luís teve com sua mãe uma pequena conferência, e no dia seguinte, quando o esbelto D. Carlos de Mendoza bateu à porta da casa de D. Maria de Jesus Correia de Faria e Melo, a criada respondeu-lhe secamente que tinham todos saído.

Ouvindo o que se passara, Teresa, que estava costurando, ergueu a cabeça, e perguntou:

— Não quer receber aquele sujeito, que tanto lhe agradou na partida de D. Maçalda, madrinha?

— Não, menina.

— Foi o Luís que teve escrúpulos? — tornou Teresa com um tom levemente irônico.

— Foi o Luís que soube que esse viajante, que visitou o Vaticano, não era mais do que um valdevinos, perdido de vícios, sem meios conhecidos de existência, e incapaz de ser recebido em casa de senhoras honestas, redarguiu D. Maria de Jesus um pouco severamente.

— Ah! — disse Teresa com mostras de indiferença.

E continuou a costurar.

Nessa noite porém, à meia-noite em ponto, quando já todos dormiam em casa de D. Maria de Jesus, abria-se primeiro a gelosia, depois a vidraça do quarto de Teresinha, e aparecia o vulto da gentil menina, que, debruçando-se do peitoril, encetava uma longa e animada conversação com um vulto masculino, que na rua esperava, havia meia hora, que a janela se abrisse.

Se não fosse o incidente dessa manhã, talvez a janela se conservasse severamente fechada, mas Teresa tinha uma destas organizações indomáveis que a contradição irrita, e que se lançam no abismo exatamente quando sentem que alguém as quer sustar à beira do precipício.

Era a fatalidade que operava.

VI.

A fuga

Passaram os dias e D. Carlos nunca mais insistiu em vir procurar D. Maria de Jesus; mas, se a porta se conservava para ele cerrada despidosamente, a janela do quarto de Teresa é que todas as noites se abria às mesmas horas, e todas as noites vinha D. Carlos enlouquecer a leviana menina com o ardor das suas palavras, com a audácia do seu amor.

Ninguém tinha a mais leve suspeita de semelhantes relações. À meia-noite dormia a própria curiosidade das vizinhas. O quarto de Luís ficava para as traseiras da casa, de forma que, ainda que o moço oficial velasse, lendo ou pensando, até tarde, nem por isso dava fé do que se passava entre a rua e a janela de Teresinha.

Prolongou-se esta situação durante alguns meses. Uma noite, nos fins de agosto, achava-se reunida toda a família no jardim da casa. Aninhas e sua mãe, esposa de um modesto negociante da praça de Lisboa, tinham vindo tomar o fresco para o quintal da sua vizinha e amiga, D. Maria de Jesus. A noite estava lindíssima, no céu brilhava a Lua cheia com um esplendor imaculado, e recortava caprichosamente, no chão das ruas areadas, a sombra dos caramanchões. Um leve sopro da aragem baloiçava as folhas dos arvoredos. Ao fundo do quintal, as janelas, abertas e iluminadas, da casa de habitação, alegravam com a sua luz risonha a frontaria onde se espriava a melancólica faixa do pálido luar. Sentadas num banco de pedra, D. Maria e D. Josefa, a mãe de Aninhas, conversavam uma nos negócios do seu homem e na lida da casa, outra nos arranjos da sua econômica viuvez, e nos merecimentos do seu filho estremecido. Aninhas e

Teresa palestravam para outro lado, mas a palestra esfriara. Teresa estava visivelmente preocupada, e Aninhas, percebendo isso, já por mais de uma vez metera alguma observação sua na conversação das mããs, a fim de derivar para esse lado a sua atenção, e deixar Teresinha entregue aos seus pensamentos. Luís passeava, com as mãos atrás das costas, numa das ruas do jardim, e de vez em quando apanhava das roseiras alguma dessas flores purpúreas, símbolo de saudade, apesar da sua opulência garrida, porque são, afinal de contas, as últimas rosas do verão, *the last roses of the summer*, como diz a suave canção escocesa, que o maestro Flotow tomou para tema da sua encantadora *Martha*.

Por mais de uma vez se aproximara do grupo das meninas, como se pretendesse dizer alguma coisa, e sempre, depois de breve hesitação, voltara ao seu passeio interrompido.

Num momento porém em que se chegava a Teresinha, pareceu-lhe ouvir um flébil suspiro. Olhou para ela e viu que, absorta nos seus pensamentos, e com os olhos fitos na Lua, já nem dava atenção a Aninhas, que também, pela sua parte, parecia toda embevecida em escutar a conversação das senhoras mais velhas.

— Suspirou, Teresinha? — disse ele em voz mansíssima.

— Suspirei? — tornou Teresa. — Não; ou se o fiz, foi inconscientemente.

— Inconscientemente sim, não duvido — acudiu Luís, — porque em noites destas, com este luar tão claro, e com este silêncio tão melancólico, o suspiro exala-se involuntariamente dos lábios, como a expressão das aspirações da nossa alma para o infinito e para a felicidade.

— Para a felicidade? — murmurou Teresa. — E onde estará ela?

— Onde? — tornou Luís com fogo. — Aqui, Teresinha, aqui neste plácido asilo, nesta bem-aventurada serenidade. Ah! Teresa, há pouco, passeando aí nessas ruas em que se espraia o luar, acariciava eu loucamente não sei que vagos sonhos de ventura. Pensei que me seria doce viver aqui

ao seu lado, ao lado de minha mãe, entre estas flores, estes aromas, estas claridades suaves do luar! Viver e morrer aqui! É o mais doce devaneio que um homem pode conceber. A ambição, a glória, os esplendores do mundo podem ter desconhecidos encantos. Eu a tudo prefiro a felicidade do lar doméstico, se uma mulher amada... adorada mo quiser tornar suave e risonho.

Teresa calou-se. O seu olhar vago cravava-se na Lua, e parecia perguntar-lhe o que havia de responder àquelas frases apaixonadas.

— Nada me diz, Teresinha? — perguntou Luís docemente, mas com uma vaga inflexão de tristeza.

— Que lhe hei de eu dizer, meu amigo? — tornou a interpelada. — As suas palavras denunciavam-me que se está enganando a si mesmo, e que a bondade inexcedível do seu coração o leva a querer disfarçar o sacrifício que se impõe. Vê-me órfã, enjeitada, fulminada por um estigma que todos sabem que pesa eternamente sobre a fronte do desgraçado, que veio ao mundo trazendo consigo essa inexorável fatalidade. Oferece-me a sua mão, como já por mais de uma vez me tem declarado o seu amor. Para disfarçar a sua generosidade, diz-me que prefere a tudo o sossego do lar doméstico, a ventura da família. Mas essas felicidades não são incompatíveis com os esplendores da vida. Pode aspirar a muito mais, Luís. O seu nascimento, as suas qualidades pessoais habilitam-no a exigir mais na mulher a quem der a mão de esposo do que o simples e desacompanhado nome de batismo, uns certos dotes de beleza, se por acaso a possuiu, e umas prendas de espírito que são também obra sua. Hoje tudo isso lhe parece corrente e simples, porque está no pleno entusiasmo do sacrifício, mas virá um dia em que lamentará ter trocado a posição brilhante a que tinha direito de aspirar pelo insignificante preço da minha gratidão.

— Teresa — exclamou Luís com fogo, mas em voz baixa, — não quis interrompê-la, porque não desejei que supusesse que trato este assunto irrefletidamente. Agora dir-lhe-ei, pois, com toda a serenidade, com a

consciência clara do que faço, que não há neste mundo para mim riquezas, glórias, triunfos que valham o seu amor. Que quer, Teresinha? Desde o momento em que a tomei nos braços naquele horrível 10 de agosto, entre as ruínas abrasadas do hospital, senti que a minha alma ficara cativa da pobre menina que se enroscara a mim como à última esperança de salvação. Depois, vendo desabrochar aqui a sua inteligência, fui-me prendendo cada vez mais, e percebi que o Senhor me fizera encontrar ao meu lado, ao alcance da minha mão, o ideal da minha vida.

— E sua mãe, Luís? — balbuciou Teresa, que não sabia o que respondesse.

— Minha mãe só quer a minha ventura, e minha mãe estima-a de veras, Teresa.

— Mas, se o Luís não tem ambições, decerto as tem ela por si, ambições legítimas, santas ambições de mãe.

— Pois não a conhece, Teresinha? — tornou Luís. — Não sabe que ela tem em mais conta a felicidade da família do que todos os esplendores do mundo?

Teresa abaixou os olhos e suspirou.

— Diga-me, Teresinha — insistiu Luís, — se as suas aspirações se ligam com as minhas, se deseja deveras unir à minha sorte a sua?

— Pois quer que eu lhe responda, assim... de súbito... aqui?

— E por que não? Teresa, nestas noites luminosas parece que vemos através da transparência do céu a face radiante de Deus, ouvimos aqui a voz suave de minha mãe, que é o que há na Terra mais santo e mais respeitável. Jura-me, pois, que atenderá ao meu pedido e me concederá, como eu com tanto ardor lhe rogo a sua mão de esposa?

A voz de Luís era meiga e suplicante. Teresa olhou para ele um momento em silêncio; olhou para sua madrinha, cuja fronte límpida anunciava a tranquilidade da existência, poisou os olhos nesse jardim, que rescendia suavíssimos aromas, onde se baloiçavam ao sopro tranquilo

da viração as flores mimosas, em cuja corola entreaberta dormia o placidíssimo luar. Depois relanceou os olhos para essa velha casa, também iluminada pela lua, e em cujos recessos íntimos residiam, porque assim o digamos, a paz e a virtude. Um ideal, que até aí desprezara sempre, pairou em torno dela, e houve um momento em que esteve quase a ceder às suas doces tentações, aos seus modestos encantos. A sua mão apertou ligeiramente as mãos trêmulas de Luís... mas de súbito os olhos fulguraram-lhe acesos com brilho desusado, alguma imagem fatal lhe passou por diante da mente, para a arrojá-la, com a sua voz de sereia, ao mar das tempestades. É certo que a expressão dos seus olhos já não era a mesma quando respondeu a Luís:

— Não tenho pai nem mãe, mas a sr.^a D. Maria de Jesus dispõe de mim a seu bel-prazer. A sua vontade será a minha. E, por maior que seja a minha obediência, nunca poderá pagar a dívida do meu reconhecimento.

— Não lhe quero cativar a vontade com as suas obrigações de gratidão, Teresa. Quero que obedeça a minha mãe com ânimo jubiloso.

— Com ânimo jubiloso lhe obedecerei — respondeu Teresa com voz fraca.

Ainda não sabia mentir. Luís, porém, é que era fácil de enganar, como todos os homens sinceramente enamorados.

Levou a mão de Teresa aos lábios, e afastou-se lentamente. Queria saborear, em íntimo recolhimento, a sua felicidade.

— Sê feliz, Teresa — disse ao lado desta uma voz meiga e trêmula.

Teresa ergueu a fronte e viu Aninhas, que se inclinava para ela com um sorriso nos lábios, sorriso que pessoa menos preocupada devia julgar dilacerante.

— Feliz! — respondeu Teresa com voz áspera e sarcástica. — A felicidade não se vende como a roupa dos adelos, já cortada e feita; cada qual tem de a fabricar para si mesma se quiser que se lhe ajuste ao corpo.

— Que queres tu dizer? — perguntou Aninhas com espanto.

— Quero dizer — respondeu Teresa, que percebera a imprudência das suas palavras, — que o meu casamento com Luís não se há de realizar se não quando eu tiver a consciência de que serei feliz com ele.

— Ainda o não percebeste? — redarguiu Aninhas. — Julgava-te mais perspicaz!

— E não sou tão pouco perspicaz como isso — acudiu Teresa rindo. — Ainda sei perceber ao menos que, se Luís não casar comigo, nem por isso precisará de ir muito longe para encontrar noiva.

— Juro-te, menina... — balbuciou Aninhas toda corada e perturbada.

— Eu não proferi nomes, Aninhas — redarguiu Teresa com fingida ingenuidade. — Não sei por que te defendes.

E, levantando-se logo, sem dar tempo à sua perturbada amiga para que respondesse, aproximou-se de D. Maria de Jesus, e disse-lhe gentilmente, beijando-a na testa:

— Dá-me licença que me recolha ao meu quarto, madrinha? Estou já sentindo frio.

— Vamos todos para dentro, Teresa — redarguiu a mãe de Luís. — É que efetivamente vai-se levantando vento, e no verão as constipações vêm mais facilmente que no inverno, e custam mais a ir-se embora.

— É verdade — confirmou a sua velha amiga. — Ainda ontem...

Seguiu-se uma longa história de constipação desprezada que Teresa já não ouvia. Ligeira como uma sílfide, dirigiu-se para casa, e, passando junto de Luís, que passeava numa das alamedas, teve a crueldade de lhe poisar a mão no ombro, murmurando:

— De quem é o mote?

— O mote? — tornou Luís, olhando para ela com risonho espanto.

— Sim? Não anda fazendo versos?

— Ando acariciando sonhos, Teresa.

— Sonhe, sonhe, poeta, o luar criou-se para os sonhos, mas depois do luar vem o sol que é a realidade.

— Se a realidade não for como eu a desejo, nunca me desamparem os sonhos, e só me abandone o luar, quando eu entrar na escuridão da campa.

— Melhor o há de fazer Deus, senhor tenente — disse Teresa com meiga inflexão de voz, batendo de novo com a sua alva mãozinha no ombro do oficial.

E eclipsou-se, deixando ficar Luís enlevado.

Por que tivera Teresa aquela recrudescência de amabilidade? Porque Aninhas a contemplava de longe, e ela sentia um cruel prazer em derrubar com a sua leve mãozinha os castelos fantásticos, que a pobre menina começara talvez a construir com as suas últimas palavras.

Havia instintos maus naquela alma contraditória e inquieta.

.....

No dia seguinte pela manhã Luís e sua mãe esperavam Teresa para almoçar. Era já tarde para os usos do tempo, e Teresa não aparecia. D. Maria de Jesus começou a assustar-se.

— Doroteia — disse ela para a criada, — a menina ainda se não levantaria?

— Não sei, minha senhora — tornou a velha criada, — mas parece-me que sim. A porta do quarto está fechada, mas lá dentro há claridade, e até iria jurar que estão abertas as janelas de fora.

— Levantou-se tarde provavelmente, e está-se arranjando — acudiu Luís que levava a noite mal dormida, e que acariciava a doce esperança de que as mesmas causas que o tinham conservado desperto haveriam obrigado também Teresa a prolongar a sua vigília.

— Bem! — disse D. Maria de Jesus. — Pois nesse caso, Doroteia, bata-lhe à porta, e diga-lhe que não esteja agora com apuros de toucador, porque eu e o Luís já a esperamos há muito.

Doroteia foi, e daí a instantes tornou com uma cara muito espantada, dizendo que a menina não respondia, e que a porta estava fechada por dentro.

— Ora essa! — exclamou D. Maria de Jesus.

— Eu vou ver o que é — disse Luís fazendo-se pálido.

— Vou eu, filho...

— Mas minha mãe.... — tornou Luís com modo suplicante.

— Acompanhas-me para arrombar a porta, mas pode ser necessário que não entres.

Chegaram à porta do quarto de Teresa. Maria de Jesus bateu uma, duas, três vezes, sempre com mais força. Silêncio absoluto.

Então Luís, muito pálido, com os dentes cerrados, exclamou:

— Minha mãe, sucedeu aqui por força alguma grande desgraça. Sou homem, sou militar, estou costumado aos mais terríveis espetáculos. Reclamo o horroroso privilégio de ser o primeiro a conhecer a verdade, por mais triste que ela seja. Vou arrombar a porta. Retire-se por um instante, minha mãe.

— Não, Luís — respondeu com firmeza D. Maria de Jesus, — tenho também a suficiente força de alma para estes lances, e, enquanto eu for viva, não consentirei que entre antes de mim um homem no quarto de uma menina solteira.

Luís curvou-se em sinal de obediência, e disse simplesmente:

— Dê-me então as suas ordens, minha mãe.

— Arromba essa porta, meu filho, e afasta-te por um instante.

Com um vigoroso pontapé Luís arrombou a porta, e desviou-se apesar de sentir o sangue todo afluír-lhe ao coração.

— Cá não está pessoa alguma — disse D. Maria de Jesus, apenas relanceou os olhos pelo quarto. — Entra, Luís.

Luís entrou com o coração a bater-lhe precipitadamente no peito, e viu o quarto completamente deserto. A cama indicava que Teresa se não deitara. Na janela, aberta de par em par, não havia sinais de arrombamento. Os objetos pertencentes a Teresa tinham desaparecido todos.

— Teresa fugiu! — disse D. Maria de Jesus com voz grave e triste. — Fugiu! — repetiu Luís maquinalmente.

— Fugiu! — tornou ele com uma inflexão de profunda incredulidade na voz. — Impossível. Fugiu de quem? Fugiu para onde?

— Não sei — respondeu sua mãe, — mas aqui está uma carta, que nos há de dar decerto alguns esclarecimentos.

Pegou num papel que estava em cima da mesa, com o sobrescrito: “Ilma. sr.^a D. Maria de Jesus Correia de Faria e Melo”, abriu-o e leu em voz alta o seguinte:

“Minha madrinha

Saio pela janela com o homem a quem fecharam a porta de sua casa. Desejaria sair honradamente, claramente, mas eu nem podia forçá-los a receberem as pessoas que repeliam, nem podia fugir ao meu destino. Perdoe-me. Neste momento, em que tomo sem hesitar uma resolução tremenda, a única coisa que me punge é a ideia de que vou talvez dar um desgosto aos meus benfeitores. Pela primeira vez na minha vida sinto íntimo júbilo de ser uma pobre criatura desamparada, que não tem um nome de família para desonrar. Pela primeira vez folgo de que a santa senhora, que me serviu de mãe, não o seja na realidade. Posso dar-lhe mágoa, mas não lhe lego vergonha.

Mágoa? Mágoa tenho-a eu e bem profunda. As saudades desta casa não de me seguir para toda a parte aonde eu vá, e agora mesmo que saio daqui, por minha livre vontade, para acompanhar o homem a quem entreguei o coração, não posso reprimir as lágrimas que me escaldam os olhos, e que me caem, baga a baga, sobre o papel. Eu sou uma desgraçada, minha querida madrinha. Hei de sê-lo sempre. Mas que quer? Não fui eu que fiz este meu gênio volúvel, não fui eu que colaborei na fatalidade do meu destino. Sei que vou ser infeliz, pressinto-o, e contudo percebo que mão oculta me impele. O porto é este, este que deixo, e onde ainda hoje tive como que a intuição de que me esperava a felicidade emboscada nesses roseirais do jardim tão docemente banhados pelo luar. Mas eu nasci para as tempestades, e quer as domine, quer seja ludíbrico delas, uma fatalidade irremissível me obriga a arrojá-me ao seu seio.

Não tenham pena de mim, não tenham que eu não mereço as lágrimas que os seus olhos chorarem. Nesse ninho de pombas educaram, sem o saber, um milhafre; nem eu posso fugir aos meus instintos, nem podiam também aqui satisfazê-los, nem sequer compreendê-los.

Diga ao Luís que o estimo quanto se pode estimar um homem que se não ama. Não podia porém amá-lo. Foi ele que o não quis entender assim. Eu tinha por ele um respeito, uma veneração incompatíveis com o amor. Ah! Mas pode acreditá-lo: Se na vida em que me vou lançar alguma coisa pode ainda consolar-me, encher-me de orgulho, exaltar-me aos meus próprios olhos, é o pensamento de que, indigna como sou, pude todavia um momento inspirar sincero amor a tão grande e tão nobre alma.

Levo dessa casa, como última esmola, os objetos do meu uso. Devo-lhes tudo: a vida a Luís, que me salvou daquele horrroso incêndio... e por que me não deixou ele morrer então? O saber, o sustento, o carinho. Eu pago-lhes com esta ingratidão tão negra! Ah! Se pudesse provar-lhes que não sou ingrata, que desejaria mostrar-lhes, sendo sua serva, sua escrava, que não esqueço os benefícios que recebi!... Mas o que não posso sacrificar-lhes é a independência dos meus instintos, o meu selvagem desejo de respirar a plenos pulmões o ar tempestuoso do mundo. O que não posso é ser sua filha, minha querida madrinha, sua esposa, Luís!

Peça à Doroteia que me perdoe as irritações do meu mau gênio, os incômodos que tantas vezes dei à boa mulher. Perdoe-me também, minha boa madrinha, e lance-me pela última vez a sua bênção. Sou indigna dela, bem sei, mas Jesus ordena que se abençoem os bons e os maus, porque a bênção, que se lança aos que dela são indignos, volta para os que abençoam. Perdoe-me o Luís, perdoe-me o mal que eu correspondi ao seu nobre afeto, e creia que sentirei um verdadeiro júbilo, quando souber que uniu a sua sorte à de alguma santa menina, bem digna dele, e capaz de compreender os tesouros que se encerram na sua nobre alma. Esse anjo tem-no talvez junto de si!...

Adeus, todos, todos os que me foram caros. As lágrimas sufocam-me. Adeus! À noite quando, reunidos no oratório, rezarem, na placidez sagrada do seu lar doméstico, pelos infelizes, por todos os que andam sobre as águas do mar, rezem também, almas piedosas e santas, rezem também por esta desgraçada que vai afrontar... Deus sabe que tempestades.

Beijo, humildemente ajoelhada a seus pés, a fímbria do seu vestido.

Perdão, minha adorada madrinha, perdão e adeus!

TERESA.”

Quando D. Maria de Jesus acabou de ler a carta com a voz embargada pelos soluços, choravam todos. Doroteia, escondida a um canto do quarto, limpava os olhos com o avental, e murmurava:

— Coitadinha da pobre menina! Também se lembrou de mim.

Luís, pálido e convulso, mordida os beiços brancos para não irromper numa torrente de pranto.

D. Maria de Jesus de balde procurava reprimir os soluços.

— Então! — dizia ela afetando firmeza. — Acabou-se. É mais uma ingrata. Foi uma víbora que aquecemos no seio. Que se lhe há de fazer? Também, assim como assim, ela não era nossa filha. E não foi nossa a culpa. Tinha aqui tudo quanto lhe era necessário. Nunca lhe faltou coisa alguma, não é verdade, Doroteia?

— Ah! Decerto, minha senhora. Ela aqui tinha o seu comerzinho, o seu bom fato... a sua caminha fofoa que ela ali está que se pode ver...

— E muito amor, sobretudo, Doroteia — interrompeu D. Maria de Jesus, — muito amor de todos nós que lhe queríamos como às meninas dos nossos olhos... Então! Paciência! Nunca teve aqui maus exemplos! E desprezou o amor de um homem de bem, para seguir... eu sei lá... algum valdevinos...

— Coitadinha! — tornou a criada. — Deus queira ao menos que ela não passe fome.

— Antes passe fome, Doroteia, antes do que tenha banquetes onde coma com ela à mesa, em baixela de ouro, a desonra... Então, Luís, vamos!

Coragem! Era indigna de ti, filho, bem vês! Foi Deus que nos salvou, que nos abriu os olhos enquanto era ainda tempo.

— Se ela fosse ser feliz ao menos, minha mãe, resignava-me eu, mas....

— Mas vai ser desgraçada, vai, ela bem o diz coitadinha, nem se pode ser feliz quando se perde o temor de Deus. Que se lhe há de fazer agora? Rezemos por ela, filho!

E a boa senhora, ajoelhando lavada em lágrimas, começou a rezar, imitada logo pela Doroteia, enquanto Luís, em pé e encostado ao leito de Teresa, desafogava enfim em lágrimas a dor que o oprimia.

Então Maria de Jesus, aproximando-se, e encostando a cabeça dele ao seu peito, como se fosse ainda a criancinha, cujos prantos infantis ela assim conseguia estancar, murmurou:

— Filho! Então! É este o primeiro desengano da tua vida? é o primeiro espinho que encontras? Ah! Quem me dera que fosse o único! Meu santo filho, consola-te. A paixão há de se te esvaír, porque não se pode conservar por muito tempo, quando se reconhece que é indigna dela a mulher que a inspirava. Agora tens ainda o peito de tua mãe para nele verteres as tuas lágrimas, tens ainda os meus beijos para tas enxugarem, e a dor que sentes hei de dulcificar-ta, porque essas lágrimas são as da tua primavera, e tens diante de ti ainda um largo futuro, e outros amores não tardarão a vir apagar a lembrança deste mal empregado afeto. Aqui estou eu também, Luís, que amava essa pobre rapariga como minha filha, como a filha da minha velhice, que tinha arranjado a este último afeto um ninho no meu coração, que nunca, nunca mais torna a encher-se. E consolo-me, bem vês? E consolo-me porque... porque tu ainda me restas, tu em quem eu concentrarei todos os meus afetos. E contudo, filho, vês? Eu estou já na idade em que há saudades, e não há esperanças, em que as rosas que morrem não tornam mais a florescer. Tu tens-me a mim, e tens o futuro, a mocidade. Foi o primeiro desengano, e sabe Deus quantas ilusões e quantos desenganos terás tu ainda, filho!

Acalentado por estas doces palavras, Luís reprimiu aquele insofrível frouxo de lágrimas, que o salteara, e, dando o braço a sua mãe, exclamou:

— A sua branda palavra, o seu meigo afeto de tudo consolam, minha querida mãe. Mas o futuro... oh! O futuro... Já é tarde para o reconstruir.

— Tarde! Criança! Estás na primavera da vida e já falas como se viesse próximo o inverno!

Luís abaixou a cabeça sem responder.

— Minha senhora — disse Doroteia com a familiaridade dos criados velhos, — isto de tristezas há de remediar-se, e uma pessoa não é de lágrimas que se sustenta. O almocinho está na mesa, e assim como assim, o que lá vai lá vai, e o que não tem remédio remediado está.

— Sim, sim, Doroteia, nós já vamos.

Dirigiram-se para a casa de jantar. A mesa estava ainda como a tinham deixado, com três talheres sobre a toalha alvíssima.

— Tiro um talher, não é verdade, minha senhora? — disse Doroteia com voz cheia de lágrimas.

— Decerto — respondeu D. Maria de Jesus, reprimindo a custo o pranto que de novo lhe subiu do coração aos olhos.

Mas Luís fez um gesto que suspendeu o movimento.

— Deixe-o estar, minha mãe, disse ele, é o talher do filho pródigo.

— O quê! — disse D. Maria de Jesus com sincero espanto. — Pois tu... ainda?...

— Eu, minha mãe — respondeu Luís com dignidade e tristeza, — espero que não feche a porta de casa a minha irmã pecadora, que pode vir ainda chorar debaixo das nossas janelas.

VII.

O gabinete do ministro

Tinham passado dois meses depois dos acontecimentos que narramos no último capítulo, e Luís Correia, apesar de se empenhar nas suas pesquisas com toda a energia, não conseguira ainda encontrar rastros da gentil fugitiva. Sua mãe repreendia-o com tristeza por essa preocupação constante, mas Luís dizia que estava a seu cargo aquela alma, e que, enquanto pudesse, havia de fazer todos os esforços para a impedir de se transviar, que, salvando Teresa do incêndio do hospital, contraíra uma grande responsabilidade perante Deus, que Teresa caíra nas mãos de um homem que abusara da sua índole exaltada, da sua inocência, e que a desgraçaria, portanto que lhe cumpria empregar os máximos esforços para a livrar de semelhante infortúnio.

As palavras da carta de Teresa tinham-no posto facilmente na pista do sedutor. Era claro que a enfeitada fugira com esse personagem misterioso a quem ouvimos chamar D. Carlos de Mendoza, e cujos modos desenvoltos haviam tão facilmente seduzido a leviana menina.

Deixemos nós Luís Correia procurar com ansiedade por todas as ruas de Lisboa um sinal qualquer que lhe possa indicar a morada da fugitiva, e saíamos as portas da cidade, que ficam ainda por este lado em S. Roque, dirigamo-nos ao convento de S. Pedro de Alcântara, atravessando arrabaldes povoadíssimos, sigamos como quem quer ir ao noviciado dos jesuítas, e chegando à planura onde se há de erguer daqui a pouco a provisória Patriarcal, voltemos a uma rua já conhecida pelo nome de rua Formosa, entremos numa casa de excelente aparência, e, se soubermos que nessa

casa moraram o capitão de cavalaria Manuel de Carvalho de Ataíde e sua esposa D. Teresa Luísa de Mendonça e Melo, e que esta ali deu à luz no dia 13 de maio de 1699 um menino que recebeu na pia batismal da igreja de Nossa Senhora das Mercês o nome de Sebastião, já sabemos naturalmente em casa de quem estamos, e qual a pessoa que vamos encontrar nesse gabinete particular, em cuja antecâmara se agrupam alguns tímidos pretendentes.

Antes de entrarmos, esperemos que nos introduzam. O gabinete de um ministro é inviolável. Também não teremos muito que esperar. No momento em que chegamos, toca-se dentro uma campainha, e logo em seguida o contínuo aparece à porta, e exclama, com o tom altissonante dos contínuos:

— Quem tem carta de audiência n.º 1?

— Eu, meu senhor — responde timidamente uma senhora bastante idosa, e vestida de preto, que se curvou diante do contínuo, como se curvaria diante do rei.

— Ah! É a senhora! — resmungou o contínuo com mau modo. — Então entre... Vá, entre depressa, prosseguiu o contínuo vendo que ela caminhava vagarosamente, entre depressa, que s. ex.^a não gosta de esperar.

— Pesam-me os anos, meu senhor, pesam-me os anos.

— Pois quem é velho não se mete nestas danças.

— Nunca julguei ter de subir escadas de ministro. Mas então! Coisas do mundo! É-se mãe e os filhos arrastam-nos a tudo.

— Pois, sim! Sim! Temos conversado. Vá que há mais que fazer.

A pobre senhora desviou o reposteiro, e entrou fazendo desde a porta uma série de genuflexões, até que foi cair aos pés de um homem de fisionomia soberana, que, sentado numa poltrona, lia uns papéis com atenção.

Contudo a bulha dos passos obrigou-o a erguer a cabeça, e, assustando uma luneta de oiro para a pobre senhora, mirou-a com olhar penetrante.

— Está bom! Está bom! — disse ele vendo-a ajoelhar. — Eu não sou rei nem santo, senhora, para que assim ajoelhe diante de mim. Sente-se, e diga o que pretende.

— Não, meu senhor, não, eu é que me não tiro desta humilde postura, sem vossa majestade... quero dizer...

— Sim! Sim! O que quer dizer sei eu. Eu não sou o rei, bem sabe, sou um dos humildes executores das suas reais ordens. Diga o que deseja. — O perdão de meu filho, sr. secretário de estado.

— O perdão! Mau é isso. Quem quer perdão tem culpa, e os culpados é mais justo que expiem os seus crimes com a pena exigida pela sociedade que eles afrontaram, do que a escarneçam com a impunidade que é um insulto para as pessoas de bem. Mas vamos. Quem é seu filho, e o que fez ele?

— Senhor, meu filho chama-se Antônio Marques Gomes, e...

— Antônio Marques Gomes! — interrompeu o ministro que tinha uma excelente memória. — Ah! Já sei, já sei! Um dos deputados da Mesa do Bem Comum, que ousaram protestar contra os privilégios da Companhia do Grão-Pará e Maranhão. Estes senhores querem entender de tudo, e querem saber mais dos interesses do reino do que sua majestade, meu senhor, cujo olhar vigilante penetra até aos mais recônditos recessos do seu vasto império. É má a companhia, não é verdade? Pois então! Pergunte aos espanhóis, que por nosso mal aqui dominaram sessenta anos, quem lhes arrancou das mãos as colônias? A Companhia Holandesa. Olhe para a Índia e veja quem domina por lá nos sítios onde outrora tremulava a bandeira de Portugal? A Companhia Inglesa. Ah! São muito inteligentes estes senhores e de uma instrução raríssima! Ora! Educaram-nos os jesuítas e é o que basta. São todos doutores pela Universidade de Évora, provavelmente. Sim! Sim! Eu e a Universidade de Évora ainda havemos de conversar. E provavelmente os filhos de Santo Inácio de Loiola ensinam aos seus discípulos que é grande pecado imitar essas

invenções heréticas de companhias poderosas. Pois esse pecado tomo-o eu sobre a minha consciência, e não admito protestos. Aqui em Portugal, senhora, enquanto eu for secretário de estado de sua majestade el-rei o sr. D. José I, há de se obedecer às reais ordens, obedecer em silêncio, seja-se embora duque, ou marquês, ou arcebispo, ou infante, ou negociante, ou plebeu, e quem tentar insurgir-se contra a vontade soberana do representante de Deus na Terra, há de ser quebrado, como eu quebro este vidro.

E, num estado notável de exaltação, Sebastião de Carvalho arrojou ao chão um copo de água que estava sobre a mesa, em cima de uma salva de prata.

A pobre senhora tremia como varas verdes, e, não sabendo o que havia de dizer, só respondia com lágrimas à cólera do grande ministro.

Sebastião de Carvalho reparou então nela, porque, seguindo a corrente dos seus próprios pensamentos, esquecera-se da humilde pretendente, e, sorrindo-se com uma expressão de bondade, que lhe abrandou um tanto o carregado da fisionomia:

— Está bom! Está bom! Vossa mercê não tem culpa destas coisas; é mãe, e não pensa senão em seu filho ausente, sem querer saber das culpas que atuaram no ânimo de sua majestade, e o obrigaram a ser severo, ele que é a clemência personalizada. Vamos a saber, onde está seu filho?

— Em Mazagão, meu senhor, em Mazagão por seis anos! E a pobre mulher e os filhos aqui a ralarem-se de saudades! E eu, meu senhor, que já o não torno a ver, decerto, porque não tenho vida que a tanto chegue.

— Mazagão! Ainda se queixa? Mazagão tem bons ares, é excelente clima! A única relíquia, e relíquia bem inútil, devemos confessá-lo, das nossas conquistas africanas. Não vale o que custa — concluiu ele em voz baixa, como se falasse consigo mesmo.

— O meu pobre filho não se queixa do clima, senhor secretário de estado, queixa-se da ausência dos seus.

— Ah! Pois não! Queria naturalmente ficar em Lisboa muito sossegado, e que sua majestade ainda por cima lhe desse uma comenda para lhe louvar o desassombro! Não se pode ter tudo! Teve o gosto de fazer oposição ao governo de sua majestade, de protestar contra as suas reais ordens, agora expia esse prazer... Mas vamos, senhora, vamos — continuou ele, vendo que ela redobrava de lágrimas e de soluços, — eu não sou rei e não tenho direito de perdoar. Tudo depende da clemência do soberano.

— Mas v. ex.^a pode tudo, sr. secretário de estado, e eu suplico-lhe pela vida de seus filhos.

— Eu não posso nada, senhora — tornou Sebastião de Carvalho com certa aspereza para disfarçar uma tal ou qual comoção, que o invadira quando a mãe de Antônio Marques Gomes apelara para seus filhos, — eu nada posso, não sou mais do que o fiel executor das ordens de el-rei, meu senhor...

Neste momento abriu-se a porta, e o contínuo anunciou:

— O senhor embaixador de Inglaterra!

Ao mesmo tempo correu o reposteiro, e *lord Tirawley* entrou.

— Senhor contínuo — disse Sebastião de Carvalho quando *lord Tirawley* estava já à porta, — advirto-lhe de uma vez para sempre que no meu gabinete não entra pessoa alguma sem minha autorização.

E, erguendo-se, cumprimentou friamente *lord Tirawley*.

— Mas o sr. Marco Antônio... — balbuciou o contínuo aterrado.

— O sr. Marco Antônio de Azevedo Coutinho procedia como entendia, e eu procedo como entendo e como el-rei meu senhor me ordena. Já não reina em Portugal el-rei o sr. D. João V. É necessário que todos o saibam. Agora são ares diferentes.

O contínuo curvou-se até ao chão e saiu.

A mãe de Antônio Marques Gomes, vendo que a sua audiência estava terminada, sem ela ter conseguido coisa alguma do inflexível ministro, não pôde fazer mais do que pegar na mão de Sebastião de Carvalho, e cobrir-lha de beijos e de lágrimas.

— Senhor — balbuciou ela, — pela última vez...

— Bem! Bem! Senhora, falarei a el-rei, que é quem tudo decide nos seus reinos. E agora deixe-me, que eu não posso fazer esperar por mais tempo o sr. embaixador de Inglaterra.

A pobre senhora, com o rosto banhado de lágrimas, e com uma expressão de profundo desalento no rosto, saiu do gabinete.

Sebastião de Carvalho acenou cortesmente a *lord* Tirawley para que se sentasse, e sentou-se também.

— Pareceu-me — disse o espirituoso inglês na sua língua materna que Sebastião de Carvalho falava com grande facilidade, — pareceu-me que v. ex.^a repreendeu o contínuo por minha causa. Seria para mim grande dissabor o concorrer para que esse digno funcionário perdesse o lugar.

— Oh! Não decerto — respondeu o secretário. — Lembrei apenas a esse homem, que parece ignorá-los, os usos de todos os gabinetes de ministros em todo o mundo. V. ex.^a é sempre bem-vindo, mas suponha por exemplo que eu estava em conferência com o abade de Saint-Julien, encarregado de negócios de sua majestade el-rei Luís XV de França. Ser-lhe-ia talvez desagradável encontrar-se com ele aqui.

— Oh! Nós sabemos ser corteses com os inimigos. Teria uma ocasião de tirar uma desforra da cortesia de Fontenoy: *Tirez les premiers, messieurs les anglais*. Eu o mais que podia fazer seria dizer também ao sr. de Saint-Julien: *Sortez le premier, monsieur le français*.

Sebastião de Carvalho sorriu-se, mas respondeu logo:

— Nós todos sabemos que *lord* Tirawley é um dos homens mais espirituosos da Europa, e se as desforras de Fontenoy se tirassem só com o espírito, *lord* Tirawley decerto seria bem mais próprio do que o próprio duque de Cumberland, o vencedor de Culloden, para se opor com vantagem ao marechal Maurício de Saxe.

— Atrás de tempo, tempo vem — redarguiu o embaixador inglês mordendo os beiços; — e para a desforra de Fontenoy, temos ainda lá por Ingla-

terra os descendentes dos vencedores de Azincourt e os netos dos vencedores de Malplaquet. O espírito só não basta decerto nem para tirar desforra das batalhas perdidas, nem para *fazer com que sejam diferentes os ares*.

Esta última frase indicava que lord Tirawley entendera, melhor do que confessava, a reprimenda dada por Sebastião de Carvalho ao seu contínuo.

— Vejo com júbilo — disse imperturbavelmente o secretário de estado de el-rei D. José, — que v. ex.^a entende todos as finuras da língua portuguesa. Aprendeu-as decerto com o seu amigo Alexandre de Gusmão?

— Sim senhor — redarguiu *lord* Tirawley, bamboando-se na cadeira, — aprendi-as com o sr. Alexandre de Gusmão, secretário de estado de el-rei D. João V, e homem também de muito espírito e de muito bom senso. Ele, por exemplo, percebia que o representante de uma nação tão amiga de Portugal como é a Inglaterra, e à qual Portugal deve em grande parte a sua independência, e tem devido sempre a mais decidida proteção, merece não ser confundido com os diplomatas das outras nações, e pode, sem desdouro de um ministro português, ter entrada franca a toda a hora no seu gabinete.

— Sim, senhor — redarguiu Sebastião de Carvalho com firmeza, e fazendo girar o cordão da sua luneta de oiro, — quando o ministro português em Londres não for confundido com os diplomatas das outras nações, e tiver, sem desdouro do ministro inglês, entrada franca a toda a hora no seu gabinete. Ora devo, lembrar a v. ex.^a que fui ministro português em Londres, e que *j'ai fait antichambre*, como diria qualquer vencedor de Fontenoy, à porta do gabinete do sr. duque de Newcastle.

— Vamos, sr. Sebastião de Carvalho — interrompeu *lord* Tirawley, vendo que decididamente não conseguia ter *le dernier mot*, como diria, segundo a frase sarcástica de Sebastião de Carvalho, qualquer vencedor de Fontenoy, — creio que não estamos aqui para escaramuçar. Eu venho tratar com v. ex.^a negócios importantes.

— Estou pronto a ouvi-lo, *mylord*, v. ex.^a há de fazer-me a justiça de confessar que não tenho feito mais do que acompanhá-lo ao terreno para onde v. ex.^a me chama. A atitude dos países pequenos como Portugal, e portanto a dos seus representantes, nunca pode ser senão a da defensiva... enérgica.

— Quando são atacados, e a Inglaterra não está habituada a agredir Portugal, v. ex.^a bem o sabe.

Sebastião de Carvalho curvou-se em silêncio. A conversação estava tomando um tom acrimonioso que ele não queria agravar.

— Bem! — continuou *lord* Tirawley, satisfeito por ver enfim que Sebastião de Carvalho se calara. — V. ex.^a promulgou o seu decreto da proibição de exportação da moeda, decreto contra o qual eu vim expressamente protestar. V. ex.^a não atendeu às minhas razões...

— Perdão; foi sua majestade, el-rei meu senhor.

— Pois foi sua majestade el-rei o sr. D. José I, mas, como eu agora não estou aos reais pés de sua majestade, tenho o costume inglês e parlamentar de entender que os ministros são os responsáveis pelos decretos, que têm a régia assinatura. V. ex.^a, com a sua bondade habitual, permite-me decerto, desculpando este fermento de parlamentarismo, que nesta nossa conversação me refira a v. ex.^a sempre que, segundo as praxes oficiais deste reino, me devera referir a el-rei.

— Queira v. ex.^a continuar, falando como entender.

— Muito bem! Julgou pois v. ex.^a que não devia escutar as minhas razões, e julgou que a exportação da moeda se podia proibir, que se podia decretar a balança do comércio, e que um reino que precisa de tudo havia de se abster de comprar os gêneros que lhe são necessários, ou que os estrangeiros haviam de comprar aqui por força aquilo de que não carecem. Enganou-se. V. ex.^a pode oprimir os súbditos de el-rei, o que não pode de forma alguma é restringir-lhes as suas necessidades. O contrabando lho veio imediatamente demonstrar.

— Senhor embaixador de Inglaterra, a lei pode ter ou não ter inconvenientes; sua majestade, el-rei meu senhor, pode, se assim o entender, modificar os seus decretos, mas o contrabando, que quer dizer a revolta contra as ordens reais, há de ser castigado enquanto eu tiver a honra de ser ministro de el-rei o sr. D. José I.

— Puna-o v. ex.^a como quiser, enforque metade dos súbditos portugueses, se isso lhe agradar, mas não viole, mas não insulte as prerrogativas dos estrangeiros. Ontem, sr. secretário de estado, três oficiais ingleses que iam tranquilamente para bordo dos seus navios, foram apreendidos pelos guardas da alfândega, insultados por eles; foi-lhes arrancado o dinheiro que lhes pertencia, e que levavam consigo. É um insulto ao pavilhão britânico.

Neste momento agitou-se brandamente o reposteiro, e o contínuo, com uma cara muito aterrada, apareceu murmurando timidamente:

— V. ex.^a dá licença?

— Que temos? — perguntou Sebastião de Carvalho com desabrimiento.

— É o sr. Diogo de Mendonça Corte Real, que deseja falar a v. ex.^a

Sebastião de Carvalho reprimiu um gesto de impaciência, mas, vendo os olhos de *lord* Tirawley fitos nele com uma expressão ligeiramente irônica, disse-lhe:

— V. ex.^a quer que o meu colega entre?

— Decerto; desejaria que aqui estivesse o ministério todo.

O filho natural do celebre ministro de D. João V, que herdara o nome de seu pai mas não o talento, entrou com as sobrancelhas ligeiramente franzidas pela espera que lhe não agradara muito; mas, vendo *lord* Tirawley, desfez-se para ele em cortesias, apertando depois a mão do seu colega.

— Não sou importuno? — perguntou Diogo de Mendonça.

— De modo nenhum — acudiu logo *lord* Tirawley; — estava-me queixando, a s. ex.^a o sr. secretário de estado dos negócios estrangeiros,

da violência que acabam de sofrer aqui em Lisboa, dois oficiais da marinha britânica, e v. ex.^a, como digníssimo ministro da marinha portuguesa, v. ex.^a, como zeloso defensor da honra e do brio da corporação cujos destinos dirige, deve compreender que eu me estimore com o tratamento que ao uniforme, em toda a parte respeitado da marinha britânica, infligiram aqui uns miseráveis guardas da alfândega.

— Ali não estavam os guardas da alfândega, sr. embaixador de Inglaterra — disse logo Sebastião de Carvalho sem deixar que o seu colega respondesse, — estavam de um lado a lei portuguesa, do outro lado três violadores dessa lei. Os guardas cumpriram o seu dever, e v. ex.^a não devia defender oficiais, que, esquecendo os altos deveres que o seu uniforme lhes impõe, não duvidam infringir os preceitos do soberano, em cujo território estão.

— Os oficiais ingleses são julgados pela lei inglesa, e, se delinquiram, há juizes na Inglaterra que os saberão punir.

— Em Portugal, *mylord* — interrompeu Sebastião de Carvalho, — em Portugal, desde 1730, todos os criminosos são julgados e punidos pelas leis portuguesas. É essa a praxe seguida em todas as nações, e era uma vergonha que aqui tivessem os ingleses uma exceção odiosa. Acabei eu com ela, quando fui ministro em Londres, *lord Tirawley*, e lamento que neste ponto o atraçoasse a sua maravilhosa memória.

— O tratado designa simplesmente os capitães de navios mercantes, e não os oficiais da marinha de guerra.

— Abrange a todos, *mylord* — redarguiu Sebastião de Carvalho, — e todos hão de ser punidos se infringirem a lei, por mais alto que estejam colocados, ainda que se sentem ao lado do embaixador de Inglaterra.

— Sr. secretário de estado! — acudiu *lord Tirawley*, erguendo-se impellido por um súbito acesso de cólera.

— Vejamos! Vejamos! — exclamou Diogo de Mendonça, que ainda não pudera meter uma palavra na conversação, e que estava verdadeira-

mente aterrado com o tom que a negociação ia tomando. — Há de haver por força algum modo de conciliar as coisas.

— Não há, sr. Diogo de Mendonça — exclamou Sebastião de Carvalho irritadíssimo, — nunca pode haver transigências, quando alguém ousa insultar o rei de Portugal, revoltando-se contra as suas ordens. Portugal é um país independente, e essa independência há de mantê-la, e ninguém, repito, ninguém ousará infringir a lei portuguesa, enquanto eu for ministro da coroa. Pantaleão de Sá, irmão do conde de Penaguião, do ministro português em Londres, infringiu as leis inglesas, e Cromwell mandou enforcar o irmão do embaixador português. Se um irmão de *lord* Tirawley ousasse, contra a determinação expressa das nossas leis, transportar moeda para fora do reino, eu, Sebastião de Carvalho e Melo, mandaria erguer uma força bem alta, e nela penduraria, para escarmento de todas as ousadias, o irmão do embaixador de Inglaterra.

E, com os olhos chamejantes de cólera, sublime de ativa indignação, Sebastião de Carvalho deu uma punhada em cima da mesa, fazendo saltar, com um tinir metálico, o tinteiro e a campainha.

Diogo de Mendonça olhava aterrado para ele; *lord* Tirawley, na sua qualidade de inglês, pouco sensível a alterações dramáticas, redarguiu pausadamente, e dando um jeito sarcástico às frases:

— Não sabia que os atos do regicida Oliver Cromwell eram o ideal de v. ex.^a Suponho porém que o ardor da imitação não o levará a preparar a seu real amo a sorte de Carlos I?

— Se um usurpador, *mylord* — redarguiu o ministro português, um pouco despeitado de se ter deixado arrastar pela sua exaltação, — não hesitou em fazer respeitar as leis do seu país, sua majestade, el-rei meu senhor, cujas ordens eu apenas fielmente cumpro, não hesitará em fazer respeitar com toda a energia as suas reais vontades e a sua prerrogativa soberana.

— E de que modo, quer v. ex.^a ter a bondade de me dizer?

— Mandando enforcar os que desobedecerem às leis que nos regem, e que em Portugal a todos obrigam, aos vassallos de el-rei e àqueles que recebem a nossa hospitalidade.

— Enforcar três oficiais da marinha britânica! — exclamou *lord Tirawley*, pondo-se em pé de golpe e perdendo por um instante a sua afetada serenidade. — Lembro a v. ex.^a que essas fanfarronadas não quadram bem ao ministro de uma nação que bem pouco pesa na balança da Europa, lembro a v. ex.^a que a Inglaterra, se recebesse uma tal afronta...

— O que faria? — interrompeu Sebastião de Carvalho com a maior serenidade, e brincando com a sua luneta de ouro.

— Desembarcaria nas praias de Portugal um exército de cem mil homens, e ensinaria cruelmente aos seus ministros as práticas das nações civilizadas.

No gabinete de Sebastião de Carvalho pendia numa das paredes um excelente mapa da Europa. Sem responder ao embaixador inglês, Sebastião de Carvalho assestou a luneta, mirou o mapa, abaixou as lentes, e, apontando depois com a luneta para o exíguo espaço que o nosso reino ocupava na carta do continente europeu, disse, com um sorriso de mofo a pairar-lhe nos lábios desdenhosos:

— Cem mil homens, *mylord!* Não cabe cá tanta gente.

Lord Tirawley olhou com assombro para a fisionomia tranquila de Sebastião de Carvalho. Em que se fiava aquele homem que assim respondia com tanta segurança? Olhou para Diogo de Mendonça, e viu-o pálido e trêmulo, como se já tivesse diante de si, a luzirem ao sol brilhante de Portugal, as cem mil baionetas com que *lord Tirawley* nos ameaçava. Aqueles dois homens representavam duas fases bem distintas da existência de Portugal. Um era o velho Portugal, misero, humilhado, tal como D. João V o legou a seu filho, o outro era o novo Portugal, o rejuvenescido Portugal, tal como ele ia sair das mãos desse potente obreiro, enérgico, forte, respeitado, não sofrendo humilhações, e respirando com entusiasmo o cheiro inebriante da pólvora.

Lord Tirawley não respondeu à frase do futuro marquês de Pombal. Pegou no chapéu, e, cortejando o ministro, disse-lhe:

— Bem! Espero que a noite seja, como costuma sempre ser, boa conselheira. Amanhã v. ex.^a há de ver as coisas debaixo de um outro prisma.

— Eu vejo sempre os negócios pelos olhos do meu real amo — respondeu Sebastião de Carvalho, — e sua majestade costuma ser constante nas suas resoluções. O seu alto nascimento coloca-o acima das paixões mundanas, cujo temporal nos agita. V. ex.^a hoje está ligeiramente irritado; amanhã verá as coisas com mais acerto, e reconhecerá a justiça das minhas intenções.

— Duvido. Em todo o caso estimarei que cheguemos a um acordo. Terei a honra de officiar a v. ex.^a sobre este assunto. Sr. Diogo de Mendonça, peço as ordens de v. ex.^a

— Sou eu que me ponho aos pés de v. ex.^a, *mylord* — redarguiu Diogo de Mendonça, com extremos de cortesia.

Sebastião de Carvalho acompanhara até à porta do gabinete o seu ilustre visitante. Depois de feitos os últimos cumprimentos, e de ter dito ao contínuo que despedisse os outros pretendentes, correu o reposteiro, e voltou para dentro, dizendo com um tom de voz indiferente, e quase sem olhar para Diogo de Mendonça:

— Ora muito bem!... Então o que o traz por cá, meu caro colega?

— Nem já sei... Ah, sim, uma questão insignificante a propósito da concessão dos privilégios do comércio da Índia a Feliciano Velho Oldenbourg; mas deixemos isso... Eu estou pasmado, sr. Sebastião de Carvalho... eu estou pasmado do que acabo de ouvir. Pois v. ex.^a por causa de uma insignificante apreensão, expõe-nos a uma luta com a Inglaterra!... com a Inglaterra!... V. ex.^a sabe em que trances vai pôr o reino e a coroa?... Eu nunca na minha vida vi uma coisa assim.

— Sr. Diogo de Mendonça — observou friamente Sebastião de Carvalho, — foi a mim que el-rei nosso senhor nomeou secretário de estado

dos negócios estrangeiros. Compete-me portanto dirigir os negócios da minha repartição, e são esses as relações com as potências estrangeiras. V. ex.^a é, creio eu, secretário dos negócios da marinha e ultramar; dará o seu voto em negócios que lhe digam respeito.

— Mas é que este diz-me respeito e muito — retrucou Diogo de Mendonça com alguma acrimônia. — Uma luta com a Inglaterra!... V. ex.^a sabe lá o estado deplorável em que se acha a nossa marinha!... E as colônias!... Para ficarmos sem o Brasil, não precisávamos de mais nada... Ora, sr. Sebastião de Carvalho, estas coisas não se tratam assim... e meu pai, durante o seu longo ministério, soube sempre captar a benevolência dos representantes das grandes potências...

— Então, sr. Diogo de Mendonça — redarguiu com certa ironia Sebastião de Carvalho, — cada qual tem o seu feitiço! V. ex.^a herdou talvez as qualidades de seu pai, e por isso deveria ter sido nomeado para dirigir a minha repartição, mas não foi! Injustiças do destino! Resigne-se v. ex.^a e cumpra os deveres do seu cargo, como pode, que eu cumprirei os deveres do meu, como sei.

— Senhor Sebastião de Carvalho — acudiu Diogo de Mendonça abespinhado, — de meu pai herdei o zelo pelo serviço do rei, e não posso...

O que não pôde foi dizer mais. Aprumando a sua alta estatura, e dardejando sobre ele os raios dos seus olhos, Sebastião de Carvalho estendeu o braço e fez um gesto imperativo.

— Queira v. ex.^a calar-se! — exclamou. — Zelo pelo serviço de el-rei ninguém o tem aqui mais do que eu, e espero provar-lho, enquanto Deus me der vida e saúde, e enquanto el-rei me conservar a sua confiança. Se v. ex.^a houvesse herdado a alta perspicácia de seu pai, ter-me-ia poupado a mim a vergonha, e a *lord* Tirawley o alegre espetáculo dos seus ridículos terrores. Teria sabido, e seu pai mesmo lho ensinaria com o caso do embaixador de Áustria sucedido no seu tempo, que a política humilde e covarde é não só a mais indecorosa mas a mais inábil de todas, que cur-

var-se às ameaças um povo, por pequeno que seja, é não só uma desonra, mas um erro também. Espere-se a realização da ameaça, e ver-se-á se uma nação, embora forte, se empenha, por motivos futilíssimos, numa luta que sempre será dispendiosa. Antes de tremer, deixe ao menos que apareça a esquadra, trazendo a bordo os cem mil homens que *lord* Tira-wley nos promete. Não! Em eu tendo a justiça do meu lado, nem uma coligação de todas as potências da Europa me obrigará a uma transigência. O que faz a grandeza dos povos, não é tanto a extensão do território, como a consciência da própria dignidade. Se o não percebe assim, queira poupar-me pelo menos as suas observações, que não as recebo senão de el-rei, e os seus conselhos, que não os aceito senão a quem os peço.

O secretário de estado dos negócios da marinha ficou literalmente fulminado pela réplica. Não fora contudo das mais severas, posto que Sebastião de Carvalho não escrupulizasse em chamar, com toda a cortesia, ao seu colega, pouco mais ou menos, tolo. Mas era tal a intimativa da voz, o aspeto do ministro, que Diogo de Mendonça sentiu que estava ali um desses homens que nasceram para dominar, e que, apenas entram no poder, não consentem mais em torno de si senão subalternos.

— Eu não quis decerto ofendê-lo, sr. Sebastião de Carvalho, mas v. ex.^a desculpe-me... Julguei cumprir um dever de bom cidadão e de bom colega advertindo-o.

— Ah! Pois não! El-rei tem em v. ex.^a um fiel servidor... Eu mesmo o direi a sua majestade, assim que tiver ensejo... Mas, meu caro colega, desculpe-me tratá-lo sem cerimônia... são as minhas horas de dar descanso ao trabalho da secretaria e de ir estar alguns instantes com Leonor e com o Henrique... Então... que quer? Encargos de pai de família!

Diogo de Mendonça, assim despedido, desfez-se em desculpas e demonstrações de afeto, e saiu acompanhado até à porta do gabinete pelo seu presado colega, que lhe apertava a mão com as demonstrações da mais sincera cordialidade.

— Ora esta! — ia dizendo consigo o secretário de estado dos negócios da marinha e ultramar. — É doido e é malcriado! Olhem que prenda com que nos mimoseou a rainha a sr.^a D. Mariana de Áustria. Nada! Vou daqui já já prevenir el-rei.

E, entretanto, deixando cair o reposteiro, Sebastião de Carvalho murmurava entre si, ao dirigir-se para a sua cadeira:

— Tolo e mau! Vai encher os ouvidos a el-rei com a história da cena que presenciou. Oh! Quem nascera no trono!... Cromwell!... Que sonho!... O poder sem limites... sem obstáculos... Ah! Mas ao menos nos degraus deste sólio, onde não posso sentar-me, estarei eu só... e aqueles que me deverem a sua elevação, e que sejam... como a lima... *in manibus fabri!*

Ao pronunciar a meia voz as palavras latinas, o grande estadista sorriu-se com uma expressão indefinível.

— Há coisas aproveitáveis — continuou ele monologando, — há coisas aproveitáveis, como se vê, nos Estatutos dos jesuítas... Os jesuítas!

Deixou cair a cabeça entre mãos, e ficou imerso em profundo cismar.

Daí a menos de um ano, Sebastião de Carvalho era ministro onnipotente, e no dia 31 de agosto de 1756 Diogo de Mendonça Corte-Real era preso por uma ordem de el-rei, que, sem lhe dar os motivos de tamanho rigor, o demitia e deportava.

Que crime cometera ele pois?

Nenhum. Era Sebastião de Carvalho que começava a cumprir o seu programa.

VIII.

Pompadour e Choiseul

O ministro continuava a cismar.

A desculpa, que dera a Diogo de Mendonça para o despedir, era evidentemente falsa. Corriam os minutos e ele não pensava em ir ter com sua família.

— A minha posição é ainda bem precária!... — murmurava Carvalho. — Um capricho de el-rei, e aí vem a demissão destruir todos os meus projetos, derrubá-los como se fossem cartas encasteladas que uma criança deita abaixo com um sopro... E el-rei terá esse capricho?... Eu sei!... No conselho é certo que tem dado sempre aos meus alvitres a preferência... mas fora do conselho obedece a influências que me são contrárias... Por caso nenhum quererá demitir Pedro da Mota, e, se o velho teima em ser macróbio, aí tenho empachado por um bom par de anos aquele lugar... Diogo de Mendonça, o próprio Diogo de Mendonça tem a privança de el-rei... Sabe lisonjear...

Levantara-se, e passeava inquieto pela sala. Parou junto da janela, e começou a bater distraidamente nos vidros.

Daí a um instante voltou ao passeio interrompido.

— São meus inimigos os Távoras — murmurou ele, — isso é que não tem dúvida... e a marquesinha tem uma influência decidida no ânimo de el-rei... E a minha contramina como irá ela?... Oh! É necessário agora mais do que nunca ativar os trabalhos.

Sentou-se à mesa, e começou a escrever uma carta. De súbito sentiu uma pancada discreta numa porta interior do gabinete. Foi abrir e deu

com o seu guarda-roupa, um alemão que trouxera de Viena de Áustria, e que lhe era muito dedicado.

— Que temos? — disse ele. — Leonor quer alguma coisa?

— Não, senhor — respondeu o guarda-roupa. — Procura-o aquele D. Carlos, que v. ex.^a declarou que recebia a qualquer hora.

— Que entre! Que entre! — disse Sebastião de Carvalho atirando a pena para o lado, puxando para trás a cadeira, e recostando-se para receber o seu novo visitante.

O criado alemão curvou-se respeitosamente, afastou-se para deixar passar a pessoa, a quem fizera sinal que podia entrar, e saiu logo em seguida, fechando discretamente a porta.

O nosso conhecido D. Carlos de Mendoza entrou, cumprimentou com desembaraço o ministro, e, cravando nele os seus olhos inteligentes, esperou em silêncio que lhe dirigissem a palavra.

— Estava deseioso de o ver, sr. D. Carlos — disse Sebastião de Carvalho, fazendo girar a luneta com um modo afetadamente distraído.

— Acho inútil roubar o tempo precioso de v. ex.^a, enquanto não tenho factos importantes a comunicar-lhe.

— Ah! E esses factos importantes deram-se já?

— Assim o creio.

Houve um instante de silêncio. Sebastião de Carvalho não quis mostrar ao seu interlocutor a curiosidade que o devorava. O seu interlocutor não parecia disposto porém a correr em seu auxílio.

— Se o não tenho visto — disse Sebastião de Carvalho despeitado, e dando portanto à voz uma inflexão áspera que intimidava os mais intrépidos, mas que não pareceu produzir grande efeito no seu interlocutor, — se o não tenho visto, em compensação tem-me chegado notícias suas.

— Ah! — monossilabou, se nos permitem o neologismo, o nosso D. Carlos com a máxima indiferença.

— É verdade; consta-me que há duas noites sovou a ronda na rua dos Escudeiros.

— A rua é estreita e a ronda é numerosa — tornou D. Carlos com impudência; — não pode uma pessoa passar, sem tropeçar naqueles biltres dos quadrilheiros.

— Procure ruas mais largas, sr. D. Carlos. Enquanto eu for ministro, não consentirei que seja desacatada a autoridade real. Quero que Lisboa seja uma cidade policiada, e não o campo de batalha noturno dos malandrins viciosos. Tenha entendido isto, sr.

D. Carlos. D. Carlos suportou com a máxima tranquilidade a rude reprimenda do ministro.

— Se v. ex.^a chama viciosos malandrins aos fidalgos que fazem brilhar o florete aos raios da lua, ou para o cruzarem uns com os outros, ou para o assentarem como um chicote nas costas dos quadrilheiros, tem que afrontar com esse epíteto pessoas muito respeitáveis. Diz a tradição que um dos fidalgos mais pimpões do tempo do senhor rei D. João V, que Deus tenha em glória, foi um filho do capitão de cavalaria Manuel de Carvalho e Ataíde.

Era necessário que D. Carlos tivesse muito pouco amor à cabeça impudente que trazia em cima dos ombros, ou que possuísse um segredo para afrontar impunemente a cólera do estadista. O mais provável contudo era que ainda não conhecia bem o homem com quem tratava, e que o media pela bitola dos outros ministros. Ouvindo a ousada apóstrofe, Sebastião de Carvalho fez-se mais branco do que os seus punhos de renda, e, levantando-se, deu um passo, com as mãos cerradas, para o seu interlocutor. Os olhos injetaram-se-lhe de sangue, e a fronte, carregada de nuvens, assustava o mais audacioso. D. Carlos involuntariamente recuou um passo.

— Senhor D. Carlos de Mendoza — exclamou Sebastião de Carvalho com voz surda, — veja bem com quem fala! Não julgue que, pelo facto de

eu lhe dar a honra de ser meu confidente em planos que interessam ao bem do Estado, o autorizo a desacatar-me. Saiba que, ainda que os segredos que possuísse me pudessem arrastar ao cadafalso, não lhe consentiria semelhante audácia. O lugar, que ocupo, hei de fazê-lo respeitar, e lembre-se que, se eu quisesse enterrar para sempre um segredo perigoso, há no reino cárceres bem secretos e bem olvidados, onde podem fazer sem voz os indiscretos atrevidos. Quando um instrumento, que eu emprego, se pretende rebelar contra mim, estas mãos tem ainda força bastante para o despedaçarem. Eu não transijo, quebro. Lembre-se bem disto, sr. D. Carlos de Mendoza.

Apesar da sua intrepidez, D. Carlos não pôde senão balbuciar:

— Desculpe v. ex.^a uma frase impensada... Eu não podia pretender ofendê-lo...

Sebastião de Carvalho já recuperara a posse de si mesmo. Tornando a sentar-se, cruzou a perna, e continuou, com um tom de voz até certo ponto melancólico:

— Nem ofendeu... O homem, a quem aludia, já não existe... O fidalgo brigão e aventureiro, que soltava as suas loucuras ao vento caprichoso da mocidade, morreu para sempre... e hoje vive apenas um velho que pretende consagrar os últimos anos da sua vida a levantar Portugal do abatimento em que jaz... O ministro, empenhado em trazer o seu país à luz da civilização, condena severamente as culpas de um homem que teve o seu nome, e que, arrastado pela torrente, praticou os mesmos erros que hoje procura reprimir. Se os ministros de el-rei D. João V houvessem levantado uma força, onde dependurassem sem piedade o fidalgo insolente, haveriam cumprido o seu dever. Eu assevero-lhe que saberia, e saberei cumprí-lo, ainda que seja meu filho o delinquente.

D. Carlos abaixou a cabeça; estava subjugado. O seu olhar tinha às vezes as cintilações das pupilas do tigre. Mas, se era tigre, sentira a vara de ferro em brasa de um domador de feras.

— Bem! — continuou depois de um certo silêncio o ministro. — Vamos ao que importa. Que se diz em Santo-Antão?

— Que v. ex.^a tem o prurido das reformas, e que há de arruinar Portugal, se el-rei não puser cobro nisso. Dizem que a companhia do Grão-Pará e do Maranhão há de levantar nessas províncias uma revolta como a do Beckman no tempo do sr. D. Pedro II.

— Que se livrem disso! Se encontro no meu caminho os jesuítas como instigadores de alguns motins, faço dançar no cadafalso as suas roupetas negras com tanta facilidade como poderia fazer subir à forca o último dos amotinados. O Maranhão não é o Paraguai, e que o fosse, para destruir as suas repúblicas teocráticas, tem ainda el-rei meu senhor numerosos e briosos soldados, e generais que não recuam nem diante das espingardas dos seus índios, nem diante do anátema dos seus padres. Eles o experimentarão.

— Mas nesse caso — disse D. Carlos fitando os seus olhos brilhantes de perspicácia nos olhos do ministro, — parece-me que o melhor que tenho a fazer é incitá-los a que levem por diante os seus projetos, e irriteem contra as medidas de v. ex.^a a opinião dos povos?...

Sebastião de Carvalho encarou-o por longo tempo, e um sorriso de complacência brincou à flor dos seus lábios descorados.

— Note que lho não aconselho — disse ele. — Nunca seria intento meu favorecer a insurreição contra a autoridade régia. Mas os reverendos padres em Cristo podem fazer o que lhes ditar a inspiração divina. Na batalha que derem contra o poder que el-rei me confiou, se não conquistarem o reino da Terra, conquistam pelo menos o reino do Céu.

— Do Céu? — acudiu D. Carlos fitando no ministro uns olhos interrogadores.

— Pela estrada do martírio — respondeu o ministro, — que tudo será, como diz a divisa da companhia...

— *Ad majorem Dei gloriam* — concluiu D. Carlos com uns modos comicamente beatos.

— Ámen — redarguiu o ministro no mesmo tom, e limpando tranquilamente a luneta.

E de si para si continuou:

— É um dos patifes mais espertos que tenho encontrado na minha vida.

Era evidente contudo que se não entrara ainda no assunto principal da conferência; denotavam-no de um modo claro as maneiras impacientes do ministro.

— Ah! É verdade — disse ele enfim, depois de algum silêncio e com fingida indiferença, — e a respeito da rapariga que temos de novo?

— Já el-rei a viu — respondeu D. Carlos laconicamente.

— E então? — perguntou Sebastião de Carvalho com ansiedade que debalde procurou disfarçar.

— Achou-a encantadora.

— Ah! E onde foi a entrevista?

— Em minha casa.

— Em sua casa?

— É claro. Pois havia de levá-la ao paço? Pedro Teixeira disse a el-rei que eu chegara há pouco da província com minha esposa, que nenhum de nós o conhecia, e que portanto sua majestade podia ir a minha casa. Assim foi; uma noite destas Pedro Teixeira apresentou-me el-rei, como um fidalgo seu amigo que podia favorecer qualquer pretensão que eu tivesse na corte; D. José de Portugal foi o pseudônimo adotado por S. M., pseudônimo transparente, como v. ex.^a vê, mas que respeitei com o máximo escrúpulo. Teresa tocou harpa, cantou, e el-rei saiu de minha casa depois da meia noite, verdadeiramente enfeitado.

— E ela?

— Ela achou que o sr. D. José de Portugal era um homem extremamente amável, e ficou enlevada com o incenso que ele lhe queimou aos pés.

— Então a marquesinha de Távora?...

— A marquesinha pode ir sabendo se em Portugal existe alguma sucursal do convento em que se refugiou a irmã Luísa da Misericórdia, duquesa de la Vallière no mundo profano. Tem a Montespan pela proa.

— Mas olhe lá, a rapariga é, segundo me disse, inteligente e fina. Tem a certeza de conservar sobre ela o império que hoje tem?

— Como tenho a certeza de que estou falando agora com o primeiro estadista da Europa.

— Lisonjear não é responder — acudiu, franzindo ligeiramente o sobrolho, Sebastião de Carvalho.

— Afirmo a v. ex.^a que estudei a fundo o caráter daquela menina. Contanto que possa brilhar, saborear as doçuras do luxo e da riqueza, aceita a situação mais irregular deste mundo. Tem poucos escrúpulos a pequena. Por isso também tenciono jogar com ela jogo liso e franco. Antes de a arrojar ao estrado das Pompadour, hei de negociar o contrato.

Havia na linguagem de D. Carlos um cinismo tão impudente, que Sebastião de Carvalho, apesar de costumado a não olhar para os meios contanto que alcançasse os fins, não pôde reprimir um movimento de repugnância.

— Isto no fim de contas é abjeto — murmurou ele.

— O quê, sr. Sebastião de Carvalho? — perguntou com assombro D. Carlos de Mendoza.

— Tudo, estas negociações, estes contratos, estas lutas de alcova — respondeu o ministro, levantando-se e passeando na sala. — Que mundo este em que vivemos! O monarca flutua entre a alcova e o confessor, e aí é que residem as verdadeiras influências que o dominam; aí é que é preciso ir procurá-las e cortejá-las, se se quer governar, se se quer arrancar um país à miséria, à ignorância, ao aviltamento. Porque é que se conserva no poder o duque de Choiseul em França? Por que é um hábil e inteligente ministro? Por que dirige com acerto a política nacional? Não;

é porque a Pompadour o protege, e, se não fosse a proteção da favorita, Choiseul seria derrubado pelos jesuítas que o odeiam. E eu, se quiser resistir à influência do confessor, hei de procurar a influência da amante. Pois que caminho tenho a seguir? Posso por acaso contar com a persistência no poder, se os jesuítas de um lado, e a marquesinha de Távora do outro dirigirem contra mim as suas baterias? Ah! Intrigas miseráveis, vilíssimos caminhos por onde se ascende ao poder! Por maior que te suponhas, embora sejas Richelieu ou Colbert, se tens a desgraça de viver neste século depravado, hás de curvar-te para entrar por estas portinhas estreitas, por estes corredores mesquinhos, a não ser que tenhas a felicidade de que algum grande acontecimento, algum sucesso extraordinário te ponha em evidência, e te torne indispensável ao rei, à nação, à coroa, e te ponha sobranceiro a todas as flutuações da consciência do soberano, a todos os caprichos do seu coração.

Sebastião de Carvalho preferira este monólogo como que de si para si, em frases entrecortadas, que apenas formavam como que um murmúrio indistinto. Quando acabou contudo, ao olhar para D. Carlos, viu-lhe um sorriso ligeiramente irônico a flutuar-lhe nos lábios. “Ainda tens escrúpulos ridículos, dizia esse sorriso, que tristíssimo estadista!”

Sebastião de Carvalho quase que se envergonhou de ter dado uma prova de fraqueza, e de se ter deixado arrastar a revelar em voz alta o segredo das suas repugnâncias. Rapidamente, como quem se apressa a tomar uma droga nauseabunda, mas indispensável à saúde:

— Bem! Bem! — disse ele. — Estas coisas afinal de contas, estão na alçada da sua consciência e não da minha. Que essa menina adquira ou não influência sobre o ânimo de el-rei, é-me indiferente. Basta-me que destrua no seu espírito o predomínio perigoso da marquesa de Távora. A audiência está concluída.

Fez um gesto como para despedir D. Carlos. Este porém não se moveu.

— Temos mais alguma coisa? — perguntou Sebastião de Carvalho.

— Oh! Uma ninharia. Em primeiro lugar v. ex.^a não ignora que as despesas da casa luxuosa da futura Pompadour...

— Bem! Bem! De quanto precisa?

— De dois mil cruzados.

— Dois mil cruzados! — acudiu Sebastião de Carvalho, sempre econômico. — Está louco? Não tem recebido a sua mesada?

— A mesada, que v. ex.^a me arbitrou, chegava-me enquanto eu precisava unicamente de lidar com frades e fidalgos, mas agora que tenho a honra de receber em minha casa sua majestade el-rei...

— Está bom — interrompeu Sebastião de Carvalho, sentando-se à mesa e escrevendo rapidamente um papel, — aí tem o dinheiro.

D. Carlos de Mendoza dobrou cuidadosamente a ordem de pagamento, meteu-a na algibeira, e acrescentou:

— Uma ordem de prisão contra o tenente do regimento de cavalaria do Cais, Luís Correia de Faria e Melo.

— O que fez ele? — perguntou Sebastião de Carvalho franzindo o sobrolho.

— Era o namorado da pequena e anda-lhe na pista. Qualquer dia atina-me com a casa. Felizmente eu tenho duas residências, uma, verdadeiro alojamento de estudante, ao pé de Santo Antão, outra, ninho de amores, a S. Paulo. A primeira já ele a encontrou, e ronda-ma de dia e de noite, que eu bem sei, mas a segunda não a descobre assim, só se lha disserem três pessoas: v. ex.^a el-rei e Pedro Teixeira. Mas em todo o caso o rapaz é teimoso, e é indispensável estar uma pessoa prevenida contra ele.

— Bem! Bem! — redarguiu o ministro. — Quando for necessário, fale-me nisso, veremos como se há de providenciar. Em Portugal não temos Bastilha, e, ainda que a tivéssemos, não sou homem que dê *lettres de cachet* em branco.

— É que de um momento para o outro, pode-nos transtornar tudo. De mais a mais, v. ex.^a não me autoriza a dar cabo dele!...

— Não o autorizo decerto, mas não me disse que o rapaz era militar?

— Tenente de cavalaria.

— Bem, dá-se-lhe uma companhia de cavalos do regimento de Chaves. Toma os ares da província de Trás-os-Montes que são saudáveis, e consola-se da perda da noiva com a espada de capitão.

— Diz v. ex.^a muito bem — redarguiu D. Carlos de Mendoza inclinándose-se, — tenho de me curvar sempre diante da sua superior perspicácia.

O ministro não respondeu ao cumprimento. Fez um gesto de despedida, e D. Carlos, curvando-se de novo, saiu do aposento.

Apenas o viu desaparecer, Sebastião de Carvalho ergueu-se e soltou um longo suspiro de alívio. Depois abriu uma janela, murmurando:

— Renovemos o ar do gabinete. Este velhaco empestou-mo. Puf! Que nojentíssimos instrumentos se vê obrigado a empregar um secretário de estado de sua majestade fidelíssima.

Ao mesmo tempo, D. Carlos de Mendoza, saindo, acariciava na algibeira a ordem dos dois mil cruzados e murmurava:

— Julgas-te muito perspicaz, e não sabes que, transferindo o Luís Correia, vais ainda além dos meus desejos. O rapaz não obedece, é considerado desertor, é preso e fuzilado. Aqui está o que ele ganhou na troca, graças aos misericordiosos escrúpulos do ilustre ministro.

O cruel sorriso, que lhe era habitual, veio franzir-lhe os lábios. Passava então por diante das janelas do ministro; vibrou-lhes um olhar de ódio profundo, e continuou, monologando:

— Também tu me desprezas! Ah! Ajustaremos contas. Seja Teresa a Pompadour, que eu te direi se tu serás Choiseul.

IX.

Infâmias doiradas

Saindo do palácio da rua Formosa, D. Carlos, seguiu a rua até ao fim, voltou à calçada do Combro, caminho da Esperança, e, cortando depois por uma das ruas íngremes que desciam para a margem do rio, virou para o lado de S. Paulo, e parou enfim numa das vielas estreitas e pouco asseadas, que rodeavam a igreja. Chegando ao pé de uma casa de modestíssima aparência, abriu a porta com uma chave que tirou da algibeira, e dir-se-ia que, em vez de abrir simplesmente uma porta escusa, pronunciara as mágicas palavras: “Abre-te, Sésamo”, que, no conto celebre das Mil e uma noites, mostram de súbito ao estupefato Ali-Baba as riquezas maravilhosas da caverna dos quarenta ladrões.

Efetivamente o interior da casa contrastava de um modo notável com a sua mesquinha aparência. Ricos tapetes forravam as escadas, as salas eram uma maravilha de luxo e de gosto. Atravessando-as sem se demorar um instante, D. Carlos levantou enfim um reposteiro, e entrou num camarim, verdadeiramente encantador, forrado de seda azul, onde uma senhora, elegantemente vestida, recostada numa otomana, parecia entregue a profundo cismar. Num dos cantos do aposento uma harpa indicava as predileções artísticas da dona desse recinto encantado.

A tarde era de outubro, já por conseguinte pequena e de si pouco luminosa. Naquela rua estreita e escura, o Sol não fazia senão curtas visitas, e os pesados cortinados das janelas ainda cerceavam o minguido esplendor que ele derramava ali. Imersa na sombra do aposento, a fisionomia

formosíssima de Teresa (os leitores já a reconheceram) tomava não sei que vagos tons de melancolia, que até aí lhe eram estranhos. Estremeceu quando viu desviar-se o reposteiro, porque o tapete, abafando o ruído dos passos, não a deixara sentir a aproximação de D. Carlos. Ao reconhecê-lo, ergueu-se, soltando um grito de alegria, e correu a ele, passando-lhe os braços à roda do pescoço.

— Julguei que não vinhas, Carlos — disse-lhe ela no tom da verdadeira paixão. — Por que me deixaste por tanto tempo só?

— Queridinha, creio que não imaginas que havemos de passar a vida arrulhando como dois pombos sempre metidos no ninho; ou não supões decerto que eu seja um Tircis como o das églogas do cabeleireiro, que deva cantar na flauta rude, ou na branda avena, *per omnia secula seculorum*, as perfeições de Amaryllis.

Teresa recuou, soltando um suspiro.

— A tua zombaria é cruel, Carlos.

— Eu não zombo, menina — respondeu ele; — agora o que sou é um homem positivo e prático.

— Depressa morreu o teu amor — continuou Teresa ofendida.

— Não morreu tal, estás enganada — acudiu Carlos receando ter ido mais adiante do que lhe convinha no seu desprendimento, — pelo contrário cada vez se torna mais violento e intenso. O que é necessário é que tu compreendas a vida como ela é, e não como a sonham Garção e os seus companheiros da Arcádia, que por desgraça frequentavam a tua casa e te encheram a cabeça de sonhos ridículos e de pastorais ineptas. Queres uma choupana e o meu coração? O teu desejo é fácil de satisfazer. Vendemos todo este luxo que nos rodeia, e vamos viver para Loures, tu fazendo queijos, e eu guardando o manso gado. Nunca saio de ao pé de ti, acompanhando-me quando as vacas forem pastar, e eu digo versos do Quita quando tu as ordenhares. Serve-te isto?

Teresa ficou silenciosa.

— Não te serve, bem sei — continuou D. Carlos, — porque a tua alma é muito superior a esses disparates. Amas o luxo e tens razão, porque o luxo dá um realce admirável à tua gentileza, é a moldura predestinada do teu rosto encantador. Gostas de sentir o ranger das sedas, de afastar com as mãos delicadas os pesados reposteiros de damasco; pois tudo isso, minha querida Teresinha, não se alcança facilmente, quando não se tem uma riqueza hereditária. E eu quero que tu gozes todos os prazeres, que te iluminem todos os esplendores da opulência. Diz ainda que não te amo, louquinha.

— Perdoa-me, Carlos — tornou ela, aflagando-o de novo. — Perdoa-me, mas olha... custa-me tanto a solidão! Estas longas horas que aqui passo retirada, escondida, ouvindo apenas os vagos rumores das ruas distantes, porque esta é um sepulcro, e o lidar da preta na cozinha, pungem-me deveras. Acorda então a memória do passado, e quase tenho remorsos, Carlos.

— Remorsos! Remorsos de quê? Remorsos de ter abandonado uma família, que, pelo facto de te haver dado pão e abrigo, que nunca te faltariam, porque a Misericórdia velava por ti, queria contrariar as inclinações do teu coração! Mas, olha, Teresinha, se, em vez de sentires remorsos, o que tu sentes são saudades, estás ainda a tempo. Luís Correia procura-te por toda a parte, e estou certo que te receberá de braços abertos, se correres, de lágrimas nos olhos, a pedir-lhe perdão da tua fuga.

D. Carlos disse isto num tom de fingido ressentimento; mas a sua voz seca e áspera dava um tom insultante às palavras, que ele queria que simplesmente exprimissem o despeito de um homem apaixonado. Por isso Teresa, franzindo o sobrolho, em vez de fazer protestos amorosos, exclamou:

— O quê! Pões-me fora, Carlos! Abandonar-me-ias assim depois de... E atiras-me aos braços de Luís como uma concubina de que se está farto, e que se entrega como esposa a um homem honrado, que, julgas talvez, terá a... generosidade de a aceitar... Isso é infame, Carlos.

— Quem te diz semelhante coisa, filha? Deus! Que gênio o teu! Pois eu podia lá nunca abandonar-te! Eu que estou pronto a fazer por ti os mais penosos sacrifícios!

Ai! Continuou ele mudando o tom da conversação, e falando com jovialidade, creio que não é das coisas mais agradáveis estarmos a inventar assuntos de discórdia, quando o jantar nos espera. Vamos, louca, vamos, e lembra-te sempre que eu só desejo que sejas feliz, rica, adorada e soberana.

E, passando o braço à roda da cintura de Teresa, levou-a quase suspensa para a sala de jantar. Ela deixou-se ir enlevada, e cativa daquele homem, que a fascinara, desde que o vira. Em mútuos beijos, em protestos apaixonados correram os primeiros momentos do jantar: ainda o amor sobrepujava o apetite. Mas Carlos não era homem que olvidasse as exigências do estômago. Quando entendi que já arrulhara suficientemente para acalmar as primeiras suscetibilidades de Teresa, passou a exercícios gastronômicos, muito mais substanciais do que ósculos apaixonados. À sobremesa fora já necessário acender luz; o clarão das velas cintilava nas garrafas de cristal, onde brilhavam os vinhos mais generosos. Então entre o tinir dos copos, D. Carlos soltou a sua veia cínica; as teorias mais aventurosas, expostas na linguagem mais original, pulularam-lhe dos lábios. Teresa ria, ainda que às vezes sentia como que um calafrio nas costas ao escutar certas doutrinas. Mas a animação dos vinhos, o reflexo das luzes faziam verdadeiramente gentil aquele depravado moço; brilhava-lhe nos olhos um fogo estranho, parecia o arcanjo das trevas, belo de orgulho e sarcasmo, como o sonhou, como o viu Éloa, a apaixonada virgem de Vigny. E Teresa olhava-o, e deixava-se arrastar na esfera da sua atração fatal e corruptora de todos os sentimentos bons.

— Teresa — disse Carlos quando já tinham acabado de jantar, e ela com as faces incendidas e os olhos brilhantes se recostava molemente na cadeira e o ouvia com enlevo, — Teresa, tu tens a formosura ardente e

endoidecedora de uma antiga bacante. Se há existências anteriores, foste por força em tempo uma das que despedaçaram na Trácia o pobrezinho do Orfeu, como hoje devorarias qualquer poeta que viesse arrulhar-te aos pés endechas apaixonadas. Que de chamas que há no teu olhar! Que ardente organização a tua! És uma dessas tentadoras legendárias, cujo nome ressoa através dos séculos como resumindo em si todo o prestígio indefinível da formosura feminina. Se vivesses nos tempos mitológicos serias a Ônfale que obrigou a fiar a seus pés o Hércules aventureiro, nos tempos da Odisseia serias a Circe cujos filtros tiveram seduzido Ulisses, nas épocas bíblicas serias a Dalila que rendeu Sansão. Nas tuas pupilas há o reflexo vago de todas as voluptuosas chamas que enlouqueceram os heróis, os deuses e os reis.

— Mas que te não enlouquecem a ti, não é verdade? — disse coque-teando, mas interiormente cheia de ufania, a vaidosa menina.

— Que me enlouqueceram a mim, e a outros mais poderosos do que eu.

— Que me importam os outros? — disse Teresa com verdadeira paixão.

— Ah! Sim, sim, despreza-os, mas domina-os. Oh! A organização humana é de uma complexidade espantosa. No amor, ainda o mais apaixonado, há sempre uma parcela de orgulho. Se dissessem a um homem que a mulher que ele adora devia, pelo prestígio de uma fada, parecer a todos os outros hedionda e repugnante, acreditas que esse amor não diminuiria forçosamente? Que imenso orgulho, que íntima voluptuosidade não sentimos quando vemos os outros curvados aos pés da deidade que possuímos, e nós, escondidos num canto da sala, pensamos que o amor tão cobiçado dessa mulher é nosso e só nosso, que, daí a um momento, quando esses cortesãos da formosura se afastarem, levando nos olhos e no coração a imagem dessa mulher, ela se aproximará de nós, e, passando-nos os braços à roda do pescoço, nos dirá: Amo-te só a ti, a ti só, entendes?

— Pois nunca supus, Carlos, que seriam essas as tuas predileções — disse Teresa rindo.

— Por quê?

— Porque, desde que abandonei tudo por ti, não me tens exposto muito à admiração do mundo.

— Fatiga-te o viver aqui isolada, nesta solidão profunda?

— Se estivesses ao pé de mim, não me cansava, mas sozinha, sozinha sempre, e tão sozinha que estes momentos que hoje me concedes são já quase como um oásis no deserto da minha existência atual...

— Disse-te que era necessário, filha, e depois, tu bem sabes, a borboleta, antes de espanejar ao sol as asas iriadas, vive muito tempo escondida na crisálida. Esta casa fria e escura, que procurei tornar ao menos, para ti, um ninho macio e fofo, é a tua crisálida, borboleta.

— O quê! — disse Teresa batendo as palmas. — E não tardarei a sair daqui?

— Decerto.

— E poderei dar-te ufana o braço, e aparecer nas salas, e ir ao Terreiro numa carruagem, levando-te ao meu lado, ou numa cadeirinha, indo tu à portinhola, montado garbosamente num bonito cavalo? É o meu sonho, sabes?

— Julguei a tua fantasia mais audaciosa! Pois nunca levantaste mais alto as tuas aspirações?

— Mais alto?

— Sim; parece-me que a tua fantasia voa muito terra a terra. Rasteja no Terreiro do Paço! Pois as tuas asas não a erguem ao menos, como a passarola do padre Bartolomeu de Gusmão, até às janelas do palácio da Ribeira?

Nos olhos de Teresa fulgurou um relâmpago de alegria.

— Ah! Sim — disse ela com voz trêmula, — entrar no Paço, atravessar aqueles salões doirados, ver de perto o soberano, viver no meio dos esplendores da realeza, poder erguer ali a fronte, como tua esposa, D. Carlos, oh! Esse, bem o sabes, apesar de nunca ter ousado dizer-to, por-

que não queria que supusesse que te regateava o sacrifício, esse é o meu desejo mais querido.

— Como minha esposa! — exclamou D. Carlos friamente. — Olha, é necessário que me entendas bem; não tenho dúvida alguma em casar contigo, ainda que acho essa cerimônia absolutamente ridícula. A ligação de duas almas escusa de outra sanção que não seja a do livre amor. Algemar essa liberdade por um contrato é como que suspeitar que não basta o afeto para manter indissolúvel esse laço, e tomar garantias para o futuro.

— Contudo pareceu-me — balbuciou Teresa, — que não reputavas completamente frívolo e ridículo o matrimônio, porque ontem a esses fidalgos que vieram ver-nos apresentaste-me como tua esposa.

— Porque não fui eu que fiz a sociedade, e ditei as leis que a regem, e um homem superior tem forçosamente de se conformar com os preconceitos do meio em que vive. Mas entre nós acharia escusada, acharia desnecessária essa cerimônia. Contudo, se assim o desejas, diz uma palavra, e vamos a S. Paulo. O que eu não quereria porém era que esse sacramento, como dizem os beatos, fosse para ti fonte de escrúpulos que te prendessem, e te inibissem de subir até onde pode levar-te o teu destino.

— Não te percebo, Carlos — murmurou ela com um certo terror.

D. Carlos hesitou um instante; por muito depravada que fosse a sua índole, por muito que ele houvesse procurado imbuir Teresa nas suas teorias perversas e desmoralizadoras, por muito pouco que acreditasse nos seus bons sentimentos e no seu pudor era necessário fazer um esforço de coragem para dizer a essa mulher, que no fim de contas o amava, o que dela pretendia.

Por isso procurou ainda alguns circunlóquios.

— Sabes — disse ele, enquanto Teresa o encarava com ansiedade, — sabes quem era aquele fidalgo meu amigo, que ontem se mostrou tão teu admirador, e que te devorava com os olhos, quando tu cantavas admiravelmente, acompanhando-te com a tua harpa?

— D. José de Portugal?

— D. José de Portugal, sim. Não sabes quem ele era?

— Algum fidalgo da família Vimioso ou Valença. Não é raro esse apelido na aristocracia.

— Bem sei. Esse apelido contudo não seria usado, por D. José, se vivesse há pouco mais de um século. Então chamar-se-ia simplesmente D. José de Bragança.

— Ah! — exclamou Teresa. — Por quê?

— Porque o homem, que esteve ontem em nossa casa, era D. José I, rei de Portugal.

— El-rei!

E um instante a vaidade predominou acima de todos os outros sentimentos no espírito da formosa menina; foi um instante só. Os sobrolhos franziram-se-lhe, e uma lágrima tremeu-lhe na franja das assedadas pestanas.

— El-rei! — continuou ela. — E que vinha cá fazer? Por que o trouxeste?

— Não o trouxe eu — redarguiu D. Carlos um pouco perturbado. — Pedro Teixeira, de quem sou antigo amigo, e que é criado particular de el-rei, disse-me que me havia de visitar com um fidalgo que lhe era muito afeiçoado e que desejava muito tratar-me. Assim que eles entraram, reconheci logo o soberano. Calei-me, e fiquei a cismar no motivo, que podia levar sua majestade a aventurar-se nos lamaçais de uma rua de detrás de S. Paulo. Esse motivo não me foi difícil adivinhá-lo. Era a fama da tua beleza que o atraía aqui.

— Mas mudemos de residência, Carlos, saíamos de Lisboa, vamos visitar o teu país. Viajar! Viajar era o meu enlevo. Ó Carlos, fujamos!

— Fugir! Para quê? Estás louca? Temes que el-rei te meta num cárcere? Cativo está ele de ti, cativo e doido de paixão.

— Mas eu não o amo a ele, nem quero amá-lo. Amo-te a ti, a ti só!

— Também Leonor Teles amava o conde Andeiro, também Maria

Stuart amava David Rizzio, e isso não impediu aquela de se deixar adorar por D. Fernando, esta de se deixar adorar por Henrique Darnley, e de fazerem servir o prestígio das suas resplandecentes formosuras para darem aos escolhidos do seu coração as honras e as riquezas.

— E para os levarem também a cair apunhalados aos pés delas.

— Se é essa a sorte que me espera, aceito-a sem tremer — respondeu D. Carlos; — que eu morra a teus pés, beijando a fímbria do teu vestido, chorado pelos teus olhos formosíssimos, mas depois de termos saboreado ambos todas as alegrias, todas as glórias deste mundo, depois de termos calcado aos pés os poderosos do mundo, de termos escarnecido das ambições cortesãs, depois de termos bebido a largos tragos a taça da existência risonha e feliz. A morte do conde Andeiro, a morte de David Rizzio, oh! Mas é essa morte exatamente a que eu anelo; como a mulher que me há de ter sempre a seus pés há de ser a que possuir, como Leonor Teles ou Maria Stuart, a aureola do prestígio e da fascinação, a que souber ser pecadora, porque preferi sempre, quando visitava os museus de Roma e de Veneza, as pálidas Madalena do Guido, as ardentes cortesãs do Ticiano às insípidas Madonas de Rafael.

— Oh! Mas isso é infame — exclamou Teresa com os lábios cerrados e brancos de cólera, — roubaste-me de casa então para me vender? Não é assim?

— Não — exclamou D. Carlos procurando dar às suas palavras um tom apaixonado, e caindo-lhe aos pés, — roubei-te de casa porque te amava ardentemente, e porque ainda te amo, é que não posso resignar-me a ver-te aqui, sepultada nesta casa obscura e mísera, cujo luxo efêmero não posso sustentar, quando desejava que tu fosses rainha e opulenta, que pudesses esmagar todas as rivais com a tua formosura realçada por todos os esplendores da existência. Quero que subas ao pináculo mais alto da sociedade, a que pode subir uma mulher que não nasceu num trono, embora eu chore lágrimas amargas ao pensar que outro homem

te possui, embora eu deseje ir apunhalá-lo à porta da tua alcova. Mas acima de tudo está a tua felicidade, e contentar-me-ei com a esmola do teu amor, com um aperto de mão furtivo, com um olhar enternecido. Sê feliz, sê grande, governa, tu que juntas a uma beleza deslumbrante uma alta inteligência, governa este país miserável, sê a Inês Sorel deste Carlos VII indolente, a duquesa de Châteauroux deste Luís XV efeminado. Que os ministros te consultem, e se reúnam nos teus aposentos, como se reúnem em França nos quartos da Pompadour. Está-te aberto o caminho, sobe às alturas de poder, da riqueza, da felicidade, e eu irei para bem longe daqui, se tu quiseres, esconder-me na sombra, alegre por ter chamado sobre a tua cabeça inteligente e gentil as bênçãos de um povo, alegre por te haver arrancado da obscuridade, e ter-te feito, como mereces sê-lo, poderosa, rica e feliz.

— E desonrada, esqueceste-te de o dizer! — exclamou Teresa, não podendo conter as lágrimas que lhe saltavam dos olhos.

— Teresa!

— Oh! Cala-te. Não me iludem já os teus sofismas. Percebo agora que sempre me desprezaste, que, vendo a facilidade com que acolhi os teus galanteios, a facilidade com que te segui, imaginaste que eu era uma mulher sem escrúpulos, sem honra, sem pundonor, uma mulher venal que seria nas tuas mãos um instrumento de ambição e de riqueza. Enganaste-te, entendes? Porque eu sou louca, mas não sou vil. Segui-te sim, sem hesitação, porque te amei, porque a minha organização ardente e rebelde encontrou em ti o ente que a domaria e a fascinaria sempre, se quisesse. Pretendi a liberdade, e desprezei as leis, as considerações do mundo. Gosto de tudo quanto brilha e seduz, amo os bailes, os espetáculos e os aplausos da multidão, mas amo sobretudo a independência. Tudo o que é vil me repugna, tudo o que é baixo me enoja. Seguiria o homem que eu amasse até ao Inferno, e hoje mesmo, entendes? Apesar de reconhecer a vilania do teu caráter, seria capaz de te acompanhar na miséria e na proscricção,

mas não daria um passo para me ir entregar a um homem que não amo, mas apunhalar-me-ei antes do que consentir que me negoceiem assim. Se fundavas na minha suposta aquiescência alguns planos de ambição, podes abandoná-los, porque eu não consinto que me vendas, percebes?

Teresa estava sublime de indignação dizendo isto; a cólera afogueava-lhe as faces, purpureava-lhe os lábios, e fazia-lhe cintilar chamas nos olhos. D. Carlos erguera-se lentamente, e, sombrio, impassível, encarava-a de sobrolho franzido.

Quando ela acabou, D. Carlos cruzou os braços, e, com uma voz um pouco seca e rude, que contrastava com os tons suaves e acariciadores que ainda há pouco empregara, exclamou friamente:

— Engana-se, senhora, se supõe que eu desejo vendê-la. Já que a sua nobre indignação me obriga a jogar jogo franco, a pôr as cartas na mesa, fá-lo-ei, e talvez depois de haver lançado os olhos para o abismo da minha alma, se arrependa de ter querido satisfazer a sua febril curiosidade.

— Não há abismos que me assustem — respondeu altivamente Teresa.

— Pois talvez sinta vertigens! — redarguiu D. Carlos de Mendoza.

Houve um instante de silêncio. Teresa sentara-se, e, encostando o cotovelo à mesa, numa atitude desdenhosa e serena, preparava-se para o ouvir.

D. Carlos passou a mão pela testa e soltou um suspiro profundo. Tinha as feições contraídas, e no seu olhar como que se espelhavam as paixões selvagens que lá dentro rugiam, e que habitualmente se denunciavam só por esse sorriso cruel e sarcástico, que caracterizava tão profundamente a sua fisionomia.

Sentou-se e encostou a cabeça à mão. Depois ergueu-se de novo, passeou um instante na sala, e parou enfim diante de Teresa.

— Vou ter com a senhora a máxima franqueza. Depois, se eu lhe causar horror, fuja de mim, evite-me, que lhe dou a minha palavra de honra que não tornarei a perseguir-la.

— Fale, Carlos — disse ela gelada de terror, apesar da intrepidez que afetara, com o estranho modo do homem a quem sacrificara tudo.

Era uma comédia ainda que D. Carlos representava? Quem sabe? Nestas organizações complexas não há bem que o mal não manche, não há mal que não seja doirado por uns reflexos de verdade e de justiça.

X.

Os filhos da cigana

— Se te amei ou não — começou D. Carlos, — é o que pouco deve importar-te. As índoles como esta minha, os destinos semelhantes ao meu, não podem deixar-se dominar completamente pelo amor. O amor, por mais tempestuoso que seja, é o furacão a agitar um lago, e a minha alma é um mar onde rugem vendavais opostos.

Contudo é certo que nenhuma mulher me produziu tamanha impressão como tu. Atraíu-me para ti uma irresistível simpatia, e durante alguns meses da minha existência não pensei senão em conquistar o teu afeto, sem ir mais longe o meu pensamento, sem levar as minhas aspirações a mais do que ao bem supremo de possuir-te.

Consegui ser amado, e amado como sabem amar as organizações semelhantes à tua. Vieste para mim, e durante alguns dias julguei ter entrado no Paraíso. Mas Satanás não volta nunca ao lugar das eternas delícias, e, se o seu voo audacioso consegue por um instante levá-lo a contemplar de perto as etéreas claridades de que se viu para sempre privado, não tarda a chamá-lo a atração do abismo, e as suas asas negras e pesadas fazem-no cair de novo na eterna tempestade do Inferno.

Vendo-te assim tão bela, tão inteligente, superior enfim a todas essas beatas de acanhado espírito que enxameiam em Lisboa, o pensamento de vingança, que toda a minha vida me tem perseguido, tornou a saltar-me, e tive a ideia de te associar aos meus projetos, de fazer de ti ao mesmo tempo a mais rica, a mais respeitada de todas as mulheres de Portugal.

— Mas que vingança era essa? Mas que projetos eram esses? — disse Teresa, olhando com espanto para o seu estranho interlocutor.

— Para que os percebas, precisas de saber quem eu sou. Chamam-me D. Carlos de Mendoza, foi o nome que eu tomei, e os escrupulosos genealogistas, que por aí abundam, escravos não só dos fidalgos, mas de todos os que têm dinheiro bastante para lhes comprarem vinte avós nobres, riem-se às escondidas do meu nome espanhol, e espalham que sou um plebeu que se pavoneia com um apelido que lhe não pertence. Não é meu efetivamente, mas o nome que me competiria soa bem mais alto do que o de Mendoza, o nome que me competiria seria o de D. Carlos de Portugal ou o de D. Carlos de Bragança.

— De Bragança! — exclamou Teresa estupefata.

— Sim, de Bragança, porque eu sou filho de el-rei D. João V.

Teresa encarou pasmada o rosto do seu amante. Não encontrou nem uma sombra da sua habitual expressão de sarcasmo e de ironia. Os olhos lançavam-lhe chispas de fogo. Uma contração amarga franzia-lhe os lábios, e as sobrancelhas carregadas aumentavam-lhe o aspeto sombrio. Nesse momento não mentia decerto; a sua história lia-se-lhe na fronte anuviada, na cólera do olhar, na expressão cruel e violenta dos lábios cerrados como para reprimirem a torrente de palavras amargas que lhe irrompiam do coração.

— Filho de D. João V, sim — repetiu ele, — mas fui um dos deserdados, fui um dos infelizes que o seu régio capricho semeou pelo país, e de cuja existência não se lembrou mais. Ah! É que nem todos os galanteios dos monarcas podem ser confessados à luz do dia e aos olhos da corte. Quando a amante é alguma fidalga das primeiras famílias do reino, ou alguma freira dos conventos aristocráticos, então é lícito à mulher que assim olvida os seus deveres mostrar publicamente a sua desonra, ufanar-se dela, e apresentar ao respeito do mundo os frutos desse vilipêndio. Então é-se quase rainha, é-se madre Paula, tem-se um palácio extra-conventual, e

o favor do monarca ostenta-se como um título de glória, ou então, se o soberano, numa hora de bom humor, quis ter junto de si os frutos de algum capricho menos elevado, esses rapazes, reconhecidos oficialmente como possuidores de sangue régio, recebem honras, títulos, dignidades e largas rendas, são os meninos de Palhavã; os outros são lançados à margem, como os filhos de qualquer mísero camponês, e por aí vagueiam obscuramente, provas vivas de que nesta sociedade carcomida o acaso há de presidir sempre ao destino dos homens; primeiro o acaso do nascimento, depois ainda o acaso do capricho paternal de um rei!

Teve uma pausa. Com os punhos cerrados, girava a passos largos pelo aposento. Depois parou de novo diante de Teresa.

— Sou filho de um rei, entendes? — continuou ele. — E com essas palavras malditas me embalou minha mãe. Quando tinha fome, porque a tive e muitas vezes, quando caminhava de pés descalços, fatigado, exausto por essas estradas áridas e desertas da Espanha, minha mãe, acariciando-me, dizia-me: “És filho de um rei!” e eu não sentia a fome, porque essas palavras alimentavam-me de sonhos, e não sentia o cansaço porque julgava sempre que ao cabo da jornada me abriria as portas algum palácio faustoso, onde dormiria em leitos de ouro com amplas cobertas de seda. Filho de um rei! Essas palavras ecoavam-me nos ouvidos, e os espanhóis riam-se quando me viam embuçado com ares solenes e majestosos nos meus imundos farrapos. Filho de um rei! Mas fora esse verdadeiramente um escárnio do destino que me negaceava com um pedaço de púrpura, como os matadores negaceiam o touro com a capa escarlate que os enfurece. A infância povoou-se-me assim de devaneios radiosos, e, quando veio a mocidade, quando fui homem, julguei que todas as portas se abririam diante de mim, que não teria senão o trabalho de aparecer para que a vida se me transformasse num risonho paraíso matizado de flores. Sucedeu-me o contrário; eu era dos proscritos. Quando vim a Portugal, quando pronunciei o meu nome, quando invoquei os direitos da minha jerarquia,

escarneceram-me, expulsaram-me a chicote, ameaçaram-me com a cadeia. E eu que, ufano com o meu destino glorioso, entendera que me devia tornar digno dele, eu que nas digressões que empreendi pela Europa, tinha sempre em vista o papel que viria a desempenhar na vasta cena do mundo, e me preparava para o representar com dignidade, quando cheguei a Portugal, encontrei... o látego dos esbirros. E não fui só eu o insultado, foi minha mãe enxotada do reino, como se poderia enxotar uma leprosa.

Um soluço, que não pôde reprimir, veio como que rasgar o peito do homem que fazia tão estranhas revelações. Teresa involuntariamente pegou-lhe na mão, e apertou-lha em silêncio. Os olhos da gentil menina estavam marejados de lágrimas.

Carlos soltou a mão dentre as dela, e, desempenhando mais a sua alta estatura, prosseguiu:

— E entretanto, vagueando, com olhos ávidos, em torno do paço da Ribeira, podia ver à noite, através das janelas iluminadas, as sombras de meu pai e de meus irmãos passarem altivas e eretas entre duas fileiras de cortesãos ajoelhados, que lhes beijavam respeitosamente a mão. E eu, sumido nas trevas, tiritando de frio no terreiro do Paço, sentia uma amargura profunda invadir-me o espírito, e o fel transbordar-me em torrentes, e, azedando-me o coração, dar origem a um ódio profundo, íntimo e crudelíssimo, que se tornou em breve a minha preocupação predominante. Pois não me cabia também, por direito de nascimento, um quinhão naqueles esplendores? Não fora eu um dos escolhidos? Não me girava nas veias o sangue real, se o sangue que nos gira nas veias tem de influir nos nossos destinos? Por que motivo era eu o deserdado? Eu que sentia em mim a força de caráter, a inteligência a dizerem-me que me havia de sentar, mil vezes melhor do que esse autômato que ontem viste, no trono de meus maiores? Outras vezes via eu parar à porta do paço umas carruagens esplêndidas, guiadas por criados de vistosas librés, e apearem-se uns moços da minha idade, de fisionomias estúpidas e beatas, diante dos quais todos

se curvavam também. Quem eram eles? Eram de el-rei, bastardos como eu, nascidos fora, filhos do tálamo régio. Mas a esses favorecia-os o destino, a esses queria-os seu pai nos degraus do trono, e eu... eu era proscrito, desprezado, expulso, eu era o filho da cigana!

— Da cigana! — exclamou Teresa com um gesto de doloroso espanto. Mas D. Carlos nem reparou na interrupção.

— Jurei vingar-me — continuou ele, — das injustiças, dos escárnios da sorte. Esse lugar, que me pertencia e que me não deram no banquete da grandeza e da opulência, determinei conquistá-lo por todos os modos. Arrojavam-me para a lama, na lama me arrastaria até subir às eminências de onde me despenhavam. Saí de Portugal, voltei a Espanha, segui o caminho de Gil Blás, o aventureiro herói de Lesage, fui como ele laçao e secretário. Tomei o nome de D. Carlos de Mendoza; ninguém me perguntou de onde ele me vinha, quando me viram valido do ministro, senhor das graças e das mercês. Mas não era em Espanha que eu queria conquistar a preponderância. Demais, o ministro que me protegia, foi desterrado e eu recaí na miséria mais profunda, na obscuridade mais densa. Vim para aqui, seguro de franquear dentro em pouco as portas douradas do Paço. Mas em Portugal perseguia-me sempre a fatalidade. Em vez dos ministros ignorantes, desleixados, cuja confiança tão facilmente conseguiria captar, encontrei um homem de um caráter de ferro, de uma inteligência a um tempo flexível e robusta, de um trabalho incansável, que tudo quer ver, que tudo dirige, e cuja índole absorvente há de concentrar em si todos os negócios do reino de Portugal. Estavam-me cerradas as portas; era necessário viver, e viver com luxo, porque eu não me podia já habituar de novo ao pão seco da minha infância. Tornava-se para isso indispensável descer ainda mais baixo; descí. Fui ao extremo da abjeção. Entre o ministro e os jesuítas começa uma luta surda. Hesitei no partido que devia abraçar, e qual seria o que mais depressa me levaria ao ponto a que eu aspirava. Os jesuítas estão enervados, a decadência penetrou no instituto;

em frente deles ergue-se um homem que há de quebrar tudo o que se lhe erguer como obstáculo no seu caminho. Estas vontades inflexíveis têm sempre segura a vitória. Fiz-me instrumento de Sebastião de Carvalho, instrumento tanto mais útil quanto antigas ligações contraídas em Roma me dão entrada franca em Santo Antão e S. Roque. Já estou senhor dos segredos do ministro. Um passo mais, e entro de cabeça erguida no palácio da Ribeira. Entro porém como satélite do atual secretário de estado dos negócios da guerra, e satélite que há de desaparecer forçosamente na sombra do grande vulto. Não me convém isso. Derrubá-lo seria difícil. Foi então que pensei em associar uma mulher, uma mulher amada, a esta grandiosa empresa, uma mulher que se apoderasse do espírito flutuante de meu irmão, de el-rei, que exercesse sobre ele uma influência mais poderosa do que a dessa pobre marquesita, escondida na sombra da alcova, sempre com medo do marido, e que parece não aceitar do lugar de favorita senão a vergonha sem os esplendores, uma mulher que inspirasse ao rei coragem para se sublevar contra o ministro, para o despedir, e que lhe escolhesse depois outro de sua mão. E eu, dominando o rei pela amante e pelo ministro que saberia apresentar, saborearia com entusiasmo os deleites da vingança. Então naquele paço, de cujas escadas era minha mãe expulsa, entrariam comigo a desonra e as lágrimas. Ah! Se eu pudesse levar a realeza para um abismo, onde se despenhasse desconjuntando-se essa máquina monárquica! Oh! Se eu conseguisse... ou talvez antes, relegando na sombra esse fantasma de rei, exercendo eu mesmo o papel providencial a que Sebastião de Carvalho aspira... Não sei... arde-me a cabeça!... Mas deem-me o poder, uma parcela dele... e eu mostrarei... eu mostrarei quem é... quem é o filho da cigana.

Prostrado pela febre que lhe aquecera as últimas palavras, Carlos deixou-se cair prostrado numa cadeira. Teresa nem o ouvira. As palavras “filho da cigana” foram as únicas que lhe vibraram dolorosamente no coração, e a despertaram do êxtase crudelíssimo em que parecia embebida.

— Filho de uma cigana! — repetiu ela. — É singular! Também eu... também eu sou filha de uma cigana.

— Tu! — exclamou Carlos com espanto. — Pois não és enjeitada?

— Sou — redarguiu Teresa concentrando o seu pensamento em factos que pareciam quase apagados de sua memória. — Mas antes de entrar no hospício, vivi, lembra-me bem, numa casa que tinha à porta uma latada... aqui, não longe de Lisboa... ao pé de um convento... sim de um convento... que muitas vezes passavam os frades por diante da porta, e acariciavam-me dizendo: Que olhos negros tem a pequena!

— Uma casa com latada! — tornou Carlos também com ansiedade. — Ao pé de um convento... nos arredores de Lisboa... mas, em Benfca... então?

— Sim! Sim! — exclamou Teresa lembrando-se de súbito... — Benfca sim! É isso... Mas... como o sabe?

— Continua — insistiu D. Carlos sem lhe responder. — E vivias com tua mãe?

— Não, uma ama... que me tratava mal, que dizia que eu tinha pacto com o demônio... e que me batia às vezes... Depois um dia apareceu uma mulher... alta... de grandes olhos desvairados... com os cabelos já em parte brancos... tenho-a tão presente... como se a tivesse agora diante de mim... Quando chegou estava eu a brincar... Ela viu-me, e, sem me dizer palavra, começou a beijar-me, e a chorar em silêncio... que as suas lágrimas caíam-me baga a baga nas faces... E eu deixava-me beijar, espantada, e encarando-a com os olhos muito abertos... Lembras-te de mim? Disse ela entre soluços. Respondi com a cabeça negativamente... Filha, filha, disse ela, pois não vês que sou tua mãe?

— Oh! Deus vingador! — exclamou Carlos caindo sentado numa cadeira, com a cabeça encostada às mãos.

— Não longe dela — continuou Teresa, procurando lembrar-se e tão embebida nessas recordações da sua mais remota infância que nem dava

tento do que se passava em torno de si, — não longe dela um homem cujas feições se apagaram completamente da minha memória, mesmo porque mal o vi, contemplava em silêncio aquela cena. Nisto apareceu a minha ama, que recebeu muito secamente a mulher que se dizia minha mãe. Apartaram-se ambas a conversar em segredo, eu ficara pasmada no sítio onde estava, sem brincar, e cismando, parece-me, na doçura daquelas palavras que até aí nunca ouvira. Enfim separaram-se. A mulher alta chegou-se a mim, tomou-me nos braços, apertou-me ao peito, beijou-me e afastou-se depois, dizendo-me: Até amanhã.

Carlos olhava para ela com estranho desvairamento no olhar. Teresa ia a perguntar-lhe o que tinha, mas ele não a deixou falar, exclamando com voz imperiosa:

— Continua.

— De pouco mais me lembro — disse Teresa. — Perguntei à minha ama quem era aquela mulher que me chamara sua filha. “É o demônio”, respondeu ela, puxando-me violentamente por um braço, e metendo-me em casa à força. Depois saiu, e voltou daí a instantes. Nessa tarde um frade, que era seu confessor, e a quem votava a maior veneração, veio a casa. Conferenciou muito tempo com ela e partiu. No dia seguinte a ama vestiu-me e saiu comigo. “Eu quero ver a minha mãe”, disse eu. “Hás de vê-la no Inferno, filha da cigana.” Calei-me. Depois de andar muito, entrei em Lisboa. Era a primeira vez que via a grande cidade. O tumulto da capital, o movimento das ruas deslumbraram-me. Fiquei no hospício, e fiquei satisfeita. Depois os brinquedos e os hábitos da casa em que entrava obliteraram completamente a cena que só agora com esforço reconstruí. Mas o que nunca se me apagou da memória foi a imagem daquela mulher alta e meiga que se dizia minha mãe; e as palavras que me ressoaram sempre nos ouvidos, através das vicissitudes da minha existência ainda tão curta e já tão atravessada de dissabores, foram as que a minha ama me vibrara como um insulto: “Filha da cigana!”

Teresa calara-se, e levantara para Carlos os seus olhos interrogadores, como a pedir-lhe a explicação do modo estranho como ele provocara e ouvira as suas confidências. Carlos, com o olhar sombrio cravado no tapete, a cabeça encostada a uma das mãos, disse com voz cava e profunda e sem mudar de atitude, como se continuasse a narrativa de Teresa:

— E, enquanto a tua ama te levava para o hospício, porque o seu confessor provavelmente lhe dissera que era uma impiedade entregar uma filha a mulher de raça excomungada, tua mãe voltava ansiosa a Benfca a procurar-te para te levar consigo. Não te encontrou já, mas encontrou essa mulher, que recebera, para te criar, no tempo em que... teu pai arrojava o oiro às mãos cheias aos pés da mulher que o fascinara, uma soma que lhe deu decerto com que viver por largos anos... encontrou essa mulher que lhe chamou cigana e excomungada, que a ameaçou com dois familiares do Santo-Ofício, que ela prevenira nesse mesmo dia, e que felizmente ainda não tinham chegado. Aos brados dilacerantes de tua mãe, acudiu gente, mas, apenas a tua ama disse: É uma cigana! Uma excomungada! Os espetadores começaram a agitar-se de modo tal que tua mãe não pôde fazer mais do que fugir. E fugiu e saiu de Portugal, até que a dor, o desgano, todas as aflições morais que tinham envelhecido a mulher outrora tão formosa, a mataram numa pobre choupana dos arredores de Cáceres. Ah! Pobre mártir, quando as desilusões a saltaram em Portugal, quando viu que nada podia esperar do homem que tivera outrora a seus pés devorado por uma paixão violenta, resumira toda a sua esperança, toda a sua felicidade em poder levar-te consigo. Até essa mesma consolação lhe foi negada, e a única que lhe restou foi a da morte, a da morte angustiosa na soledade e no desamparo.

Saltavam lágrimas como punhos dos olhos de D. Carlos. Teresa, estupefata, não querendo ainda dar crédito às indicações do seu raciocínio, olhava para ele com um desvairamento sinistro. Afinal as palavras saíram-lhe, como que meio estranguladas, da garganta.

— Mas... como sabe... isso? Conheceu minha mãe? Quem era minha mãe então?

— Quem era tua mãe? Pois não adivinhaste ainda, desgraçada? Era a cigana que um dia logrou enfeitiçar um rei, mas que por isso também foi expulsa de Portugal como bruxa, apenas o amor de D. João V se apagou quando se apagaram as chamas dos desejos; era a formosa, a arrebatadora Margarida, enlevo de todos os fidalgos de Lisboa, e enlevo acima de tudo do monarca; era... era minha mãe enfim!

— Ah! — bradou Teresa caindo como fulminada no chão.

Fora um vágado apenas. A sua enérgica organização reagiu contra o golpe que recebera em cheio, e amparou-a naquele tremendo instante. Olhou para Carlos, que a contemplava de braços cruzados, com um horror profundo, e só pôde balbuciar:

— Por amor de Deus, deixe-me sair daqui! Deixe-me fugir deste lugar maldito.

— Para onde, infeliz? E que culpa tenho eu, e que culpa tens tu da desgraça que nos fulmina? Aqui estão dois desgraçados, que a infâmia dos homens arrojou ao acaso do destino; encontraram-se, amaram-se, e um dia descobriram que tinham sido gerados nas mesmas entranhas, e que, amando-se portanto, haviam cometido um desses crimes por tal forma terríveis que na antiguidade os julgavam um castigo dos deuses... um incesto!... De quem é a culpa? É deles que se não conheciam, que podiam chegar à hora da morte sem se conhecerem, ou é do pai desnaturado que os expôs, desprezando-os, a todas essas combinações horrorosas do acaso? É dele e só dele, é mais uma atrocidade a juntar às tantíssimas de que fui vítima.

— Carlos! — disse Teresa estendendo a mão como que pedindo-lhe que se calasse. — Rogo-lhe que não prossiga. Eu não entendo, não quero entender essas subtilidades. Sei apenas que tenho sido castigada cruelmente dos erros, a que me arrastou a minha índole rebelde aos bons conselhos

e aos bons exemplos. Achei fria, e prosaica, e insípida a vida de família que o destino me oferecera como guarida segura, desprezei o amor de um homem honrado, porque o julgava pouco veemente, porque sonhava as grandes paixões e as grandes tempestades, e o bulício do mundo e os caminhos fora do trilho vulgar. Com os olhos fitos numa miragem fatal, cujos esplendores a sua pérfida voz ainda me exultava nessas noites malditas em que tão loucamente o escutei, dei o primeiro passo para o abismo, e caí logo até ao fundo, até os extremos limites da abjeção e da miséria. Na estrada romanesca da paixão e da aventura, encontrei... o quê? A desonra, o vilipêndio supremo, o crime... o crime horroroso, o crime que profana os lábios. Estou saciada de torpezas, asfixia-me a atmosfera desta casa. Deixe-me fugir, deixe-me ir pedir asilo a um convento, que é o único refúgio para as desgraçadas como eu sou.

— Tu para um convento! — exclamou D. Carlos sorrindo com desprezo. — Estás louca? Pois tu és pássaro que viva entre grades? És a filha da cigana, e os ciganos querem acima de tudo a liberdade.

— Mas sou mulher, mas no fundo desta alma perdida resta-me ainda um fermento de tédio por tudo o que mancha e avilta.

— Aceitas então as humilhações impostas às arrependidas que buscam aos pés da Cruz o perdão de Deus e o esquecimento dos homens?

— Tudo, menos a vilania deste viver!

— Onde está a vilania, senhora? Em me ter amado, em ter sido amada por mim, ou em sermos uma destas famílias trágicas, como a de Édipo na Grécia antiga, que não podem dar um passo, sem que brotem em torno delas as situações violentas e excepcionais? Não, nós somos as vítimas da fatalidade, mas o instrumento dela foi o homem que nos arrojou ao abismo. Tens a alma elevada e grande que eu sempre te supus? Vingá-te. És apenas uma beata escrupulosa e tímida que não compreende os lances arrojados da existência? Pede perdão e humilha-te.

— Vingá-me, e de que me hei de vingar, e como?

— Do desprezo a que te condenaram, filha de D. João V. Tu que devias ter um palácio em que vivesses, tiveste uma cabana humilde e o hospício dos enjeitados. Pois recupera os bens de que te privou a injustiça. Vinga tua mãe, tu que és tão formosa e mais inteligente do que ela, vinga-a penetrando na alcova régia, e calcando debaixo dos teus pequeninos e implacáveis pés os orgulhos da realeza.

— É um outro crime que me propões, infame?

— Sim, é outro. O quê! Pois também nisto há de querer o destino que seja privilegiado esse homem que se senta no trono? Pois não basta que fossem para mim as misérias, os desprezos, as abjeções, as infâmias, para ele as glórias, as riquezas, os respeitos, as doçuras da existência, ainda neste caso especialíssimo, quando o crime de nosso pai nos coloca a ambos na borda do abismo do crime, hei de ser eu o impelido pela fatalidade a despenhar-me, e há de ser ele o que há de ficar a rir-se da minha desventura, ou mais ainda, indiferente a ela, porque nem sequer a conhece?! Oh! Não; Teresa, estás ligada a mim por laços indissolúveis. Não invoco os da natureza, invoco os da cumplicidade. Em parte nenhuma te receberiam, porque não és mais do que uma enjeitada que se perdeu como tantas outras. Se me quiseres fugir, repara que o meu braço é poderoso e vai longe. Reflete na situação em que nos achamos. Tens a escolher entre dois caminhos: ou o da riqueza, do poder, do brilho, ou o da miséria e da solidão, porque nunca mais saís desta casa, enquanto eu não encontrar túmulo mais sombrio em que te esconda. Pensa bem: ou rainha da mão esquerda, vendo a teus pés os mais fidalgos cortesãos, mirando com desdém a própria rainha exilada pelo teu prestígio do coração e do tálamo do rei; ou mulher morta para o mundo, tendo-me a mim por carcereiro, porque não quero que vás, em saindo daqui, ser instrumento da minha perdição. Ou minha aliada nesta luta, ou minha inimiga implacável, e eu sei anular os inimigos que me incomodam.

A voz de Carlos era vibrante e rude. Todos os maus instintos da sua

natureza infernal despertavam de novo, passada a efêmera comoção, que lhe produzira a lembrança da morte da sua mãe, e das amarguras da sua infância. A ambição, que o devorava e enlouquecia, despertara com um ardor mais selvagem, agora que via os seus planos em parte desfeitos. Fazer daquela mulher, em quem supunha ter uma decidida influência, a amante do rei, fora o seu sonho predileto; empregara todos os meios para o conseguir. Quando vira que as seduções da riqueza e do poder não tinham atuado no espírito endoidado, mas não pervertido da menina, quisera arrastá-la pelo lado romanesco do seu caráter, pintando-lhe o seu projeto como uma vingança que tinha o seu quê de grandioso. Mas a fatalidade fora aí erguer-lhe um outro obstáculo. Teresa era sua irmã, e era irmã do rei. Arrastá-la a cometer conscientemente um incesto era impossível. Então D. Carlos, perdidos todos os recursos, lançara-se com desespero no último de todos os expedientes — a intimidação.

Mas esse também não podia atuar no espírito da enérgica menina.

— Ah! — disse Teresa, erguendo-se e cravando nele um olhar feroz. — Se põe a questão nesses termos, declaro-lhe desde já que aceito a luta, e que tem em mim uma inimiga implacável, inimiga que não recuará diante de meio algum para fazer conhecida de todos a sua infâmia e a sua indignidade, que irá, sendo necessário, lançar-se aos pés do rei, e contar-lhe em que laços o queriam prender.

— Ah! Isso te juro eu que não fazes.

— Veremos.

— Não lutes comigo, Teresa; esmago-te.

— Quem sabe?

— Estás em meu poder — disse D. Carlos estendendo as mãos para ela, e apertando-lhe os pulsos com tal força que a fez cair de joelhos, — estás em meu poder, e juro-te que nem a força nem a astúcia conseguirão arrancar-te daqui. Reflete e vê se te convém mais acederes ao que te aconselho, ou morreres sepultada nesta casa.

E, impelindo-a de modo que ela foi cair de costas sobre um tamborete, D. Carlos saiu fechando a porta com força.

— Que irmãos! — murmurou Teresa com uma ironia acerba na voz. — E que amantes!

Soltou um grito de raiva e de dor. Levantou-se, e, depois de olhar um instante em torno de si como que desvairada, foi sentar-se numa cadeira, encostando os cotovelos à mesa, e deixando cair a cabeça sobre os punhos cerrados.

Nisto um som grave e pausado fê-la estremecer. Era o sino da vizinha igreja de S. Paulo que dava dez horas da noite.

A essa hora, em casa de D. Maria de Jesus, terminava o serão e iam todos deitar-se. A boa senhora levantava-se da mesa de costura, punha as mãos e rezava uma curta prece, todas as pessoas de família a acompanhavam no cumprimento desse piedoso dever, sem excetuar a boa criada Doroteia, que, vindo lá da cozinha, parava à porta, rezava também a sua oração, e dizia: Boas noites nos dê Deus nosso Senhor. Depois Teresa beijava a mão da sua madrinha, recebia dela um beijo na fronte, despedia-se de Luís que a seguia com um olhar em que transpareciam a ternura, e a suave e benévola proteção, e dirigia-se tranquilamente para o seu quarto virginal. E agora... oh! O contraste era pungente de mais; Teresa sentiu no coração uma amargura profunda, e, caindo de joelhos para dirigir a Deus uma prece fervorosa, a prece das arrependidas, não pôde fazer mais do que derramar uma torrente de lágrimas.

Mas as lágrimas são oração também.

XI.

Duelo de morte

E Teresa contudo não era esquecida na casa onde fora por tanto tempo o amor e a alegria de todos. Lá se tinham chorado também bastantes lágrimas, e D. Maria de Jesus nunca olvidara o nome da pecadora nas suas orações, nem a Doroteia deixava de soltar de vez em quando no fundo da cozinha alentados suspiros, que lhe não eram decerto inspirados pela lavagem da loiça, ou pela manipulação do jantar.

Luís esse não parava nas suas investigações. Estava transtornado completamente; magro, pálido, triste, excitava a compaixão dos seus amigos, que debalde procuravam dissuadi-lo do empenho em que andava, e que até, diziam eles, era incompatível com a sua dignidade de homem. Mas Luís respondia aos mais íntimos como Garção, ou o padre frei Domingos, que entrevimos apenas no princípio desta narrativa, mas que era um dos familiares de sua casa, que só queria libertar Teresa das garras de um homem que não podia senão fazer a sua infelicidade; que não amava já a desgraçada que lhe fugira, mas que era responsável perante Deus por aquela alma, e que não descansaria, enquanto não empregasse todos os meios para a impedir de se perder de todo.

Admiravam os amigos de Luís Correia a dedicação do jovem oficial, e o seu zelo pela salvação de uma alma. Garção dizia ao padre Antônio Delfim que o seu comum amigo era um “tenente de Plutarco.” Só uns olhos de mulher, que raras vezes se enganam, e olhos de namorada que não se enganam nunca, mostravam, pela vermelhidão indicativa do muito que choravam, que se não iludiam acerca dos verdadeiros sentimentos de Luís,

e que sabiam bem que Luís amava ainda e amava profundamente a mulher que o traía. Eram os olhos de Aninhas.

Mas o empenho de Luís era baldado. D. Carlos de Mendoza desaparecera da casa onde morava, e ninguém sabia para onde transferira a sua residência. Um dia Garção, testemunha do desespero do seu amigo, aconselhou-lhe que falasse ao ministro. Sebastião de Carvalho, em cuja casa o espanhol tinha entrada franca, saberia decerto dar notícias dele e até poderia forçá-lo a restituir a menina que roubara de casa de sua mãe adotiva.

Luís aceitou com alvoroço o conselho de Garção, e este, que não quis deixar ficar em meio ao serviço prestado, levou-o a casa de seu pai, a quem pediu que apresentasse Luís ao secretário de estado. Filipe Correia, que era muito amigo do seu jovem parente, vendo o empenho que seu filho tinha nesse negócio, ainda mais prontamente satisfez o pedido que se lhe fazia. Mas estava-se na noite de 31 de outubro de 1755. El-rei fora para Belém, e no dia seguinte de manhã cedo Sebastião de Carvalho tencionava ir ter com D. José. Portanto era indispensável que fossem de madrugada ao palacete da rua Formosa.

Nesses bons tempos uma visita a horas tão matinais não era tão imprópria como o seria nos nossos dias, e demais Filipe Correia tinha bastante intimidade com o ministro, para não duvidar apresentar-se-lhe a qualquer hora.

Apenas rompeu portanto o dia 1 de novembro de 1755, Luís Correia foi bater à porta do pai de Garção, e esperou impacientemente que ele se vestisse para o acompanhar a casa de Sebastião de Carvalho. Razão tinha para isso, porque, apesar de Luís Correia ter vindo de sege, quando chegou com o seu parente ao prédio da rua Formosa, já encontraram uma carruagem à porta, e entrando no pátio, sentiram os passos do ministro que vinha descendo a escada.

— Por aqui a estas horas, Filipe Correia! — disse ele para o primeiro oficial da sua secretaria, assim que o viu. — Temos negócio de expediente que resolver?

— Não, senhor — respondeu o interpelado, — mas este meu amigo e parente, que tenho a honra de apresentar a v. ex.^a, deseja fazer-lhe um pedido tão justo e de tanta pressa, que eu resolvi-me a abusar da bondade de v. ex.^a, vindo apresentar-lho a estas horas.

Sebastião de Carvalho relanceou os olhos soberanos e perspicazes para o apresentado, que se curvava com respeito diante dele. Agradou-lhe, ao que parece, a fisionomia do jovem oficial, porque respondeu com benevolência:

— Para fazer justiça são boas todas as horas. Creio, sr. tenente — continuou ele encarando mais o protegido de Filipe Correia, — que não é esta a primeira vez que nos vemos.

— Tive a honra de conhecer pela primeira vez v. ex.^a — respondeu modestamente Luís Correia, — num dia bem terrível, no dia em que ardeu o hospital de Todos os Santos.

— Ah! Lembro-me agora, foi o senhor que deu mostras de inexcedível coragem na salvação dos enfermos. O seu procedimento honrou o nosso exército nessa ocasião. Bem! Bem! Esta lembrança é uma recomendação excelente. Dirá pois da sua justiça.

Luís Correia hesitou. Ali naquele sítio, a dois passos dos criados, no fundo de uma escada, é que havia de revelar o segredo do seu coração? Apesar de saber que Sebastião de Carvalho não gostava de ser contrariado, não pôde deixar de dizer:

— Meu Deus! Sr. secretário de estado, estou deveras aflitíssimo por vir importunar v. ex.^a nesta hora e nesta ocasião, e por ter de corresponder ainda à benévola atenção que me presta com importunidades não vãs mas...

— Diga.

— Desejava falar mais particularmente a v. ex.^a

— Oh! Oh! — acudiu Sebastião de Carvalho franzindo levemente o sobrolho. — O negócio é grave, ao que parece. Bem! Siga-me. Venha também, Filipe Correia.

— Se v. ex.^a mo permite, prefiro ficar aqui a respirar o ar da manhã, que não parece de inverno.

— Sim! Sim! — disse Sebastião de Carvalho subindo já a escada. — O mês de outubro correu extraordinariamente quente e o mês de novembro quer imitá-lo. Não há inverno este ano, e *lord* Tirawley, alegando que temos necessidade dele, é capaz de nos querer mandar para cá as brumas de Londres, com as mesmas condições que o sábio tratado de Methwen arbitra aos lanifícios.

Filipe Correia riu complacentemente do bom dito do seu chefe, e este, que decididamente acordara nesse dia de bom humor, chegando ao cimo da escada, dirigiu-se ao seu gabinete, e, abrindo a porta e entrando, fez sinal a Luís para que o acompanhasse.

Luís entrou, e ficou de pé defronte do ministro, que, atirando com o chapéu para cima da secretária, se sentou na poltrona, onde já o vimos num dos capítulos anteriores.

— Exponha o seu negócio — disse o ministro brevemente.

Luís Correia começou a falar. Foi rápida a sua narração, mas as longas angústias da sua alma transpareciam em cada palavra. À medida que prosseguia a frente do ministro ia-se anuviando. Quando acabou, houve um instante de silêncio. Os raios do sol nascente, entrando pela janela, e batendo de chapa no rosto de Luís, punham em evidência a sua assustadora palidez. O coração precipitava-lhe no peito as ansiosas pulsações.

— Essa mulher é indigna de si — disse o ministro. — Para que se preocupa com o seu destino?

— Senhor, é uma desgraçada que caiu nas mãos de um homem que a há de precipitar, de miséria em miséria, no extremo da abjeção. Em minha casa, junto de minha mãe, tem um asilo seguro, onde poderá visitá-la o arrependimento. E, senhor, é uma menina de dezoito anos, que ainda não tem a completa responsabilidade dos seus atos, que se pode arrancar do abismo onde a irreflexão a precipitou... daqui a pouco será tarde.

O homem fatal, que a seduziu, fará dela uma criatura perdida, e nem eu, nem minha mãe nos podemos conformar com o pensamento de que essa inteligência que nós cultivávamos, essa alma que íamos formando com tanto carinho e zelo, poderão para sempre sumir-se no abismo odioso, para onde esse homem, que não tem nem pundonor, nem brio, nem uma sombra de elevados sentimentos, não tardará a precipitá-las.

Sebastião de Carvalho ouvia-o em silêncio, voltando uma pena entre os dedos, com as sobrancelhas ligeiramente franzidas e os olhos cravados no chão. Depois pareceu tomar uma resolução definitiva, voltou-se para a mesa, puxou para si uma folha de papel, escreveu rapidamente algumas palavras, e estendendo a ordem a Luís estupefato, disse-lhe:

— Vá a S. Paulo, ao sítio indicado neste papel, que põe às suas ordens para efetuar a prisão de que o encarrego, os soldados que requisitar no quartel do seu regimento, conduza D. Carlos de Mendoza para o forte da Junqueira, onde, agora que vou caminho de Belém, mandarei que lho recebam. A Teresinha que escolha entre uma destas três alternativas: acompanhar o amante para a cadeia, meter-se num convento, ou tornar para a casa de onde fugiu. Vá: está a sua audiência terminada.

Luís Correia só então voltou a si do assombro em que o tinha lançado a rapidez da resolução do ministro. Ajoelhando-lhe aos pés:

— Senhor — disse ele, — sempre julguei que nunca ajoelharia senão diante de Deus ou do rei, mas v. ex.^a foi para mim a Providência que me salvou da loucura ou da morte. Beijo-lhe as mãos pela mercê que acaba de conceder-me. Foi justiça, senhor, asseguro-lhe que foi justiça, porque nunca animal mais venenoso do que esse D. Carlos de Mendoza pisou o solo português.

— Vamos, vamos, levante-se, sr. Luís Correia — redarguiu o ministro sorrindo com bondade; — diz muito bem não foi uma mercê que lhe fiz, foi um ato de justiça que pratiquei. Há muito que o governo de sua majestade fidelíssima seguia com vista atenta esse estrangeiro suspeito, que

frequentava com singular assiduidade as casas professoras e colégios e noviçados dos jesuítas, que andava de manhã numa roda viva de Santo-An-tão para S. Roque, de S. Roque para a Cotovia, e que de noite brigava com a ronda na volta das orgias. Agora esta última façanha fez transbordar o vaso; roubar aos seus protetores legítimos uma menina de dezoito anos para a perder, para a prostituir!... Nada! É necessário que o castigo fulmine o crime como um raio vingador.

E, sem querer ouvir mais os agradecimentos do jovem oficial, Sebastião de Carvalho pegou no chapéu, e desceu a escada com passo ligeiro e decidido. À porta estava ainda o pai de Garção.

— Venha comigo para Belém, Filipe Correia — disse o ministro batendo-lhe levemente no ombro. — O seu protegido vai satisfeitíssimo, hoje estão as repartições fechadas, venha tomar ares de campo. Previno-o que lhe dou de jantar.

— Agradeço muito o amabilíssimo convite de v. ex.^a, mas, se v. ex.^a mo permite, deixe-me estar em Lisboa. Hoje é dia de Todos os Santos; meu filho Pedro ficava mal comigo, se não jantássemos juntos.

— Pedro?... ah! Sim... o poeta? Ele faz versos, sim?

— Sim senhor.

— É certo... já tenho ouvido gabar-lhos... Mas em todo o caso diga-lhe que se deixe disso... Versos são frivolidades indignas de homens sérios e pensadores... e depois podem trazer maus resultados... Veja o Dinis! Perito em leis, com a mania de fazer versos zombeteiros, é capaz de levantar contra si alguns rancores que lhe transtornem a carreira... Mau sestro! Mau sestro!

— Mas meu filho não é satírico, está longe de ser virulento...

— Ah! Mas que não seja ao menos como o Quita que me endoidece com os seus pastores e pastoras... Eu então sou uma vítima do cabeleireiro, que, achando no meu nome “Carvalho” assunto para inspirações bucólicas, não me deixa um momento... Lá nos versos dele ando sempre trans-

formado em árvore... E não me sai de graça a transformação, de modo que afinal de contas a poesia o que faz é concorrência à mandriice.

— Meu filho tem caráter muito independente — redarguiu Filipe Correia um pouco ofendido pelo modo desprezador do ministro, — e a sua musa nunca há de ser cortesã.

— Pois que se livre de ser oposicionista, como diria *lord* Tirawley com os seus hábitos parlamentares. Eu não consentirei que as musas façam oposição... Se o tentarem, os poetas vão para os fortes que por aí há, e as musas que regressem ao Parnaso, se assim lhes aprover. O melhor é não fazer versos, mas, se teimar em fazê-los, que não passe dos sonetos a Anarda. Vi algumas odes de seu filho, e pareceram-me austeras de mais; havia nelas como que um sopro da velha Roma republicana. Isso poderá ser muito bom como poesia, mas eu é que não tolero inspirações libérrimas.

Depois, vendo que Filipe Correia parecia mortificado e inquieto:

— Está bom, está bom — disse ele, — não vá agora assustar-se. Sei que seu filho é um excelente moço, temente a Deus e ao rei, e incapaz de advogar ideias perturbadoras; basta que tenha cautela para que os seus versos não deem lugar a interpretações malévolas, que estariam muito longe do seu intento. Mas, pela última vez, quer vir para Belém e jantar hoje comigo?

— No dia de Todos os Santos, senhor secretário de estado...

— Está bom, está bom, respeito e compreendo os seus escrúpulos. Eu também tenho filhos, e sei quanto é agradável vê-los à roda da mesa, onde nos sentamos. Adeus! Adeus! Sr. Luís Correia — continuou ele, aproximando-se do tenente, — escuso de lhe dizer que deve guardar o mais absoluto segredo acerca do negócio que lhe foi incumbido por mim, antes e depois da execução das minhas ordens.

— Pode v. ex.^a estar descansado — respondeu Luís Correia, curvando-se respeitosamente.

Sebastião de Carvalho meteu-se na carruagem, que, a um sinal do secretário de estado, partiu como um relâmpago pela rua Formosa abaixo.

— Então está satisfeito, meu amigo? — perguntou Filipe ao seu parente.

— Mais do que supunha possível. Tudo lhe diria se o ministro me não houvesse recomendado o mais absoluto sigilo, que entendo que não posso quebrar de modo algum. Mas pelo obséquio que me fez ficar-lhe-ei, acredite-o, eternamente grato.

— Não tem de quê, meu amigo. Vá, vá, tome a sege que eu vejo que está impaciente.

— Vou levá-lo primeiro a casa.

— Para quê? Faz-me bem este ar da manhã, vou saboreá-lo muito do meu vagar.

Os dois parentes abraçaram-se com efusão. Luís percebeu que um tremor convulso agitava o velho oficial de secretaria.

— Que tem, meu amigo? — perguntou ele inquieto.

— Não sei — respondeu Filipe Correia; — é uma tristeza vaga, causada talvez pelas palavras do ministro relativas aos versos do Pedro. Que quer! Preocupações da idade.

Não eram; eram pressentimentos da morte. Apertando a mão de Luís Correia, o pai de Garção afastou-se vagarosamente. Davam nove horas da manhã. Mal diria ele que daí a uma hora estaria transformado em cadáver, mal pensava decerto, quando rejeitava um lugar na carruagem do ministro, que estava rejeitando a salvação e a vida.

Mas sigamos nós Luís, que, metendo-se na sege, sem se importar com os solavancos desse instrumento de martírio, cantado lamentosamente anos depois por Nicolau Tolentino, dá ordem ao boleeiro para que siga a todo o trote na direção de S. Paulo. Devora-o uma febre intensa; aperta com mão convulsa o papel que encerra nas suas dobras a salvação de Teresa e a sua própria vingança. Nem pensa em ir ao quartel buscar

os soldados que Sebastião de Carvalho lhe recomendou que levasse, tem uma espada ao lado, a cólera duplica-lhe as forças, e Luís julga desnecessário um auxílio qualquer para prostrar, para calcar aos pés o homem que lhe roubou a felicidade.

Chegando à porta da casa indicada, Luís apeou-se e bateu uma forte aldrabada. Logo a criada preta foi abrir, e do alto da escada, perguntou com a sua voz roufenha:

— Quem é?

— Da parte de el-rei! — respondeu Luís, subindo os degraus a quatro e quatro.

Ouvindo essas palavras mágicas, o dono da casa apareceu com alvoroço à porta dos aposentos, perguntando ao mensageiro cujas feições não distinguia, pela escuridão da escada:

— Que recado traz?

— O de conduzir a uma prisão do Estado o sr. D. Carlos de Mendoza — respondeu Luís que se achava já nessa ocasião defronte do seu rival.

Conhecendo a voz detestada e as feições do homem que pronunciara essas últimas palavras, D. Carlos recuou estupefato, exclamando:

— O sr. aqui? O que vem cá fazer?

— Arrancá-lo desta casa, e arrastá-lo para uma cadeia onde possa expiar os seus horrorosos crimes.

— Prender-me? Com que autoridade?

— Com esta.

E Luís, com os dentes cerrados, com a raiva a transparecer-lhe nas feições convulsas, mostrou a ordem a D. Carlos.

— Assinada por Sebastião de Carvalho! Impossível! Ele bem sabe que, perdendo-me, se perde a si também.

— Não sei se se perde se não — redarguiu Luís, — sei que me encarregou de o prender, e de lhe arrancar das garras a pobre menina que seduziu. Onde está Teresa?

— Não sei, nem me importa, nem conheço essa mulher. Mas agora — continuou ele, que fora recuando, recuando até chegar a um canto da casa onde tinha encostada a espada, — sou eu que mando aqui, mais do que o sr. Sebastião de Carvalho ou qualquer apaniguado seu. Saia de minha casa.

Brandia na mão a espada desembainhada; no mesmo instante outro ferro lampejou nas mãos de Luís.

— Sair eu! Não me conhece ainda, sr. D. Carlos de Mendoza. Responda categoricamente: Onde está Teresa?

— Num sítio de onde não conseguirá arrancá-la. Isso lhe juro.

— Não obedece às ordens do ministro de el-rei? — insistiu Luís.

— Cumpra-as, se pode. Eu não obedeço, e farei arrependê-lo sr. Sebastião de Carvalho da sua cega temeridade.

Mas Luís não lhe redarguiu.

— Teresa! — bradou ele com voz de estentor. — Onde estás? Responde-me! Sou eu, é Luís.

Respondeu-lhe um flêbil gemido, que parecia vir dos quartos interiores. Desorientado, Luís Correia nem se lembrou das ordens do ministro, e correu para o sítio de onde vinha o grito indicativo da presença de Teresa. D. Carlos entretanto poderia fugir, mas ele é que não era homem dessa têmpera. Ágil como um tigre, correu a colocar-se diante da porta por onde Luís queria penetrar.

— Deixe-me — exclamou Luís desvairado, — deixe-me salvar essa infeliz.

— Isso fia mais fino, meu amigo — tornou D. Carlos zombeteiramente. — Ah! Mancebo virtuoso! Vieste lançar-te, com as armas da legalidade, na caverna do tigre. Pois vais-lhe experimentar as garras, que é para veres o caso que eu faço da lei.

Uma vigorosa cutilada completou a frase, mas a espada de Luís acudiu pronta à parada, e os dois ferros feriram lume, batendo um no outro.

Então começou o duelo, silencioso e mortal. Eram dois jogadores de armas talvez de igual força. As espadas encontravam-se sempre, enlaçavam-se como duas serpentes de aço, não achavam porém nunca descoberto o corpo do adversário. D. Carlos manobrava de modo que pudesse chegar à porta, Luís procurava impedi-lo. Os gemidos de Teresa ouviam-se já ao longe, mas distintamente, pela porta que D. Carlos conseguira empurrar com o pé. Luís apertava-o deveras. De olhos cintilantes, nos lábios uma espuma sanguínea, os dois adversários miravam-se mutuamente com ansiedade, desejando encontrar uma aberta, por onde rompesse o ferro em busca do coração. Enfim D. Carlos conseguiu meter meio corpo na porta entreaberta, e ia a empurrá-la com força para lhe correr os ferrolhos, quando Luís, largando a espada que não fazia senão embaraçá-lo, entalou-se na porta, e, arrojando as mãos ao pescoço do seu adversário com força sobre-humana, fê-lo ir ao chão, sem se poder esquivar a ir também arrastado na queda.

Então começou nessa porta interior uma luta corpo a corpo, mais feroz do que o duelo antecedente. A espada fugira das mãos de D. Carlos, porém os pulsos nervosos do filho da cigana obrigaram Luís a largar-lhe o pescoço. Carlos ficara debaixo do seu adversário, mas possuía nesse novo combate grandes vantagens sobre ele. Sem ser débil nem pesado, Luís não tinha contudo a agilidade e o desenvolvimento muscular do seu competidor, habituado na sua vida errante a servir-se mais dos punhos do que da espada, para resolver as questões que travava nas feiras de Espanha ou nas tabernas da Cité em Paris.

Largando o pescoço de D. Carlos, Luís pôde contudo sustê-lo os braços no momento em que procuravam afogá-lo. Enlaçaram-se então estreitamente, braço com braço e perna com perna. Sentiam nas faces vermelhas de fadiga a respiração ofegante um do outro, os olhares cruzavam-se, cintilantes e implacáveis como dois punhais. Houve um momento em que os dois contendores conseguiram neutralizar-se mutuamente, e em que ficaram na mais perfeita imobilidade.

Nesse instante de silêncio e tranquilidade cheio de ameaças, o sino da igreja de S. Paulo deu vagarosamente meia hora depois das nove.

Involuntariamente Luís, que não se lembrava que estava próximo da igreja, ao ouvir a primeira badalada, por um movimento natural e instintivo, afastou um instante os olhos dos do seu contendor. Foi o que bastou. Rápido como uma seta, o braço direito de D. Carlos soltou-se das mãos de Luís, e foi apertar-lhe a garganta como uma tenaz de ferro, a perna direita deu um impulso ao corpo do jovem tenente, e voltou-o no chão, e, em menos tempo do que levamos a descrevê-lo, Carlos achava-se em cima de Luís, com um dos joelhos sobre o seu peito, a mão direita afogando-lhe as goelas, a esquerda pregando-lhe no chão o braço direito. Nos olhos do filho da cigana cintilava um prazer cruel; não havia que esperar misericórdia. A morte de Luís era inevitável. Só Deus o podia salvar.

Também Luís pronunciou mentalmente os nomes queridos de sua mãe e de Teresa, e, cravando o seu olhar sereno nas pupilas inflamadas de D. Carlos, esperou a morte com altiva serenidade.

De súbito sente-se um rumor subterrâneo longo e pavoroso. Debaixo dos corpos dos dois contendores a casa oscila, como um navio batido pelo vendaval. O rumor aumenta chegando a uma intensidade espantosa, ouve-se na rua um grito imenso de misericórdia, o sobrado da casa estala com fragor medonho e logo abre um boqueirão enorme, as paredes fendem-se de alto a baixo, rangem as vigas do teto e desabam, e os dois adversários, que num momento se erguem, pálidos e estupefatos, acham-se por um verdadeiro milagre em pé num pequeno espaço que ficou incólume, no meio de um monte de ruínas, em que de súbito se transformaram as salas, ouvindo o imenso clamor de Lisboa fulminada pelo inesperado cataclismo.

Era a catástrofe terrível de 1 de novembro de 1755.

XII.

O terremoto

Nunca um desastre mais formidável e mais subitâneo caiu sobre uma cidade. Quem podia prever minutos antes aquele sinistro acontecimento? O céu estava azul e sem mancha, soprava brandamente uma aragem suavíssima, era regular a temperatura, os sinos das igrejas tocavam por toda a parte à missa, e nos templos a multidão aglomerada assistia ao santo sacrifício nesse festivo dia de Todos os Santos. Pairavam sobre a capital a serenidade e a alegria; inundava a atmosfera uma radiosa claridade, e tudo isso era substituído de um momento para o outro pelas trevas, pela morte, pela ruína, pelo gelado pavor!

Um ligeiro intervalo de remissão sucedeu ao primeiro abalo, e Luís e D. Carlos, olvidando os seus ódios naquele momento supremo, correram à janela da primeira sala que se conservara intacta por milagre, para daí saltarem à rua. Um pensamento superior a todos os outros se apoderara de Luís: correr a casa para salvar sua mãe. O primeiro andar não era demasiadamente alto, e as ruínas tornavam fácil a descida. Num momento se achou no meio da rua, seguido por D. Carlos, que não pensava senão na sua própria salvação. Mas, apenas tinham dado dois passos, o tremor repetiu-se com uma intensidade assustadora; os gritos do povo atroaram os ares, ouviu-se de novo um estampido horrível, novas ruínas se juntaram às que já estavam acumuladas, ergueram-se nuvens de pó, e o balanço das casas obrigou-os a cerrarem os olhos, entontecidos por aquela visão infernal. Quando os abriram, acharam-se ainda sãos e salvos, mas a casa de onde saíam desabara com medonho estrondo, e, agarrada ao pa-

rapeito de uma janela que se rasgava numa parede que ficara de pé, uma mulher desgrenhada soltava gritos dilacerantes de angústia e de terror. Luís olhou e reconheceu Teresa, que lhe bradava:

— Luís, por amor de Deus, salve-me! Salve-me!

Ao som daquela voz tão amada não pôde ele resistir; trepando a custo pelos pedregulhos amontoados, dirigiu-se para ela anelante, não cuidando senão em livrá-la das angústias da morte horrível que a esperava. Mas, quando chegou à altura da janela, quando já estendia as mãos para a salvar, viu-a desaparecer soltando um grito de aflição. Julgou-a perdida irremissivelmente, e parava atônito, com os cabelos hirtos de horror, quando entre as ruínas da casa viu surgir, com os cabelos em desordem, o fato rasgado, o rosto e as mãos ensanguentadas, mas levando nos braços Teresa que se estorcia com raiva e que estendia para Luís os braços suplicantes, o vulto sinistro de D. Carlos.

— Maldito! — exclamou Luís precipitando-se atrás dele numa corrida vertiginosa.

Só lhe respondeu um grito de triunfo, e Mendoza, levando a presa cobiçada, desapareceu por entre as ruínas do terremoto.

— Perdida! — bradou Luís com desespero. — E minha mãe, e minha pobre mãe! Ó que infame que eu sou que a olvidei por um momento!

E, reunindo todas as forças que lhe restavam, largou a correr na direção do Rossio. Não via, não ouvia coisa alguma. As cenas que atravessava eram cenas de confusão medonha. Ao desembocar no largo de S. Paulo, repetia-se o tremor com intensidade ainda mais violenta, e a igreja desabava com uma detonação formidável. Um imenso grito de “Misericórdia, meu Deus!” atroou os ares. Não se escutavam senão confusos e sinistros rumores; era a queda das casas, o doído badalar dos sinos, quando oscilavam, antes de cair, as torres dos campanários, o rugido subterrâneo que horrorizava todos, os gemidos dos moribundos, os gritos de angústia, os prantos. Incólume ainda no meio das ruínas, como se velasse por ele a mão

da Providência, Luís foi topar na sua corrida com uma multidão desvairada que se aglomerava no largo fugindo das ruas adjacentes, mulheres com trajos descompostos, e não pensando nem de leve nos resguardos do pudor, homens atropelando-se uns aos outros, crianças chorando, pisadas, esmagadas, perdidas, um quadro horrível, de onde saía um confuso rumor das mais encontradas exclamações.

- Meu filho! Onde está o meu filho?
- Acaba-se o mundo! Misericórdia, Senhor!
- Aí vem o mar sobre a cidade! Fugam! Fugam!
- Minha mãe! Ó minha mãe! Acuda-me que eu morro!
- Anjos do Céu, valei-nos!
- Ó Santíssima Virgem, salvai este povo!
- Deus de piedade!
- Ó meu querido marido! Morto! Morto!
- Vai cair a torre! Senhor Deus, misericórdia!
- Perdoai-nos os nossos pecados, ó doce Jesus!
- Está-se a abrir o chão!
- O Sol que se apaga! É o fim do mundo! É o fim do mundo!

E, os prantos, os gritos, os soluços irrompiam de toda a parte num concerto lamentável. E Luís corria, corria sempre, anelante, quase desejando que alguma dessas pedras que lhe caíam em torno o esmagasse a ele, e lhe acabasse com a vida miserável e odiosa, que não lhe servia ao menos para salvar os entes mais queridos que tinha na Terra.

As ruínas acumulavam-se por toda a parte, o chão das ruas, aberto em boqueirões medonhos, exalava fétidos miasmas, as nuvens de vapores que se exalavam da terra escureciam o Sol. A multidão, composta dos elementos mais diversos, vagueava à toa, querendo fugir e sem saber para onde. Cadáveres horrivelmente mutilados apareciam por entre as pedras; homens meio esmagados nos destroços, mas ainda vivos, pediam socorro que ninguém lhes dava. Freiras com as suas vestes monásticas anda-

vam como que loucas sem saber o caminho que haviam de seguir, e sem que pessoa alguma também reparasse nelas. No largo do Corpo Santo alastravam-se as ruínas do convento de religiosos irlandeses, e causava dó ver os pobres frades sobreviventes, pasmados, extáticos, diante das paredes prostradas do seu asilo, a chorar em silêncio. Luís olhou para o Tejo, e desviou a vista com horror; o rio, agitando-se em vagas enormes, baloiçava com fúria os navios. Passando através da multidão desvairada, que ou rezava de joelhos, ou chorava, ou caminhava como que inconsciente fugindo para as igrejas desmoronadas, saindo logo delas, correndo aos cais, metendo-se em botes que se viravam, Luís chegou ao Pelourinho atulhado das ruínas do Paço da Ribeira e dos outros edifícios próximos, e ali encontrou carruagens quebradas, com os cocheiros, os passageiros e os cavalos mortos. Tropeçava a cada instante num cadáver, e o pensamento horroroso de que podia encontrar também, quando chegasse a casa, o cadáver de sua mãe, é que o incitava a correr doidamente por essas ruas sinistras.

Precedamo-lo nós e vejamos o que se passara noutro ponto do teatro dessa tragédia imensa.

Eram mais de nove horas da manhã quando D. Maria de Jesus, acompanhando a família da Aninhas, entrou na igreja do Socorro para ouvir a missa da festa de Todos os Santos. A igreja estava cheia de gente e o altar adornado de flores brilhava com as inúmeras luzes dos tocheiros. Acabava de levantar a Deus, e todos os assistentes, ajoelhados e de cabeça curva, batiam no peito com religiosa compunção, enquanto o sacerdote erguia a hóstia; soltava cá fora o sino as badaladas solenes que anunciavam o momento, por assim dizermos, culminante do santo sacrifício, quando de súbito se ouviu aquele imenso rugido subterrâneo, de que já fizemos menção, a igreja oscilou como se mão sobre-humana a sacudisse para a desarraigar do solo, os sinos baloiçados na torre soltaram como que lúgubres gemidos, como que um grito imenso de dor e de aflição, as imagens

dos altares desprenderam-se e caíram no meio da turba aterrada, despenharam-se do altar-mor os tocheiros com as velas acesas, e quando a turba dos assistentes, soltando um brado angustioso de misericórdia, corria para a porta em tropel, o trovão subterrâneo redobrou de intensidade e de estrondo, e o teto da igreja, estalando com fragor, desabou esmagando debaixo de si os desgraçados fugitivos.

Não há instrumento humano, ainda que o faça vibrar o gênio de Meyerbeer, o cantor sublime das grandes paixões e das supremas angústias, que possa exprimir o brado doloroso e terrível que saiu daquela igreja tão subitamente mudada num monte de destroços, brado composto de gritos, de gemidos, de blasfêmias, de súplicas, nota plangente e estrídula que tinha por lúgubre acompanhamento o rugido subterrâneo que descrevemos já, e o desabar estrondoso das casas, igrejas e edifícios públicos que enchiam essa Lisboa toda de ruínas e de confusão.

As pessoas que escaparam do desastre correram como loucas na direção do Rossio. Entre elas iam D. Maria de Jesus, Aninhas e sua mãe. Manuel Rodrigues de Oliveira, o pai de Aninhas, esse lá ficara esmagado debaixo do teto da igreja. As três senhoras corriam por entre as ruínas, e Aninhas, que não perdera de todo o acordo, amparava sua mãe e a sua amiga, e chamava com brados dilacerantes por seu pai. Nessas ruas estreitas porém o entulho acumulado oferecia obstáculos quase invencíveis, e Aninhas com uma dedicação sublime ajudava as senhoras idosas que a Providência confiara ao seu cuidado, aqui a saltar umas pedras, além a trepar penosamente um monte de ruínas, resguardava-as mais adiante de uma trave que desabava, porque o tremor não parava, e durante sete minutos, sete séculos, Lisboa oscilou doidamente nas garras do demônio subterrâneo, durante sete minutos o cataclismo horroroso demoliu os edifícios soberbos, e semeou o terror e a desolação pela condenada cidade. O quadro era sinistro, e os diversos estrondos davam-lhe ainda um toque mais lúgubre e assustador. O trovão subterrâneo rugia com um

som rouco e profundo, confundiam-se com esse ruído o estalar dos vigamentos, o medonho estampido das casas que desabavam, o toque dos sinos que a agitação do solo sacudia, e que entornavam na atmosfera a sua urna de desesperados gemidos. Voavam as telhas de um para outro lado, como folhas desprendidas das árvores, o Sol escurecia-se porque lhe extinguíam a luz as nuvens formadas pela concentração dos vapores que se exalavam das fendas enormes em que a terra por toda a parte se rasgava. O desabar dos edifícios levantava também do solo turbilhões imensos de poeira, que ainda aumentavam as trevas. As exalações mefíticas povoavam de miasmas o ambiente. O rio fugia como horrorizado das margens, repellido para longe pela convulsão da terra, as águas da maré, encontrando-se com as que se retraíam das praias, lutavam em furioso embate, encastelavam-se em montanhas gigantes, e, arrojando-se de novo sobre as praias, desabavam na cidade e submergiavam os cais, entravam por Lisboa dentro até distâncias enormes, chegando às portas de Santo Antão, e de novo se retiravam e voltavam, mais aglomeradas, mais furiosas, mais espumantes, alagando as ruínas, quebrando nas paredes dos edifícios, trazendo consigo, enrolada nas ondas, a morte debaixo de um novo aspeto. Era a formidável confusão da natureza, era a medonha luta entre todos os elementos, era o horror debaixo de todas as suas formas, a convulsão da terra, a tempestade das águas, a lúgubre escuridão, os boqueirões do inferno mostrando as fauces hediondas, o incêndio que principiava, a imagem tremenda do caos, o ideal sinistro do Báratro.

Aninhas caminhava, fechando às vezes os olhos para não ver o medonho espetáculo que a endoidecia.

— Meu pai! — bradava ela de quando em quando. — Meu pai, onde está?

E a sua voz confundia-se com outros mil gritos semelhantes, que por todos os lados ecoavam.

— Meu filho — exclamava D. Maria de Jesus, — onde estará o meu filho?

— Ânimo, minha senhora — dizia-lhe Aninhas, — está salvo decerto.

— Meu filho — repetia D. Maria de Jesus sem a ouvir nem atender.

Entravam nesse momento no Rossio, todo alastrado com as ruínas do palácio da Inquisição, e de muitos outros edifícios. Afluíam de todos os lados turbas de fugitivos, procurando o refúgio desse espaçoso largo. Mas aí esperava-os ainda, se é possível, mais espantoso desastre, e mais horrível espetáculo. Entre os diversos rumores do terremoto, ouviu-se de súbito um estrondo sinistro e indefinível, um como rugir de vagas. Olharam para o Terreiro do Paço, e o que viram assombrou os mais intrépidos. O Tejo, encastelado numa onda imensa, coroada de espuma, galgava por cima das casas em ruínas e despenhava-se no Rossio com hórrido fragor. A torrente enorme corria alagando a praça, e diante dela fugia a multidão desvairada e louca.

— Ai minha mãe! Minha mãe! — exclamou Aninhas, abraçando-se a chorar às duas senhoras. — Ai, minha mãe! Que é o fim do mundo.

Nem forças teve para fugir. D. Maria de Jesus e Josefa, quebradas por este último golpe, contemplavam, com um olhar atônito e desvairado de onde parecia ter fugido o lume da razão, a onda que avançava rugindo, espumando, enquanto a terra continuava a tremer furiosamente, e os prédios desabavam, e se via por entre as trevas aqui e além brotar uma chama sinistra a anunciar um começo de incêndio. Enfim já vinha a dois passos a vaga; mais arrastadas pelo refluxo do povo, do que impelidas pela própria vontade, as três senhoras fugiram enfim, mas a mãe de Aninhas tropeçou e caiu. Então a onda abraçou-a nas suas fauces monstruosas; ouviu-se um grito dilacerante, o da pobre filha que assim ficava órfã num momento... e nada mais. O rio chegara ao extremo limite do seu curso, e refluía de novo para o seu leito normal, levando consigo as presas que empolgara. O tremor abrandara, o solo parecia ter recuperado a primitiva firmeza, e

os sobreviventes da catástrofe podiam contar-se uns aos outros, e enumerar as perdas horríveis que houvera nesses sete minutos infernais, que tinham tão de súbito demolido Lisboa.

O quadro que o Rossio apresentava era deveras horroroso. Ruínas por toda a parte, nuvens densíssimas de pó e de vapores mefíticos na atmosfera; o Sol, que de novo rasgara a cortina que o envolvera, aparecia no céu lívido e amarelado, como se também sentisse o horror da catástrofe que presenciava. Grupos numerosos de infelizes gemiam, choravam e rezavam, e neles se viam freiras modestas e recatadas, unidas no mesmo terror e na mesma angústia com as meretrizes mais vis, mulheres chorosas abraçadas a crianças que tinham conseguido salvar, a dor humana debaixo de todos os seus aspetos, a alegria em todas as suas manifestações, porque o encontrarem-se salvos depois de tão terríveis momentos era para os pais e para os filhos, para irmãos e irmãs, maridos e esposas, um júbilo infinito. O grupo onde se achavam Aninhas e D. Maria de Jesus era talvez o mais doloroso de todos. Parecia que nem uma só das pessoas que o compunham deixara de padecer cruelmente na catástrofe que fulminara a cidade. Aninhas, abraçada a D. Maria de Jesus, chorava perdidamente, exclamando:

— Ó minha santa amiga! Estou só no mundo! Sozinha! Perdi a minha mãe! Perdi meu pai; e de que modo, Deus do Céu, de que horrível modo!

Maria de Jesus olhava para ela sem parecer compreendê-la.

— Perdeu-os! Ficaram no Inferno? Coitadinhos! — exclamou enfim D. Maria de Jesus em voz baixa e com os olhos vagos e atônitos. — O meu Luís, não sabe? Está no Céu. Hei de encontrá-lo ainda!

— Que diz, minha senhora? — bradou Aninhas aterrada, e prevendo novas desventuras.

— Sim! Está no Céu o Luís. Nós saímos do inferno, e entramos no purgatório. Não viu? Foi a vaga que nos trouxe, aquela vaga enorme... enorme... onde vinham demônios a rir... a rir... fugiram e nós ficamos aqui no

purgatório, mas havemos de passar, havemos de passar para o Céu onde o meu filho entrou.

— Oh! Meu Deus! Meu Deus! Que está doida! — soluçou Aninhas apertando com desespero as mãos na cabeça.

— Vamos para o Céu, vamos, filha... Não vê? — continuou D. Maria de Jesus com um sorriso vago nos lábios, e apontando para uma criança que jazia morta nos braços de uma mulher sentada no chão com os olhos secos e ardentes cravados com uma expressão desvairada no pequeno cadáver. — Não vê? Ali está o anjo que nos há de mostrar o caminho. Dorme agora, mas ele acordará, com asas brancas, com asas de luz e de oiro.

— Dorme! — exclamou a mulher que tinha nos braços o cadáver. — Não dorme, não! Está morto, está morto, o meu filho. Vinha a fugir com ele da igreja, já o salvara, já o trouxera para a luz do dia, e vem uma pedra, desaba uma pedra e mata-mo nos braços, e deixa-me ficar viva a mim, a mim que sou sua mãe! Que justiça é esta? Que Providência é esta que mata um filho nos braços de sua mãe? Se este horrível castigo foi chamado pelos nossos pecados, não os tinha o meu inocentinho, não os tinha decerto. Era eu, era eu que devia ser morta. E mataram-mo a ele! Assassinos! Assassinos! Não há Deus, não há anjos, não há Virgem Maria, o Céu está povoado, mas é de assassinos que me mataram o meu filho!

Ninguém fazia caso daquelas blasfêmias, como ninguém fazia caso das queixas e dos gemidos. Nesse momento angustioso só predominava o egoísmo. Um padre contudo aproximou-se e disse-lhe:

— Pobre mãe, tenha ânimo. Não blasfeme! Para quê? Não se irrita Deus com as suas blasfêmias porque a misericórdia infinita lhe permite avaliar a imensidade da sua dor, mas a alma do seu filhinho, que está agora vestida de luz nos coros imortais dos anjos, há de contristar-se ouvindo essas palavras. O quê! Pois nem tem uma lágrima para suavizar a esse pobre corpinho, ainda quente do calor da vida, a perda do espírito que o animava, não tem uma oração para mais depressa abrir à sua meiga alma

infantil as portas luminosas do Céu? Vá, chore e reze em vez de blasfemar, chore e dê-me esse corpo que não pode já aquecer com os seus beijos, olhe para o céu, reze, e veja, entre esta catástrofe terrível que não foi produzida pelos nossos pecados — que para castigar pecados lá estão as penas eternas — que é uma consequência das leis imutáveis da natureza, veja, através do firmamento, que principia de novo a azular-se, a face misericordiosa de Deus.

E o padre Delfim, porque era ele, tirou brandamente o cadáver da criancinha dos braços da mãe, que, vencida pela sua doce e branda palavra, caiu de joelhos, rezando e chorando.

Quando percorria o grupo, levando as consolações da religião aos moribundos e aos aflitos, tendo uma palavra suave para cada dor e um lenitivo para cada angústia, ouviu uma voz que chamava com desespero pelo seu nome. Era a voz de Aninhas, que lhe apontava para D. Maria de Jesus, a qual, sentada no chão com as pernas encruzadas e com um vago sorriso nos lábios, olhava para tudo com o sorriso estúpido do idiotismo.

— O que é? — disse ele aflito. — Aninhas, aqui também! E sua mãe e seu pai?

— Morreram ambos, sr. padre Delfim, e a sr.^a D. Maria de Jesus enlouqueceu-me nos braços. Veja se me salva desta aflição. E o Luís sem aparecer! Que lhe terá sucedido, meu Deus?

— Então, sr.^a D. Maria de Jesus — exclamou o sacerdote, — não me conhece? Sou eu, o padre Delfim.

— Sim, bem sei — redarguiu serenamente a pobre senhora, — vem do Céu, não vem? Viu lá o meu Luís? Eu quero ir vê-lo! Quero ir vê-lo!

E, com um modo infantil, D. Maria de Jesus começou a chorar mansinho, mansinho, mas com uma tristeza que cortava o coração.

— Coitada! Aqui não há remédio algum que não seja a presença do filho! Vejamos, tentemos uma coisa que a reanimará talvez.

E, trepando acima de uma pedra, o padre Delfim bradou:

— Luís! Luís! Vem cá à tua mãe.

D. Maria de Jesus levantou-se efetivamente como se mola secreta a impelisse, mas ao mesmo tempo, por verdadeiro milagre, um homem que ia correndo direito às portas de Santo Antão, parou, orientando-se, voltou-se para o sítio de onde viera a voz, e, atravessando impetuosamente um grupo, caiu nos braços de D. Maria de Jesus.

Era Luís Correia.

— Minha mãe! Minha mãe! — bradou ele. — Encontro-a salva! Salva! Oh! Não esperava já este raio de ventura.

Aninhas e o padre Delfim choravam comovidos por aquela situação, que a um lembrava tristemente as suas próprias desgraças, ao outro acordavam a sensibilidade nervosa, que as desventuras desse dia tinham vivamente excitado.

Mas logo D. Maria de Jesus, olhando em torno de si, e vendo as ruínas acumuladas, os edifícios prostrados, os grupos de gente endoidada que soltava gritos lamentosos, sentiu escurecer-se mais a noite que lhe invadia o cérebro, e agarrando-se a Luís, conchegando-se a ele como uma criança que tem medo, exclamou:

— Luís, salva-me!... Não sabes?... Vieram uns demônios, uns demônios invisíveis que transformaram Lisboa num inferno. Tu vens do Céu? Não vens? Leva-me para lá... para o Céu sim... que não se pode viver aqui... O mar, não ouves o rugir das suas ondas?... Olha! Como é pavoroso! O mar, Luís, esteve aqui o mar!... Trouxe-o Satanás numa concha imensa... E caíram as casas... e eu morri!... Morri, filho, mas tu também morreste, não é verdade, Luís? E vens agora levar-me para o Céu...

Luís escutara com assombro. Quando ela acabou, soltou um grito de horror.

— Mas o que é isto?... Minha mãe, torne a si, sou eu... é o seu filho que lhe fala... o seu Luís, não me ouve? Não me conhece? O que sucedeu foi uma desgraça horrível, mas já lá vai, já passou. Reanime-se agora, minha

querida mãe, tenha coragem!... então!

E ela não lhe respondia, e cada vez se aconchegava mais ao seu seio, deixando cair pelas costas os cabelos grisalhos, e fitando em tudo o que a rodeava um olhar em que se pintava o mais profundo pavor.

— Mas, meus amigos — exclamou Luís duvidando ainda do testemunho da sua razão, e voltando-se para o padre Delfim e para Aninhas, — minha mãe enlouqueceu?

E o pranto saltou-lhe dos olhos copioso e amargo, e os soluços dilaceraram-lhe o peito.

— Luís — exclamou de súbito uma voz junto deles, voz conhecida e amiga que alteravam contudo comoções profundíssimas, — Luís, onde está meu pai? Que fez de meu pai?

— Garção! — exclamou Luís sem lhe ouvir a pergunta. — A minha mãe! Olhe a minha pobre mãe como está aqui nos meus braços, louca... louca, não vê?

— E meu pai? — tornou Garção, porque era ele efetivamente que, pálido, com o fato em desordem, amparava uma mulher quase desmaiada, e mal coberta com o traje ligeiríssimo de quem estava ainda na cama quando rebentara a catástrofe. — Não me responde, Luís! Que é feito de meu pai?

— Seu pai!... ah! Sim... seu pai!... oh! Mas isto é horrível... há uma hora apenas que me separei dele, à porta de Sebastião de Carvalho. O ministro quis levá-lo na carruagem para Belém... Ele não aceitou... porque ia jantar com os seus. Há uma hora, e neste intervalo, Deus do Céu, morre uma cidade!... Oh! Que temeroso dia!

— Vinha para minha casa! E morreu... morreu decerto... meus amigos, por amor de Deus, amparem minha mulher, protejam-na... confio-lha... que eu vou procurar meu pobre... meu desgraçado pai.

E, também soluçante, entregou sua mulher a uns braços amigos que a receberam, e que nem sabia quais eram. Eram os braços de Aninhas,

que, sentada no chão, tirara brandamente D. Maria de Jesus a Luís, e a deitara no colo e a aflagava e amimava como se fosse uma criança, e que acolhia também agora, no seu regaço angélico, essa outra mulher quase inanimada, que tinha ainda no olhar vago, nas súbitas convulsões, todo o deslumbramento da catástrofe terrível.

— Teu pai! Não o procures... Ânimo, Pedro!... Teu pai morreu, esmagado pelas ruínas da torre de S. Roque... Vi-o eu com estes meus olhos em que tantas misérias, tantas agonias se tem hoje refletido.

— Oh! Meu Deus! Meu Deus! — exclamou o poeta irrompendo em soluços.

— Que é isso, Pedro? Que é isso, Luís? — continuou o padre Delfim com uma unção e uma gravidade solene na voz, que mal suspeitariam os que conheciam o seu gênio habitualmente jovial. — Sou eu, pobre ministro do Evangelho, que devo aconselhar a constância a um estoico, o valor a um oficial?! Choram ambos, tu Pedro, porque teu pai morreu nesta catástrofe imensa que aniquilou uma cidade, e Luís porque a razão de sua mãe não pôde resistir às suas ansiedades maternas, e ao cataclismo horrível que presenciou! Não passou o perigo, bem veem; estamos em plena luta com os elementos desencadeados, e com a desordem que dentro em pouco virá acabar de partir todos os laços sociais, que a catástrofe estalou! Não chorem como mulheres, cumpram o seu dever como homens de pundonor e de brio, como corações generosos e intrépidos que são! Choram, soluçam! Olhem para os seus pés, e vejam essa pobre menina dar-lhes um extraordinário exemplo de abnegação e de sublime fortaleza. Essa menina que aí está, Aninhas, perdeu hoje neste horroroso desastre seu pai e sua mãe; vê-se órfã, vê-se desamparada, e, apesar disso, encontra ainda no seu coração tesouros de caridade e de ternura para consolar, para aliviar as misérias alheias! Terá ela de lhes ensinar o seu dever? Luís, lembre-se que é oficial, lembre-se que a disciplina, que o patriotismo, que a honra militar o chamam a outros sítios. Pedro, lembre-se que é cidadão, que é

pai de família, que é homem inteligente e instruído, e que tem o dever de dar o exemplo da coragem e do civismo a esse povo endoidecido que nos rodeia, e que não sabe como há de cuidar de si nesta conjuntura atroz! Lembrem-se ambos que são cristãos, que devem curvar-se em silêncio perante os decretos inescrutáveis do Altíssimo, que devem pensar, tu, Pedro, que a alma de teu pai está vestida de luz no seio da eterna glória, e Luís que sobre sua mãe vela agora, mais terna e mais propícia, a mão de Deus que não desampara os desventurados, que mais cura daqueles que um grande infortúnio fere.

As palavras do padre Delfim produziram o seu efeito. Luís ergueu a cabeça, e disse:

— Tem razão, meu padre. Diante desta imensa desgraça pública, deve desaparecer a consideração dos meus infortúnios pessoais. Parto para Belém a pedir ordens, a juntar-me aos que se reunirem em torno da pessoa de el-rei, para o ajudar a cumprir o seu dever em presença desta catástrofe inaudita... Mas minha mãe, padre Delfim, quem velará por ela? Quem a preservará dos perigos que a rodeiam?

— Aninhas lhe será guia e amparo, eu e Garção não a deixaremos um momento. Parta com o espírito tranquilo.

A voz do padre tinha uma doce autoridade, a que Luís nem pensou em resistir. Curvou-se para Aninhas, ajoelhou, e, tomando a mão dela entre as suas, apertou-lha murmurando:

— Pobre mártir! Mártir que transforma as suas agonias em tesouros de consolações para os outros, como hei de eu pagar-lhe tanta dedicação?

Ainda Aninhas não tivera tempo de responder, quando uns gritos selvagens, que partiam de diferentes pontos da praça, acompanhados por clamores de desespero e de aflição suprema, fizeram com que todos os deste grupo, até a esposa de Garção, se levantassem e se apertassem uns aos outros, como receando a repetição do imenso desastre. Mas a terra estava imóvel, e a fuga das pessoas que soltavam os brados

de desespero tinha decerto outra causa. Não tardaram a conhecê-la. Através da população densa que enchia o vasto quadrilátero do Rossio, uns homens de fisionomia cínica, de pistola e de punhal na mão, passavam como uma alcateia de lobos entre tímidos rebanhos, perseguindo as mulheres, arrancando-lhes as joias, prostrando os homens para os roubarem. A exclamação de horror e de cólera que Luís ia a soltar expirou-lhe nos lábios, quando viu três ou quatro desses facínoras aproximarem-se-lhe e puxarem violentamente pelo braço de Aninhas, que soltou um grito de aflição.

Mais pronto que o relâmpago, Luís correu a esses homens, que achavam em tão dolorosa ocasião propício ensejo para os seus crimes, com dois vigorosos murros prostrou um deles que brandia uma espada, e, arrancando-lhe a arma, abriu a cabeça a outro. Um terceiro disparou uma pistola, mas um movimento de Garção desviou a bala que se foi perder nas ruínas.

— Covardes! — exclamou Luís perseguindo com espadeiradas e cutiladas os celerados que fugiam, como fugiam sempre que encontravam resistência, para irem prosseguir noutros lugares a sua obra nefanda.

— Luís — exclamou o padre Delfim, — por quem é, parta, parta depressa; vá aonde o chama o dever, diga o que se passa nesta desgraçada cidade, reclame providências, faça sentir que, se mão enérgica não põe cobro nas desordens que vão surgir, Lisboa transforma-se num caos sem nome.

— Partir! Agora! Exclamou Luís torcendo as mãos de desespero. Sim! É o meu dever! Mas eu não sou só cidadão, não sou só soldado, sou também filho, e não posso desamparar minha mãe.

— Luís, não vê que velo por ela! — exclamou a doce voz de Aninhas.

— Oh! Obrigado, querida menina, obrigado! — tornou o infeliz oficial.
— Mas há perigos contra os quais nada pode. Se esses bandidos, se esses infames tornam...

— Estamos nós aqui, Luís — bradou Garção, — estamos nós aqui, morreremos para defender estas pobres senhoras, confiadas ao nosso desvelo.

— Conte que saberei protegê-las! — concluiu o padre Delfim. — A minha voz, a voz dos ministros do Evangelho é escutada. Aconselharei os que ainda conservam o uso claro da razão a agruparem-se e a resistirem a esses infames salteadores das ruínas.

— Cumpriremos pois todos o nosso dever! — exclamou Luís. — Oh! Minha santa mãe, continuou ele ajoelhando junto de D. Maria de Jesus que (privilégio estranho da loucura!) adormecera como uma criança nos braços de Aninhas, se nos não tornarmos a ver na Terra, que seja curta a nossa separação e que a morte nos reúna no Céu... Aninhas, anjo de sacrifício, de abnegação, reza por mim... reza, acrescentou ele em voz mais baixa, reza por uma desgraçada que não pude salvar.

E, apertando ao peito estreitamente Garção e o padre Delfim que não podiam conter as lágrimas, Luís largou a correr na direção do Terreiro do Paço.

Era horroroso o aspeto da cidade. Destroços atulhando as ruas, e por toda a parte um concerto de gemidos, de gritos, de lamentações! Luís procurava tornar-se cego e surdo para não ver, para não ouvir tamanhos desastres, e corria cada vez mais rapidamente, tanto pelo menos quanto lho permitiam os obstáculos que lhe entorpeciam a marcha. No largo de S. Paulo viu um espetáculo doloroso. Um grupo numeroso de homens e de mulheres, uns meio despidos e outros vestidos com os trajos mais extravagantes, como quem se cobriu à pressa com as primeiras roupas que encontrou, estavam ajoelhados em torno de um sacerdote encanecido, de aspeto venerando, que, com as faces banhadas de pranto, entoava um salmo de súplica e de misericórdia. As vozes aflitas, e húmidas de lágrimas dos míseros que o cercavam, respondiam em coro ao seu canto. Nunca as vozes mais expressivas de cantores de igreja,

acompanhadas pelas melodias plangentes do órgão, tinham produzido em Luís uma impressão tão profunda, como a que lhe causaram nesse momento os versículos dos salmos, entoados pela voz trêmula do padre, e repetidos com unção, com fervor por todas aquelas vozes angustiadas! Era a humanidade confessando perante os grandes cataclismos a sua imensa fraqueza, e erguendo a Deus a súplice voz a pedir-lhe proteção e amparo.

Luís sentiu fundir-se-lhe o coração no peito, e as lágrimas saltaram-lhe dos olhos involuntariamente. Quantas viúvas, quantas mães orfanadas, quantos filhos sem pais estariam ali implorando do Deus misericordioso um lenitivo para as suas dores imensas!

A comoção que sentiu não lhe fez contudo afrouxar a carreira. Continuou correndo em direção a Alcântara; em parte nenhuma encontrava um sintoma de ordem. Não havia quem velasse pela cidade. Luís prosseguia o seu caminho, mas sentia que lhe faltavam as forças e que não poderia ir assim correndo até Belém, quando, ao chegar à casa da moeda, construída por D. João V, e cujas ruínas alastravam o chão, reparou num vulto que, encostado a uma parede ainda de pé, se conservava imóvel.

Ao aproximar-se conheceu-o logo; era um moço alferes do regimento de infantaria do marquês das Minas, filho segundo de um fidalgo com quem tinha relações de amizade.

— Que faz aqui, sr. Gaspar de Ataíde? Não vê que, se o tremor se repete, essa parede esmaga-o?

— Oh! Meu caro sr. Luís Correia — respondeu com tranquilidade de espírito surpreendente o jovem oficial, — que me diz a isto? Até agora dançávamos nós no chão firme, agora é ele que dança... “Dança o solo português.” Olhe que mote para o Garção ou para o Quita, hã?

— Senhor Gaspar de Ataíde — exclamou Luís Correia assustadíssimo porque se lembrava do estado em que ficara sua mãe, — que está dizendo? Enlouqueceu?

— Por quê? Por me mostrar alegre? Ah! Sr. Luís Correia, se eu não reagir contra a impressão desta catástrofe imensa, enlouqueço deveras então! Que será feito de meu pai, de minha irmã?

— Pois vá procurá-los, ande. Por que está aqui?

— Porque estou de guarda — respondeu com simplicidade o jovem oficial.

— Está de guarda! — exclamou com espanto Luís Correia.

— Estou de guarda à Moeda! Os soldados fugiram todos, mas bem sabe que a bordo de um navio o comandante é sempre o último que se salva. Ora num navio estamos nós, visto que tivemos balanço. Além disso aqui dentro estão dois milhões de cruzados pelos quais sou responsável, e portanto não arredo pé enquanto não aparecer pessoa a quem os entregue.

Luís, quando ele acabou, lançou-lhe os braços à roda do pescoço e apertou-o ao peito.

— Meu amigo, disse-lhe, deixe-me abraçá-lo. O seu procedimento é de um heroísmo, a que dá ainda maior realce a simplicidade com que o pratica. Tem dezoito anos, sorri-lhe a vida, e não hesita um instante em sacrificá-la ao dever! É filho extremoso, não conhece ainda a sorte de seu pai, e não se afasta do posto em que o colocaram! E falam os franceses do seu cavalheiro d'Assas! O seu nome devia de ser mil vezes mais cercado de elogios do que o dele, e contudo... quem sabe? Talvez a história ingrata lho olvide!

— Meu amigo — tornou Gaspar, — por que há de a história lembrar-se de mim? Por que cumpri o meu dever?... Mas isso é natural e justo; se o não cumprisse, sim, então é que a história devia vibrar-me todos os seus anátemas.

— Esse dever, sr. Gaspar de Ataíde, hesitei eu em cumpri-lo... Ah! Mas o seu procedimento obriga-me a envergonhar-me de mim mesmo. Adeus, sr. alferes.

Para diante de S. Paulo, começou Luís Correia a encontrar cavalos soltos, que ou corriam à desfilada soltando relinchos exasperados, ou vagueavam como que espantados no meio dessas ruínas que não compreendiam. Eram os cavalos do regimento de Alcântara que tinham fugido da cavalaria e que ninguém pensava em reunir. Luís lançou mão a um deles, montou, e partiu a galope, tanto quanto lho permitiram os destroços das ruas, que para esse lado não se acumulavam tanto como na cidade baixa.

Estava já no sítio da Junqueira, e encontrava a cada instante grupos de fugitivos que procuravam um asilo nos campos fora da cidade, quando de súbito ouviu de novo aquele terrível trovão subterrâneo, que precedera a primeira catástrofe, e, olhando para o rio, viu-o empinar-se, medonho e convulso, e arremessar-se à praia com um rugido soturno que produzia uma impressão horrível. Nas águas do Tejo os navios, sacudidos pela convulsão, jogavam no dorso das ondas como se fossem frágeis cascas de noz. Luís não teve tempo senão de fugir à rédea solta para o interior das terras, perseguido por esses outros corcéis espumantes e verde-negros, que galgavam pela praia em doida correria. Ao mesmo tempo ouviu ao longe um estrondo pavoroso, era a parte de Lisboa que ainda ficara de pé que desabava também. Um confuso clamor sucedeu ao formidável ribombo. O Tejo acrescentava ao concerto horrísono o seu bramido imenso, que parecia ter ecos da voz do Oceano. Era o tremor de terra das onze horas.

O cavalo, em que Luís ia montado, com as crinas eriçadas, soltou um nitrido longo e lúgubre, e partiu em desenfreada carreira. Luís, ao perceber a repetição do desastre, soltou um grito de desespero. O seu primeiro movimento foi voltar a cabeça do cavalo para Lisboa e partir a galope a procurar sua mãe. Quando ia porém a ceder a esta tentação, o vulto firme, altivo e sereno do jovem oficial, encostado à parede da casa da Moeda, representou-se-lhe na fantasia.

— Não! — disse ele. — Não! Repele as inspirações do afeto filial como tiveste de esmagar as aspirações de um amor ardente! És cidadão e és soldado.

E, apertando os joelhos, e afrouxando as rédeas, comprimindo as pulsações do coração, tornou a partir num galope insensato na direção de Belém.

XIII.

Para grande naufrágio grande piloto

Forçoso é que voltemos atrás, que saltemos de novo num pulo o abismo que separa a Lisboa de antes do terremoto da cidade arruinada de onde Luís Correia acaba de sair, para que possamos ligar entre si os episódios desta múltipla narrativa.

Deixamos Sebastião de Carvalho, às oito horas da manhã, descendo na sua carruagem a rua Formosa, depois de ter dado a Luís Correia a ordem que lhe restituía Teresa e punia D. Carlos. Acompanhem-lo indiscretamente, e oiçamos, com mágicos ouvidos, o monólogo sem palavras que se lhe desenrola na mente.

— Ora bem! — pensava ele. — Aqui está uma boa ação que me aproveita. Livro-me daquele infame D. Carlos, que seria a mais perigosa das criaturas, se um dia conseguisse ser um dos instrumentos da minha elevação. Se ele, só por estar na confiança dos meus planos, ousa mostrar-se insolente, o que seria depois? Nada! Nada! Não tenho jeito para desempenhar o papel de Choiseul, e felizmente parece-me que el-rei não se assemelha muito a Luís XV. O seu amor pela marquesinha de Távora não é dos mais perigosos! Deixemo-nos de favoritas. Para alcançar a influência suprema basto eu

Eu só, *sem* meus vassalos, e com esta

E, parodiando o verso de Camões, o futuro marquês de Pombal batia na testa, sorrindo-se do seu bom dito.

Estava decididamente de bom humor nesse dia o sr. Sebastião José de Carvalho e Melo.

Quando chegou a Belém, disseram-lhe que el-rei já se levantara e que estava ouvindo missa com a família real na capela. Sebastião de Carvalho para lá se dirigiu, meteu-se por entre os cortesãos, e foi ajoelhar ao pé do marquês de Alorna. Os dois fidalgos cumprimentaram-se friamente.

Quando acabou o ofício divino, Sebastião de Carvalho dirigiu-se para a porta. Instantes depois, os cortesãos, formados em duas alas, curvavam-se respeitosamente. El-rei, acompanhado por sua mulher, sua filha, e seu irmão D. Pedro, saía para se dirigir aos seus aposentos. Atrás dele vinha Pedro da Mota, arrastando-se a custo e encostando-se ao braço do seu colega Diogo de Mendonça Corte-Real, que parecia radiante de júbilo.

El-rei reparou logo em Sebastião de Carvalho, que se aproximou para lhe beijar a mão. O olhar, que dirigiu para o seu ministro, não era contudo dos mais afáveis.

— Por aqui! — disse ele. — Temos despachos?

— Sim, meu senhor, tenho de submeter vários negócios à real assinatura.

— De que repartição? Dos negócios estrangeiros, ou da guerra?

— De ambas, meu senhor!

— Ah! De ambas! — redarguiu D. José pronunciando vagarosamente a frase. — Parece-me que não é lá muito bom que andem juntas as duas repartições. Corre o ministro o perigo de confundir a guerra com a diplomacia.

Um riso abafado correu nas filas dos cortesãos. Aplaudiam a conceituosa observação do soberano, e festejavam o sinal da queda de Sebastião de Carvalho.

Diogo de Mendonça pavoneava-se todo ufano, e dizia segredinhos ao ouvido de Pedro da Mota.

Sebastião de Carvalho fez-se excessivamente pálido; teve contudo forças para se sorrir, e respondeu com afetada serenidade:

— É que a diplomacia é uma guerra também, guerra em que as armas são os estratagemas, e em que os lutadores principalmente nunca devem deixar-se iludir pelos ataques simulados.

O espírito de D. José não era para estes apertos. No primeiro tiro gastara a pólvora toda.

— Bem! Bem! — disse ele. — Procure-me daqui a uma hora. Tenho também que lhe falar.

E passou.

Os cortesãos seguiram-no, e estavam todos nessa ocasião tão míopes que raros foram os que repararam em Sebastião de Carvalho, que desempenara contudo com altivez a sua elevada estatura, e que, segurando com uma das mãos no chapéu, e com a outra metida na abertura do colete, olhava com desdenhosa sobranceira para os satélites da realeza que diante dele desfilavam.

Quando se achou só, Sebastião de Carvalho cerrou os punhos com raiva; nos olhos chispavam-lhe lampejos de fogo, relâmpagos da procela interior.

— É a intriga de Diogo de Mendonça! — murmurou ele de si para si. — Tanto melhor! Trave-se abertamente a luta, joguemos as últimas e ai do que perder a partida!

Saiu da capela e dirigiu-se para a praia. O dia estava alegre e sereno; soprava um ligeiro vento que enrugava mansamente as águas azuladas do Tejo. Sozinho, Sebastião de Carvalho passeou algum tempo à beira do rio, com as mãos atrás das costas, contemplando ao longe o vulto de Lisboa que se mirava descuidosa e serena no espelho formoso das águas que lhe banhavam os pés.

— Não seria uma imprudência — murmurava ele, — agora que a batalha se trava com mais intensidade, quebrar eu mesmo uma das armas que tinha na mão? A prisão de D. Carlos foi talvez uma loucura. Se a rapariga se lembra de se queixar ao rei, estou perdido.

Encolheu altivamente os ombros.

— Que importa? Quanto mais difícil for a luta, mais interessante será! E realmente, se não faço como os jogadores de bilhar, se não dou partido aos meus adversários, eles são de tal inépcia que nem merece a pena aceitar o combate.

Parou, e, encostando-se à muralha do cais, cravou os olhos vagamente em Lisboa que zumbia ao longe, acumulada nas suas colinas. No Tejo deslizavam serenamente alguns botes, com a vela branca aberta, como a asa de um cisne, à viração matinal.

Na torre de uma igreja próxima deram nove horas e meia da manhã.

De súbito, Sebastião de Carvalho, que continuava a contemplar distraidamente Lisboa, levantou-se soltando um grito de espanto e de horror. A terra tremera-lhe, debaixo dos pés com uma convulsão prolongada e ameaçadora; um rugido, como que de trovão longínquo, correrá pelo subsolo, o Tejo erguera-se e viera açoitá-lo com as águas espumosas a muralha do cais a que se encostava Sebastião de Carvalho, obrigando-o a fugir precipitadamente, algumas casas desabavam, e um grito de terror soava na praça que se estendia diante do palácio; mas não era isso o que fizera empalidecer Sebastião de Carvalho, o que lhe fizera afluir o sangue todo ao coração fora a visão terrível, que lhe passara diante dos olhos num momento de assombro profundo, visão sinistra do Apocalipse, visão semelhante às que o solitário de Patmos contemplara nas suas noites de lúgubre insônia, quando assistia, em sonho febril, ao desmoronamento do universo, e via aparecer os cavaleiros pálidos, e abrir-se o livro dos sete selos, e recolher-se o céu como um livro que se enrola, e caírem as estrelas na terra, como quando a figueira, sendo agitada por um grande vento, deixa cair os seus figos verdes.

E a visão de Sebastião de Carvalho não era menos horrorosa para olhos mortais. Vira de repente ao longe a cidade baloiçar-se como se baloiça a funda que vai despedir a pedra nas mãos do fundibulário, e o Tejo erguer-se até à altura dos mais elevados edifícios, e enegrecer o Sol, como

um saco de cilício, ainda segundo a comparação do Apocalipse, e com um estrondo pavoroso desabar, subverter-se, como que desaparecer, transformando-se num monte de ruínas, a cidade rainha, que, momentos antes, dominava o Tejo do alto do seu trono de montanhas.

Em Belém o tremor de terra, principalmente na primeira convulsão, a das nove horas e meia, sentira-se pouquíssimo, mas ainda assim todas as pessoas tinham fugido de casa e no terraço da antiga quinta do conde de Aveiras, agora quinta real, aparecera de súbito D. José, muito pálido e trêmulo, perguntando para todos os lados o que fora aquilo.

Mas a repercussão do imenso estrondo, que produzia o desabamento de Lisboa inteira, chegava a Belém e regelava o sangue nas veias das pessoas que corriam pelas ruas como doidas. D. José, lívido e aterrado, sem saber para onde havia de fugir, percorria ao acaso a quinta régia, e perguntava sem ter quem lhe respondesse:

— O que é isto? Que castigo foi este?

O resto da família real saíra também para os terraços, e a rainha D. Mariana Vitória e a princesa da Beira soltavam gritos clamorosos, chamando por seu esposo e seu pai. Viram-no aparecer enfim, desembocando de uma das ruas para onde dirigira o seu vago caminhar. Abraçaram-se a ele, chorando, e exclamando:

— Que desgraça, meu senhor, que desgraça!

— Mas o que foi isto? — perguntava convulso e atônito o monarca.

— Um terremoto, senhor — respondeu sua filha. — Um terremoto horrível! Um castigo do Céu! Rezemos, senhor, rezemos uma *Magnificat* para que Deus nos proteja e nos acuda.

Ajoelharam todos na areia da quinta, e principiaram a rezar, ao tempo que chegava também o infante D. Pedro, o qual, sempre hesitante, quisera primeiro fugir para a rua, depois quisera ficar no sítio onde estava, depois dirigira-se para a quinta, e tivera tempo enfim de morrer cem vezes, se o terremoto derrubasse o palácio de Belém, como derrubara os paços de Lisboa.

O egoísmo do perigo fora mais poderoso do que os sentimentos cortesanescos, e a família real achava-se completamente desamparada. Quando enfim o solo pareceu descansar, fatigado das terríveis convulsões, quando passaram os primeiros sustos, e quando os fugitivos de Lisboa começaram a aparecer em Belém, loucos, desvairados, narrando em frases entrecortadas e com a voz cheia de lágrimas os horrores da capital, principiaram os fidalgos a procurar el-rei para se agruparem em torno dele e pedirem ao poder régio proteção contra os desastres, que ameaçavam ainda Lisboa e os seus arredores.

Mas, quando o rei, depois de ter rezado, se levantou e, relanceando os olhos em torno de si, se viu sozinho com sua mulher e sua filha e seu irmão, teve um movimento de susto. Julgou por um instante que o terremoto lhe subvertera também a realza, que entre as ruínas se lhe perdera a coroa, e, achando-se desamparado, bradou com voz em que se sentia o terror mais profundo:

— Os meus ministros? Onde estão os meus ministros?

— Aqui, meu senhor — respondeu uma voz pausada e grave.

D. José voltou-se e viu na porta de vidraça, que deitava para a quinta, a alta estatura, e a fisionomia severa de Sebastião de Carvalho e Melo.

Correu para ele de braços abertos.

— Ah! Sebastião de Carvalho! Bem-vindo seja! Que desgraça esta! Que desgraça! O que foi este estrondo que eu senti?

— O desmoronamento de Lisboa, real senhor! A capital dos reinos de vossa majestade é agora apenas um montão de ruínas. Não há catástrofe mais tremenda na sua história! Mas a Providência ainda foi misericordiosa, porque permitiu que se salvasse a preciosa vida de vossa majestade e da real família.

— É verdade; é, felizmente estamos salvos! Foi uma inspiração do Céu não ter eu ainda voltado para Lisboa. Mas, que desgraça! Deus do Céu! O que irá lá pela capital! O que se há de fazer?

— Enterrar os mortos, meu senhor, cuidar dos vivos e fechar os portos! — respondeu laconicamente a voz serena de um homem, que entrara, sem ser visto, no terraço onde se agrupava a família real.

— Ah! O marquês de Alorna! — disse el-rei. — Nos perigos encontro-o sempre a meu lado. É um dos raros fiéis, marquês. Bem vê que neste momento os cortesãos são poucos.

— O sr. marquês — tornou Sebastião de Carvalho friamente, — acaba de resumir numa frase conceituosa e feliz os conselhos que eu tencionava dar a vossa majestade. Mas neste momento as frases, por muito felizes que sejam, são o menos; as obras são tudo. O sr. marquês de Alorna tomou já algumas providências para reparar os desastres que devem ter ocorrido na capital?

— Não tenho a honra de ser ministro de el-rei — respondeu secamente o marquês de Alorna.

— É justo! E eu que, apesar de indigno de tão alta posição, exerço esse cargo, não esqueci os deveres que me tocam, e peço desculpa ao sr. marquês de Alorna, se tomei a liberdade de lançar mão de dois ajudantes de campo de s. ex.^a, que foram os primeiros oficiais que encontrei, para irem levar ordens necessárias aos generais Manuel Freire de Andrade e marquês de Marialva.

— Que ordens? — perguntou el-rei.

— Ao marquês de Marialva ordenei em nome de vossa majestade, que mandasse marchar para aqui imediatamente os regimentos de Setúbal, de Peniche e de Cascais, a Manuel Freire de Andrade ordenei que desse o mesmo destino ao regimento de dragões de Évora. São necessários soldados em abundância para cuidar dos vivos e para enterrar os mortos, como diz o sr. marquês de Alorna.

— O quê! Pois já pensou nisso? — exclamou estupefato el-rei.

— Era o meu dever, real senhor. Não me esqueci também de mandar ordem aos governadores das torres para que não deixassem sair do Tejo

navios que não fossem competentemente autorizados. Já vossa majestade vê que já cuidei dos vivos, já tratei do enterramento dos mortos, já mandei fechar os portos, e que portanto sou completamente da opinião do sr. marquês de Alorna, o que é para mim sem dúvida uma grande honra.

— Admirável! — murmurou o soberano estupefato.

O marquês de Alorna não dizia palavra.

— Que ordena mais vossa majestade? — continuou Sebastião de Carvalho, curvando-se respeitosamente diante de el-rei.

— Que ordeno? Que tome todas as providências necessárias, que decida o que se há de fazer. Entrego a minha pobre capital nas suas hábeis mãos, Sebastião de Carvalho. Salve-a e salve o reino!

— Vossa majestade confia bastante em mim para me dar assim carta branca e plenos poderes?

— Confió decerto. O que fizer será bem feito.

— Beijo as mãos de vossa majestade por tão insigne mercê — tornou Sebastião de Carvalho radiante de orgulho. — Mas, para que não haja as mínimas hesitações, para que se sinta nesta batalha que vamos travar com o cataclismo a unidade do comando, elemento indispensável de sucesso, como aqui o sr. marquês de Alorna, grande capitão que fez as suas provas na Catalunha e na Ásia, pode confirmar a vossa majestade, duvida el-rei passar com o seu régio punho um decreto que ponha debaixo das minhas ordens todas as autoridades deste reino?

— Não duvido, não. Papel e pena!

D. José não se atrevia a voltar para uma das salas do palácio. Tinha muita confiança em Sebastião de Carvalho, mas deixara de a ter na solidez dos tetos.

O futuro marquês de Pombal correu ao palácio, e voltou logo com uma folha de papel, tinteiro e uma pena.

D. José escreveu sobre o joelho algumas linhas, firmou-as com a sua assinatura, e entregou o papel a Sebastião de Carvalho.

— Descanse Vossa Majestade — exclamou o grande ministro com voz vibrante e altiva, — tudo quanto humanamente se puder fazer para a salvação de Lisboa, há de fazer-se.

Beijou-lhe a mão e saiu correndo. Começava o seu reinado.

Daí a alguns instantes Sebastião de Carvalho estabelecia o seu quartel-general, por assim dizermos, numa pequena dependência do palácio que ficava à beira do rio, cercava-se de secretários improvisados, mandava formar as tropas que havia em Belém, ordenava que todos os oficiais, fugidos da cidade e dispersos por aqueles arrabaldes, o fossem procurar, sob pena de serem declarados desertores, e dava começo ao seu improprio trabalho.

Numa sala com janelas para o rio, passeava o grande ministro de frente erguida, com o fogo do gênio e da audácia a cintilar-lhe nos olhos; e a sua voz sacudida e rápida ditava a um tempo a uns poucos de secretários as ordens mais variadas.

— Escreva! — dizia ele para um seu secretário particular, em cuja inteligência confiava bastante para lhe entregar o cuidado de redigir os ofícios e decretos, que ia mandar lavar. — Escreva uma ordem ao regedor das justiças, D. Pedro de Bragança, duque de Lafões, neste sentido: que manda el-rei nosso senhor que reúna as companhias militares, e que as empregue já no enterramento dos cadáveres de homens e de animais. Se alguma houver que se recuse a obedecer, que empregue a força para fazer respeitar as ordens do nosso providente soberano neste crítico momento. Vá! Isso sem floreios de redação, dizendo o que quer dizer e nada mais. Em o acabando, leia-me o ofício. Senhor tenente, continuou voltando-se para um dos oficiais que esperavam as suas ordens, tem aí cavalo à porta?

— Sim, senhor.

— Muito bem! Parta a galope, procure o sr. Rodrigo Antônio Miranda, e traga-mo aqui imediatamente. Há aí mais oficiais de cavalaria que o conheçam?

— Nós, senhor secretário de estado — responderam quatro ou cinco vozes.

— Os srs. alferes — prosseguiu Sebastião de Carvalho designando dois dos oficiais, — montam já a cavalo, e combinam ali com o sr. tenente as direções que hão de tomar. Repartam-se de modo que possam encontrar o sr. Miranda no mais breve espaço de tempo. Vão!

Os emissários saíram precipitadamente.

— O ofício está pronto? — tornou Sebastião de Carvalho com impaciência, voltando-se para o secretário que encarregara de escrever ao duque de Lafões.

— Falta pouco — respondeu o secretário, cuja pena corria vertiginosamente no papel.

— Isso depressa! Entretanto — continuou Sebastião de Carvalho, dirigindo-se a uns sargentos que lhe serviam de amanuenses, — digam-me se se julgam capazes de redigir uns ofícios, dando-lhes eu a substância do que desejo?

— Sim senhor — respondeu um dos sargentos, moço de fisionomia decidida e inteligente; — faremos o possível para agradar a v. ex.^a

— Para servir o país e el-rei meu senhor, que não esquecerão os serviços prestados nesta conjuntura. Lembrem-se que doravante as espadas de oficial não serão unicamente para ornar a cinta dos fidalgos de nascimento, mas para recompensar o mérito. Bem, mãos à obra. Escreva pois — acrescentou o ministro falando com o sargento que lhe respondera, — escreva ao duque de Lafões para que eleja um procurador por cada bairro da cidade, e que lhes ordene que convoquem os padeiros e forneiros dispersos, reúnam todo o trigo que encontrem, juntem-no num depósito geral, e que façam o mesmo a todo o ouro e prata ou amoedados ou lavrados.

— O senhor — tornou ele voltando-se para o outro sargento, — oficie a S. Em.^a o cardeal patriarca, o sr. D. José Manuel, convidando-o a que faça procissões e a que use de toda a influência religiosa para persuadir as pes-

soas fugidas de Lisboa a que voltem a suas casas, a fim de se incorporarem nas companhias empregadas em todos os serviços indispensáveis neste ensejo, em que dá provas de mau cidadão quem abandona o seu posto.

— Senhor capitão — continuou Sebastião de Carvalho voltando-se para um dos oficiais que ainda estavam à porta, — tome esses subalternos de cavalaria que estão ao seu lado, reúna uma escolta de cinquenta soldados, faça aí por Belém uma batida geral, e traga-me, por vontade ou por força, quantos cirurgiões, enfermeiros e boticários encontrar. Aqui tem a ordem.

Escreveu rapidamente algumas linhas, e entregou o papel ao oficial, que, seguido pelos seus colegas, desceu a escada a correr.

Houve um momento de silêncio. Ouvia-se apenas o ranger de dez ou doze penas correndo rapidamente no papel. Sebastião de Carvalho passava cismando.

De súbito estrondeia novo rumor subterrâneo, sente-se bater nas paredes da casa a onda tumultuosa do rio, que galga à janela, mostrando aos aterrados secretários as suas fauces verde-negras, e volta ao seu leito, depois de ter inundado a sala de um jorro de água espumosa. Treme o edifício nos seus alicerces, erguem-se da rua novos clamores, ouve-se o desabar das casas, porque o segundo tremor foi mais funesto a Belém do que o primeiro, sem ter ainda assim a intensidade do de Lisboa. Secretários e amanuenses aterrados deixam cair as penas, e fogem espavoridos, mas encontram à porta o vulto de Sebastião de Carvalho, que não os deixa passar, e que lhes ordena com severidade que voltem a ocupar os seus lugares.

— O terremoto! Senhor! O terremoto! Estamos perdidos!

— Perdidos! Tão perdidos aqui como na rua — exclamou Carvalho, e, quando assim falava, ainda o chão lhe tremia debaixo dos pés. — Isso é motivo para fugirem? São militares, e abandonam o seu posto na batalha! São militares, e fogem quando lhes treme o solo debaixo dos pés! Não treme ele também quando ribomba a artilharia? Não vem a morte nas bombas como pode vir nas oscilações do solo, e julgam-se por isso autorizados

a fugir, quando passam as bombas silvando por cima das suas cabeças? Já para os seus lugares! E declaro que fuzilo o primeiro que abandonar o seu posto debaixo de qualquer pretexto.

O tremor parara; os secretários voltaram de cabeça baixa para as mesas, e com mão trêmula continuaram a redigir ou a copiar os ofícios de que estavam encarregados.

Neste momento sentiu-se um tropel de passos na escada, a porta abriu-se, e Luís Correia apareceu, com o fato rasgado, com o cabelo em desordem, diante de Sebastião de Carvalho.

— Senhor secretário de estado — disse ele, — venho de Lisboa colocar-me às ordens de v. ex.^a. Não corri logo no primeiro momento, porque... desculpe-me v. ex.^a... não pude deixar de me lembrar que era filho, antes de pensar que sou soldado.

— Folgo de o ver salvo, sr. Luís Correia — respondeu Sebastião de Carvalho. — Que novas nos traz de Lisboa?

— Horrorosas, senhor. Às devastações da natureza, juntam-se agora as devastações dos homens. Atulham os cadáveres as ruas já alastradas de ruínas, uma população louca de pavor vagueia sem norte nem destino pelas praças, procurando debalde e em toda a parte a salvação. Quebraram-se os laços sociais, e os laços de família. Não se ouvem por toda a parte senão gemidos e prantos e soluços. Para cúmulo de desventuras, uma horda de salteadores sem fé, nem lei, nem coração, uma turba selvagem de bandidos, caiu sobre a cidade, como um bando de corvos sobre um campo de batalha. Roubam, matam, violam as mulheres. Não há autoridade, não há força que os coíba. A cidade está entregue a si mesma, quer dizer, está nas garras de todos os demônios que podem brotar do caos, do inferno em que o cataclismo a converteu.

— Que me diz, sr. Correia? Assassina-se e rouba-se em Lisboa? E ninguém pensa em reprimir esses inacreditáveis excessos? E as tropas o que fazem? O seu regimento?

— Senhor, os soldados, os oficiais vagueiam dispersos. O meu quartel é um monte de ruínas como o do regimento de Alcântara. A disciplina partiu-se como todos os outros laços sociais. Chamei alguns soldados do meu regimento, que encontrei pelo caminho, nem me conheceram, nem que me conhecessem me obedeceriam.

— Hão de lhe obedecer, eu lho juro — exclamou Sebastião de Carvalho. — O quê! Pois não basta o cataclismo da natureza, ainda há quem o agrave com semelhantes infâmias! E... é verdade, diga-me, continuou Sebastião de Carvalho em voz mais baixa, D. Carlos de Mendoza?

— Salvou-o o terremoto — respondeu Luís com amargura. — Separou-nos a convulsão do solo.

— Ah! — exclamou Carvalho com despeito. — Pois esteja certo que não sairá de Lisboa. Entre os bandidos, que saqueiam a cidade, há de se encontrar por força o nobre espanhol. Sr. Luís Correia, componha o seu uniforme, reúna uma escolta de cem soldados de cavalaria que voluntariamente se apresentem, volte a Lisboa, e prenda-me quantos bandidos encontrar. À medida que me forem chegando tropas, eu as enviarei para a cidade com as mesmas ordens. Sr. secretário, continuou voltando-se para o seu mais inteligente auxiliar, ordeno ao sr. duque de Lafões que mande levantar patíbulos em todas as praças de Lisboa, e enforque, sem mais processo, os bandidos que lhe forem entregues pelos comandantes das patrulhas que passo a enviar para a capital.

Nesse instante o moço e decidido sargento, de quem já falamos, apresentava a Sebastião de Carvalho o projeto de ofício, cuja redação lhe fora confiada. O ministro percorreu-o, soltando ligeiras exclamações aprovativas:

— Bem! Bem! — prosseguiu ele. — Faça copiar e remeta, e agora passe imediatamente a redigir uma circular a todas as autoridades do reino para que prendam todas as pessoas suspeitas, ou que saírem de Lisboa sem passaporte do regedor das justiças.

Acabava de falar quando entrou na sala um fidalgo de aspeto grave e sisudo.

— Ah! Bem-vindo! Bem-vindo! Sr. marquês de Alegrete — exclamou o ministro, — estava ansioso pela sua chegada. Precisamos de tomar medidas enérgicas para salvar Lisboa da destruição completa.

— Eu vinha pedir providências a v. ex.^a

— Estão sendo dadas, sr. presidente do senado, mas o seu concurso é-me indispensável. É necessário levantar hospitais provisórios, tratar do abastecimento da cidade. Já vou mandar pessoas da confiança de el-rei a todos os pontos do reino juntar gêneros, que sejam enviados a Lisboa. V. ex.^a queira reunir os seus vereadores para presidirem e fiscalizarem a distribuição de mantimentos, para assistirem à sua entrada. Sua Majestade precisa do concurso de todos os bons cidadãos.

— Mas v. ex.^a sabe que reina uma desordem terrível em Lisboa?

— Sei, e tomei as providências indispensáveis. Sr. Luís Correia, parta imediatamente... Se encontrar D. Carlos — continuou o ministro em voz baixa, — não o mande para o patíbulo, fuzile-o sem mais cerimônias. Tranquelize-se, continuou o ministro vendo que Luís tivera um sobressalto, por isso não há de ter remorsos, que D. Carlos não é homem que deixe de justificar o seu procedimento com a sua resistência à prisão.

— Tanto melhor! — murmurou Luís.

la sair quando se sentiu na rua um imenso clamor. Contudo o solo estava firme, o abalo não se repetira.

— O que é isto? — disse o ministro correndo para a janela do rio.

Recuou com um grito de espanto. Ao longe, um imenso clarão vermelho afogueava o horizonte; nuvens de fumo negro toldavam, e escureciam o céu. Lisboa inteira ardia.

XIV.

Última catástrofe

Voltemos ao Rossio, onde deixamos a pobre louca, D. Maria de Jesus, entregue à vigilância afetuosa de Garção e do padre Delfim, e aos carinhos desvelos de Aninhas.

A vasta praça apresentava um aspeto cada vez mais horroroso, porque à multidão enlouquecida, que ali se aglomerava, tinham-se acrescentado os doentes dos hospitais, cujos dolorosos gemidos cortavam o coração. O ar que se respirava era um ar mefítico, impregnado em todas as emanações insalubres do subsolo escancarado com as fendas produzidas pela convulsão do terremoto, e em muitas outras exalações funestas, entre as quais devemos enumerar as que resultavam da acumulação de tantos enfermos naquele ponto.

— Meus amigos — disse o padre Delfim, — é necessário que cobremos ânimo, que procuremos cicatrizar as feridas que ainda vertem sangue, e que tratemos das necessidades habituais da existência. O futuro de todos nós não se limita ao dia de amanhã; a sr.^a D. Maria de Jesus e a nossa Aninhas devem ter nas suas casas recursos que se torna mister salvar, para que não fiquem de todo arruinadas. Sou de voto que vamos às casas uns dos outros, e que procuremos haver à mão o que for possível, para que, depois de termos escapado ao terremoto, não morramos de fome.

— Acho justíssimo — respondeu Garção, — comecemos pelas casas mais próximas, que são as destas senhoras.

Aninhas fez com a cabeça um sinal de aquiescência, e conseguiu que D. Maria de Jesus a acompanhasse como que inconscientemente. O grupo

dirigiu-se para a rua de Santo Antão, através dos mil obstáculos de que estava alastrado o caminho.

A rua padecera bastante, muitos prédios derrocados atestavam a passagem do horrível cataclismo; as casas de D. Maria de Jesus e de Aninhas tinham escapado, porém, ao desastre geral. Um pouco arruinadas, mas de pé, parecia que se saudavam uma à outra, como conhecidas e amigas, por cima das ruínas dos prédios intermédios.

D. Maria de Jesus começou a olhar para a sua habitação, muito atenta, muito atenta, e os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas. Era a razão que voltava? Os seus companheiros miravam-na com ansiedade. Aninhas chorava reprimindo os soluços, e, sem chamar a atenção de D. Maria de Jesus, designou em silêncio ao padre Antônio Delfim um cadáver estendido no meio da rua. Era o cadáver de Doroteia. A infeliz mulher, ao fugir de casa, fora esmagada por uma pedra da habitação contígua. O projétil prostrara-a, e esmagara-lhe a espinha dorsal. As mãos, estendidas para diante, amparavam a cabeça, que dessa forma se erguia um pouco, e mostrava aos que passavam as faces, contraídas e desfiguradas pela agonia, da pobre criada velha.

Estavam ainda parados a pouca distância da casa, quando de súbito sentiram o chão oscilar-lhes debaixo dos pés, e as casas, que se mantinham erguidas, caíram por terra com um fragor espantoso. Ficou levantada ainda a casa de D. Maria de Jesus; apenas lhe abateu o teto, produzindo estragos interiores, mas as paredes permaneceram intactas, e intacto ficou também o pequeno grupo, graças a essa miraculosa preservação de muros que poderiam esmagá-lo.

A pena já se recusa a descrever os sentimentos de terror, e de angústia que se apossaram dos míseros espetadores da catástrofe. Ressoou de novo pela cidade o aflitivo grito de “Misericórdia”. Aninhas, ao ver cair diante de seus olhos a casa em que nascera, soltou um grito de dor profundíssima, e caiu desmaiada; mas no cérebro escurecido de D. Maria de

Jesus, aquele novo infortúnio acendeu um raio de luz, que lhe mostrou a medonha extensão do cataclismo, que ela nos últimos momentos atravessara com a ignorância feliz dos loucos.

Um grito rouco lhe acudiu aos lábios. Olhou espantada para todos os lados, passou a mão pela testa como para apagar esse delírio que lhe escaudara o cérebro com a sua febre intensíssima, e, cravando os olhos na sua habitação, por cujas paredes fendidas, por cujas arruinadas janelas, se viam os confusos destroços do interior, soltou de novo um grito estrídulo, que denunciava a um tempo a sua aflição intensa, e a faculdade, não sei se dolorosa se feliz, que recuperara, de a conhecer e de a sentir.

— Ai! Jesus! — bradou ela. — Ai Jesus! Que perdi a minha querida casa, a casa onde nasceu o meu Luís. O Luís? O Luís? Onde está ele?

— Está salvo, minha senhora, está salvo — exclamou Garção, enquanto o padre Delfim fazia tornar a si a desgraçada Aninhas. — Que feliz que ele vai ser, sabendo que o Omnipotente lhe restituiu a razão, se é que lha não reserva para lhe dar a consciência de novas e mais terríveis catástrofes!

— Sr. Garção! — bradou D. Maria de Jesus. — Deixe-me ir à minha pobre casa tirar alguns objetos mais queridos! Deixe-me beijar pela última vez estas paredes, testemunhas das minhas dores e dos meus júbilos, da minha viuvez consolada pelo amor de meu filho! Mas onde está ele? O meu filho onde está?

— Está em Belém, minha senhora, com o seu regimento, longe deste teatro de horrores.

— Bendito seja Deus quem o salvou. Mas depressa; deixe-me passar, sr. Garção.

— Eu acompanho-a, senhora, acompanhamo-la todos.

Entraram na casa arruinada. Quando chegaram ao patamar, passando por entre os destroços que se acumulavam por toda a parte, ouviram de súbito um gemido fraco, quase indistinto, mas profundamente doloroso.

— Há um ente vivo aqui — exclamou Garção quase com terror, tão fúnebre lhe soava aos ouvidos esse lamento que se exalava duma casa que devia estar absolutamente deserta.

— É a minha pobre Doroteia — exclamou D. Maria de Jesus.

Não quiseram desiludi-la. Impeliram a porta aberta de um quarto, de onde parecia sair o gemido, e que fora outrora o quarto de Teresa, e todos recuaram a um tempo, com um grito de pavor, como se tivessem visto um ente sobrenatural.

Em cima de um leito, quase sufocada por um monte de calça e de vigeamento, estava estendida, com uma profunda expressão de dor no rosto contraído e ainda formoso, a antiga habitante desse quarto, a louca e infeliz Teresa.

— Tu aqui! — exclamou Aninhas ao vê-la, enquanto Garção e o padre Delfim, sem investigarem o mistério dessa aparição, desembaraçavam a infeliz dos materiais que a tinham esmagado, e soltavam um grito de horror, vendo que o corpo de Teresa era uma imensa chaga, e que parecia que se lhe refugiara a vida apenas na cabeça lívida, mas iluminada pela luz suave da resignação.

— Filha! Como venho aqui encontrar-te? — exclamou D. Maria de Jesus debruçada em lágrimas, esquecendo tudo o que se passara, e beijando com sofreguidão o rosto da filha pródiga, que voltara para morrer à casa paternal.

— Minha doce mãe... — murmurou Teresa. — Perdoe-me... Fugi deste ninho de ventura para ir ser uma desgraçada sem nome... Voltei para morrer... mas Deus é bom, que me concedeu vê-la ainda... e a ti, Aninhas... Sois os dois anjos que ele me envia... para ensinarem... para ensinarem à arrependida o caminho do Céu... O Luís?... onde está o Luís?... Quero vê-lo.

— O Luís está longe, Teresinha — acudiu Aninhas, — mas esse bem sabes tu que te perdoa decerto.

Uma lágrima brilhou nos olhos de Teresa.

— Perdoa... sim... bem sei... quis salvar-me... era uma luta entre o Céu e o Inferno... e o Inferno triunfou... O demônio, o amaldiçoado, fugiu, levando-me nos braços... Em torno de nós caía a cidade... rasgava-se a terra... escurecia-se o ar... perseguiam-nos as ondas... e ele sempre a arrastar-me, apesar dos meus gritos, das minhas súplicas... das minhas maldições... Cansou enfim... pôs-me no chão para poder trepar um monte de entulho... e eu fugi, fugi desapoderadamente... com uma ideia só... uma ideia fixa, constante... morrer... mas morrer aqui... neste quarto... o puro asilo dos meus sonhos, das minhas esperanças... Depois de mil obstáculos, cheguei enfim... Que felicidade!... a casa estava de pé, e serena entre as ruínas... O meu quarto pareceu-me que o deixara na véspera... Entrei, deitei-me aqui a chorar... a chorar... à espera da morte que não vinha... veio afinal, graças a Deus, e veio com a consolação suprema de as poder ver a ambas, de poder dar o último beijo nos meus dois anjos protetores.

E, puxando para si com os braços ensanguentados as cabeças de D. Maria de Jesus e de Aninhas, que tinham escutado com avidez a narrativa quase ininteligível de Teresinha, beijou-as fervorosamente.

— Vamos! Vamos! — disse o padre Delfim que juntara entretanto quantos objetos preciosos pudera encontrar, e que os entregava a D. Maria de Jesus. — Agora não é tempo de ouvir histórias mais ou menos comoventes. De um momento para o outro pode repetir-se o tremor.

— Eu é que não abandono Teresinha! — exclamou Aninhas com firmeza. — Ela não pode andar. Eu hei de salvá-la...

— Não, não, Aninhas, não quero... Deixa-me morrer aqui.

— Morro contigo.

— Estás louca? Oh! Não, não! Essa abnegação sublime é um martírio para mim, torna mais pungente o sentimento da minha indignidade.

— Está bom! Está bom! Basta de frases — exclamou rudemente Delfim para disfarçar a sua comoção. — Saíamos! A Teresinha vem conosco.

— Como?

— Como? Vai no colchão! Eu e o Pedro a levamos.

— São dois anjos de bondade — disse Aninhas comovida. — Ah! Têm ao menos de bom estas catástrofes... o fazerem com que se possam avaliar bem os quilates de certas almas.

Apesar das súplicas, dos rogos e das lágrimas de Teresa, os dois amigos levantaram o colchão e saíram com ela, dirigindo-se ao Rossio para a confiarem aos cuidados de algum médico, que decerto não tardaria, ou espontaneamente, ou por ordem da autoridade, a vir tratar os enfermos acumulados no Rossio.

Quando, porém, saíram da casa em ruínas, ouviram um clamor confuso, um crepitar estranho, que lhes anunciava novidade. Apressaram o passo, e, ao chegarem ao Rossio, viram um espetáculo medonho ainda depois de tantos horrores, terrivelmente grande ainda depois de tão formidável cataclismo. Por cima daqueles montes de ruínas ondulavam agora grandes penachos de chamas, o Rossio era um mar de fogo, ouvia-se o crepitar das labaredas, o estalar das madeiras, viam-se subir aos ares os vastos rolos de fumo que iam toldar o céu. Aos horrores do terremoto, vinham juntar-se os do incêndio.

As ruínas de tantas casas, onde pela maior parte havia lumes acesos para misteres domésticos, e o desabamento de tantas igrejas, onde os altares estavam iluminados por velas e tocheiros, produzia forçosamente uma conflagração geral. No meio das ruínas lavraram as chamas ocultas; onde o incêndio primeiro irrompeu foi no convento de S. Domingos e no palácio do marquês de Louriçal; não tardaram, porém, a manifestar-se fogos noutros pontos, mas a população, entregue a um terror que a paralisava, nem esforços fazia para atalhar os progressos das chamas; quando caiu a noite e que as labaredas iluminaram com seu sinistro esplendor por vários sítios a cidade arruinada, puderam ver os habitantes a imensa extensão do desastre. O quadro era sinistro: escombros por toda a parte, nas ruas uma multidão lacrimosa, cortando os ares com as queixas e os

gemidos, e o incêndio envolvendo ainda na sua vasta púrpura a desgraçada Lisboa.

O aspeto do Rossio era realmente aterrador, as chamas silvavam por todos os lados, sem que pessoa alguma pensasse em combatê-las. O convento de S. Domingos, quase completamente desmoronado, estava sendo um lago de chamas. Quando passava o grupo que temos acompanhado na sua lúgubre excursão através das ruínas, uma voz, que parecia sair das labaredas, chamou: — Padre Delfim!

Este levantou a cabeça com espanto, e viu a uma janela de um dormitório já lambida pelas chamas, e que de quando em quando colunas de fumo escureciam, a fisionomia grave e serena do dominicano frei Domingos da Assunção, com quem travamos conhecimento no princípio deste livro.

— Salve-se! Fuja, frei Domingos! — disse cá de baixo Delfim. — O que faz aí?

— Estou no oratório, meu amigo — respondeu a voz tranquila do dominicano. — Não tenho saída. A escada está em fogo, esta janela, como veem, deita para um mar de chamas.

E efetivamente as ruínas, que formavam um monte diante das paredes, ainda preservadas, do mosteiro, ardiavam, porque debaixo do entulho é que lavrava o fogo, e cercavam com línguas farpadas de chamas, e rolos espessos de fumo, a janela do primeiro andar onde frei Domingos estava.

— Mas tente! — bradou Garção. — Arroje-se à escada!

Frei Domingos abanou a cabeça com um triste sorriso.

— A morte é inevitável! Quero morrer ao menos com serenidade cristã! Suponho que foi Diocleciano quem acendeu esta vasta fogueira, e que eu morro pela fé. Seja feliz, Garção! A sua bênção, padre Delfim, a sua absolvição *in articulo mortis*.

O padre Delfim, profundamente comovido, deu a absolvição que lhe era pedida, e, como se as chamas só esperassem esse momento, irrom-

peram logo pela janela, de onde frei Domingos teve que recuar, e que se transformou imediatamente numa verdadeira fresta do Inferno, abertura vermelha e negra rasgada na parede já oscilante.

— Sigamos! Sigamos! — exclamou Delfim. — Salvemos os que podem salvar-se, e entreguemos à misericórdia divina aqueles que ela chama do mundo ao Céu pela estrada do martírio. Garção, o que temos de fazer?

— O Rossio está inabitável — respondeu o poeta que poisara no solo o colchão em que Teresa vinha deitada. — Chamas por todos os lados, ruínas, uma multidão imensa. Não será melhor atravessarmos, procurarmos chegar ao Terreiro do Paço, onde, se já se aplacou a fúria do rio, podemos encontrar um barco que nos leve para longe deste foco de horrores?

— Tens razão, Pedro, aceito o teu alvitre.

E o pequeno grupo pôs-se a caminho do Terreiro, atravessando as ruas labirínticas da baixa, onde estavam as casas caídas todas, desmoronadas, mas onde ao menos não lavrava o incêndio, porque esse, como se seguisse um itinerário traçado de antemão, descrevia uma curva perfeitamente geométrica, e, principiando em S. Paulo, ia depois pela margem do rio até ao paço da Ribeira, saltava em seguida a Alfama, de Alfama ao Castelo, descia à Mouraria, atravessava o Rossio, subia a S. Roque, seguia pelo Loreto, Chagas, encostas de Santa Catarina, a entroncar de novo com S. Paulo, formando um cinto de chamas que abraçava Lisboa inteira no seu complexo devorador.

Ao grupo de Garção tinham-se juntado no Rossio algumas pessoas conhecidas, que, principiando a recobrar-se dos primeiros terrores, procuravam enfim não fugir ao acaso, mas unir os seus esforços para a salvação comum.

Não foi inútil esse reforço, porque as ruas que atravessavam estavam infestadas de salteadores infames, que não só roubavam tudo o que podiam apanhar, cortando orelhas às mulheres para lhes arrancar os

brincos, e praticando enfim toda a casta de atrocidades, mas que inclusive nem respeitavam nesse momento supremo, nesse momento angustiante, as leis instintivas do pudor, e tinham a ignóbil coragem de violar damas e donzelas, no meio desse espetáculo horrível, sobre essas ruínas ardentes, como se o espetáculo de todo esse cataclismo imenso não fosse mais do que um excitante para os seus sentidos embotados. Outros havia que procuravam, com selvagem deleite, agravar mais o estado miserando de Lisboa, e que ateavam eles próprios o incêndio, para que aumentasse o caos, a confusão que lhes estava sendo tão proveitosa.

Mas esses infames, em grande parte estrangeiros, ralé e espuma de todas as nações, que vinham à tona de água nestes momentos de tempestade social, eram naturalmente covardes. A atitude decidida do grupo em que ia Garção impôs-lhes respeito, e ele e os seus companheiros puderam chegar ao Terreiro do Paço sem receberem o mínimo insulto.

Aí, porém, o espetáculo era outro. As ordens de Sebastião de Carvalho começavam a ser cumpridas. Num dos extremos da praça erguia-se um patíbulo. O incêndio dos Paços da Ribeira combatia-se com ordem; no vastíssimo terreiro, as pobres senhoras que acompanhavam o padre Delfim e Garção, puderam respirar enfim. As bocas das ruas estavam guardadas por tropas; havia sentinelas ao longo do cais; a turba, que ali se aglomerava, observava um silêncio relativo. Sentia-se, enfim, em tudo, a influência enérgica do princípio da autoridade.

Súbito, ouviu-se um passo cadenciado de tropas, e um pelotão de soldados de cavalaria apeados entrou na praça, trazendo adiante de si um bando de homens de fisionomias selvagens, nos quais não era difícil reconhecer espécimes dos mais completos da turba vil que profanava o cadáver de Lisboa. À frente desse pelotão de soldados, caminhava um jovem oficial, cuja aparição fez soltar um grito de alegria a D. Maria de Jesus, que olhava com ansiedade para todos os militares.

— Luís! — exclamou ela.

Era Luís Correia efetivamente, que respondeu a esse grito com uma exclamação de júbilo, e que, entregando o comando ao seu subalterno, correu, louco de felicidade, a lançar-se nos braços de sua mãe.

Não se descreve a cena. Era um raio de alegria do Céu no meio das trevas do Inferno daquele dia. Quando, porém, Luís viu Teresa, ficou de tal modo assombrado, a um tempo, de contentamento e de dor, que não pôde fazer mais do que cair de joelhos junto dela, choroso e soluçante.

— Teresa... Tu aqui... E nesse estado!...

Teresa olhou para ele, e saíram-lhe as lágrimas dos olhos secos, e queimados. Como o seu leviano espírito despedaçara a felicidade que se lhe debruçara quase sobre o berço, que a esperara à porta do hospício, e que ela doidamente repelira! Sempre lhe aparecera entre os cataclismos terríveis que lhe tinham atravessado a existência o doce vulto de Luís, para lhe salvar a vida no incêndio do hospital, para lhe levar as consolações da indulgência e do afeto neste momento angustioso. Vencida por tão pungentes comoções, Teresa chorava mansinho, e a sua mão trêmula acariciava brandamente os cabelos do jovem oficial.

— Vou morrer, Luís... — disse ela. — Ah! Mas como é doce ver-te... Faltava-me ainda o teu perdão...

— O meu perdão, querida, o meu afeto mais ardente...

Teresa soltou um grito de horror.

— Não! Não! Seria uma profanação essa palavra se a aplicasses a mim... Não, a morte vem aí felizmente... para me livrar de novas angústias... quero... desejo que cumpras a minha última vontade... A ventura que eu não pude, que não podia nunca dar-te... lego-ta... ao menos. Aninhas, a tua mão... Luís, a tua... Vá, unam-se, unam-se e pensem ambos em mim!...

Deixou cair a cabeça fadada. Em torno dela todos choravam.

— E esse desgraçado... esse infame? — perguntou ela, erguendo de novo o rosto banhado de pranto.

— D. Carlos! — exclamou Luís. — Escapou-se-nos das mãos. É um dos que andam saqueando a cidade.

— Infeliz! — murmurou Teresa. — Até onde ele desceu.

Houve um instante de silêncio, quebrado apenas pelas lágrimas dos circunstantes. Garção partira, deixando sua mulher entregue ao padre Delfim, para ir salvar em sua casa o que as chamas não houvessem devorado, ou o terremoto destruído. Os outros, a pouca distância do palácio em fogo, estavam sendo resguardados do aperto da multidão pela escolta que Luís comandava, e que se aproximara dele, dirigida pelo subalterno que esperava a alguma distância que se abrandasse mais a comoção daquele drama de família, para pedir ordens ao seu superior. Descia um pouco a noite, e no meio das sombras incipientes mais terríveis pareciam as labaredas que avermelhavam o rio e o céu, e faziam oscilar os seus reflexos assustadores por entre a confusa massa da multidão, que se aglomerava cheia de pavor no terreiro. Trabalhava-se com ânsia para se extinguir o fogo, e as companhias militares, dirigidas por oficiais intrépidos, arrojavam-se às opulentas salas procurando salvar os objetos mais preciosos que estavam sendo presas das chamas, que descuidosamente devoravam as maravilhas de arte e de riqueza, acumuladas sucessivamente naquele admirável palácio por umas poucas de gerações de reis, desde D. Manuel que tivera à sua disposição as magnificências do Oriente, até D. João V que pudera dispor dos tesouros do Brasil.

Nesse heroico trabalho, em que andavam empenhados, por mais de uma vez tinham encontrado os soldados, que se lançavam ao fogo, homens suspeitos, que pareciam antes atear as labaredas do que procurar extingui-las. Entre outros aparecera um negro que fora positivamente apanhado a alimentar o fogo, e que os soldados tinham entregado imediatamente aos beleguins do duque de Lafões.

A prisão do negro tornara mais vigilantes os soldados, que não tardaram a encontrar um homem, ainda moço, que se ocupava consciente-

mente a atear o fogo nas tapeçarias de uma sala, onde ainda não tinham penetrado as labaredas. Correram sobre ele, e o homem fugiu, mas rindo com um riso selvagem, e sacudindo o facho que ia, de um lado e de outro, pelos corredores ainda intactos onde se acumulavam as sombras, deixando atrás de si o rasto implacável do incêndio.

Os soldados, que o perseguiram, fizeram-lhe fogo, mas as balas, mal dirigidas, perderam-se na amplidão das salas, e o incendiário continuou a sua vertiginosa carreira. Contudo afluíam soldados de todos os corredores, que cortavam a retirada ao infame, e, este já não tinha outro recurso, senão precipitar-se na praça, onde cairia também infalivelmente nas mãos das tropas.

A parte do palácio, junto da qual estava o grupo de Luís Correia, ainda se conservava intacta. Era a que correspondia, pouco mais ou menos, aos aposentos hoje ocupados pelo ministério das obras públicas. Fora para esse lado que o acaso dirigira a fuga do perseguido.

De súbito o incêndio rompeu com inesperada fúria nesse pavilhão do palácio, até aí silencioso e sereno; abriu-se uma janela, e o vulto sinistro de D. Carlos apareceu, cercado de chamas, que aureolavam terrivelmente a sua frente, ainda bela.

Mas ao mesmo tempo abria-se outra varanda mais distante, e um oficial, ofegante da corrida, bradou:

— Prendam, prendam esse homem, que anda ateando o fogo no palácio!

— Infame! Incendiário! — bradou Luís que logo o reconhecera. — A mim, soldados!

— Ah! Ah! — gargalhou da janela que ficava a pouca distância do grupo o filho da cigana cruzando os braços. — Chama os soldados, meu virtuoso tenente, que já não salvam nem esta sociedade vilíssima, nem esse corrompido rei que vai arder no seu ninho de infâmias, como a monarquia devassa na sua Babilônia incendiada.

— O rei! — respondeu Luís. — O rei está em Belém, são e salvo. Erraste o golpe, infame.

— Em Belém! — exclamou Carlos com desespero. Ah! Maldito! Ao menos não me escapas tu.

Engatilhou uma pistola, disparou mas fálhou-lhe o tiro.

— Soldados... — bradou Luís.

Mas Teresa soltou um grito, e, erguendo-se a meio do seu leito de dor, exclamou:

— Luís, não o mate! É... é meu irmão!

— Teu irmão! — bradou Luís estupefato.

Já D. Carlos engatilhara outra pistola. Soou o tiro, e a bala, passando de raspão pelos cabelos de Luís, foi esmigalhar o crânio de Teresa.

Um grito de dor uníssono respondeu ao tiro. E os soldados, sem esperarem ordem, deram uma descarga de clavinas. Mal dirigidas, as balas como que respeitaram D. Carlos, que, imóvel, ao ver o que fizera, murmurou:

— Matei-a! Oh! Que infâmias da Providência! Também ela amaldiçoa os filhos da cigana.

Foi esta blasfêmia a sua última palavra. As chamas lambiam-lhe o rosto. O teto da sala, em que estava, abateu, e nessa imensa fogueira do palácio da realeza desapareceu o vulto sinistro do filho de D. João V. Tivera ao menos um régio túmulo, já que não tivera o trono.

.....

Estavam terminadas, enfim, as desgraças da capital do reino. O gênio de Sebastião de Carvalho fez em poucos dias brotar a ordem daquele caos, e em poucos anos uma cidade mais bela dessa cidade em ruínas.

Daí a algum tempo, Luís e Aninhas cumpriam a última vontade da desgraçada Teresa. Casavam, e o grande poeta Garção compunha-lhes o epitalâmio. Para eles foi um mistério sempre o último brado da infeliz enjeitada. Por muito tempo a tristeza ensombrou com as suas nuvens a

fron­te de Luís, melancolia que só os beijos da sua primeira filha, à qual deram o nome de Teresa, conseguiram dissipar. D. Maria de Jesus viveu o bastante para poder beijar seus netos, mas ainda, nos últimos anos da sua vida, a razão lhe oscilava no cérebro, quando alguém proferia diante dela estas terríveis palavras: “Terremoto de Lisboa”.

FIM



ESTUDO CRÍTICO

Pinheiro Chagas, o romance histórico e o terremoto de Lisboa

Cleber Vinicius do Amaral Felipe

O ROMANCE HISTÓRICO

Os códigos de composição do gênero “romance histórico”, formulados no século XIX, estabelecem critérios e prescrevem os fundamentos da verossimilhança, tributária do ajuste da trama ficcional à história. Sendo assim, o decoro, ou seja, o ajuste de suas convenções à recepção letrada, pressupõe um pacto fiduciário que se desdobra de uma história dramatizada, pautada no pressuposto horaciano da utilidade e deleite efetuados pelo discurso. Na medida em que rivaliza com a ficção e com a historiografia, supondo a limitação da primeira e a falta de atrativos da segunda, o romance histórico foi colocado à disposição das agendas nacionais, constituindo maneiras de instruir e comover a audiência.

Além de estilizar elementos empíricos, a incorporação da história pelo romance historiciza o presente ao validar a superação de experiências como, por exemplo, códigos de honra, hábitos cortesãos e outras posturas consideradas obsoletas. Ao encenar as ações de personagens reais, a dramatização romanesca recompõe a hierarquia dos valores sociais e os fundamentos da prosa ficcional, de modo que lugares-comuns longevos passam a ser evocados para protocolar novas pautas, amparadas na originalidade, no mercado cultural, nos direitos autorais e na

ampliação de um público que lê ficção por meio de jornais, livros, revistas especializadas.

A concepção de gênero não se torna inoperante a partir do Romantismo. De acordo com David Duff (2009, p. 201), o declínio das teorias tradicionais não resultou em uma erosão da consciência do gênero, mas em um aprimoramento dela. Em outras palavras, os novos códigos estabelecidos pela crítica estão tão preocupados com o gênero quanto os antigos:

Mesmo a prática literária mais radical do período envolvia, tipicamente, não a transcendência dos gêneros, mas a transformação deles: gêneros literários foram revividos, fabricados, internalizados, ironizados, subvertidos, fragmentados, reunidos em novas combinações, adaptados a novos propósitos ideológicos, levados a refletir sobre si mesmos (e uns sobre os outros) – mas não, com raras exceções, totalmente abandonados. A ideia de que um texto literário pode ser um “gênero em si” adquiriu certa importância, e há muitas composições românticas que destacam suas idiosincrasias genéricas por meio de legendas, notas de rodapé e de outras maneiras. Mas, tal era o tamanho do mercado e a sofisticação da indústria editorial que este também foi um período em que experimentos foram replicados, inovações padronizadas e novos gêneros estabelecidos, em alguns casos com extraordinária rapidez e sucesso comercial (DUFF, 2009, p. 201, tradução nossa).¹

¹ *“Even the most radical literary practice of the period involved, typically, not the transcendence of genres but the transformation of them: literary genres were revived, fabricated, internalized, ironized, subverted, fragmented, brought together in new combinations, adapted to new ideological purposes, made to reflect on themselves (and on one another)—but not, with rare exceptions, abandoned altogether. The idea that a literary text can be a ‘genre in itself’ acquired some currency, and there are many Romantic compositions which foreground their generic idiosyncrasies through subtitles, footnotes, and in other ways. But, such was the size of the market and the sophistication of the publication industry that this was also a period in which experiments were replicated, innovations standardized, and new genres established, in some cases with extraordinary speed and commercial success”.*

As antigas preceptivas, que acompanharam a Instituição Retórica até o século XVIII, reuniam normas para regulamentar os mais diversos gêneros discursivos, protocolando formas de invenção, disposição e elocução, mas também repertórios de tópicos, estratégias oratórias, decoros, efeitos, *auctoritates*. Quando a retórica foi desmantelada e as estéticas vigoraram sobre suas ruínas, os preceitos abandonaram seu posto central, embora não tenham sido de todo eliminados das formas ficcionais e historiográficas pós-iluministas. Desde então, os pressupostos artísticos foram anunciados/propagados ora pelo próprio autor, que, com frequência, os apresentava nos paratextos ou em comentários preambulares, ora pelos comentários críticos publicados por meio de cartas, periódicos, dissertações. Manuel Pinheiro Chagas (1842–1895) recorreu aos dois expedientes para definir sua arte e, em particular, o chamado “romance histórico”. Interessa-nos investigar a maneira como Chagas valorizou a dramatização da história e sua capacidade de gerenciar afetos e produzir quadros descritivos compatíveis com a antiga técnica retórica da écfrase. Esses elementos podem ser detectados, com minúcia e profusão, n’*O terremoto de Lisboa* (1874), objeto de nosso estudo.

Em seus *Ensaio Críticos*, publicados em 1866, Manuel Pinheiro Chagas escreveu que a missão do romancista histórico era “mais grandiosa, mais sublime do que a do próprio historiador”. Ambos consultam as histórias e delas “arrancam os espectros das gerações extintas do seu túmulo secular”. O historiador, no entanto, “estende o cadáver na mesa anatômica” e se contenta em “explicar friamente” os mistérios do organismo e investigar “o modo como o fluido vital fazia jogar essas molas, que a morte despedaçou, e cujos segredos o tempo obliterara”. O romancista, por outro lado, “galvaniza o cadáver, restitui-lhe o movimento” de modo que o leitor “vê passar por diante de si não o esqueleto hirto e gélido, mas o corpo animado com o calor da vida, com o fogo das paixões, que o animara, que o abrasara outrora” (CHAGAS, 1866, p. 58).

De acordo com Pinheiro Chagas, o

[...] estudo consciencioso da época é indispensável tanto ao historiador, como ao romancista, mas o primeiro cumpriu a sua missão, expondo claramente os resultados que colheu, e compreendendo e fazendo compreender o caráter genérico de uma determinada era. O segundo, além disto, vê-se obrigado a analisar a influência da organização social do passado nas paixões, nos costumes, na vida doméstica de cada um dos indivíduos dessa geração, que o historiador estudou em globo, e que o romancista tem de estudar nas suas mais insignificantes frações (CHAGAS, 1866, p. 59).

Depreende-se deste fragmento que a escala de observação e o enfoque narrativo interferem na maneira como os objetos históricos são recepcionados pelo leitor.

Nos *Novos Ensaios Críticos* (1867), Chagas afirma que o romance histórico é “a única epopeia possível no século XIX”, o “poema de um povo”, o “ressurgir de uma geração” (CHAGAS, 1867, p. 13). Diferentemente do gênero épico, seu herói “múltiplo” não precisa ser exaltado, pois é “gigante por si”. Chagas distingue o olhar que, da praia, contempla a onda se chocando contra o rochedo, e a visão que, do alto, acompanha inúmeras ondas “que se embatem, que se quebram, que se torcem, que se enrolam, que espumam, que verdejam, que cintilam ao sol, que rugem pavorosas, que sacodem os navios, que refervem em enormes cachões” (CHAGAS, 1867, p. 13). A onda, isolada, corresponderia ao indivíduo; o mar, à multidão. De um lado, é possível contemplar uma existência singular, suas paixões, peripécias, o que proporciona um “brando meditar”, encarar a multidão; por outro lado, corresponde à “moderna epopeia, o grande romance histórico”.

Há, portanto, a possibilidade de “arrancar do mármore das tradições não só as estatuetas dos grandes vultos, mas também os baixos relevos

onde se agitam os grupos dos personagens inferiores” (CHAGAS, 1867, p. 14). O romance histórico seria, no caso, a “parte mais elevada da história literária contemporânea”, podendo ser dividido em duas classes: na primeira, o romancista “apodera-se dos grandes personagens”, estudando seu caráter, intenções, fisionomia. Trata-se do processo da “estatuária”, ou seja, que reproduz a época por meio de seus “vultos dominantes” e deixa agitar-se, ao seu redor, “a multidão confusa”. O outro processo é do “baixo-relevo”. Por meio dele, é possível estudar a “múltipla fisionomia” de uma época, a agitação dos personagens ignoradas: “percorre-se com a lanterna do mineiro os últimos degraus da escada” (CHAGAS, 1867, p. 15). Chagas supõe a possibilidade de reunir os dois processos, ou seja, figurar estátua e baixo-relevo, pois “na tela vastíssima pode o pincel do artista derramar as grandes massas de luz e sombra, dispersar os personagens grandes e pequenos, reis e mendigos, sábios e ignorantes [...]” (CHAGAS, 1867, p. 16). Para atingir tal efeito, Pinheiro Chagas (1867, p. 25) cogita a possibilidade de unir intuição e observação minuciosa, ou seja, nas “ressurreições históricas”, uma “fantasia ardente, auxiliada por estudos fortes”, poderia reproduzir “o aspecto geral de uma época tão verdadeiramente como a reconstrói a erudição juntando traço a traço”.

Preocupações similares podem ser encontradas no romance *O Juramento da Duquesa* (1873), quando Chagas abraçou o encargo de celebrar não “os grandes feitos das campanhas da Restauração”, mas “os enredos da corte, as calúnias, as traições que se desenrolavam no reverso desse quadro brilhante das épicas pelejas e de sobre-humanas façanhas”. Na sequência, o autor insiste que “também isto é história, também isto é mister que se conte, e não se colhe menos proveito da narrativa das fraquezas e dos defeitos dos nossos antepassados, que são para nós amargas lições, do que da narrativa das suas virtudes e das glórias, que são para nós glorioso incitamento” (CHAGAS, 1902, p. 100). Em *A Máscara Vermelha* (1873), a mesma preocupação com os “excluídos” da história foi manifestada durante uma comparação entre discursos históricos e trágicos:

A história não nos dá pormenores acerca da execução dos plebeus, limita-se a dizer-nos unicamente como padeceram e morreram os nobres. Assim como a musa trágica se envergonhava de fazer figurar no teatro os infortúnios burgueses, e não calçava o coturno clássico senão para interessar os espectadores pelas desgraças dos grandes, assim também a história não se dignava ocupar-se da vida e gestos, e muito menos ainda da morte mais ou menos dolorosa dessa plebe vil que tumultuava na sombra (CHAGAS, 1902, p. 227).

Incomodava a Pinheiro Chagas uma história voltada para as grandes personagens que olvidava aquelas que circulavam às margens. Nas instâncias liminares de *O naufrágio de Vicente Sodré* (1894), ele admitiu a importância da “forma romântica” para apresentar a “vida íntima” dos antepassados ilustres dos portugueses, mostrando os bastidores “daquelas tragédias épicas, que constituem as nossas grandes e gloriosas guerras”. Se a “velha fórmula do romance histórico” teria sido vítima de desprestígio por parte do público leitor, o autor assegurou que a “curiosidade de ver os personagens históricos apeados do seu pedestal, e movendo-se nas peripécias da vida comum, é cada vez mais intensa” (CHAGAS, 1894, p. I-II). Chagas (1894, p. II) recorre a um conjunto de medidas para solucionar o dilema: “não procurar o drama fora da realidade, não inventar episódios, nem fantasiar personagens, procurar simplesmente ver as cenas tais como a história as descreve, compreender os personagens como eles se revelam nos seus atos”.

A ideia é fazer “reviver” as épocas históricas sem prejudicar o interesse dramático das narrativas. Entretanto, o autor deveria se ater à fidedignidade dos autores consultados: “Há muitos em cuja narrativa se pode crer, mas em todo o caso, por maior que seja a boa-fé do narrador, há sempre a descontar os erros que ele comete involuntariamente, graças ao prisma que a sua paixão política lhe põe diante dos olhos, sem que ele

dê por isso” (CHAGAS, 1894, p. III). Chagas, em seguida, afirmou que recorreu às *Lendas da Índia*, de Gaspar Correia, e evitou a fantasia, limitando-se a empregar as personagens históricas e colocar-lhes nos lábios “as palavras que estavam no seu pensamento, mas que eles talvez não poderiam exprimir com a nitidez com que podemos formulá-las agora”. Para ele, a história “tem duas faces, e nenhuma se deve ocultar” (CHAGAS, 1894, p. IV-V).

Quando analisa os trabalhos dos historiadores João de Barros e Diogo do Couto, Pinheiro Chagas distingue a eloquência do primeiro, responsável por uma “epopeia em prosa dos feitos portugueses”, e o “lápis severo” do segundo, que abriu mão do “pincel maravilhoso do colorista” para desenhar com precisão os episódios históricos, captando as luzes sem negligenciar as sombras. Se Barros amplifica os atributos heróicos, Couto evidencia seus traços humanos sem, com isso, repelir seus leitores. O “historiador soldado”, à maneira de Camões, teria empunhado a pena e a espada, ou seja, ele foi capaz de associar experiência e erudição, não se limitando aos ambientes da Corte (CHAGAS, 1867, p. 201). Por ter conciliado a vida parlamentar e a escrita literária/histórica, talvez o romancista tenha encontrado em Diogo do Couto um modelo de historiador compatível com sua própria trajetória.

Na introdução do romance *A joia do vice-rei* (1890), Chagas reforça as especificidades do romance histórico ao elogiar Alexandre Dumas, autor de *Os três mosqueteiros*: “Mas quem reparar que Alexandre Dumas não tem em vista senão desenhar uma época, os seus costumes, as suas tendências, o seu caráter genérico, reconhecerá que poucos espíritos souberam evocar, tão exatamente nas suas linhas capitais, os grandes períodos de história de França como este encantador espírito”. Em seguida, ele assegura: “Lendo os seus romances, tão crimiados como frívolos e mentirosos, forma-se uma ideia da época em que eles se passam mais completa e mais perfeita do que no-la poderiam dar os mais conscienciosos livros históricos”. Em se tratando de *A joia do vice-rei*, Chagas afirma: “[...]”

É simplesmente a história posta em ação, são as cenas verdadeiras, tais como as encontramos na prosa dos nossos cronistas, e principalmente nos capítulos pitorescos das *Lendas da Índia* de Gaspar Correia, que vamos desenrolar diante dos olhos dos leitores. Nenhum personagem que vamos esboçar, é inventado por nós, a não ser talvez alguns desses vultos, em que é lícito dividir o grande personagem coletivo da multidão” (CHAGAS, 1890, s/p). Na sequência, ele se corrige: “Nada inventamos, apenas procuramos dar cor e animação ao desenho que nos deixou o velho narrador”. Por fim, ele evidencia o propósito do gênero:

O que podemos, porém, afirmar é que isto é história, história dramatizada e não romantizada, quer dizer, posta em cena e não enflorada com ramalhetes fantásticos, que não há uma cena inventada, e que o nosso intento unicamente foi fazer passar por diante dos olhos dos leitores os personagens que descrevemos em toda a sua verdade (CHAGAS, 1890, s/p).

Não bastasse a fidedelidade da narrativa, Chagas salienta a necessidade de dramatizar a história para reproduzi-la perante os olhos do leitor, preferencialmente com uma linguagem compatível com o presente da enunciação: “Não tentámos nem por sombras ressuscitar a linguagem do século XVI. Essas ressurreições dão ao falar dos personagens um caráter rígido e afetado, mil vezes mais falso do que a tradução da expressão dos seus pensamentos na língua do nosso tempo” (CHAGAS, 1890, s/p).

Retratar a história “diante dos olhos dos leitores” é um procedimento que se aproxima da *écfrase*, recurso destinado à produção de afetos por meio de uma descrição verbal detalhada e impactante. Seus artifícios tendem a exercer sobre o auditório um “efeito de realidade”, pois estabelece uma relação intrínseca entre descrição (*descriptio*) e a vivacidade do que é descrito (*euidencia*). O leitor, no caso, atuaria como uma “teste-

munha ocular”. A definição de romance histórico proposta por Chagas é tributária, direta ou indiretamente, dessa técnica que conjuga descrição e vivacidade para (co)mover e deleitar os leitores.

Na novela histórica *A passagem do cabo Bojador*, publicada em 1869 e republicada em 1894, Chagas retratou, no primeiro capítulo, um diálogo entre o infante D. Henrique e Gil Eanes. Este referia os perigos que encontrariam os marinheiros ao ultrapassar o cabo Bojador; já aquele alegou que, com intenções íntegras, poder-se-ia passar ileso até mesmo pelo Inferno: “Para visitar as regiões sombrias, as mortais defesas, colheu Eneias no bosque misterioso o ramo de ouro protetor. Mas onde há ramo de ouro conhecido das Sibilas que seja melhor talismã do que a própria cruz de Cristo? Empunhai a cruz, Gil Eanes, tende fé, e vereis dissiparem-se os vãos prestígios com que o demônio vos aterra” (CHAGAS, 1894, p. 131). Durante a tão aguardada viagem rumo ao cabo, um “velho marinheiro de voz autorizada e grave” começou a espalhar histórias sobre águas “negras como breu” que “referviam e erguiam-se como montanhas” e marinheiros que, na “flor da mocidade”, desistiram da viagem quando avistaram o Bojador e voltaram para Portugal com “cabelos brancos” (CHAGAS, 1894, p. 136).

O mesmo marinheiro, chamado Lourenço Dias, narrou outra anedota, dessa vez protagonizada por São Brandão, que teria encontrado o paraíso terrestre depois de cruzar o mar “semeado de ilhas que pertencem a Satanás” e nas quais “as almas sofrem as penas do inferno”. Depois de ultrapassá-las e ouvir “gemido e prantos” e as “patadas de cavalos de fogo” montados “por infelizes que soltavam gritos horríveis”, São Brandão teria encontrado “uma ilha resplandecente”, na qual cantavam pássaros de ouro com “asas de prata” e perito “de púrpura e de açafreão” (CHAGAS, 1894, p. 137). O romancista imitou uma passagem de Gomes Eanes de Zurara (1973, p. 50) presente na *Crónica de Guiné* ao sugerir que, depois do Bojador, “a terra é mais baixa que o mar, que o sol queima as praias

escalvadas, e que as correntes impetuosas arrastam com irresistível força os navios para terríveis paragens, onde a morte é certa” (CHAGAS, 1894, p. 128). Entretanto, quando finalmente ultrapassaram o cabo, a experiência não correspondia às expectativas. Segundo Chagas, esta teria sido a “maior façanha da história moderna”.

Quando surge oportunidade, Pinheiro Chagas esclarece aspectos controversos das crônicas consultadas, como é o caso do *locus horrendus* que empregou para representar as proximidades do temível cabo: o vento da madrugada emitia “gemidos fúnebres” que “assemelhavam-se aos queixumes das almas penadas”; ouvia-se ao longe “um som rouco e mal distinto” do “mar quebrando com fúria nos rochedos”; o mar “tingira-se de vermelho escuro; parecia ter perdido a liquidez, e na superfície baça das vagas ficara por largo espaço traçada a esteira da barca aventureira” (CHAGAS, 1894, p. 138). Na sequência, ele afirmou que a causa do fenômeno em questão “é conhecida hoje de todos os navegantes; para o sul do cabo de Não, a muita areia soprada pelo vento do deserto avermelha as águas do Oceano e torna-as espessas; mas os marinheiros de Gil Eanes julgavam que era um prenúncio da aproximação do mar Tenebroso” (CHAGAS, 1894, p. 138). A novela, no caso, não se limita à reprodução da fonte, pois presta ao leitor esclarecimentos que os antigos cronistas não poderiam formular. A ideia de fazer “reviver” os agentes históricos, assim, não parte de uma concepção ingênua de imparcialidade ou objetividade, já que cabe ao romancista a produção da verossimilhança narrativa.

As palavras do “velho marinheiro” ocuparam na intriga uma posição similar ao discurso proferido pelo velho do Restelo na epopeia lusíada: as palavras de Lourenço Dias reuniam lendas que, outrora, impediram os nautas de ultrapassar o Bojador e costear as terras africanas. O cabo funcionaria como um *nec plus ultra*, como um limite a ser evitado, assim como o cabo das Tormentas algumas décadas depois. Pinheiro Chagas

buscou reabilitar a memória de Gil Eanes e D. Henrique, atribuindo-lhes o prestígio merecido e integrando-os à história nacional. Há, portanto, um caráter instrutivo, uma tentativa de demonstrar que o dissipar das superstições proporcionaram aos portugueses a possibilidade de prosperar. No entanto, ao favorecer a presença dos jesuítas, a má administração dos monarcas e o envolvimento em guerras alheias, a Dinastia de Avis teria impedido a continuidade dessa prosperidade (GANDRA, 2012, p. 79).

Elementos retóricos provenientes dos antigos gêneros letrados perseveraram no século XIX, muitas vezes encarados como descrição fidedigna de sentimentos, paixões ou, como dizia Pinheiro Chagas, de elementos provenientes dos “bastidores”. Na tentativa de despertar a curiosidade do leitor sem entediá-lo, Chagas atribuiu vida aos mortos e, simultaneamente, deixou ao público coevo lições nacionais, almejando atingir os antigos pressupostos da retórica: instruir, mover e deleitar. Como dizia o português Francisco Freire de Carvalho (1840, p. 82), autor de *Lições elementares de poética nacional*,

Descrição é a pedra de toque da imaginação do Poeta, e a que faz diferenciar facilmente o engenho original do talento meramente copista. Na verdade quando um escritor medíocre empreende descrever a Natureza, figurasse-lhe, que todos quantos o precederam, tem esgotado a matéria; nada descobre novo e particular no objeto, que intenta pintar; a imagem, que dele forma, é vaga e mal circunscrita: conseqüentemente as suas expressões são fracas e gerais. Pelo contrário o verdadeiro Poeta põe diante dos olhos de seus leitores o objeto que descreve, sem lhe escapar nenhuma de suas feições mais notáveis; pinta-o com as suas cores naturais; dá-lhe uma existência, uma vida real; coloca enfim esse objeto debaixo de um ponto de vista tão adaptado e frisante, que o pintor pode em um quadro facilmente copia-lo.

Não deixar escapar nenhuma das feições mais notáveis do objeto; pintá-lo com “cores naturais” (para não dizer nacionais); dar-lhe existência, galvanizá-lo e ajustar seus atributos ao “ponto de vista” do leitor. Todas essas medidas foram preceituadas por Pinheiro Chagas em seus ensaios críticos e adotadas em seus romances, contos e novelas históricas, pois havia um decoro a ser seguido, ou seja, uma necessidade de ajustar a matéria ao gênero literário e o gênero ao “curioso” público consumidor de literatura.

O TERREMOTO DE LISBOA

O longo reinado de D. João V foi encerrado com sua morte, a 31 de julho de 1750. Cinco anos depois, durante a gestão de D. José I, no dia de Todos os Santos, um cataclismo arruinou a capital portuguesa. O ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro marquês de Pombal, recorreu ao engenheiro-mor Manuel da Maia com o intuito de reerguer Lisboa a partir de técnicas capazes de atenuar futuras calamidades. A chamada “gaiola pombalina”, mecanismo que buscava reforçar os edifícios e protegê-los de abalos sísmicos, foi uma das medidas assumidas. Kant, em 1756, desconfiou que a tragédia teria sido agravada pela localização da cidade, construída na longitudinal do Tejo. De acordo com Leonel Ribeiro dos Santos (2016, p. 39), o filósofo alemão teria formulado “uma ética da compreensão do fenômeno, da precaução e da gestão prudencial dos riscos e vantagens”. Seria inútil lamentar o inevitável ou culpar a Providência. Melhor seria gerir e conviver com o risco, pois conhecer os fundamentos físicos do sismo ajudaria os homens a minimizarem seus efeitos e a controlarem seus desdobramentos.

A associação entre o terremoto e a intervenção “ilustrada” de Sebastião José de Carvalho e Melo constituiu uma “mitologia” e, simultaneamente, um nexos entre catástrofe e o ideal modernizador. Essa orientação

de ordem teleológica acaba transformando os textos contemporâneos sobre o evento em notícias desprovidas de convenções, apartadas da retórica e dos seus códigos linguísticos. Como demonstrou Filomena Amador (2007), são produções heterogêneas no que diz respeito ao gênero literário e às estratégias argumentativas adotadas. Tal acervo documental inclui missivas, relações, dissertações, tratados, memórias, sermões. Mesmo as figurações posteriores, que exaltam a figura do ministro de D. José I e seu eficiente projeto de reconstrução da capital, podem ser, erroneamente, concebidas como indícios que expressam, de forma espontânea, o ideal nacionalista em vigor ou a parcialidade política de seus autores. Sem negligenciar a verossimilhança de tais alegações, é necessário, contudo, considerar o decoro, o gênero e os preceitos retórico-poéticos e estéticos mobilizados.

Publicado em 1874, *O terremoto de Lisboa* esclarece seu “teor” ainda na primeira página: acima do título, o livro é tomado como um “romance nacional”. Quanto a isso, não há muito o que ser dito, afinal, sua matéria remete a um episódio histórico ambientado em Portugal do século XVIII. Talvez o rótulo situado após o título seja mais esclarecedor: “romance original por M. Pinheiro Chagas”. Original de que forma? A princípio, convém lembrar que era prática recorrente a tradução de romances à época. O próprio Pinheiro Chagas traduziu vários, como *Captain Paul* (1838), de Alexandre Dumas, e *Robinson Crusóé* (1719), de Daniel Defoe. Ao alegar originalidade, portanto, o autor declara que o texto é de sua autoria.

Além disso, tal alegação constitui uma afronta à retórica, arte ou técnica baseada na imitação de *auctoritates*, autoridades, modelos distribuídos entre os diversos gêneros retórico-poéticos que circularam entre a Antiguidade e quem foram diluídos no século XVIII, embora não tenham deixado de existir. Na condição de técnica pautada em preceitos, as práticas letradas eram dirigidas a públicos cultos ou discretos que dominavam as convenções empregadas e, por isso, eram capazes de avaliar os efei-

tos e a adequação dos procedimentos técnicos. Dessa forma, não existia originalidade enquanto “mercadoria inventada pela livre-concorrência burguesa”. O auditório, em outras palavras, não esperava um discurso original, mas uma variação aguda e eloquente dos predicados e protocolos anônimos, coletivos e amplamente compartilhados. O nome do autor, como lembra João Adolfo Hansen (2013, p. 40), “não designa um indivíduo e sua psicologia, mas classifica o modelo da excelência do estilo de um gênero realizado como *convenientia*, adequação das partes do discurso ao todo, como decoro interno, e adequação urbana dele ao costume de um bom uso, como decoro externo”. Quando Chagas determina que seu romance histórico, além de nacional, é original, ele designa a si como indivíduo detentor dos direitos autorais. Além disso, a obra não é encarada como fruto da variação estilística de um gênero retórico-poético preceituado desde a Antiguidade, mas como expressão particular, autêntica e psicológica cujos efeitos são, antes, protocolados pelo próprio autor, seja nas instâncias preliminares (prólogo, introdução), por meio dos ensaios críticos ou mesmo na trama que configura o romance.

Com um total de quatorze capítulos, *O terremoto de Lisboa* perfaz uma parcela da trajetória política de Sebastião José de Carvalho e Melo, institui uma trama ficcional envolvendo membros da nobreza, poetas, militares, padres e outros tipos sociais da época, investindo em dispositivos retóricos e estéticos para figurar o terremoto de Lisboa. O autor adota a forma do romance para aproximar o leitor da história portuguesa e recorre a documentos datados e a procedimentos estilísticos para dramatizar elementos históricos. Para dar conta da trama, é necessário retomar, de forma sucinta, o conteúdo de suas partes.

O primeiro capítulo, intitulado “A aurora de um grande reinado”, narra os últimos momentos do rei D. João V, de Portugal, e aproveita para salientar a artificialidade da etiqueta e das cerimônias aristocráticas, comparando o luto da família real, amparado no autocontrole, no respei-

to ao decoro e dignidade cortesã, e o sofrimento de uma família comum, que produz um “concerto de soluços” seguidos de “frenéticos abraços” e “gritos de desespero”, atitudes que contrastam com a serenidade de D. Mariana de Áustria perante seu finado marido. Segundo Chagas (1874, p. 10), a rainha, ao ouvir a notícia “proferida pela voz fria e grave do médico”, represou as lágrimas e se recolheu em seus aposentos. Os fidalgos, velando o rei de Portugal, conversavam sobre as possíveis mudanças nos ministérios, zelosos da manutenção das intrigas de corte, enquanto “a roupa de cama desenhava lugubrememente a forma hirta do cadáver esquecido”. Segundo o romancista, a “[...] etiqueta dominava com o seu gélido império todos os espíritos e todos os corações” (CHAGAS, 1874, p. 10). Ao final do capítulo, Leonor Ernestina de Daun, esposa de Sebastião José de Carvalho e Melo e, portanto, futura Marquesa de Pombal, consola a rainha. Esta, em contrapartida, resolve aconselhar o filho, D. José, a admitir o marido de sua compatriota como ministro, que se tornará o novo secretário da guerra e dos negócios estrangeiros. Com a nomeação, o episódio é arrematado por meio de um juízo que antecipa o teor da narrativa e seu herói: “Esse decreto, que el-rei D. José assinava com indiferente complacência, ia iluminar de glória imortal o seu reinado, ia torná-lo uma das épocas mais brilhantes da história portuguesa” (CHAGAS, 1874, p. 21).

O capítulo II, por sua vez, retrata um primeiro drama e, por meio dele, apresenta ao leitor algumas das personagens que integram a trama. Trata-se de um incêndio que consumiu o hospital de Todos os Santos, a despeito dos esforços coletivos para contê-lo. Luís Correia, no entanto, destacou-se frente aos demais: “O oficial é moço e elegante: os olhos negros e vivos, ainda que um pouco melancólicos, tom sério, rosto sereno. A estatura, pouco acima da regular, ajeita-se admiravelmente com o uniforme do regimento; nas lajes da arcaria ressoam de vez em quando as suas esporas de ordenança” (CHAGAS, 1874, p. 24). Ele combateu

o incêndio, mesmo quando as “[...] chamas estampavam lugubrememente no horizonte o seu clarão pálido, que rasgava levemente a escuridão das nuvens de fumo, que se evoluíam grossas e pesadas do seio do edifício incendiado. Se fosse de noite, o espetáculo seria verdadeiramente pavoroso; assim o esplendor do dia ofuscava a luz das labaredas, e negava-lhe o realce que lhe dariam as trevas noturnas” (CHAGAS, 1874, p. 26). Os pacientes resgatados pareciam “[...] espelhos pálidos, descarnados, alguns apenas envoltos nas roupas do leito e outros deitados nos colchões em que tinham vindo transportados, ofereciam ali ao ar livre o triste espetáculo de todas as misérias, de todas as dores humanas” (CHAGAS, 1874, p. 27). O investimento descritivo pode ser detectado quando as chamas se espalham:

De repente o perigo revelou-se e quando já não havia tempo de se remediar. Alguns tições inflamados caíram sobre a lenha, e logo se levantaram umas labaredas imensas, que, comunicando-se às paredes, fizeram redobrar de intensidade o fogo. Primeiro o pátio ficou cheio de um turbilhão de fumo, e por entre esse véu negro o povo podia ver cair, como uma chuva de oiro, as centelhas rápidas e sucessivas. Logo depois o vento dispersou os primeiros novelos de fumo negro, a lenha esbraseando-se dardejou as labaredas como outras tantas línguas ardentes, e essa nova catástrofe apareceu em toda a sua sinistra realidade. O pátio estava transformado num mar de fogo (CHAGAS, 1874, p. 29).

Foi nesse mar de fogo que Luís Correia de Faria e Melo resgatou a jovem Teresinha em meio aos escombros. Também foi contra ele que se mediu outra personagem: “Um homem, de fisionomia desdenhosa e severa, mirando tudo com uma luneta de oiro que levava de quando em quan-

do aos olhos, dava algumas ordens breves e claras, que eram obedecidas imediatamente” (CHAGAS, 1874, p. 34). Tratava-se de Sebastião de Carvalho. Quando frei Domingos chama de “triste agouro” o evento trágico que presenciavam, o futuro Marquês de Pombal foi incisivo: “Excelente agoiro, acho eu. O fogo já está quase extinto. Os desastres mandam-nos a Providência. O que é de bom agoiro é que se saiba acudir a eles com prontidão. Ateia-se um fogo? Embora! A questão é apagá-lo. E, sr. frei Domingos, se aprouver a Deus, e se for da vontade de el-rei, não será esta a única fogueira que apagaremos” (CHAGAS, 1874, p. 34). Seu olhar, claro, fitava o edifício da Inquisição.

Até o momento, foi possível acompanhar de que maneira Sebastião de Carvalho tornou-se ministro, sob o reinado de D. José, e a intensidade de sua resolução quando precisa remediar problemas. Além disso, Luís Correia deixou evidente sua índole ao salvar e, em seguida, tornar-se protetor da “enjeitada” que retirou do hospital em chamas. A partir de então, sua mãe, D. Maria de Jesus, assume a “educação moral” de Teresa que, à época, somava não mais de quatorze anos.

O terceiro capítulo, “Um poeta horaciano”, desenrola-se cinco anos após o incêndio. Teresa, detentora de uma beleza “em que havia um não sei quê de magnético e de perigoso”, encarnava

[...] duas mulheres distintas, uma, cândida, meiga, boa, quando as paixões encontradas, que rugiam na sua alma como opostos vendavais, lhe não turvavam a serenidade, outra que despertava com o despertar dos veementes afetos, e que devia ter nos acessos de loucura amorosa os êxtases insensatos das mulheres do oriente, nos ímpetos de cólera o rugido feroz das leões, que devia ou enroscar-se como a cobra nos braços do homem a quem amasse, ou silvar como a serpente furiosa que dardeja a língua farpada contra o inimigo que a irrita (CHAGAS, 1874, p. 37-38).

Luís Correia, por sua vez, “era uma alma de poeta, um moço grave, sério, melancólico, reflexivo, inacessível à corrupção do século em que vivia, e erguendo com altivez a sua fronte imaculada acima das torpezas que o rodeavam” (CHAGAS, 1874, p. 38). Depois de pintar o caráter de cada um, o narrador segue com a narração, relatando uma ocasião em que D. Maria de Jesus recebe Garção, o poeta horaciano referido no título do capítulo, Aninhas, amiga de Teresa, e o padre Delfim. À mesa, institui-se uma querela entre o poeta, defensor da imitação dos modelos antigos, e Luís, favorável à ideia de que o poeta poderia “voar com as próprias asas”. “Que heresias são essas?”, pergunta Garção. “Quer que voltemos às alambicadas poesias da *Fénix renascida*? Quer a independência do estro, a licença, o desavergonhamento da inspiração? Nada! Nada! Acabemos com essas sandices, e voltemos aos bons modelos” (CHAGAS, 1874, p. 42). Ao que pergunta Luís: “E não poderá ser a poesia simplesmente a expressão dos nossos afetos e das nossas paixões? Não poderá ser a expressão da natureza?” (CHAGAS, 1874, p. 42). Ao que contrapõe o poeta: “A natureza sim, mas a natureza ornada. A simplicidade, concordo, mas a simplicidade artística! Pois queria que puséssemos em verso, por exemplo, em verso sério, é claro, em verso bucólico, a rusticidade verdadeira dos pastores? Que reproduzíssemos a sua linguagem grosseira e os seus hábitos brutais? Então a poesia deixaria de ser uma arte, para ser uma cópia ridícula!” (CHAGAS, 1874, p. 42). E reforça, depois de reconhecer que há lances belos na literatura moderna, especialmente em Shakespeare: “O princípio da autoridade não se pode desprezar, a civilização e o gosto precisam de reguladores supremos” (CHAGAS, 1874, p. 43).

No capítulo quarto, Teresa e Ana conversam sobre suas pretensões e, ao final, depois de recitar *Fedra*, de Racine, Teresa ganha os aplausos de um estranho que passava pela rua e que a escutou pela janela. No passo seguinte, o narrador volta a criticar os costumes da nobreza, por meio da relação entre uma viúva, D. Mafalda Rita Pessanha de Sá, e seu segundo

marido, Gil Coelho, que encomendara uma genealogia para legitimar suas supostas raízes nobres. O episódio reproduz elementos de uma peça teatral criada por Pedro António Correia Garção (1724–1772), que compareceu como personagem momentos antes, durante o chá na casa de Luís Correia. Neste quinto capítulo, o casal referido promove uma festa e convida os protagonistas. Luís não pôde deixar de zombar da genealogia mal preparada, alegando: “Pois, meu caro amigo e sr. Gil Coelho, uma coisa tem de notável a sua família é que em quatro passadas atravessa a história toda” (CHAGAS, 1874, p. 72). Foi nesta festa que compareceu o misterioso transeunte caráter duvidoso que cortejou Teresa. Seu nome era D. Carlos de Mendoza. O poeta Garção manifestou sua impressão sobre ele: “Parece que viajou muito, e que foi assim que o seu espírito inteligente reuniu um grande cabedal, porque, ao passo que mostra um conhecimento profundo das literaturas modernas, principalmente da francesa, não pode ocultar a sua ignorância em tudo o que respeita a letras clássicas” (CHAGAS, 1874, p. 75). No capítulo VI, depois que Luís Correia pede Teresa em casamento, a jovem resolve fugir com D. Carlos, deixando uma missiva na qual admite que nasceu “para as tempestades” e que uma “fatalidade irremissível” a obrigava a partir.

No sétimo capítulo, dois meses após a fuga, o narrador traça o perfil de Sebastião de Carvalho, retratando-o como enérgico, severo, devotado às leis reinóis. Em uma contenda contra *lord* Tirawley, representante dos interesses ingleses, e na presença de outro ministro português, Diogo de Mendonça, Sebastião de Carvalho não cederá às ameaças do diplomata. Diferentemente de seu conterrâneo, pálido e trêmulo, ele não demonstrou receio. Chagas (1874, p. 111) advertiu que os “[...] dois homens representavam duas fases bem distintas da existência de Portugal. Um era o velho Portugal, mísero, humilhado, tal como D. João V o legou a seu filho, o outro era o novo Portugal, o rejuvenescido Portugal, tal como ele ia sair das mãos desse potente obreiro, enérgico, forte,

respeitado, não sofrendo humilhações, e respirando com entusiasmo o cheiro inebriante da pólvora”.

Entre os capítulos VIII e XI, o leitor descobre que Sebastião de Carvalho e D. Carlos Mendoza conspiravam contra os jesuítas, buscando indispor o rei contra a Companhia. Teresa, que ignorava tudo, fazia parte dos planos, pois deveria seduzir o rei e ganhar sua confiança. O intuito do futuro Marquês de Pombal era encontrar meios para se sobressair, se fazer ouvir, superar a influência dos padres e da marquesa de Távora. Quando foi colocada a par da trama, Teresa rebelou-se, mas D. Carlos assegurou-lhe: “O que é necessário é que tu compreendas a vida como ela é, e não como a sonham Garção e os seus companheiros da Arcádia, que por desgraça frequentavam a tua casa e te encheram a cabeça de sonhos ridículos e de pastorais ineptas” (CHAGAS, 1874, p. 131). Depois de recordarem, juntos, o passado, ambos descobrem que eram irmãos, filhos de uma cigana e de D. João V, rei cuja morte fora retratada no início do romance. Cientes do incesto, D. Carlos resolve aprisionar a irmã/consorte, mas Luís Correia, com apoio de Sebastião de Carvalho, consegue permissão para perseguir o sequestrador e salvar Teresa. Durante o duelo entre ambos, ocorrido no dia de Todos os Santos, o chão começa a tremer. Entre os capítulos XII e XIV, deparamo-nos, finalmente, com a descrição do terremoto de 1755 sob a perspectiva de Luís, que permanecia em Lisboa, e Sebastião de Carvalho, que se encontrava em Belém.

O DRAMA DE PINHEIRO CHAGAS

O romance insiste, a princípio, na amenidade do clima, na regularidade do tempo: “O céu estava azul e sem mancha, soprava brandamente uma aragem suavíssima, era regular a temperatura, os sinos das igrejas tocavam por toda a parte à missa, e nos templos a multidão aglomerada assistia ao santo sacrifício nesse festivo dia de Todos os Santos”. O ter-

remoto foi repentino e as amenidades foram substituídas “pelas trevas, pela morte, pela ruína, pelo gelado pavor!” (CHAGAS, 1874, p. 171). Formou-se um verdadeiro *locus horrendus*: “As ruínas acumulavam-se por toda a parte, o chão das ruas, aberto em boqueirões medonhos, exalava fétidos miasmas, as nuvens de vapores que se exalavam da terra escureciam o Sol” (CHAGAS, 1874, p. 174); “Cadáveres horrivelmente mutilados apareciam por entre as pedras; homens meio esmagados nos destroços, mas ainda vivos, pediam socorro que ninguém lhes dava” (CHAGAS, 1874, p. 174). O narrador recorre a uma antiga tópica para salientar a impossibilidade de se descrever o horror que imperava entre os lisboetas:

Não há instrumento humano, ainda que o faça vibrar o génio de Meyerbeer, o cantor sublime das grandes paixões e das supremas angústias, que possa exprimir o brado doloroso e terrível que saiu daquela igreja tão subitamente mudada num monte de destroços, brado composto de gritos, de gemidos, de blasfémias, de súplicas, nota plangente e estrídula que tinha por lúgubre acompanhamento o rugido subterrâneo que descrevemos já, e o desabar estrondoso das casas, igrejas e edifícios públicos que enchiam essa Lisboa toda de ruínas e de confusão (CHAGAS, 1874, p. 175–176).

Argumento similar foi empregado por Miguel Tibério Pedegache (1756, p. 15–16) em sua *Nova e fiel relação do terremoto que experimentou Lisboa, e todo o Portugal no 1 de novembro de 1755*:

Que vozes, que expressões serão bastantes para explicar o estado deplorável, em que se acha esta nobre, e florescente cidade! Quando os males são excessivos não admitem expressão. Supra a imaginação a realidade, e cada um se represente uma cidade destruída por um terremoto, arrasada por um incêndio, e saqueada pelos la-

drões; onde se não vê, em lugar de palácios, e de casas, mais que tristes ruínas; em lugar de ruas, mais que montes de pedras; pois o terremoto, o mar, e o incêndio destruíram, e arrasaram a Igreja Patriarcal com todo o seu tesouro, e sessenta e dois mil marcos de prata, trabalhada pelos mais insignes artífices...

Tal alegação funciona como mecanismo de amplificação do evento e, simultaneamente, como critério validador da verossimilhança manifestada em descrições extraordinárias, ou seja, que fogem do convencional. Pinheiro Chagas não poupa sua pena e retrata os pormenores:

O trovão subterrâneo rugia com um som rouco e profundo, confundiam-se com esse ruído o estalar dos vigamentos, o medonho estampido das casas que desabavam, o toque dos sinos que a agitação do solo sacudia, e que entornavam na atmosfera a sua urna de desesperados gemidos. Voavam as telhas de um para outro lado, como folhas desprendidas das árvores, o Sol escurecia-se porque lhe extinguíam a luz as nuvens formadas pela concentração dos vapores que se exalavam das fendas enormes em que a terra por toda a parte se rasgava (CHAGAS, 1874, p. 176).

É possível que ele tenha se inspirado no fragmento abaixo, de Bento Morganti (1756, p. 113-114):

Em todo este tempo se ouvia um estrondo subterrâneo a modo de trovão quando soa ao longe. A muitas pessoas pareceu carruagem grande, que rodava com pressa. Escureceu-se algum tanto a luz do Sol, sem dúvida pela multidão de vapores, que lançava a terra, cujas sulfúreas exalações perceberam muitos. Foram vistas em várias partes fendas na terra de bastante extensão; mas de pouca

largura. A poeira, que causou a ruína dos edifícios cobriu o ambiente da cidade com uma cerração tão forte, que parecia querer sufocar todos os viventes.

O Tejo, fustigado pelos tremores, proporcionou nova ameaça:

O rio fugia como horrorizado das margens, repellido para longe pela convulsão da terra, as águas da maré, encontrando-se com as que se retraíam das praias, lutavam em furioso embate, encastelavam-se em montanhas gigantes, e, arrojando-se de novo sobre as praias, desabavam na cidade e submergiam os cais, entravam por Lisboa dentro até distâncias enormes, chegando às portas de Santo Antão, e de novo se retiravam e voltavam, mais aglomeradas, mais furiosas, mais espumantes, alagando as ruínas, quebrando nas paredes dos edifícios, trazendo consigo, enrolada nas ondas, a morte debaixo de um novo aspecto (CHAGAS, 1874, p. 176-177).

Olharam para o Terreiro do Paço, e o que viram assombrou os mais intrépidos. O Tejo, encastelado numa onda imensa, coroada de espuma, galgava por cima das casas em ruínas e despenhava-se no Rossio com hórrido fragor. A torrente enorme corria alagando a praça, e diante dela fugia a multidão desvairada e louca (CHAGAS, 1874, p. 178).

Como era de se esperar, o narrador estabeleceu um paralelo entre o caos vigente e o Inferno cristão:

Era a formidável confusão da natureza, era a medonha luta entre todos os elementos, era o horror debaixo de todas as suas formas, a convulsão da terra, a tempestade das águas, a lúgubre escuridão, os boqueirões do inferno mostrando as fauces hediondas, o incên-

dio que principiava, a imagem tremenda do caos, o ideal sinistro do Báratro (CHAGAS, 1874, p. 177).

Uma mãe narra seu infortúnio, quando buscava um lugar para refugiar-se com o filho:

Vinha a fugir com ele da igreja, já o salvara, já o trouxera para a luz do dia, e vem uma pedra, desaba uma pedra e mata-mo nos braços, e deixa-me ficar viva a mim, a mim que sou sua mãe! Que justiça é esta? Que Providência é esta que mata um filho nos braços de sua mãe? Se este horrível castigo foi chamado pelos nossos pecados, não os tinha o meu inocentinho, não os tinha decerto (CHAGAS, 1874, p. 180).

Um padre, tendo ouvido o desabafo, buscou consolá-la:

Pobre mãe, tenha ânimo. Não blasfeme! Para quê? Não se irrita Deus com as suas blasfêmias porque a misericórdia infinita lhe permite avaliar a imensidade da sua dor, mas a alma do seu filhinho, que está agora vestida de luz nos coros imortais dos anjos, há de contristar-se ouvindo essas palavras. [...] Vá, chore e reze em vez de blasfemar, chore e dê-me esse corpo que não pode já aquecer com os seus beijos, olhe para o céu, reze, e veja, entre esta catástrofe terrível que não foi produzida pelos nossos pecados — que para castigar pecados lá estão as penas eternas — que é uma consequência das leis imutáveis da natureza, veja, através do firmamento, que principia de novo a azular-se, a face misericordiosa de Deus (CHAGAS, 1874, p. 180-181).

É muito provável que essa passagem seja direcionada não apenas ao famoso poema de Voltaire sobre o sismo de 1755, mas também ao padre Malagrida, mencionado no romance de Chagas. Gabriel Malagrida

(1756, p. 4) afirmou que os responsáveis pela destruição de casas, palácios, templos e conventos não foram cometas, estrelas, vapores, exalações, tampouco contingências ou causas naturais, mas os pecados dos lisboetas. Em um texto sobre o terremoto de Lisboa, o jesuíta recorreu a uma analogia para alegar que “não faltaram também à infeliz Jerusalém os arrancos de terremotos estrondosíssimos, confederados com outros males, não menos formidáveis, porém tudo foi efeito, unicamente, dos seus grandes pecados” (MALAGRIDA, 1756, p. 5). Malagrida apoiou-se em referências bíblicas, segundo as quais Santo Tobias, por exemplo, inspirado pelo Espírito Santo, teria instado os seus irmãos de cativo na Babilônia a reconhecer a origem divina daquele cárcere. Em seguida, questionou: “Não sabem esses católicos que este mundo não é uma casa sem dono?” (MALAGRIDA, 1756, p. 5). Atribuir o terremoto a causas naturais faria com que os homens negligenciassem a Causa Primeira. Como consequência, as penitências não seriam materializadas e a indignação divina perduraria. Todos os esforços de Portugal, no sentido de reconstruir sua metrópole, seriam, assim, despropositados, pois contrariavam os desígnios divinos. O padre constatava um desajuste entre ação humana e Providência, como se a reconstrução de Lisboa desafiasse a vontade de Deus e, portanto, constituísse um mau uso do livre-arbítrio.

A opinião do padre figurado no romance de Chagas é compatível com a de Joachim José Moreira de Mendonça (1758), para quem os terremotos eram causados pelo fogo subterrâneo. Divergindo de Malagrida, Mendonça concebia os terremotos como desastres naturais, adotando uma abordagem baseada em argumentos racionais provenientes da observação. Aliás, sua descrição das ondas provenientes do Tejo é muito parecida com a de Pinheiro Chagas:

A estes impulsos da terra se retirou o mar, deixando nas suas margens ver o fundo às suas águas nunca de antes visto, e encape-

lando-se estas em altíssimos montes, se arrojaram, pouco depois, sobre todas as povoações marítimas, com tanto ímpeto, que parecia quererem submergi-las, estendendo os seus limites. Três irrupções maiores, além de outras menores, fez o mar contra a terra, destruindo muitos edifícios e levando muitas pessoas envoltas nas suas águas (MENDONÇA, 1758, p. 114).

Na figuração do sismo presente em uma carta de Bento Morganti (1756, p. 14), é possível constatar o emprego da mesma metáfora: segundo o autor, com os “impulsos da terra”, o mar “se retirou”, deixando “nas suas margens ver o fundo às suas águas nunca de antes visto”. As águas encapelaram-se “em altíssimos montes” e invadiram a capital portuguesa com ímpeto, como se pretendesse submergi-la “estendendo os seus limites”.

Aproveitando-se do caos reinante, “uns homens de fisionomia cínica, de pistola e de punhal na mão, passavam como uma alcateia de lobos entre tímidos rebanhos, perseguindo as mulheres, arrancando-lhes as joias, prostrando os homens para os roubarem” (CHAGAS, 1874, p. 186). A descrição dos criminosos pode ser encontrada, também, na carta de Bento Morganti (1756, p. 118):

Continuaram os tremores de horas a horas com menos violência; mas com igual horror, temendo-se, que a terra se abria com a veemência de tantos abalos. Comunicado o fogo ao castelo correu uma voz, que se retirassem todos dos subúrbios da cidade pelo perigo de se acender a pólvora, que ali se achava, e matar os que tinham escapado do terremoto. Como os corações estavam tímidos, não pesavam razões, com espavoridos alentos, e apressados passos caminharam quase todos aquela noite para fora da cidade, uma, duas, e mais léguas.

Estas vozes se atribuíram depois a alguns homens malvados, que quiseram ver a cidade desamparada para roubarem as casas do mais precioso. Causou este boato uma grande ruína, porque podendo-se em algumas partes atalhar o fogo, correu este livremente destruindo tudo quanto o terremoto havia perdoado; achando-se uma grande parte dos moradores desta populosa cidade, com as suas casas consumidas inteiramente, sem delas livrarem mais que as vidas.

A ideia se repete no relato de Francisco José Freire (1758, p. 12):

Consolava-se o povo consternado, experimentando em seu benefício efeitos tão úteis da vigilância do seu Príncipe; mas ao mesmo tempo vivia em contínua confusão, e susto, causado pelos facinorosos, que saindo das cadeias arruinadas, cometiam aquelas ações desumanas, que em dias de tanta reconciliação com Deus não se deviam esperar até das suas cauterizadas consciências. Porém eles, como gente habituada em iniquidades, vendo os templos, e as casas desertas, tais roubos, e sacrilégios executaram, que descarregaria o céu novamente o açoite, se o não aplacasse a justiça de El-Rey com o mais grato sacrifício.

E, novamente, em um poema de 1803, do oratoriano Teodoro de Almeida, que, inclusive, faz uso da comparação com uma alcateia de lobos como Pinheiro Chagas:

Entretanto os ladrões não recenando
Nem o braço de Deus, nem os castigos,
Com que então nos estava ameaçando,
Pareciam zombar destes perigos.
Atrevidos, roubavam, despojando,

Como fazem na guerra os inimigos;
Ora os mortos, vencendo a natureza,
Ora os vivos, que ainda é maior crueza.
(ALMEIDA, 1803, IV, 20, p. 71).

Como lobos famintos investiam
Nas ruínas os mesmos, que enterrados
Com gemidos bem ternos lhes pediam,
Que os livrassem da morte apiedados.
Mas das bolsas e joias, que traziam,
Num momento se achavam despojados:
E nalguns era tanta a crueldade,
Que contá-lo horroriza na verdade.
(ALMEIDA, 1803, IV, 21, p. 71).

No capítulo treze do romance de Chagas, intitulado “Para grande naufrágio grande piloto”, deparamo-nos com a perspectiva de Sebastião de Carvalho diante da catástrofe, que assiste a tudo da praia de Belém. Frente ao assombro do rei e à imperícia de seus fidalgos, ele assume a dianteira e distribui ordens para conter o caos decorrente do terremoto, partindo de três prioridades: enterrar os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos. Como assevera o narrador, no desfecho do romance, “O gênio de Sebastião de Carvalho fez em poucos dias brotar a ordem daquele caos, e em poucos anos uma cidade mais bela dessa cidade em ruínas” (CHAGAS, 1874, p. 222). Ao longo do cataclismo, o poeta Garção perdeu seu pai, Ana se viu órfã e Teresa, atingida por uma bala, sucumbiu. D. Carlos, responsável pelo tiro, padeceu em meio às chamas do incêndio, terceira grande catástrofe a devastar a capital portuguesa.

Chagas segue, de maneira quase protocolar, as providências enumeradas nas *Memórias das Principais Providências, que se deram no terre-*

moto, que padeceu a corte de Lisboa no ano de 1755, ordenadas, e oferecidas à majestade fidelíssima de El-Rei D. José I, nosso senhor (1758), escrito por Amador Patrício de Lisboa, assinalando o desconcerto ou a ineficácia dos outros ministros e fidalgos no agenciamento dos prejuízos proporcionados pelo cataclismo. Também é possível que conhecesse as cartas e documentos oficiais escritos/expedidos por Sebastião de Carvalho, reunidos em dois tomos e publicados no ano de 1861.

Conforme Lukács, o romance histórico, surgido no início do século XIX com Walter Scott, seria continuação do grande romance social realista do século XVIII. Scott teria incorporado à literatura épica o retrato dos costumes, o caráter dramático da ação e o importante papel do diálogo no romance. Seu “herói” assume papel mediano, com firmeza moral e adesão a uma causa, mas desprovido de excepcionalidade. Os “grandes vultos” históricos passam a desempenhar papéis coadjuvantes, pois a apresentação “ampla e multifacetada do ser da época só pode chegar claramente à superfície mediante a figuração da vida cotidiana do povo, das alegrias e das tristezas, das crises e das desorientações dos homens medianos”. A inclusão do elemento dramático seria parte dos esforços em figurar a realidade histórica tal como teria ocorrido, manifestando, por meio da ficção, nexos entre a “espontaneidade” das massas e a “consciência” possível das personagens históricas, retiradas do pedestal para serem retratadas com seus vícios e virtudes. Para cativar o leitor, a trama deveria ser traduzida a partir dos costumes e da linguagem da audiência, adotando-se um “anacronismo necessário” que consiste no ato de conferir aos homens “uma expressão nítida de sentimentos e pensamentos sobre contextos históricos reais que eles não poderiam alcançar em sua época”.

Muitos desses traços estão presentes nos romances históricos de Pinheiro Chagas: adoção e defesa de uma linguagem contemporânea; tentativa de representar as “massas anônimas” por meio de personagens fictícias; figuração de indivíduos históricos sem grandes apelos heroicos.

As convulsões sociais decorrentes do sismo de Lisboa; a atuação de Sebastião de Carvalho; as atribuições de pessoas “comuns”; as críticas à etiqueta e às cerimônias cortesãs; a leitura sistemática de fontes e o uso de descrições vívidas com o intuito de dramatizar o episódio histórico; todos esses elementos compõem o romance histórico de Chagas e demonstram a presença sistemática de expedientes outrora prescritos pelos gêneros retóricos, mas para atender à “educação” nacional e moral dos seus leitores, que se aproximariam da história portuguesa na medida em que sua encenação incorporasse os atrativos ficcionais do gênero romanescos.

Convém retomar a querela entre Luís Correia e Garção, ocorrida no terceiro capítulo do romance analisado. O poeta horaciano defendia a imitação dos antigos enquanto critério validador do fazer artístico: extrapolar o modelo significaria sacrificar a arte. Luís Correia, ciente da importância dos antigos, defende, no entanto, que a arte deve expressar também sentimentos, dores e angústias que acometem o autor e que deveriam alcançar a audiência. D. Carlos, por fim, manifestou despreço perante a postura de Garção, dizendo que a imitação dos antigos não condiz com a vida prática. Não por acaso, manifesta predileção por autores modernos, como Racine. Ora, além de manifestar sua postura nos prefácios, introduções e ensaios críticos, Pinheiro Chagas dramatiza, em seus romances, dilemas do fazer literário, assumindo, com Luís Correia, a posição “mediana”, ou seja, de quem valoriza antigos e modernos, convenções e sentimentos, *auctoritates* e direitos autorais. Na condição de subgênero misto, o romance histórico se depreende de pesquisa histórica, mas recorre a expedientes retóricos para evidenciar, isto é, para dar a ver os quadros que pinta. Como Luís Correia, ele valoriza o *ut pictura poesis* horaciano sem desvalorizar os sentimentos nacionais, as linguagens e as concepções de seu tempo. Como sugeriu Lukács em relação a Walter Scott, Pinheiro Chagas, por meio da dramatização de um episódio ocorrido há pouco mais de cem anos, historiciza seu tempo, preceitua a arte literária e proporciona à audiência instrução e deleite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Teodoro de. *Lisboa Destruída*: Poema. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1803.

ANÔNIMO. *Retórica a Herênio*. São Paulo: Hedra, 2005.

CARVALHO, Francisco Freire de. *Lições elementares de poética nacional, seguidas de um breve ensaio sobre a crítica literária*. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1840.

CHAGAS, Pinheiro. *A joia do vice-rei*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1890.

CHAGAS, Pinheiro. *A Máscara Vermelha*. Romance Histórico Original. 3ª ed. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1902.

CHAGAS, Pinheiro. *Ensaios Críticos*. Porto: Casa de Viúva Moré, 1866.

CHAGAS, Pinheiro. *Novos Ensaios Críticos*. Porto: Casa de Viúva Moré, 1867.

CHAGAS, Pinheiro. *O Juramento da Duquesa*. Romance Histórico Original. 3ª ed. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1902.

CHAGAS, Pinheiro. *O naufrágio de Vicente Sodré*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1894.

CHAGAS, Pinheiro. *O Terremoto de Lisboa*: romance original. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira, 1874.

DUFF, David. *Romanticism and the Uses of Genre*. New York: Oxford University Press Inc., 2009.

FREIRE, Francisco José. *Memorias das principaes providencias, que se deraõ no terremoto, que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755, ordenadas, e offerecidas à Majestade Fidelissima de Elrey D. Joseph I. Nosso Senhor*. Lisboa, 1758.

GANDRA, Jane Adriane. *A (de)formação da imagem: Pinheiro Chagas refletido pelo monóculo de Eça de Queiroz*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GANDRA, Jane Adriane. *Pinheiro Chagas, um escritor olvidado*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 33, p. 11–46, 2013.

HORÁCIO. *A arte poética*. Tradução e estudo de Dante Tringali. São Paulo: Musa, 1994.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MALAGRIDA, G. *Juizo da verdadeira causa do terremoto, que padeceo a corte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755*. Lisboa: Officina de Manoel Soares, 1756.

MÁRQUEZ, Jaime Valenzuela. Relaciones jesuitas del terremoto de 1730: Santiago, Valparaíso y Concepción. *Cuadernos de Historia*, 37, p. 195–224, 2012.

MELO, Sebastião. *Cartas e outras obras selectas do marquez de Pombal*. 5.ed. Lisboa. Tomo I. Livraria Universal, 1861.

MELO, Sebastião. *Cartas e outras obras selectas do marquez de Pombal*. 5.ed. Tomo II. Lisboa. Livraria Universal, 1861.

MENDONÇA, Joachim José Moreira de. *Historia Universal dos Terremotos, que tem ha-*

vido no Mundo, de que ha noticia, desde a sua creação até o seculo presente. Com huma narraçam individual do Terremoto do primeiro de Novembro de 1755, e noticia verdadeira dos seus effeitos em Lisboa, todo Portugal, Algarves, e mais partes da Europa, Africa, América, aonde se estendeu: e huma dissertação phisica sobre as causas geraes dos Terremotos, seus effeitos, differenças, e Prognosticos; e as particulares do ultimo. Lisboa: Offic. de Antonio Vicente da Silva, 1758.

MORGANTI, Bento. *Carta de hum amigo para outro, em que se dá succinta noticia dos effeitos do Terremoto, succedido em o Primeiro de Novembro de 1755.* Com alguns principios Físicos para se conhecer a origem, e causa natural de semelhantes Phenómenos terrestres, Lisboa, Offic. Domingos Rodrigues, 1756.

SANTOS, L. R. Pensar a catástrofe, pensar a atualidade: Os ensaios de Kant sobre o terremoto de Lisboa. *Stud. Kantiana*, v. 14, n. 20, p. 21-49, 2016.

SILVA, Manoel Telles da. *História da Academia Real da História Portugueza.* Lisboa: Officina de Joseph Antonio Sylva, 1727.

“Nunca um desastre mais formidável e mais subitâneo caiu sobre uma cidade. Quem podia prever minutos antes aquele sinistro acontecimento? O céu estava azul e sem mancha, soprava brandamente uma aragem suavíssima, era regular a temperatura, os sinos das igrejas tocavam por toda a parte à missa, e nos templos a multidão aglomerada assistia ao santo sacrifício nesse festivo dia de Todos os Santos. Pairavam sobre a capital a serenidade e a alegria; inundava a atmosfera uma radiosa claridade, e tudo isso era substituído de um momento para o outro pelas trevas, pela morte, pela ruína, pelo gelado pavor!”

